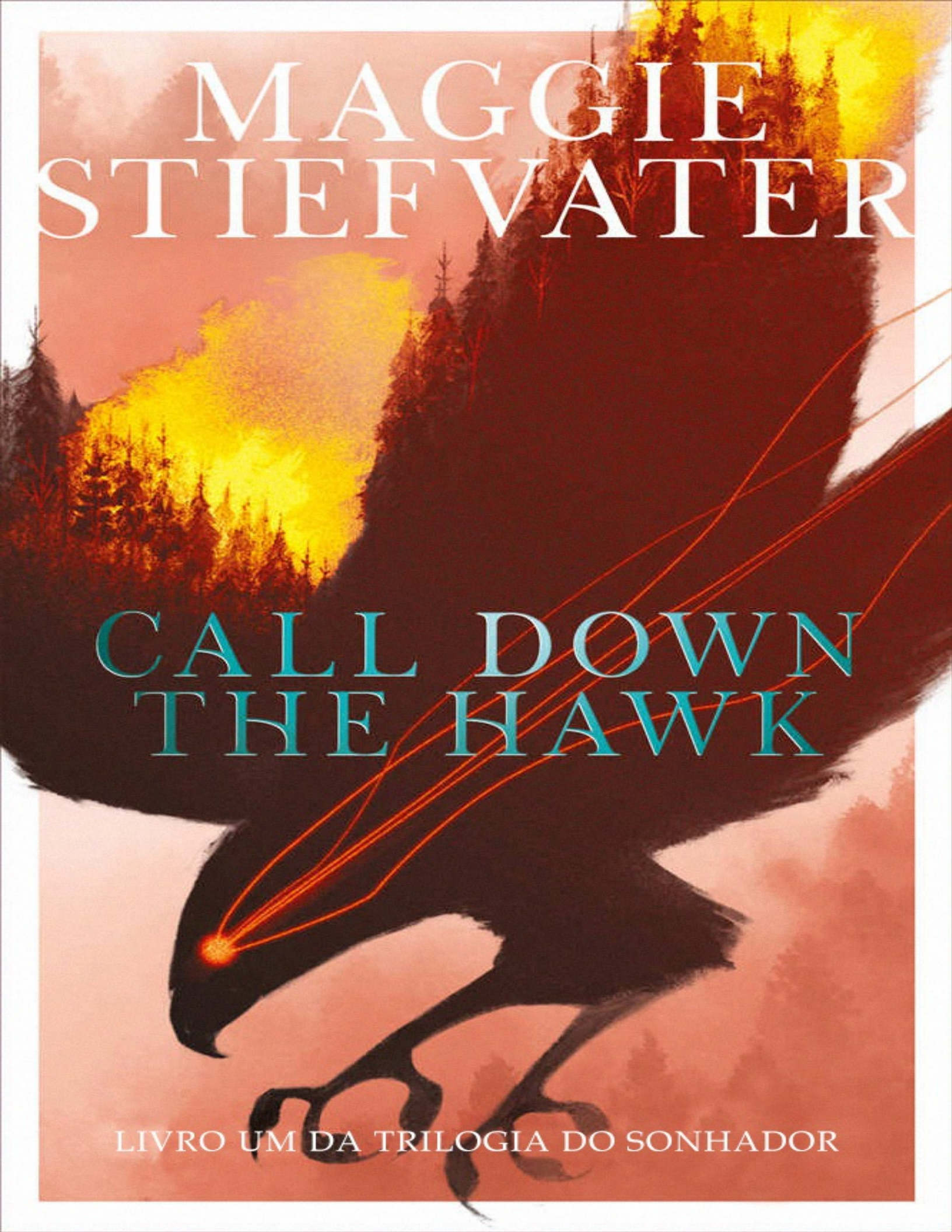
MAGGIE STIEFVATER



CALL DOWN THE HAWK

LIVRO UM DA TRILOGIA DO SONHADOR

CALL DOWN THE HAWK

Também por Maggie Stiefvater

A Saga dos Corvos

Os Garotos Corvos

Ladrões de Sonhos

Lírio Azul, Azul Lírio

O Rei Corvo

Os Lobos de Mercy Falls

Calafrio

Espera

Sempre

Perdido

Todos Os Santos Malditos

A Corrida do Escorpião

MAGGIE STIEFVATER



CALL DOWN THE HAWK

SCHOLASTIC

para os mágicos que me acordaram do meu sono de mil anos

Não ficarei preso em uma floresta,
Nem em uma gaiola, nem em um punho,
Agora eu aprendi a me orgulhar
Pairando sobre a madeira
Na névoa confusa
Ou em uma nuvem caída.

—WILLIAM BUTLER YEATS, "O FALCÃO"

Se um pouco de sonho é perigoso, o que há de curá-lo não será menos sonho e sim mais sonho, todo o sonho.

—MARCEL PROUST, *EM BUSCA DO TEMPO PERDIDO*, VOL. II *Você tem certeza que um chão não pode também ser um teto?*

—M. C. ESCHER, "ON BEING A GRAPHIC ARTIST"

Conteúdo

Capa
Também por Maggie Stiefvater
Dedicatória
Prólogo
Capítulo Um
Capítulo Dois
Capítulo Três
Capítulo Quatro
Capítulo Cinco
Capítulo Seis
Capítulo Sete
Capítulo Oito
Capítulo Nove
Capítulo Dez
Capítulo Onze
Capítulo Doze
Capítulo Treze
Capítulo Catorze
Capítulo Quinze
Capítulo Dezesseis
Capítulo Dezessete
Capítulo Dezoito
Capítulo Dezenove
Capítulo Vinte
Capítulo Vinte e Um
Capítulo Vinte e Dois
Capítulo Vinte e Três
Capítulo Vinte e Quatro
Capítulo Vinte e Cinco
Capítulo Vinte e Seis
Capítulo Vinte e Sete
Capítulo Vinte e Oito
Capítulo Vinte e Nove
Capítulo Trinta
Capítulo Trinta e Um

Capítulo Trinta e Dois
Capítulo Trinta e Três
Capítulo Trinta e Quatro
Capítulo Trinta e Cinco
Capítulo Trinta e Seis
Capítulo Trinta e Sete
Capítulo Trinta e Oito
Capítulo Trinta e Nove
Capítulo Quarenta
Capítulo Quarenta e Um
Capítulo Quarenta e Dois
Capítulo Quarenta e Três
Capítulo Quarenta e Quatro
Capítulo Quarenta e Cinco
Capítulo Quarenta e Seis
Capítulo Quarenta e Sete
Capítulo Quarenta e Oito
Capítulo Quarenta e Nove
Capítulo Cinquenta
Capítulo Cinquenta e Um
Capítulo Cinquenta e Dois
Capítulo Cinquenta e Três
Capítulo Cinquenta e Quatro
Capítulo Cinquenta e Cinco
Capítulo Cinquenta e Seis
Capítulo Cinquenta e Sete
Capítulo Cinquenta e Oito
Capítulo Cinquenta e Nove
Capítulo Sessenta
Capítulo Sessenta e Um
Capítulo Sessenta e Dois
Capítulo Sessenta e Três
Capítulo Sessenta e Quatro
Capítulo Sessenta e Cinco
Capítulo Sessenta e Seis
Capítulo Sessenta e Sete
Capítulo Sessenta e Oito

Capítulo Sessenta e Nove
Capítulo Setenta
Capítulo Setenta e Um
Capítulo Setenta e Dois
Capítulo Setenta e Três
Capítulo Setenta e Quatro
Capítulo Setenta e Cinco
Capítulo Setenta e Seis
Capítulo Setenta e Sete
Capítulo Setenta e Oito
Capítulo Setenta e Nove
Agradecimentos

Tradução, Revisão e Formatação por
WhitethornTeca

PRÓLOGO

Essa será uma história sobre os irmãos Lynch.

Havia três deles, e se você não gostar de um, tente outro, porque o irmão Lynch que outros acharam azedo ou doce demais pode ser do seu gosto. Os irmãos Lynch, os órfãos Lynch. Todos eles foram feitos por sonhos, de um jeito ou de outro. Eles eram demônios bonitos, até o último.

Eles cuidaram de si mesmos. A mãe deles, Aurora, havia morrido da mesma maneira que alguns sonhos, horrendamente, sem culpa, inesperadamente. O pai deles, Niall, havia sido morto ou assassinado, dependendo de quão humano você o considerasse. Havia outros Lynchs? Parecia improvável. Lynchs pareciam ser muito bons em morrer.

Sonhos não são a coisa mais segura para se construir uma vida sobre.

Como os irmãos Lynch estavam em perigo por muitas vidas, cada um deles desenvolveu métodos de mitigação de ameaças. Declan, o mais velho, cortejou a segurança por ser o mais monótono possível. Ele era muito bom nisso. Em todas as coisas – escola, extracurriculares, namoro – ele invariavelmente escolheu a opção mais monótona. Ele tinha um dom real para isso; algumas formas de chatice sugerem que o usuário, no fundo, pode realmente ser uma pessoa de capricho e nuance, mas Declan fez questão de praticar uma forma de chatice que sugeria que, no fundo, havia uma versão ainda mais chata dele. Declan não era invisível, porque invisibilidade tinha seu próprio charme, seu próprio mistério. Ele era simplesmente *chato*. Tecnicamente, ele era um estudante universitário, um estagiário político, um jovem de 21 anos com toda a sua vida pela frente, mas era difícil lembrar disso. Era difícil lembrar dele.

Matthew, o caçula, flutuava em segurança sendo o mais gentil possível. Ele era doce, bem-humorado, flexível e gentil. Ele *gostava* das coisas, e não de uma maneira irônica. Ele ria de trocadilhos. Ele xingava como um cartão de felicitações. Ele parecia gentil, também, passando de uma criança de cabelos dourados, querubim, para um Adonis de dezessete anos. Toda essa bondade desgrenhada, tristemente poderia ter sido insuportável, se Matthew também não fosse um comediante dolorosamente bagunçado, um aluno decididamente preguiçoso e não muito inteligente. Todo mundo queria abraçar Matthew Lynch, e ele queria permiti-los.

Ronan, o irmão do meio, defendeu sua segurança sendo o mais assustador

possível. Como os outros irmãos Lynch, ele frequentava regularmente a igreja, mas a maioria das pessoas achava que ele jogava no outro time. Ele se vestia de preto fúnebre e tinha um corvo como animal de estimação. Raspou o cabelo perto do crânio e as costas estavam pintadas com uma tatuagem com garras e dentes. Ele usava uma expressão ácida e falava pouco. As palavras que ele desamarrou acabaram por serem facas, cintilantes e afiadas e desagradáveis por ter cravado em você. Ele tinha olhos azuis. As pessoas geralmente pensam que os olhos azuis são bonitos, mas os dele não. Eles não eram um azul centáureo, céu, bebê, índigo. Os dele eram iceberg, tempestade, hipotermia, morte eventual. Tudo nele sugeria que ele poderia pegar sua carteira ou deixar seu bebê cair. Ele estava orgulhoso do nome da família, e isso lhe convinha. Sua boca estava sempre em forma de como se tivesse acabado de dizer isso.

Os irmãos Lynch tinham muitos segredos.

Declan era um colecionador de frases bonitas e específicas que *ele* não se permitia usar em público, e o possuidor de um sorriso específico e iluminado que ninguém jamais veria. Matthew tinha uma certidão de nascimento forjada e nenhuma impressão digital. Às vezes, se ele deixava a mente vagar, se via andando em uma linha perfeitamente reta. Em direção a algo? Para longe de alguma coisa? Isso era um segredo para si mesmo.

Ronan tinha o mais perigoso dos segredos. Como muitos segredos significativos, isso foi transmitido à família – neste caso, de pai para filho. Esse era o lado bom e ruim de Ronan Lynch: o lado bom era que, às vezes, quando ele dormia e sonhava, ele acordava com esse sonho. O ruim era que, às vezes, quando ele dormia e sonhava, ele acordava com esse sonho. Monstros e máquinas, clima e desejos, medos e florestas.

Sonhos não são a coisa mais segura para se construir uma vida sobre.

Depois que seus pais morreram, os irmãos Lynch mantiveram a cabeça baixa. Declan retirou-se do ramo dos sonhos e foi para a escola com o grau mais monótono possível de ciência política. Ronan manteve seus jogos de pesadelo confinados à fazenda da família na zona rural da Virgínia da melhor maneira possível. E Matthew – bem, Matthew só tinha que continuar se certificando de que ele não fosse embora acidentalmente.

Declan ficou mais chato e Ronan ficou mais entediado. Matthew tentou não deixar seus pés levarem-no a um lugar que ele não entendia.

Todos eles queriam mais.

Um deles teve que quebrar, eventualmente. Niall era um sonhador

selvagem de Belfast, com o fogo cortando seus calcanhares, e Aurora tinha sido um sonho de ouro com o céu sem fronteiras refletido em seus olhos. Seus filhos foram construídos para o caos.

Era um outubro agudo, um outubro selvagem, um daqueles períodos de tempo inquietos que sobem à sua pele e voam por aí. Dois meses após o início do semestre de outono. As árvores eram todas frágeis e envolventes. As folhas secas estavam ariscas. O inverno uivava pelas portas à noite, até que o fogo da lenha o afastou por mais algumas horas.

Havia algo mais acontecendo naquele mês de outubro, algo mais se esticando, arrastando e ofegando, mas era principalmente ainda não visto. Mais tarde, teria um nome, mas, por enquanto, simplesmente agitava tudo de estranho que tocava, e os irmãos Lynch não eram exceção.

Declan quebrou primeiro.

Enquanto o irmão mais novo estava na escola e o irmão do meio fazia uma pausa na fazenda da família, Declan abriu uma gaveta em seu quarto e removeu um pedaço de papel com um número de telefone. Seu coração batia mais rápido só de olhar. Ele deveria ter destruído, mas, em vez disso, ele salvou em seu telefone.

— O garoto Lynch? — disse a voz do outro lado da linha.

— Sim — ele disse simplesmente. — Eu quero a chave — Então ele desligou.

Ele não contou a mais ninguém sobre a ligação, nem mesmo seus irmãos. O que era mais um pequeno segredo, ele pensou, em uma vida cheia deles.

Tédio e segredos: uma combinação explosiva.

Alguma coisa iria queimar.

CAPÍTULO 1

Criaturas de todos os tipos começaram a adormecer.

O gato foi o mais dramático. Era um animal bonito, se você gostava de gatos, com um rosto delicado e um pêlo longo e felpudo, do tipo que parecia derreter em açúcar líquido. Era uma chita, o que, em circunstâncias normais, significaria que certamente não era *algo*, mas sim *alguém*. A chita teve que ser herdada de dois cromossomos X. Talvez essa regra não se aplicasse aqui, porém, nesta bonita cabana rural que quase ninguém conhecia. Outras forças que não a ciência mantinham domínio neste lugar. A chita pode nem mesmo ser um gato.

Era em forma de gato, mas assim também eram alguns bolos de aniversário.

Vira-os matá-lo.

Caomhán Browne era o nome dele. Ainda era o nome dele, na verdade. Como boas botas, as identidades sobreviveram àqueles que as usavam. Eles disseram que ele era perigoso, mas ele jogou tudo, menos o que eles temiam. Uma pequena mesa final. Uma poltrona rechonchuda e desbotada. Uma pilha de revistas de design. Uma televisão de tela plana de tamanho modesto. Na verdade, ele esfaqueou Ramsay com o crucifixo da parede do corredor, o que Ramsay achou engraçado mesmo durante o ato. *Caramba*, ele dissera.

Uma das mulheres usava botas de salto de pele de cordeiro para o sucesso e agora havia uma quantidade inacreditável de sangue nelas. Um dos homens era propenso a enxaquecas, e ele podia sentir a mágica sonhadora do lugar provocando as luzes de uma aura nos limites de sua visão.

No final, Lock, Ramsay, Nikolenko e Farooq-Lane haviam encurralado Browne e o gato na cozinha de teto baixo da cabana de férias irlandesa, nada ao alcance de Browne além de uma vassoura decorativa na parede e o gato. A vassoura não era boa para nada, nem para varrer, mas o gato poderia ter sido usado com bons resultados se jogado corretamente.

Poucos têm a constituição para jogar um gato corretamente, no entanto, e Browne não era um deles. Podia-se ver o momento em que ele percebeu que não tinha isso nele e desistiu.

— Por favor, não mate as árvores — disse ele.

Eles atiraram nele. Algumas vezes. Erros eram caros e balas eram baratas.

A chita teve sorte por não ter levado um tiro também, agachada atrás de Browne como estava. Balas passam por coisas; esse é o trabalho delas. Em

vez disso, apenas ficou cheia de sangue. Soltou um uivo estranho, cheio de raiva. Escovou o rabo e estufou o casaco de algodão. Então ela se lançou diretamente para eles, porque você pode confiar que o diagrama de Venn de gatos e pessoas dispostas a jogar gatos é um círculo.

Houve um breve momento em que parecia bem possível que um deles estivesse prestes a vestir um gato com todas as garras estendidas.

Mas então Browne deu último estremeço e ficou quieto.

O gato caiu.

Um corpo atinge o chão com um som como nenhum outro; o multifacetado *fhlomp* de um saco inconsciente de ossos não pode ser replicado de nenhuma outra maneira. A chita fez esse som e depois ficou quieta. Ao contrário de Browne, no entanto, seu peito continuava subindo e descendo, subindo e descendo, subindo e descendo.

Estava impossivelmente, artificialmente, completamente adormecido.

— Realmente fodido — comentou Ramsay.

Havia uma janela sobre a pequena pia branca e, através dela, podia-se ver um campo verde profundo e, mais perto, três pôneis felpudos em pé na lama agitada junto ao portão.

Eles caíram de joelhos, batendo um contra o outro como companheiros sonolentos. Um par de cabras baliu uma pergunta confusa antes de cair como os pôneis. Também havia galinhas, mas elas já haviam adormecido, montes macios e multicoloridos espalhados pelo verde.

Caomhán Browne era o que os moderadores chamavam de Zed. Era isso que significava ser um Zed: às vezes, quando sonhavam, acordavam com uma coisa que estavam sonhando nas mãos. O gato, como suspeito, não era um gato. Era uma coisa em forma de gato tirada da cabeça de Browne. E, como todos os sonhos de Browne, não poderia ficar acordado se Browne estivesse morto.

— Anote a hora da morte para o registro — disse Nikolenko.

Todos eles voltam sua atenção para suas presas – ou vítimas, dependendo de quão humano o tenha encontrado. Farooq-Lane verificou o telefone e digitou uma mensagem.

Então eles foram encontrar o outro Zed.

No alto, as nuvens estavam escuras, eclipsando o topo das colinas inclinadas. A pequena fazenda Kerry era cercada por uma pequena madeira musgosa. Era bonito, mas entre as árvores o ar zumbia ainda mais do que na cabana. Não era exatamente como se eles não conseguissem respirar nessa

atmosfera. Era mais como se eles não pudessem pensar, ou como se pudessem pensar demais. Todos estavam ficando um pouco nervosos; as ameaças pareciam mais verdadeiras aqui.

O outro Zed nem estava tentando se esconder. Lock o encontrou sentado no galho de uma árvore musgosa com uma expressão perturbadoramente em branco.

— Você o matou, não foi? — Perguntou o Zed. Então, quando Farooq-Lane se juntou a Lock, ele disse: — Ah, você.

Uma familiaridade complicada percorreu o Zed e Farooq-Lane.

— Não precisa ser assim — disse Farooq-Lane. Ela estava tremendo um pouco. Não era um calafrio. Não era um arrepio assustado. Um daqueles *números coelhos correndo no seu túmulo* — Tudo o que você precisa fazer é parar de sonhar.

Lock pigarreou como se sentisse que a barganha não era tão simples assim, mas não disse nada.

— Sério? — O Zed olhou para Farooq-Lane. Sua atenção estava totalmente nela, como se os outros não estivessem lá. Justo; a atenção dela estava inteiramente nele também — Isso me mata de qualquer maneira. Eu esperava mais complexidade de você, Carmen.

Lock levantou a arma. Ele não disse isso em voz alta, mas achou esse Zed um filho da puta particularmente assustador, e isso foi sem levar em conta o que ele havia feito.

— Então você fez sua escolha.

Durante tudo isso, Ramsay pegou suas latas de gasolina na traseira do carro alugado; ele estava morrendo de vontade de usá-las o dia todo. *Gasolina*, ele sorriu, como se variações no uso do inglês fossem material suficiente para uma piada. Agora, o pequeno bosque começara a cheirar a perfume doce e cancerígeno da gasolina quando Ramsay chutou com força a última das latas de gasolina na direção da casa. Ele provavelmente era o tipo de pessoa que jogaria um gato.

— Precisamos observar a estrada enquanto ela queima — disse Lock. — Vamos fazer isso rápido.

O Zed olhou para eles com interesse desapegado.

— Eu entendo ter sido *escolhido*, pessoal, mas por que Browne? Ele era um gatinho. Do que vocês têm medo?

Lock disse:

— Alguém está vindo. Alguém está chegando ao fim do mundo.

Nesta madeira cantarolando, frases dramáticas como *o fim do mundo* pareciam não apenas plausíveis, mas prováveis.

O Zed deu um sorriso forçado.

— É você?

Lock atirou nele. Várias vezes. Estava bem claro que o primeiro tiro havia feito o trabalho, mas Lock continuou até parar de se sentir tão assustado. Quando os tiros terminaram ecoando na madeira, algo mais profundo no bosque bateu no chão com o mesmo som distinto do gato na cozinha. Tinha algum peso nisso. Todos ficaram contentes que esse sonho tivesse adormecido antes que tivessem a chance de realizá-lo.

Agora que o bosque estava silencioso, todos que ficaram vivos olhavam para Carmen Farooq-Lane.

Seus olhos estavam bem fechados e seu rosto estava virado, como se ela estivesse se preparando para uma bala. Sua boca funcionou, mas ela não chorou. Ela parecia mais jovem. Normalmente, ela se apresentava com tanta sofisticação corporativa - ternos de linho, penteados lindos - que era difícil adivinhar sua idade: só se via uma empresária bem-sucedida e autônoma. Mas esse momento tirou o glamour e a revelou como a garota de vinte e poucos anos. Não foi uma sensação confortável; havia um forte desejo de enrolar um cobertor em volta dela para devolver sua dignidade. Mas pelo menos eles não podiam duvidar de sua dedicação. Ela tinha estado nisso tão fundo quanto qualquer um deles e tinha visto até o fim.

Lock colocou a mão paternalmente no ombro dela. Em sua voz profunda, ele murmurou: — Situação de merda.

Era difícil dizer se isso oferecia a Farooq-Lane algum conforto.

Ele disse aos outros:

— Vamos terminar isso e sair daqui.

Ramsay acendeu um fósforo. Ele o usou primeiro para acender um cigarro para Nikolenko e depois para acender um cigarro para si mesmo. Depois, jogou-o no mato encharcado de gasolina, pouco antes de a chama atingir as pontas dos seus dedos.

A floresta começou a queimar.

Farooq-Lane se virou.

Soltando uma nuvem de fumaça de cigarro na direção do corpo de Zed morto, Ramsay perguntou: — Salvamos o mundo?

Lock digitou no telefone a hora da morte de Nathan Farooq-Lane.

— Muito cedo para dizer.

CAPÍTULO 2

Ronan Lynch estava prestes a acabar com o mundo.

O mundo dele, pelo menos. Ele estava terminando um e começando outro. No início desta viagem, haveria um Ronan Lynch e, no final, haveria outro.

— A situação é a seguinte — disse Declan. Essa era uma maneira clássica de Declan de iniciar uma conversa. Outros hits incluídos como *vamos nos concentrar no item de ação real* e *isto o que será necessário para fechar este acordo* e no *interesse de esclarecer as coisas* — Eu não teria nenhum problema com você dirigindo meu carro se você o mantivesse abaixo dos noventa.

— E eu não teria nenhum problema em andar no seu carro se você o mantivesse fora da *geriatria* — respondeu Ronan.

Era início de novembro; as árvores eram bonitas; o céu estava limpo; a emoção estava no ar. Os três irmãos debatiam em um estacionamento da Goodwill; aqueles que entraram e saíram ficaram olhando. Eles eram um trio incomparável: Ronan, com suas botas ameaçadoras e expressão ameaçadora;

Declan, com seus cachos perfeitamente controlados e seu terno cinza obediente; Matthew, com a calça xadrez extremamente feia e o alegre casaco azul.

Ronan continuou:

— Existem manchas que se espalham mais rápido do que você dirige. Se você dirigir, levará quatorze anos para chegar lá. Dezessete. Quarenta. Cem. Estaremos indo para o seu funeral até o final.

Os irmãos Lynch estavam na primeira viagem em que iam desde que seus pais morreram.

Eles chegaram a quinze minutos da casa de Declan antes de Declan receber uma ligação que ele se recusou a atender no carro. Agora eles continuavam se atrasando por causa das negociações pelo assento do motorista. Ronan tinha dirigido até aqui; as opiniões foram divididas sobre se ele deveria receber o privilégio novamente. No estacionamento da Goodwill, os irmãos apresentaram os fatos: era o carro de Declan, a viagem de Ronan, as férias de Matthew. Declan recebeu uma carta da companhia de seguros oferecendo melhores taxas por seu excepcional registro de direção. Ronan recebeu uma carta do estado aconselhando-o a mudar seus hábitos de dirigir, a fim de não perder sua carteira de motorista. Matthew não tinha interesse em

dirigir; ele disse que se não tivesse amigos suficientes para levá-lo aonde ele quisesse, ele estava vivendo sua vida errada. De qualquer forma, ele falhou no teste de motorista três vezes.

— Em última análise, a decisão é minha — disse Declan — Como é o meu carro.

Ele não adicionou *e também porque eu sou o mais velho*, apesar de estar no ar. Batalhas épicas foram travadas entre os irmãos por esse sentimento compreendido.

Representava um progresso considerável no relacionamento deles que permaneceu não dito dessa vez.

— Graças a Jesus — disse Ronan. — Ninguém mais quer isso.

— É muito seguro — murmurou Declan, os olhos em seu telefone. O tempo queimava enquanto ele respondia a um texto ou e-mail da maneira peculiar que sempre fazia, digitando com o polegar esquerdo e o indicador direito.

Ronan chutou um dos pneus do Volvo. Ele queria estar na estrada. Ele *precisava* estar na estrada.

— Vamos trocar a cada duas horas — disse Declan finalmente, de maneira branda — Isso é justo, certo? Você está feliz. Eu estou feliz. Todo mundo está feliz.

Isso não era verdade. Somente Matthew estava perfeitamente feliz, porque Matthew sempre estava perfeitamente feliz. Ele parecia satisfeito como um porco na cama enquanto deslizava no banco de trás com seus fones de ouvido. Ele disse alegremente:

— Vou precisar de lanches antes que esta plataforma chegue aonde está indo.

Declan colocou as chaves nas mãos de Ronan.

— Se você for parado, nunca mais dirigirá meu carro.

Então eles partiram apropriadamente, Washington, DC, no espelho retrovisor.

Ronan não conseguia acreditar que Declan havia concordado com a premissa da viagem.

Essa excursão, projetada para Ronan visitar três propriedades de aluguel em um estado completamente diferente, parecia cair solidamente nas atividades que Declan teria desaprovado no passado. Ronan, com seus sonhos perigosos, dormindo em algum lugar que não seja o Barns ou a casa de Declan? Duvidoso. *Mudando para* outro lugar que não seja a casa da cidade

de Barns ou Declan? Nunca.

Ronan não sabia por que Declan estava apoiando. O que ele sabia era que estavam a oito horas de carro para descobrir se Ronan começaria uma vida totalmente nova. Além de um período miserável logo após a morte do pai, Niall, ele nunca morara em outro lugar que não fosse o Barns, a fazenda da família. Ele amava os celeiros, estava entediado com os celeiros, queria sair, queria ficar. No Barns, Ronan estava a dois segundos de suas memórias de infância e a duas horas de carro de seus irmãos. Ele sabia que podia sonhar com segurança lá, cercado por nada além de outros sonhos. Ele sabia quem ele era lá.

Quem seria Ronan Lynch em Cambridge?

Ele não fazia ideia.

***

Em Maryland, eles trocaram e pegaram lanches no posto de gasolina para Matthew. Ele os comeu no banco de trás, ruidosamente, com prazer audível. Quando Declan parou na interestadual, ele ordenou que Matthew fechasse a boca enquanto comia; uma exortação infrutífera, pois as pessoas diziam isso a Matthew por dezessete anos.

— Apenas pegue comida macia para ele — Ronan aconselhou. — Essa é a solução. Ninguém ouve lanches gomosos descendo a escotilha.

Matthew riu de novo. A única coisa que ele gostava mais do que piadas sobre Declan eram piadas sobre si mesmo.

Depois de estarem na estrada por vários minutos, Declan perguntou a Ronan em voz baixa:

— Quanto tempo faz desde que você sonhou?

Matthew não estava ouvindo, perdido nos prazeres de seus fones de ouvido e no jogo em seu telefone, mas não teria importado de qualquer maneira. O sonho de Ronan não era segredo para Matthew. Declan apenas gostaria que tudo fosse um segredo.

— Recentemente.

— Recentemente?

— Eu não sei, deixa eu verificar minha agenda dos sonhadores. Isso me dirá precisamente quão recentemente é recente o suficiente — Ronan esvaziou um saco de amendoins cobertos de chocolate na boca na esperança de que terminasse a conversa. Ele não queria falar sobre isso, mas não queria soar como se não quisesse falar sobre isso. Ele engasgou um pouco com o amendoim, mas conseguiu parecer indiferente. Despreocupado.

Ficaria tudo bem, acrescentou o seu amendoim. Vamos falar de outra coisa, sugeriu o amendoim. Você não está sendo razoável de perguntar, concluiu o ato de comer amendoim.

Declan segurou uma barra de proteína contra o volante, mas não a abriu.

— Não aja como se eu estivesse sendo irrazoável por perguntar.

Havia duas razões principais pelas quais as viagens noturnas eram difíceis para um sonhador. A primeira, e mais óbvia, foi que Ronan nunca poderia estar cem por cento certo de que não iria manifestar acidentalmente um dos seus sonhos quando acordasse. Às vezes, os sonhos eram inofensivos – uma pena, talvez, ou um peixe morto de aquário, ou um vaso de plantas. Mas, às vezes, eram canções sem forma que faziam com que o ouvinte se sentisse fisicamente doente, ou lagartos com apetite insaciável, ou dois mil sapatos Oxford, todos os esquerdos, todos de tamanho 40. Quando essas coisas apareciam na vida desperta dos remotos celeiros da família Lynch, eram aborrecimentos, às vezes um pouco mais (mordidas de lagartos podem ser muito dolorosas). Mas quando eles apareciam acordados na casa da cidade de Declan, em um quarto de hotel ou ao lado do carro que Ronan dormia em uma área de descanso – bem.

— Posso abrir sua infeliz barra de chocolate yuppie para você? — Ronan perguntou.

— Não desvie do assunto — Declan repreendeu. Mas depois de um momento, ele entregou a barra de proteínas.

Ronan abriu a embalagem e deu uma mordida experimental antes de devolvê-la. Parecia exatamente como se ele tivesse caído de cara na areia molhada e suja.

— Elegante, Ronan — Declan soprou levemente na ponta mordida da barra, como se sua respiração levantasse os germes de Ronan. — Só não sei se você está levando isso a sério.

A segunda razão pela qual viajar sendo um sonhador era preocupante era a lavagem da noite: uma palavra sexy que Ronan havia inventado para um fenômeno não-sexy. Era uma consequência bastante nova para ele, e tudo o que sabia era que, se esperasse demais entre manifestar sonhos ou passasse muito tempo longe do sopé ocidental da Virgínia, onde nasceu, uma lama negra começaria a escorrer de seu nariz. Então dos seus olhos. Então dos seus ouvidos. Se não fosse controlado, ele podia sentir isso enchendo seu peito, seu cérebro, seu corpo. Matando ele. Talvez houvesse uma maneira de impedir, mas Ronan não conhecia outros sonhadores vivos para perguntar.

Ele conhecera apenas dois em sua vida – seu pai e um estudante agora morto na escola – e eles nunca conversaram sobre isso. Quão bem ele suportaria ficar em Cambridge, Massachusetts, em vez de ficar no Barns por algum tempo? Ele não saberia até que tentasse.

— É a minha vez de escolher a música — disse Matthew.

— *Não* — Declan e Ronan concordaram ao mesmo tempo.

O telefone de Declan chamou atenção no console central. Ronan se inclinou para pegá-lo, mas Declan pegou-o das mãos com tanta velocidade que quase saiu voando pela estrada.

Ronan teve tempo de ver o início do texto recebido: *A chave é:*

— Uau, fora da lei — disse Ronan. — Eu não ia tocar na sua garota.

Declan enfiou o telefone no bolso do motorista.

— Novo personal trainer? — Ronan sugeriu — Novo fornecedor de barras de proteínas? Chumbo quente em algum tapete de piso alto para a casa e o jardim?

Declan não respondeu. Matthew cantarolava alegremente nos fones de ouvido.

Nenhum de seus irmãos havia dito nada sobre como eles se sentiam sobre Ronan se mudar, e ele não podia decidir se era porque não fazia diferença para eles ou porque eles realmente não achavam que isso iria funcionar.

Ele não sabia qual preferia.

***

Nova York: Eles pararam em uma área de serviço. Matthew correu levemente para os banheiros. Declan recebeu outra ligação. Ronan andava de um lado para o outro. O vento parecia ardiloso e inventivo, pois trabalhava sob o colarinho, e seu pulso parecia tão rápido e estridente quanto as finas nuvens de novembro acima.

As pequenas árvores que margeavam a área de serviço eram escassas e sem forma, juntando gravetos em vez de uma floresta. Elas eram árvores estrangeiras. Estranhas.

Cidadãos frágeis de um código postal urbano. De alguma forma, a visão delas levou para casa a verdade do que Ronan estava tentando. Por tantos anos, nada mudou. Ele abandonou o ensino médio, do qual não se arrependia, não exatamente, e seus amigos haviam se formado. Dois deles, Gansey e Blue, o convidaram para a viagem de cross-country do ano sabático, mas ele não queria ir a lugar nenhum. Não quando ele tinha acabado de se envolver

completamente em...

— ...Adam ainda? — Matthew fez uma pergunta, mas Ronan tinha perdido. Matthew havia retornado com um saco de gomas e as mastigava silenciosamente — Veja, eu tomo criticismo construtivo. Crítica. Criticismo. Gol dane-se.

Adam.

Adam Parrish era o destino desta viagem.

Existe alguma versão sua que possa vir comigo para Cambridge? Adam perguntou no dia em que saiu.

Talvez. Ronan o visitou uma vez desde o início do semestre, mas fora espontâneo – ele entrara no carro no meio da noite, passara o dia com Adam e depois deixara a cidade sem fechar os olhos por um segundo. Ele realmente não queria testar a si mesmo.

Negação plausível. Ronan Lynch poderia fazê-lo em Cambridge até provar o contrário.

Adam.

Ronan sentia falta dele como um pulmão.

Declan reapareceu, olhando para o relógio com a expressão de um homem acostumado a decepcioná-lo. Ele abriu a porta do lado do motorista.

— Ei, é a minha vez — Ronan protestou. Se ele não estava dirigindo, ele sabia que seus pensamentos correriam pelas duas últimas horas do percurso. Adam sabia que Ronan estava chegando neste fim de semana, mas não sabia que Ronan tinha compromissos para ver aluguel. Ronan não conseguia decidir como reagiria — Nós tínhamos um acordo.

— Um acordo cheio de boa vontade — disse Matthew — Isso é uma piada.

— Você não está dirigindo meu carro entre os Buracos — Declan fechou a porta como pontuação. Matthew deu de ombros. Ronan cuspiu.

No carro, Matthew se inclinou para a frente para reivindicar triunfantemente o cabo AUX.

Um remix dubstep de uma música pop apareceu nos alto-falantes.

Seriam duas longas horas para Cambridge.

Ronan colocou o paletó sobre a cabeça para abafar o som e abafar sua crescente irritação.

Ele podia sentir seu pulso batendo na mandíbula. Ele podia ouvir isso em seus ouvidos.

Parecia o batimento cardíaco de todo mundo, ele pensou. Assim como o

coração de Adam, quando sua cabeça estava apoiada em seu peito. Ronan não era tão diferente. Bem, ele poderia não parecer tão diferente. Ele poderia seguir o cara que amava, como qualquer outra pessoa. Ele poderia viver em uma cidade, como qualquer outra pessoa. Isso poderia funcionar.

Ele começou a sonhar.

CAPÍTULO 3

Havia uma voz no sonho de Ronan.

Você sabe que não é assim que o mundo deveria ser.

Estava em todo lugar e em lugar nenhum.

À noite, costumávamos ver estrelas. Você podia ver pela luz das estrelas naquela época, depois que o sol se punha. Centenas de faróis acorrentados no céu, bons o suficiente para comer, bons o suficiente para escrever lendas, bons o suficiente para lançar homens.

Você não se lembra porque nasceu tarde demais.

A voz era inevitável e natural, como o ar, como o tempo.

Talvez eu te subestime. Sua cabeça está cheia de sonhos. Eles devem se lembrar.

Alguma parte de você ainda olha para o céu e se machuca*?*

Ronan estava deitado no meio de uma interestadual. Três pistas em cada direção, sem carros, apenas Ronan. No caminho dos sonhos, ele entendeu que a estrada começava no Barns e terminava em Harvard e que ele estava em algum lugar no meio. Pequenas árvores estranguladas lutavam pela grama fina à beira da estrada. O céu tinha a mesma cor do asfalto gasto.

Também costumávamos ouvir as estrelas. Quando as pessoas paravam de falar, havia silêncio. Agora você poderia calar todas as bocas do planeta e ainda haveria um zumbido. Ar condicionado gemendo na abertura ao seu lado. Semi caminhões sibilando em uma rodovia a quilômetros de distância. Um avião reclamando dez mil pés acima de você.

Silêncio *é uma palavra extinta.*

Incomoda você, não é?

Mas o sonho estava perfeitamente silencioso, exceto pela voz. Ronan não tinha pensado em quanto tempo fazia desde que experimentara um silêncio perfeito até aquele momento. Ele não *tinha* certeza de *ter* experimentado um silêncio perfeito antes daquele momento. Era pacífico, não morto. Como colocar um peso que ele não tinha percebido que estava carregando, o peso do barulho, o peso de todos os outros.

Magia. É uma palavra barata agora. Coloque uma moeda no vão e obtenha um truque de mágica para você e seus amigos. A maioria das pessoas não se lembra do que é. Não é cortar uma pessoa ao meio e puxar um coelho da cartola. Não é deslizar uma carta de sua manga. Não

é um você que está prestando atenção?

Se você já olhou para o fogo e não conseguiu desviar o olhar, é isso. Se você já olhou para as montanhas e descobriu que não está respirando, é isso. Se você já olhou para a lua e sentiu lágrimas nos olhos, é isso.

É o material entre as estrelas, o espaço entre as raízes, o que faz a eletricidade subir pela manhã.

Isso nos odeia pra caralho.

Ronan não tinha certeza ao que a voz pertencia, ou se pertencia a alguma coisa. Em um sonho, as verdades físicas não eram importantes. Talvez a voz pertencia a essa estrada embaixo dele. O céu. Alguém parado fora da vista.

*O oposto de mágico não é comum. O oposto do mágico é a humanidade. O mundo é um sinal de néon; diz HUMANIDADE, mas tudo está queimado, exceto o MAN.**

Você está entendendo o que estou tentando lhe dizer?

Ronan sentiu um estrondo contra o crânio: caminhões distantes rugindo em sua direção, onde estava deitado na pista central.

Ele se recusou a deixar o sonho ser um pesadelo.

Seja música, ele disse ao sonho.

O estrondo dos caminhões que se aproximavam se transformou no baque dos passos de Matthew.

O mundo está te matando, mas Eles vão te matar mais rápido. E – maiúsculo. Eles. Eles.

Você ainda não Os conhece, mas irá.

Bryde. O nome da voz repentinamente caiu nos pensamentos de Ronan, da mesma forma que o conhecimento sobre a interestadual, apresentado como uma verdade compreendida: o céu estava azul; o asfalto estava quente; a voz pertencia a alguém cujo nome era Bryde.

Há dois lados à batalha à nossa frente e, de um lado, o desconto na Black Friday, o ponto de acesso Wi-Fi, o modelo deste ano, apenas assinatura, agora com fones de ouvido mais elásticos e com cancelamento de ruído, um carro para todo verde, essa pista termina.

O outro lado é magia.

Com esforço, Ronan lembrou onde estava seu corpo físico, andando de carro com seus irmãos, a caminho de Adam e uma nova vida com seus sonhos firmemente sob controle.

Não traga nada de volta, Ronan disse a si mesmo. Não traga de volta um caminhão, uma placa de trânsito ou um dubstep que nunca possa ser

desligado, apenas enterrado em um quintal em algum lugar. Mantenha seus sonhos em sua cabeça. Prove para Declan que você pode fazer isso.

Bryde sussurrou:

Você é feito de sonhos e este mundo não é para você.

Ronan acordou.

**N/T.: MANKIND significa Homem, no idioma original, quer dizer que tudo está queimado menos a palavra Homem.*

CAPÍTULO 4

— Acorde, Waaaaaashington, DC! As autoridades devem ser notificadas — riu TJ Sharma, o anfitrião da festa — Alguém diz a eles que uma jovem mulher com superpoderes está à solta.

Todos os olhos no subúrbio de McMansion, em DC, estavam em Jordan, uma jovem mulher com olhos como um milagre e um sorriso como um acidente nuclear. Os outros foliões usavam roupas descontraídas; Jordan não acreditava em relaxar ou ser casual. Ela usava uma jaqueta de couro e um bustiê de renda, seu cabelo natural preso em um enorme rabo de cavalo crespo. As tatuagens florais em seu pescoço e dedos brilhavam intensamente contra sua pele escura e seu entusiasmo brilhava intensamente contra a noite suburbana.

— Shhh, shhh — disse Jordan. — Superpoderes são como crianças, companheiro...

— Dois-ponto-cinco para cada família americana? — TJ perguntou.

— Melhor visto do que ouvido — corrigiu Jordan.

No fundo, uma banda dos anos 90 choramingava freneticamente sobre sua juventude. O microondas apitou - mais pipoca barata. O clima da festa era igualmente irônico e nostálgico; TJ brincou que o tema era atraso no desenvolvimento. Havia um ponche cheio de Cinnamon Toast Crunch, e B*ob Esponja* passava na tela plana ao lado de uma pilha de jogos de PS2.

Os foliões eram todos mais brancos que ela, mais velhos que ela, mais seguros que ela. Ela não sabia o que eles fariam nessa festa se ela não estivesse se apresentando para eles.

— Empurrem, apostadores, fazer fila é para os seguidores das regras — disse ela. Ela indicou o papel de rascunho que TJ havia fornecido — Hora do dever de casa. Nenhum crédito parcial. Escreva “A rápida raposa marrom pula sobre o cachorro preguiçoso.” e depois coloque seu nome na sua melhor assinatura escolar.

Jordan estava participando dessa festa como Hennessy. Ninguém aqui conhecia a verdadeira Hennessy, então não havia ninguém para dizer que ela não era. Até TJ a conhecia como Hennessy. Jordan estava acostumada a usar identidades que não eram dela – seria estranho, de fato, que alguém a conhecesse pelo seu nome real.

— Você vai adorar isso — disse TJ aos outros, voz investida com grande

emoção. Jordan gostava bastante dele – ele era o jovem vice-presidente de um banco de área, um Peter Pan de ossos esbeltos, um garoto de um mundo adulto ou vice-versa. Ele ainda comprava brinquedos e esperava que seu telefone lhe dissesse quando ir para a cama. Ele morava nesta mansão produzida em massa com colegas de quarto, não porque não podia viver sozinho, mas porque ainda não havia aprendido a fazê-lo.

Eles se conheceram nas ruas de DC apenas algumas semanas depois que Hennessy e Jordan chegaram à área. Uma da manhã, nada além de antecipação e vapor de mercúrio iluminando a noite. Jordan estava a caminho de devolver um carro roubado antes que todos fossem fuzilados, e TJ estava voltando de uma corrida entediada do Walmart à meia-noite.

O dele: um Toyota Supra que ele comprou do eBay depois de ver um em uma série do YouTube.

Dela: um velho Challenger que Hennessy havia roubado algumas horas antes.

Ele a desafiou para uma partida de racha em um posto de gasolina. Vencedor levava o carro do outro. Jordan não era geralmente uma tola, mas ela era o suficiente como Hennessy para ser sugada para um jogo assim.

A versão curta da história era que Jordan agora dirigia um Supra para todos os lugares.

Ela conduzia TJ por um tempo também, mas Jordan não namorava ninguém por muito tempo.

Eles ainda eram amigos, no entanto. Ou pelo menos o mais próximo possível que alguém poderia ser quando um deles fingia ser outra pessoa.

— A chave para a falsificação adequada — disse Jordan aos foliões. — é lembrar que você não pode copiá-la, a assinatura. As curvas e os floreios parecerão forçados, tudo terminará em paradas difíceis, em vez de desaparecer lindamente. *Ok,* eu ouvi você dizer, *então eu vou escrever por cima.* De jeito nenhum. Trace-o, as filas vão mudar da cama para o pub e vice-versa. Qualquer amador que pareça próximo pode dizer se uma assinatura foi traçada. *Mas Hennessy,* ouvi você dizer, *o que tem mais*? Você tem que internalizar a estrutura orgânica, não é? Você precisa ter a arquitetura em suas mãos, memorizar o sistema de formas. Intuição, não lógica.

Enquanto falava, ela rapidamente desenhou assinaturas e combinações aleatórias de letras várias vezes. Ela mal olhou para o trabalho, com os olhos inteiramente na letra dos foliões.

— Você tem que se tornar essa pessoa um pouco.

Jordan havia encontrado apenas uma das amostras de caligrafia. *A rápida raposa marrom pula sobre o cachorro preguiçoso*, assinado com o nome incomum *Breck Myrtle*. Era uma assinatura angular, mais fácil do que fluída, e ele tinha alguns tiques específicos realmente bons em sua caligrafia que tornariam o truque satisfatório para os espectadores.

Virando o papel para esconder seus arranhões, ela escreveu com confiança um último conjunto de palavras na extensão em branco: *Eu revisei todas as minhas posses neste dia de novembro para a mais fabulosa Hennessy.* Então ela assinou com perfeição: *Breck Myrtle.*

Jordan empurrou o papel para os foliões para sua avaliação.

Houve ruídos encantados. Risos. Alguns sons de fingida consternação.

Breck Myrtle, o festeiro em questão, teve uma reação complicada a isso.

— Como você...?

— Ela pegou você, Breck — disse uma das outras mulheres — Perfeito.

— Ela não é assustadora? — Perguntou TJ.

Nenhum deles tinha visto os pedaços mais assustadores dela – não por um tiro no escuro.

Se Breck Myrtle continuasse falando, Jordan também poderia ter aprendido a prever sua maneira de usar a linguagem, e ela poderia usar esse conhecimento para compor cartas, e-mails e textos pessoais, em vez de ter que se esconder na linguagem contratual formal. A falsificação era uma habilidade transferível para muitas mídias, mesmo que ela geralmente as usasse mais na vida pessoal do que nos negócios.

— Você é tão jovem para o crime — Riu uma das outras mulheres.

— Ela está apenas entrando em seu poder — disse TJ.

Mas Jordan tinha estado muito bem em seus poderes por um tempo. Tanto ela quanto a verdadeira Hennessy eram falsificadoras de arte. As outras garotas da casa se interessaram por ela, mas eram mais apropriadamente copistas. Jordan descobriu que havia uma tendência a entender mal – a confundir – falsificadores de arte com copistas. O mundo da arte tinha muitos artistas que podiam reproduzir pinturas famosas até a última dobra da manga. Hennessy diria que *As cópias não são arte*. Uma verdadeira falsificação era uma nova pintura feita *no estilo* do artista original. Copiar um Matisse existente não era nada: tudo o que era necessário era um sistema de grade e um bom entendimento de cores e técnicas.

Para forjar um novo Matisse, é preciso não apenas pintar como Matisse,

mas também *pensar* como Matisse. *Isso*, Hennessy diria, *é arte.*

E Jordan concordaria.

Um toque da campainha cortou a música dos anos 90.

O coração de Jordan bateu com antecipação.

— Bernie! — TJ disse. — Você não precisa tocar a campainha como um estranho! Entre, estranha!

Jordan ainda era amiga de TJ, mas ela não teria se divertido com seus amigos mais chatos sem um motivo oculto. E aqui estava o motivo: uma mulher em um terninho roxo inteligente e óculos redondos coloridos. Bernadette Feinman. Com os cabelos grisalhos presos em uma garra cintilante de pérolas, Feinman parecia a única adulta na sala. Ela parecia não apenas uma adulta, mas também uma adulta pronta para fazer um casaco com cento e um dálmatas. Desconhecida por provavelmente todos os outros presentes, Feinman também era uma das guardiãs do Mercado das Fadas de DC, um mercado negro subterrâneo rotativo, global, que negociava todos os tipos de bens e serviços ilegais de prestígio. Ênfase em *prestígio*.

Nenhum criminoso antigo poderia exibir mercadorias no mercado. Você tinha que ser um criminoso de alta classe.

Jordan queria entrar. *Ela precisava entrar*.

Bernadette Feinman iria decidir.

Feinman entrou mais fundo na casa. Ela tinha um modo particular de andar, como um louva-a-deus, mas quando falou, sua voz era suave e melódica.

— Eu diria que não queria me atrasar, mas acho que devemos ser honestos um com o outro.

TJ pressionou uma bebida em sua mão, parecendo um garotinho cauteloso, certificando-se de que uma avó respeitada tivesse tudo o que precisava. Todo mundo bebia cerveja, Jordan observou, mas Feinman pegou um copo com um vinho branco pernudo em uma mão e um cigarro de cravo na outra.

— Esta é Bernie, pessoal. Ela é minha Yoda, minha mentora, então vamos beber pelos mais velhos! — Disse TJ. Ele beijou sua bochecha. Os foliões beberam pelos mais velhos e depois ligaram o PS2.

Feinman se inclinou sobre a mesa para olhar as assinaturas. Ela olhou para Jordan.

— Então você é Hennessy. Certamente isso não é tudo que você tem.

Jordan deu um enorme sorriso para ela. Seu sorriso de comer o mundo,

cheio de confiança e boa vontade. Nenhum sinal de nervosismo ou quão importante isso era para ela.

TJ franziu a testa um pouco.

— Bernie?

— Hennessy está sendo entrevistada para uma vaga na agência — Feinman mentiu tão rapidamente que Jordan se perguntou se ela tinha preparado a mentira antes de chegar lá.

— Fazendo negócios na minha festa? — Perguntou TJ — Você deveria pagar a taxa diária pela minha sala de conferências, se for para fins comerciais.

Feinman entregou-lhe o copo ainda cheio.

— Vá encontrar para mim um pouco mais de vinho, Tej.

TJ foi embora, silencioso e obediente como uma criança.

Batendo as unhas pintadas de prata na assinatura forjada de Breck, Feinman cortou a enrolação — Acredito que vou ver mais do que truques de festa.

— São barras de chocolate na caixa — disse Jordan — Não as confunda com uma entrada.

Os dentes de Feinman eram uma pequena linha de pérolas escondidas atrás de lábios apertados.

— Traga-me a refeição, então.

— Volto em um segundo.

O sorriso de Jordan desapareceu no momento em que ela saiu para o frio de novembro.

Por um momento, ela se firmou olhando para o Supra que ganhou no meio-fio, pelo modo como as casas suburbanas atrás dele eram iluminadas por lavagens de alpendres e luzes de garagem, pelo modo como os carros dormiam silenciosamente à meia-luz, sob esqueléticas árvores caídas. Ela pensou em como pintaria esse bairro, onde colocaria o ponto focal, o que enfatizaria, o que empurraria de volta à obscuridade. Ela pensou em como faria disso arte.

Então ela tirou seis pinturas do carro e voltou à festa.

Lá dentro, ela colocou seus produtos na mesa da sala de jantar para Feinman examiná-los, com um copo de vinho em punho. Eles eram cópias. Demonstrações de poder. Uma Mary Cassatt, uma Hockney, uma Waterhouse, uma Whistler e uma *Mona Lisa* com as tatuagens de Jordan, porque Jordan gostava de uma piada tanto quanto qualquer outra pessoa.

Se os foliões já haviam se divertido antes, agora estavam bem impressionados. Até Breck Myrtle forjado voltou a olhar atentamente.

— Você é assustadora — disse TJ. — Você pode realmente parecer com qualquer um, não é?

Feinman inclinou-se para estudar as partes importantes: bordas de telas e quadros, marcas nas costas, texturas, pinceladas, pigmentos utilizados, precisão dos suportes. Ela não iria encontrar uma falha.

— Como é sua arte? — Perguntou Feinman.

Jordan não sabia. Ela passava o tempo todo pintando outras pessoas.

— Uma dama nunca conta.

— Acho que deve ser espetacular — Feinman e seu cigarro de cravo se aproximaram da paródia de *Mona Lisa*. A tinta estava envelhecida e rachada e parecia precisamente uma descoberta de museu, mas as tatuagens anacrônicas provavam sua etimologia — Embora esses jogos tenham seus prazeres.

Jordan prendeu a respiração.

Ela precisava disso. Elas precisavam disso.

TJ disse:

— Então ela conseguiu o emprego?

Feinman virou o corpo de louva-a-deus em direção a Jordan e olhou com o mesmo olhar intenso que ela usara anteriormente nas cópias, os olhos sem piscar atrás dos óculos escuros. Ela era, pensou Jordan, alguém que estava acostumada a sua palavra ser deus – sua palavra sendo deus tanto para alguém como TJ quanto para alguém como Jordan. Pareceu a Jordan que, se você pudesse dominar os dois mundos – dia e noite – tinha muito poder.

— Às vezes — disse Feinman. — Você precisa recusar alguém porque é muito qualificado. Você não quer impedi-los de quem eles deveriam ser.

Jordan levou uma batida para perceber que ela estava dizendo que não.

— Ah, mas...

— Estou fazendo um favor a você — disse Feinman. Ela lançou um último olhar para a *Mona Lisa* — Você pode não saber ainda, mas é feita para originais, Hennessy.

Se apenas alguma parte dessa frase tivesse sido verdadeira.

CAPÍTULO 5

Adam Parrish.

Foi assim que tudo começou: Ronan estava no banco do passageiro do Camaro laranja brilhante de Richard Campbell Gansey III, 73, pendurado pela janela porque paredes não o seguravam. A pequena histórica Henrietta, Virgínia, se encolheu, árvores e luzes da rua inclinando-se como entendessem a conversa lá embaixo. Que par eram os dois. Gansey, procurando desesperadamente por significado, Ronan, certo de que não encontraria.

Votados com maior e menor probabilidade de sucesso, respectivamente, na Academia Aglionby, sua escola compartilhada. Naqueles dias, Gansey era o caçador e Ronan, o melhor amigo falcão, mantinha-se encapuzado e abafado para impedir que ele se rasgasse em pedaços com suas próprias garras.

Foi assim que tudo começou: um estudante andando de bicicleta da última colina até a cidade, claramente dirigia-se para o mesmo lugar que eles. Ele usava o uniforme da Aglionby, embora, à medida que se aproximaram, Ronan percebeu que estava esfarrapado de uma maneira que os uniformes escolares não ficavam em um único ano de uso – eram de segunda mão. Suas mangas estavam arregaçadas e os antebraços eram rijos, os músculos delgados destacados em forte alívio. A atenção de Ronan ficou em suas mãos. Mãos adoráveis de menino com juntas proeminentes, magras e longas como seu rosto desconhecido.

— Quem é esse? — Gansey perguntou, e Ronan não respondeu, apenas ficou pendurado pela janela. Ao passarem, a expressão de Adam era toda contradição: intensa e cautelosa, resignada e resiliente, derrotada e desafiadora.

Ronan não sabia nada sobre quem era Adam na época e, se possível, sabia ainda menos sobre si mesmo, mas quando eles se afastaram do garoto com a bicicleta, foi assim que tudo começou: Ronan se inclinando para trás contra o assento, fechando os olhos e enviando uma oração simples, inexplicável e desesperada a Deus: *Por favor*.

***

E agora Ronan seguira Adam até Harvard. Depois que Declan o deixou no portão (dizendo: *Não faça nada estúpido. Me mande uma mensagem de texto de manhã*), ele apenas ficou dentro do portão de ferro do quintal,

olhando os edifícios bonitos e elegantes e as árvores bonitas.

Tudo era rústico: dormitórios e caminhos de tijolos, folhas e grama de novembro, lenços outonais nas gargantas dos estudantes enquanto passavam. O campus parecia desconhecido, transformado pelas estações do ano. Engraçado a rapidez com que um punhado de semanas poderia tornar algo irreconhecível.

Seis mil e setecentos estudantes de graduação. Alunos do ensino médio: vinte e nove por cento. Recebendo ajuda financeira: sessenta por cento. Prêmio financeiro médio: quarenta mil. Aulas anuais: sessenta e sete mil dólares. Salário médio anual de Harvard após dez anos: setenta mil. Taxa de aceitação: quatro-ponto-sete por cento.

Ronan conhecia todas as estatísticas de Harvard. Depois que Adam foi aceito, ele passou a noite após a noite no Barns, separando todos os detalhes e fatos que pôde encontrar sobre a escola. Ronan passou semanas com dois Adams: um certo de que ele havia conquistado seu lugar na Ivy e outro certo de que a escola logo descobriria o quão inútil ele realmente era.

Ronan suportou com tanta graça quanto ele conseguiu. Afinal, quem mais Adam tinha para tagarelar? Sua mãe era uma aparição desconectada e se seu pai tivesse conseguido o que queria, Adam poderia estar morto antes de se formar no ensino médio. Então Ronan absorveu os dados, a ansiedade e a antecipação e tentou não pensar em como ele e Adam estavam seguindo caminhos diferentes. Ele tentou não pensar em todos os rostos brilhantes, educados e singelosde catálogos pelos quais Adam Parrish poderia se apaixonar em vez dele. Às vezes, Ronan pensava no que poderia ter acontecido se ele terminasse o ensino médio e tivesse ido para a faculdade neste outono também. Mas isso era tão impossível quanto imaginar um Adam que abandonou o ensino médio e ficou em Henrietta. Eles sabiam quem eram. Adam, um estudioso. Ronan, um sonhador.

Existe alguma versão sua que possa vir comigo para Cambridge?

Talvez. Talvez.

Ronan levou alguns momentos procurando no telefone para encontrar o nome do dormitório de Adam – Thayer – e mais alguns para encontrar um mapa do campus. Ele poderia ter mandado uma mensagem para Adam dizendo que ele estava lá, mas ele gostou da ideia da surpresa tenra, de Adam saber que ele viria hoje, mas não saber que horas.

Ronan era bem versado em idas e vindas, no ritmo das marés de um amante que ia para o mar e voltava com ventos favoráveis. Afinal, este era

seu pai, deixando os celeiros com uma mala cheia de sonhos e voltando alguns meses depois com uma mala cheia de dinheiro e presentes. Afinal, esta era sua mãe o mandando embora e depois o recebendo em casa.

Ronan lembrava bem das reuniões. A maneira como o sorriso de Aurora foi desembrulhando-se junto com o resto dos pacotes no porta-malas de Niall, da mesma forma que o de Niall era o pó tirado de uma prateleira alta onde Aurora o guardava.

Nos últimos dias, Ronan havia pensado em seu encontro com Adam várias vezes, tentando imaginar qual seria sua forma. Atordoada e quieta diante de um abraço na escada do lado de fora do dormitório de Adam? Sorrindo lentamente antes de um beijo no corredor? *Ronan*, disse esse Adam imaginário quando a porta do seu quarto se abriu.

Mas não foi nenhum desses.

Foi Ronan finalmente descobrindo como se dirigir para Thayer, Ronan perseguindo estudantes e turistas, Ronan ouvindo, surpreso: — Ronan?

Era ele, virando-se e percebendo que eles haviam passado um pelo outro na passarela.

Ele passou direto por Adam.

Mesmo olhando para ele agora, propriamente, os dois a um braço de distância, enquanto outros eram forçados a dar uma volta ao redor deles, ele percebeu o porquê. Adam parecia com ele mesmo, mas também não. Seu rosto magro não mudou nas últimas semanas desde que Ronan o vira pela última vez – ele ainda era aquele garoto com a bicicleta. Seus cabelos empoeirados estavam imóveis como Ronan lembrava, cortados de maneira charmosa e desigual, como se por tesouras automáticas no espelho do banheiro.

Toda a graxa, suor e areia do carro que Ronan lembrava se foram, no entanto.

Adam estava impecavelmente vestido: camisa de colarinho, mangas enroladas, colete de tweed vintage, calça marrom perfeita empunhada acima de sapatos elegantes. Ele se manteve da maneira precisa e reticente que sempre teve, mas parecia ainda mais remoto e adequado agora. Ele parecia pertencer aqui em Cambridge.

— Eu não te reconheci — disseram os dois ao mesmo tempo.

Ronan achou que esse era um sentimento ridículo. *Ele* não mudou nada. Completamente inalterado. Ele não poderia mudar se quisesse.

— Eu passei direto por você — disse Adam, maravilhado.

Ele até *parecia* diferente. Não havia nenhum vestígio de seu sutil sotaque da Virgínia. Ele praticou sem parar apagá-lo no ensino médio, mas nunca conseguiu. Agora estava completamente escondido. A voz de um estranho.

Ronan se sentiu um pouco instável. Não havia espaço para essa experiência em seus devaneios.

Adam olhou para o relógio e Ronan viu então que era ***o*** relógio, o elegante relógio que Ronan sonhara no Natal, o relógio que indicava a hora certa para onde Ronan estivesse no mundo. O chão se firmou um pouco abaixo dele.

Adam disse:

— Pensei que você não estaria aqui por horas. Eu pensei que você – eu deveria saber como você dirige. Eu pensei...

Ele estava encarando Ronan de uma maneira estranha e, depois de um momento, Ronan percebeu que Adam o encarava exatamente da mesma maneira que Ronan estava encarando Adam.

— Isso é estranho pra caralho — disse Ronan, e Adam riu de maneira abatida e aliviada.

Eles se abraçaram com força.

Isso era como Ronan lembrava. As costelas de Adam se encaixavam nas suas costelas exatamente como antes. Os braços dele envolveram o corpo estreito de Adam da mesma maneira que antes. Sua mão ainda pressionava a parte de trás do crânio de Ronan, como sempre fazia quando se abraçavam. Sua voz estava sem o sotaque, mas agora soava como sempre quando ele murmurou na pele de Ronan: — Você cheira a casa.

Casa.

Ronan se sentiu ainda mais firme. Tudo ficaria bem. Ele estava com Adam, e Adam ainda o amava, e isso ia funcionar.

Eles se afastaram um do outro. Adam disse:

— Você quer conhecer meus amigos?

***

Amigos eram um negócio sério para Ronan Lynch. Ele era lento para adquiri-los e ainda mais lento para perdê-los. A lista era pequena, tanto porque os segredos complicavam os relacionamentos quanto porque os amigos, para Ronan, consumiam muito tempo. Eles pegavam tudo dele. Ronan pensava que você não poderia se entregar a muitas pessoas, se não sobraria nada. Então havia Gansey polido, que talvez não tivesse salvado a vida de Ronan no ensino médio, mas pelo menos a manteve fora do alcance

de Ronan, para que ele não pudesse derrubá-la e destruí-la. Havia Blue Sargent, um pedaço de gente, a filha de uma médium, com seu senso feroz de certo e errado; eles aprenderam sobre um ao outro tão lentamente, descascando camadas atrás de camadas e apenas realmente se entendendo bem a tempo do final do ensino médio. Havia Adam e os irmãos de Ronan. Era isso. Ronan poderia ter tido mais amigos casuais, mas ele não via motivo.

— Repo! Você deveria dizer Repo.

— O quê? — Ronan estava jogando um jogo de cartas. Era um jogo de cartas confuso, com muitas regras, uma configuração elaborada e um prazo pouco claro para concluir a jogabilidade. Ele tinha certeza de que havia sido desenvolvido por estudantes de Harvard.

Ele estava bastante certo, de fato, de que havia sido desenvolvido pelos estudantes de Harvard com os quais ele atualmente estava sentado: Fletcher, Eliot, Gillian e Benjy. Adam sentou-se ao lado dele, seu ouvido bom mais próximo (ele era surdo em um).

Debaixo da mesa, o sapato de Adam estava pressionado com força contra o de Ronan.

Eliot explicou:

— Para notificar os outros jogadores.

— Sobre o que?

Eliot se encolheu com o tom, embora Ronan não tivesse pensado que ele foi mais conciso do que o habitual. Possivelmente, o seu habitual era suficiente. A primeira coisa que Eliot disse quando conheceu Ronan foi: *Oh, você é mais assustador do que eu esperava!*

Prazer em conhecê-lo também, porra, Ronan pensou.

O jogo desenrolou-se em uma mesa na sala comunal do porão de Thayer. Outros estudantes jogavam sinuca, se reuniam em torno de TVs e laptops e ouviam música.

Cheirava a alho e comida para viagem. Os arcos de tijolos que sustentavam o teto davam a todo o espaço a vibração de uma adega ou catacumbas. Tudo parecia um clube secreto.

Gillian, que usava uma gravata atada com mais certeza e elegância do que Ronan já usou, sacudiu as cartas na direção dele.

— Você diz *Repo* para eles, para que eles possam avaliar o naipe e a cor do seu lote e formar uma estratégia que, com sorte, o impeça de reposicionar a última carta que você precisa para vencer.

Ronan olhou para as cartas que ele já havia colocado na mesa — Eu só preciso de mais uma?

— Ele é um sábio — disse Fletcher, cuja grande e redonda extensão era mantida por um colete de moletom. Parecia que ele deveria estar fumando um charuto ou recuando lentamente para a foto em preto e branco de onde surgira — Ele é um sábio e não sabe disso. A garota bonita que não conhece sua beleza. O bruto que não conhece sua força. Vinte é o que você precisa. Vinte no seu lote, e você é o chefe, o jogo acaba. E você, meu amigo, tem dezenove.

— Ele fez um bumerangue duplo* — disse Benjy suavemente, com sentimento. Ele tinha apenas duas cartas no seu lote.

— Mas você pode se afastar — explicou Gillian — Adam, por exemplo, poderia pagar sua conta com suas espadas. Ele poderia colocá-las todos no banco, e então você não seria capaz de completar as espadas do seu lote com as cartas dele.

Por baixo da mesa, Adam pressionou o resto da perna contra a de Ronan, sua expressão imutável.

Esse jogo de cartas, Ronan pensou, não terminava nunca.

— Mas se Adam paga espadas, então ele não seria capaz de completar seu próprio lote com espadas — interrompeu Fletcher em sua voz amável — Tecnicamente, sim, mas não na prática. Pagar espadas estaria em seu recorde por mais dez turnos, então ele não poderia jogar espadas até depois disso. Nesta fase do jogo, alguém terá vencido antes dele liberar espadas para si mesmo novamente.

— Isso é pesado — disse Ronan.

— A pobreza é péssima — pensou Fletcher, alisando o suéter.

— Curiosamente — disse Gillian ironicamente.

Ronan lançou um olhar para Adam. Adam, que cresceu em um trailer; Adam, que até agora usava aquele colete de tweed de segunda mão que o pai de Gansey lhe dera anos atrás; Adam, que nunca havia poupado palavras sobre os alunos titulados na escola particular em que ele trabalhava em três empregos para poder pagar.

Mas Adam apenas inclinou as cartas na direção do peito para que os outros não pudessem mais ver sua mão.

— Bem, Repo, então, porra — disse Ronan.

Gillian jogou um coringa ao lado da mão de Ronan.

— Estou parando você aí.

— Nobre — sussurrou Benjy.

— Escreva no meu túmulo — disse ela.

Enquanto os outros faziam outra rodada, pulando Ronan e Gillian por causa de seu movimento de sacrifício, Ronan olhou ao redor da sala comunal e tentou imaginar passar algum tempo aqui regularmente. Ele não havia contado a Adam sobre os apartamentos ainda. Não era uma conversa que ele queria ter na frente de todos aqui; eles não entenderiam por que era mesmo uma decisão. Para os olhos de fora, não havia motivo para Ronan não se mudar: seus pais estavam mortos, ele não tinha emprego, ele não estava indo para a faculdade, e o Barns podia correr solto e sem assistência até que ele voltasse para visitar seus irmãos nos feriados.

Para os olhos de fora, Ronan Lynch era um perdedor.

— Ei, Scary — disse Eliot — Scary Spicy.**

— Lynch, é a sua vez — acrescentou Adam.

Ronan lançou um olhar avaliador sobre a mesa. Pegando o coringa de Gillian, ele adicionou os outros quatro coringas que havia colecionado ao longo do jogo e colocou as cinco cartas correspondentes no centro da mesa.

— É assim que funciona, certo? — Ele perguntou enquanto pegava um rei de copas do lote de Fletcher para adicionar ao seu próprio lote de dezenove cartas que ele havia montado na sua frente, tornando-o vinte.

— Deus, é sim, Deus, eu te odeio — Fletcher gemeu operativamente.

— Quem é você para vir para nossas terras e levar nossas mulheres — murmurou Gillian.

— Não gostamos do seu namorado, Adam — disse Benjy.

Adam apenas sorriu um sorriso privado enquanto habilmente jogava suas cartas em uma pilha.

— Estou levando o vencedor, pessoal.

— Espere — disse Gillian — Você e eu deveríamos conversar com Yanbin antes de você ir.

— Só um segundo — disse Adam a Ronan. Aproximando-se, ele acrescentou: — Não mate ninguém — As palavras eram apenas uma desculpa para respirar no ouvido de Ronan; fez uma maravilha com suas terminações nervosas.

Ronan foi deixado de frente com os amigos restantes de Adam. Ele não sabia o quão bons amigos eles eram. Não bons o suficiente para estarem em conversas telefônicas mais do que Gansey e Blue, mas bons o suficiente para que eles pudessem reivindicar um jogo de Repo antes de Ronan roubar Adam

para si. Eles não eram o que ele esperava. Aglionby era um internato particular e ele esperava que os alunos de Harvard fossem uma variação desagradável dos de Aglionby. Mas os amigos de Adam não eram remotamente da mesma espécie. Eles não eram nem da mesma espécie um do outro; eles eram indivíduos peculiares e distintos. Eles também eram mais aberta e alegremente queer*** do que qualquer aluno de Aglionby que Ronan já conhecera. Ronan, que passou a maior parte de seus anos no colegial assumindo que outras pessoas eram idiotas ricas e sendo a única pessoa gay que ele conhecia, achou esses desenvolvimentos um tanto perturbadores.

Não que ele achasse que Adam o substituiria. Agora ele via exatamente com o que Adam *poderia* substituí-lo.

— Então, onde ele encontrou você chorando? — Benjy murmurou.

Ronan pensou que ele o tinha ouvido mal.

— O quê?

Eliot disse:

— Quando vocês se conheceram. Onde você estava chorando?

Suas palavras não esclareceram nada. Ronan não conseguia imaginar por que eles o considerariam um chorão, ponto final. A última vez que Ronan chorou foi sobre a memória de sua mãe sonhada, que havia sido eviscerada enquanto uma floresta mágica que ele adorava era igualmente desmontada ao seu redor. Parecia improvável que Adam tivesse contado a eles qualquer parte disso, mas a ideia ainda enviou um calor desagradável ao seu peito.

Talvez Adam tivesse contado uma história falsa de como eles se conheceram. Também desagradável de considerar.

Fletcher pareceu ler o rosto de Ronan, porque deu um tapinha carinhoso em sua ampla barriga antes de ronronar: — Então ele nem sempre colecionava chorões. Você é um pré-chorões.

— Talvez ele não namore pessoas que choram — Eliot apontou.

— Você vai ter que voltar o disco — disse Ronan.

— Nós somos o clube de choro — explicou Benjy — Nós éramos todos chorões.

— Adam Parrish e o Clube do Choro, como uma banda — disse Fletcher — Ele tem um faro para nós. Como um super-herói. Em algum lugar do campus de Harvard, alguém está escondido em uma escada chorando agora, e Adam está a caminho de encontrá-lo, confortá-lo e oferecer alguém com quem jogar cartas na sexta à noite.

Ronan passou alguns segundos difíceis tentando conciliar o distanciado

Adam que ele conhecia com essa descrição. O Adam que ele conhecia era um observador silencioso. Um catalogador da experiência humana. Um olhar, não toques. A ideia de ele ser outra coisa, algo que Ronan não conhecia, parecia tão perturbador quanto perceber que os novos amigos de Adam não eram terríveis. Ele e Adam estiveram fazendo as mesmas memórias há tanto tempo que ele se esqueceu de que nem sempre era assim. Adam estava aqui tendo uma nova vida, tornando-se uma nova pessoa, crescendo de algo abatido para quem ele deveria ser. E Ronan era... Ronan. Ainda escondido no sopé da Virgínia. Expulso da escola. Vivendo no lugar em que ele nasceu. Mantendo a cabeça baixa para que ele pudesse permanecer vivo. Fazendo as mesmas memórias que vinha fazendo há meses.

Adam estava mudando. Ronan não podia.

Ele estava se mudando para cá, pensou. Funcionaria.

Ronan rosnou:

—— Sim, ele sempre foi um grande ajudante. [4]

— Eles dizem que os opostos se atraem — disse Eliot. Elu tirou uma foto do lote vencedor de Ronan e abaixou a cabeça para mandar uma mensagem para alguém.

— Esse sou eu — disse Ronan — Ele salva pessoas; Eu pego o dinheiro do almoço deles.

Benjy parou de recolher as cartas e, em vez disso, olhou pensativamente a pilha que ele havia feito. Em sua voz baixa, ele disse: — Eu o invejo. Eu gostaria de ter a família dele.

Os dedos de Eliot pararam em sua mensagem de texto.

— Sim. Eu gostaria que meu pai pudesse conhecer o pai dele. Eu odeio meu pai.

Grave riscos, congele quadros, pare a impressora.

— Ele tem histórias maravilhosas da família sulista — disse Fletcher grandiosamente — Ele é como Twain sem o racismo. Suas palavras, o molho, nossos ouvidos, os biscoitos.

Uma vez, Ronan Lynch deu um soco no pai de Adam Parrish na frente do trailer dos Parrish. Uma vez, Ronan Lynch estava lá quando o pai de Adam Parrish havia acabado com a audição da sua orelha esquerda para sempre. Uma vez, Ronan Lynch ajudou a levar as coisas de Adam Parrish para um quarto de merda alugado, para que ele não tivesse que morar com seus pais novamente.

Ronan sentiu como se estivesse piscando em um sonho. Tudo sutilmente

incorreto.

Ele ainda estava olhando para o Clube do Choro quando Adam reapareceu.

— Você está pronto? — Adam perguntou.

— Foi um prazer conhecê-lo, Ronan Lynch — Fletcher estendeu a mão sobre a mesa.

Ronan hesitou, ainda desequilibrado. Então ele bateu a mão de Fletcher para o lado para poder bater nos nós dos dedos.

— Sim.

— Não desapareça — disse Eliot.

— Tchau — acrescentou Benjy.

— Desapareça — disse Gillian gentilmente.

Enquanto se afastavam, Ronan ouviu Fletcher dizer:

— Aquele homem é muito atraente.

Eles saíram da sala comunal; Adam o alcançou pegar a mão de Ronan.

Eles subiram as escadas; Ronan desembaraçou os dedos e colocou o braço em volta de Adam, para que eles subissem quadril a quadril. Eles entraram no quarto de Adam; eles não foram mais longe que isso. No escuro, eles se entrelaçaram por vários minutos e finalmente pararam quando a barba por fazer deixou os lábios doloridos.

— Senti sua falta — disse Adam, a voz abafada, o rosto pressionado contra o pescoço de Ronan.

Por um longo momento, Ronan não respondeu. Era ideal demais; ele não queria estragar tudo. A cama estava ali; Adam estava quente e familiar; ele ansiava por ele mesmo enquanto o segurava.

Mas então ele disse:

— Por que você mentiu para eles?

Era difícil determinar como ele sabia que Adam tinha reagido, já que ele não respondeu nem se mexeu, mas Ronan ainda assim sentiu.

— O Clube do Choro — acrescentou Ronan — Não me diga que não mentiu.

Adam se afastou. Mesmo no escuro, Ronan podia ver que sua expressão se parecia mais com o Adam que Ronan conhecia há anos. Cauteloso.

— Eu não menti, não de verdade— disse Adam.

— O caralho que não. Eles acham que seu pai, eu nem quero *chamá-lo* assim, é algum tipo de santo.

Adam apenas manteve o olhar.

— O que você está fazendo, Adam? — Ronan perguntou — Você, sentado naquela mesa com um monte de garotos ricos jogando um jogo de cartas onde a pobreza é a piada, fingindo que você deixou algum touro Brady Bunch em casa?

Ele conseguia se lembrar como se tivesse acontecido ontem. Não, como se tivesse acontecido minutos atrás. Não, como se ainda estivesse acontecendo, sempre acontecendo, mantido fresco em uma memória perfeita e selvagem: Adam apoiado em suas mãos e joelhos do lado de fora do trailer, balançando, desorientado, quebrado, a luz da varanda cortada em fragmentos por sua estranha sombra. Seu pai estava em cima dele, tentando convencer Adam de que era culpa dele, sempre culpa dele. Naquela época, aquilo apenas inundou Ronan com uma raiva fervente, explosiva e inegociável. Mas agora isso o fazia sentir-se doente.

— É tão ruim? — Adam perguntou — É tão ruim começar de novo? Ninguém me conhece aqui. Não preciso ser o garoto do estacionamento de trailers ou o garoto cujo pai o bate. Ninguém precisa sentir pena de mim ou me julgar. Eu posso apenas ser eu.

— Isso é uma merda bem fodida — Quando os olhos de Ronan se acostumaram ao escuro, ele viu o perfil de Adam claramente contra a noite azul e opaca de Cambridge do lado de fora das janelas do dormitório. Sobrancelha franzida, lábios apertados. Dolorido. O velho Adam. Adam antes da formatura, antes do verão. Perfeitamente e deprimentemente reconhecível, ao contrário daquele elegantemente penteado na passarela.

— Você não entenderia.

Isso foi demais; Adam não tinha permissão para ser o dono das dificuldades. Ronan rosnou: — Vou começar a dizer às pessoas que meus pais ainda estão vivos. Não quero que todos pensem em mim como órfão de agora em diante.

— Foi isso que eu consegui. Você tem seus irmãos. Eu não tenho ninguém, ok? — perguntou Adam — Deixe-me em paz, porque você não tem ideia.

A voz dele falhou no *porque*.

E assim, a briga acabou. Nunca tinha sido uma briga entre eles, de qualquer maneira.

Para Adam, era o que sempre foi: uma briga entre Adam e ele mesmo, entre Adam e o mundo. Para Ronan, também era o que sempre foi: uma briga entre verdade e compromisso, entre o preto e o branco que ele via e a

realidade que todos experimentavam.

Eles se juntaram novamente e ficaram ali, de olhos fechados. Ronan colocou os lábios no ouvido surdo de Adam, e odiou o pai de Adam, e então disse em voz alta: — Vou procurar por apartamentos. Amanhã.

Por um instante, ele estava preocupado que Adam não queria mais uma versão de Ronan que pudesse ficar com ele em Cambridge, mas então Adam disse: — Não diga isso. Não brinque com isso. Não posso...

— Eu não estou apenas dizendo isso. Declan está aqui. Matthew também. Eles me trouxeram. Eu tive que ficar no Volvo por, tipo, oito horas. Temos – eu tenho – entrevistas e merdas assim. Visitas. Para vê-los. Para escolher um. Você pode vir se não estiver fazendo seu desfile em Harvard. Está tudo pronto.

Adam se afastou novamente, mas desta vez sua expressão era bem diferente. Este não era nem o velho Adam nem o novo Adam polido. Este era o Adam que passou o último ano no Barns, um Adam complicado que não tentou esconder ou reconciliar todas as verdades complexas dentro de si mesmo, que simplesmente *era*.

— Como isso funcionaria?

— Eu posso controlar isso.

— Você pode?

— Eu fico na casa do Declan o tempo todo — Ronan não dormia muito lá, mas a afirmação ainda era verdadeira.

— E o seu rosto? A... lavagem da noite. E sobre isso?

— Vou sair da cidade todo fim de semana para sonhar. Vou encontrar um lugar seguro.

Adam disse:

— Mas e… — mas ele não acrescentou mais nada. Apenas franziu a testa mais profundamente do que durante toda a troca, a boca toda amassada de consternação.

— Por que essa cara?

— Eu quero isso demais — disse Adam.

Essa frase, Ronan pensou, era suficiente para desfazer todo o mau pressentimento que ele poderia ter encontrado com os amigos de Adam em Harvard, todo mau pressentimento de parecer um perdedor, todo mau pressentimento de se sentir preso, todo mau pressentimento de todos os tempos. Adam Parrish o queria, e ele queria Adam Parrish.

— Vai dar certo — Ronan disse a ele — Vai funcionar.

*N.T.: *Queer*: É uma palavra proveniente do inglês usada para designar pessoas fora das normas de gênero pela sua orientação sexual ou identidade de gênero.

** Bumerangue Duplo: É uma manobra do jogo criado por eles.

*** Scary Spicy: Integrante das Spice Girls, relacionado à algo bravo.

[4] No idioma original, ele se refere à Florence Nightingale, uma enfermeira famosa por ser pioneira no tratamento a feridos de guerra durante a Guerra da Crimeia.

CAPÍTULO 6

Parecia que o apocalipse ainda estava acontecendo.

Carmen Farooq-Lane estava em um dos terminais infernalmente movimentados de Londres Heathrow, a cabeça inclinada para trás para olhar os anúncios do portão. As pessoas circulavam ao seu redor do jeito que os humanos faziam nos aeroportos e nas estações de trem, suas jornadas mais conscientes que a lógica. A maioria das pessoas não se importava com aeroportos; eles estavam no modo de sobrevivência. Modo de identificação. Eles se tornaram as versões mais puras e não filtradas de si mesmos. Em pânico, divagando, errático. Mas Farooq-Lane gostava deles. Ela gostava de horários, sistemas, coisas em seu lugar, férias com rituais comemorativos específicos, jogos onde as pessoas se revezavam. Antes dos Moderadores, os aeroportos representavam a agradável emoção de planos que se concretizavam. Novos lugares vistos. Novos alimentos consumidos, novas pessoas se conhecendo.

Ela era boa em aeroportos.

Agora ela era uma visão de beleza profissional enquanto esperava, posicionada sob um holofote difuso, seu terno de linho pálido impecável; sua mala pequena, cara e com rodas, impecável; seus longos cabelos escuros puxados em um penteado suavemente trançado; seus cílios absurdamente longos caíram sobre os olhos escuros. As botas dela eram novas; ela as comprou de uma loja do aeroporto e jogou fora o par manchado de sangue no banheiro feminino. Ela parecia impecável.

Dentro dela, no entanto, uma Carmen Farooq-Lane menor gritava e batia contra as portas.

Nathan estava morto.

Nathan estava morto.

Ela o matou.

É claro que os Moderadores não disseram que iam matá-lo, mas ela sabia que não havia uma prisão para pessoas como Nathan. A única maneira de aprisionar Zeds com segurança era nunca deixá-los dormir – nunca deixá-los sonhar. Impossível, é claro.

Eu esperava mais complexidade de você, Carmen.

O irmão dela havia recebido a sentença de morte várias vezes. Mas ainda assim. Ela lamentou a lembrança de quem ela pensava que era, antes de descobrir o que ele havia feito. O coração era tão tolo, ela pensou. Sua cabeça

sabia muito melhor.

Se ao menos tivesse realmente parado o apocalipse.

Um voo para Berlim apareceu no quadro; ela seria a próxima. Chicago. Era manhã aqui. Meio da noite lá. Daqui a dez horas, ela estaria subindo as escadas para sua casa geminada, compras na mão, sacola pendurada no ombro, preparando-se para a longa tarefa de tentar se inserir novamente em sua antiga vida. De volta a sua própria cama, a um trajeto e um trabalho diário, suas amigas e o que restava de sua família. Ela fez o que prometera aos Moderadores que faria e agora conquistara sua liberdade.

Mas como ela deveria gerenciar futuros financeiros dos clientes se sabia que não poderia existir um futuro? Como deveria voltar à sua vida antiga quando não era mais a antiga Carmen Farooq-Lane que a vivia?

Ao lado dela, um homem espirrou rajadamente. Ele procurou nos bolsos, sem sucesso, um lenço de papel. Farooq-Lane tinha usando muitos e acabara de reabastecer por mais um dia tumultuado. Ela tirou um da bolsa; ele aceitou com gratidão. Ele parecia querer usá-lo como desculpa para conversar, mas o telefone tocou e ela se virou para atender.

— Você ainda está no terminal? — Lock perguntou.

— Estou prestes a embarcar — disse Farooq-Lane.

— Indo para casa.

Farooq-Lane não respondeu a isso.

— Olha — ele murmurou — Eu vou direto ao ponto. Sei que você fez o que pedimos, sei que terminou, mas é boa nisso como ninguém mais é.

— Eu não sei sobre isso.

— Não é a parte de quebrar coisas. A parte de encontrar coisas. Pessoas como você. Isso é importante. Nós precisamos de você. Você acha que poderia nos ajudar com mais uma?

Mais uma. Era realmente mais uma? Isso importava? Era como se alguma parte dela estivesse esperando ou antecipando que ele perguntasse, porque ela se ouviu dizer sim antes mesmo de pensar. Aquela dissonância de cabeça e coração novamente. Ela queria terminar, mas não podia até que o mundo estivesse seguro.

— Eu esperava que você dissesse isso — disse Lock — Nikolenko está lá com um pacote para você e novas informações de voo. Encontre-a na Costa.

Quando as informações do portão apareceram no painel, Farooq-Lane as deixou para trás e navegou pelas multidões de pessoas até encontrar Nikolenko, uma mulher baixa, de rosto de pedra, com cabelos curtos e cor de

pedra. Nikolenko esperava ao lado de um jovem angular de camiseta, paletó e pequenos óculos redondos. Ele era extraordinariamente alto e extraordinariamente curvado. Cotovelos, joelhos e pomo de Adão eram todos proeminentes. Seu cabelo loiro na altura dos ombros estava escondido atrás das orelhas. Ele parecia um jovem agente funerário ou, com aquelas feições esqueléticas, um dos cadáveres.

Nikolenko entregou-lhe algum dinheiro.

— Vá tomar um café.

Ele olhou-o como se não quisesse um café, mas as pessoas faziam o que Nikolenko dizia, então ele se mexeu.

Nikolenko entregou um envelope a Farooq-Lane.

— Essa é a sua passagem e o endereço de onde você está hospedada.

— Lock disse que haveria um pacote?

— Ele é o pacote — disse Nikolenko, apontando o queixo para onde a criança estava na fila.

Farooq-Lane não entendeu.

— Ele é o Visionário — disse Nikolenko — Ele está indo com você.

Ah.

O Visionário era o motivo pelo qual eles sabiam que o mundo ia acabar. O*s Visionários*. Esse garoto era apenas o mais recente deles, o segundo Visionário com o qual os Moderadores haviam trabalhado desde que Farooq-Lane começou a trabalhar com eles. Ela não sabia quantos existiam antes. Cada um dos Visionários experimentou premonições intensamente vívidas e detalhadas, focadas especificamente em Zeds e em outros Visionários.

Além disso, especificamente focado no fim do mundo.

Cada um dos Visionários falou de um apocalipse realizado da mesma maneira, com um fogo faminto e inextinguível. Um fogo inextinguível *sonhado*. Farooq-Lane não sabia exatamente por quanto tempo os Moderadores procuravam os Zed que sonhariam com esse incêndio, mas ela sabia que em algum momento uma entidade intergovernamental havia sido formada em silêncio. Moderadores vieram de todos os cantos do mundo. Alguns deles foram convencidos por uma das previsões de Visionários. Alguns deles foram convencidos por conhecer um Zed e o que eles poderiam fazer em primeira mão. E um deles estava convencido pela necessidade de provar aos outros Moderadores que ela não era cúmplice dos crimes de seu irmão.

Nathan tinha sido a melhor liderança até agora. Eles já sabiam que ele

queria ver o mundo queimar.

Mas sua morte não impediu as profecias flamejantes de Visionários.

Farooq-Lane olhou para o Visionário enquanto ele contava dinheiro no caixa.

— Apenas voando em um avião comum? — Ela perguntou a Nikolenko — Isso é seguro?

— Ele está sob controle há meses.

Farooq-Lane não conseguia identificar o sentimento dentro de si, mas não era um dos bons.

— Eu não sabia que teria que cuidar de um adolescente — disse Farooq-Lane. Ela nem sabia que o Visionário ***era*** adolescente; só tinha visto descrições de suas visões. Farooq-Lane não era muito maternal. A vida era bagunçada até os vinte anos, ela sentiu, e preferia esquecer todas as idades anteriores.

— Ele não é difícil de lidar — garantiu Nikolenko — Ele apenas faz o que você diz a ele.

Isso não fez nada melhor.

— Por que ele vem comigo? Eu me dei bem com as descrições antes.

— Ele está quase pronto. Ele está ficando fragmentado. Será mais fácil para você falar sobre as visões com ele.

Está quase pronto? Farooq-Lane não sabia muito sobre o tempo de vida dos Visionários, mas sabia que o fim não era algo para o qual você queria estar perto.

— Eu...

— Olha, princesa — Nikolenko interrompeu — Você tem a tarefa mais fácil aqui. Leve Lurch até lá e encontre o Zed que ele está vendo. Esteja atenta a outro Visionário para substituí-lo. Ligue-nos quando encontrar alguma coisa. Então os adultos voam e cuidam disso, para que você não precise sujar os sapatos novamente.

Farooq-Lane não se sentiria mal por ser uma assassina relutante. Ela e Nikolenko se entreolharam até o Visionário voltar com um café.

— Eu não vou beber isso — disse ele a Nikolenko. Ele tinha sotaque. Alemão, talvez — Você quer?

Sem hesitar, Nikolenko pegou-o da mão e jogou-o na lata de lixo ao lado dela, um movimento suave.

— Problema resolvido. Fale com Lock quando chegar lá, Farooq-Lane.

Sem outra palavra, ela partiu. O Visionário olhou para a lata de lixo onde

o café acabara de pousar e depois olhou para Farooq-Lane.

Farooq-Lane estendeu a mão e se apresentou a sua nova responsabilidade.

— Carmen Farooq-Lane.

Ele apertou a mão dela, depois repetiu o nome dela com cuidado antes de se apresentar à nova cuidadora.

— Parsifal Bauer.

Quando ela abriu o envelope, dois bilhetes para eles deslizaram direto para suas mãos, ansiosos por ficarem confinados.

— Acho que vamos passar muito tempo juntos em... Washington, DC.

Um lugar tão bom para salvar o mundo quanto qualquer outro.

CAPÍTULO 7

A voz estava de volta.

Você está se perguntando se isso é real.

Você quer provar que este é um encontro real e não apenas um pouco de inconsciência de merda.

O que é real? Escute: você adormece, sonha com penas e acorda com um corvo nas mãos, e continua perguntando: o que é real?

Ronan estava sonhando com a voz de Bryde, mas ele também estava sonhando com Lindenmere.

Lindenmere, Lindenmere.

Era um nome de um poema que nunca existiu. Não parecia perigoso.

Lindenmere, Lindenmere. Era uma floresta, ou melhor, era uma coisa que estava em forma de floresta por enquanto. Ronan teve uma ideia de que ela existia em um outro lugar por muito tempo, e só agora sussurrou seu caminho para o mundo desta vez na forma de uma floresta. Ela o conhecia, e ele a conhecia, na medida em que podiam ser conhecidos, ambos cheios de mistérios, até para si mesmos.

Ele estava apaixonado por ela, e ela por ele.

Enquanto caminhava entre as árvores de Lindenmere, ouviu a voz de Bryde de algum lugar além deles. Talvez Bryde fosse um desses maciços carvalhos retorcidos. Talvez ele fosse um dos pequenos pontinhos que voavam acima. Talvez ele fosse as flores que se enroscavam nos arbustos. Talvez ele fosse apenas o subconsciente de Ronan.

— Lindenmere — Ronan disse em voz alta — O que é Bryde? Ele é real?

As folhas nas árvores murmuraram. Elas juntaram as palavras: *Você sabe.*

E além deles, a voz de Bryde continuou.

Você é maior que isso, maior do que é real. Você foi criado entre lobos e agora esqueceu que tem polegares. Real é uma palavra inventada para outras pessoas. Limpe-a do seu vocabulário. Não quero ouvir você dizê-la de novo. Se você sonha uma ficção e acorda com essa ficção em suas mãos, ela se torna fato.

Você entende? Para você, a realidade não é uma condição externa. Para você, a realidade é uma decisão.

Você ainda deseja o que a realidade significa para todos os outros, mesmo que isso diminua o seu mundo. Talvez justamente porque diminui o seu mundo.

Ronan subiu uma ladeira musgosa. A luz aqui era cintilante, luxuriante, dourada, tangível. Ele passou os dedos por ela e se agarrou à sua pele, tanto a sensação quanto a visão. Ele repetiu: — Eu não teria perguntado se soubesse.

As árvores murmuraram novamente. *Sonhador*.

Outro sonhador? Aqui? Uma minúscula nuvem de mosquitos luminosos se abriu em torno de Ronan enquanto caminhava, examinando a vegetação rasteira selvagem em busca de sinais de outro humano. Ele sabia que era possível para um sonhador encontrá-lo no espaço dos sonhos, mas apenas um já o conheceu, e esse outro sonhador conhecia Ronan no mundo acordado antes de tentar encontrá-lo neste outro mundo.

Além disso, ele estava morto agora.

Ninguém mais sabia que Ronan era um sonhador.

Ou não deveriam.

— Eu não acredito em você — disse em voz alta — Eu tenho problemas de confiança.

Há um jogo que as crianças brincam com giz e asfalto. Caracol – é assim que se chama. Desenhe uma espiral no chão, uma concha de caracol, e corte-a em quadrados cada vez menores. Atire uma pedrinha; onde quer que apareça, esse quadrado está fora dos limites. Agora pule com um pé em uma espiral apertada, tomando cuidado para não cair no quadrado com a pedra. Você vê como o jogo fica mais difícil quanto mais pedras são jogadas. Quanto mais apertada a espiral gira. O objetivo é chegar ao meio sem cair.

Esse é o jogo que vamos jogar, você e eu.

— Talvez eu não queira jogar — disse Ronan. Sua caminhada no sonho, que cobria ao mesmo tempo muito pouco terreno e terreno demais, levou-o a uma clareira cortada por uma corrente negra e profunda. Uma prancha flutuante servia de ponte e estacionada em cima dela estava uma moto de aparência vintage que vibrava com vida, o escapamento visível em uma delicada respiração trêmula atrás dela.

Adam estava sempre falando sobre como trocaria seu carro por uma motocicleta, se pudesse. *Ele gostaria desta moto*, Ronan pensou. Ela o lembrou um pouco de Adam, na verdade. Elegante, áspera e pronta ao mesmo tempo.

Quando Ronan subiu na prancha flutuante, ela estremeceu, mas resistiu. Abaixo, o riacho era mais uma verdade emocional do que física, a água presente, mas ainda não molhada, a menos que ele voltasse a atenção para

ela: esse era o caminho dos sonhos.

Ele colocou a mão no assento de couro da moto. Ela já tinha o nome de Adam costurado na borda. Ronan passou os dedos ao longo da constelação de covinhas de bordados. Parecia real.

Cada quadrado será uma tarefa.

Eu estarei no centro no final de tudo.

Primeiro quadrado...

— Eu não sei se você é real ou uma invenção da minha imaginação — disse Ronan. — Mas estou tentando trabalhar aqui.

Vamos lidar com isso primeiro. Uma lição objetiva, real ou não. Estou fazendo somas na minha cabeça, você quer que eu demonstre meu trabalho na margem. Tudo bem.

Primeiro quadrado: O que é real.

Primeiro quadrado: Pergunte ao seu irmão sobre o Mercado das Fadas.

Primeiro quadrado: Eles estarão sussurrando meu nome.

Prova? Isso terá que servir. Você faz a realidade.

Ronan rolou a motocicleta para a praia. Atrás dele, a prancha flutuante subia vários centímetros, aliviada pelo peso da moto. De repente, descobriu que o riacho abaixo dele estava cheio não de água negra, mas de animais.

Eles ferveram.

— Merda — disse Ronan.

Pule, passe, jogue uma pedrinha, próxima rodada.

Vejo você do outro lado.

Ele acordou.

CAPÍTULO 8

Já era de manhã

Ronan podia ouvir todos os tipos de sons da manhã. Um barbeador elétrico zumbia do outro lado do corredor, música saindo em outro quarto, pés batendo, subindo e descendo escadas envelhecidas. Do lado de fora, ouviu sopradores de folhas asmáticos, portas de carro percussivas, estudantes tagarelas, caminhões de entrega queixosos, buzinas petulantes.

Ele passou a noite em Cambridge.

Ronan olhou para si mesmo de cima.

Era como se ele fosse um anjo assombrando seu próprio corpo. Um espírito. Fantasma do passado de Natal. Fosse o que fosse, flutuava acima de você e assistia você dormir. Os pensamentos de Ronan Lynch contemplaram o corpo de Ronan Lynch.

Ele viu um jovem na estreita cama do dormitório abaixo, imóvel, mas mesmo assim parecia como se estivesse pronto para uma briga. Entre suas sobrancelhas, duas linhas formavam o símbolo universal de *Eu vou te foder*. Seus olhos estavam abertos, sem olhar para nada. Adam estava encaixado entre ele e a parede, a boca entreaberta, o cabelo emaranhado contra o travesseiro.

Eles estavam completamente cobertos de monstros.

Seus corpos estavam pesados com criaturas peculiares que pareciam um tipo de caranguejo-ferradura à primeira vista. Um olhar mais atento revelou que, em vez de conchas duras, eles tinham máscaras dramáticas, com pequenas bocas famintas abrindo e fechando nas costas. Dentes de vaca de formato perfeito enchiam cada boca.

Os caranguejos pareciam pesadelos e errados, porque ***eram*** pesadelos e errados. Eles eram uma espécie que não existia até Ronan acordar. Eles eram uma espécie que só existia porque Ronan *havia* acordado.

Era isso o que significava ser Ronan Lynch.

Sonhar a realidade.

Eles ferviam e trituravam lentamente, puxando os lençóis em padrões circulares com suas pernas pequenas e rígidas.

Adam não se mexeu porque seu ouvido bom estava enterrado no travesseiro e seu corpo perpetuamente exausto perdeu para o sono.

Ronan não conseguia se mexer. Ele sempre ficava paralisado por alguns

minutos depois de conseguir trazer algo de volta de um sonho. Era como se ele trocasse aqueles minutos de capacidade desperta em seus sonhos por alguns minutos de inutilidade sonolenta. Também não havia como acelerar, por mais ameaçadoras que fossem as circunstâncias quando ele acordava. Ele só podia flutuar assim, fora de seu corpo, vendo os sonhos fazerem o que queriam sem a interferência dele.

Adam, ele pensou, mas não conseguiu dizer.

Sclack, sclack. As boquinhas monstruosas dos caranguejos soaram úmidas quando se abriram e fecharam, exatamente como quando as viu embaixo da ponte em seu sonho. As coisas oníricas não mudaram suas listras no mundo dos acordados. Se elas desobedecessem às leis da física no sonho, como um pedaço de madeira que pairava logo acima do solo, continuariam a desobedecê-las quando trazidas à vida real. Se elas fossem um conceito abstrato feito carne no sonho, como uma música que de alguma forma pudesse ser tocada em suas mãos, a qualidade peculiar da coisa persistia em acordar.

Se eram caranguejos assassinos que queriam te comer no sonho, continuavam querendo te comer na vida real.

Sclack, sclack.

Ronan tentou mexer os dedos dos pés. Nada. Tudo o que ele podia fazer era flutuar sobre seu próprio corpo e esperar. Felizmente, as bocas-máscara dos caranguejos estavam de costas, então, por um momento, Ronan e Adam estavam a salvo.

Por um momento.

Adam.

Ele quis que Adam acordasse.

Alguns caranguejos caíram da cama com um barulho, suas perninhas batendo nas tábuas do chão. Era um som desanimador que combinava perfeitamente com a aparência deles.

Sclack, sclack, skitter, skitter.

Merda, e agora Ronan viu que não havia trazido de volta apenas os caranguejos. A prancha flutuante também voltou, pairando ao lado da cama como um skate rústico. E a linda e pequena motocicleta estava no meio do quarto entre as duas camas do dormitório. Estava ligada, como estivera no sonho, um pouco de exaustão intensa girando atrás dela.

Ele trouxe todas as malditas coisas à realidade.

Como ele tinha feito tanta merda?

Sclack, sclack.

Aquele outro sonhador – Bryde – o desconcentrara.

O outro sonhador. Outro *sonhador*. Ronan quase tinha esquecido. Parecia impossível esquecer algo de tal magnitude, mas esse era o caminho dos sonhos, não era? Até os melhores e piores deles poderiam se dissipar da memória imediatamente. Agora inundou de volta para ele.

Ronan precisava tanto de outro sonhador quanto precisava de uma tonelada de caranguejos assassinos em sua cama.

A única misericórdia era que a outra cama do dormitório ainda estava vazia. Ronan não sabia se Adam havia combinado que seu colega de quarto fosse passar a noite fora ou se era uma coincidência feliz, mas estava agradecido. Agora ele só precisava poder se *mover*.

Um dos caranguejos assassino correu pelo corpo de Adam em direção a sua orelha surda.

Acorde, Adam, acorde.

Ronan teve o pensamento hediondo de que eles já haviam matado Adam e foi por isso que ele não acordou, porque ele já estava morto e frio, assassinado pelos sonhos de Ronan enquanto ele flutuava impotente por cima...

Um dos caranguejos assassino afundou no rosto de Ronan, cada perna nítida um ponto de pressão desagradável. De repente, ele viu isso de seu corpo físico, e não de cima, então o controle estava retornando ao seu corpo. Havia um código de barras na barriga do caranguejo, e em letras minúsculas acima dele TCP MIXED NUTS 1101, e abaixo disso, um conjunto de olhos azuis piscando com cílios realmente cheios. O 1101 era para o seu aniversário, que era quase o grande e velho décimo nono, mas só Deus sabia por que o resto estava lá. O subconsciente de Ronan Lynch era uma selva.

Outro caranguejo colidiu com o primeiro, lançando um dos terrores de costas. Boca para baixo. Foi para o olho dele.

Porra, porra.

Por um breve momento, ele pôde imaginar os próximos minutos: o caranguejo estalando através de seus olhos, sua boca incapaz de gritar ou mesmo choramingar, ele silenciosamente perdendo metade da visão enquanto Adam estava deitado ao seu lado, dormindo ou morto.

Mas então ele podia se mover, ele podia se mover, todo o seu corpo era dele novamente.

Chutando os cobertores, ele derrubou o maior número de caranguejos que

pôde dele e de Adam. Os pequenos horrores rolaram e deslizaram para fora da cama, alguns deles pousando na prancha ao lado. A força do movimento fez a prancha disparar através do quarto, um táxi flutuante, antes de atingir a parede e desalojar todos eles.

— Oh Deus — disse Adam.

Ele estava dormindo, não morto, e agora seu rosto refletia a verdade: que ele havia acordado em uma sala infernal de colegas de quarto crustáceos.

— Deus, Ronan, Deus! O que você *fez*?

— Eu estou consertando — Ronan deslizou para fora da cama.

Slam.

Quando Ronan procurou uma arma, viu que Adam havia esmagado um deles contra a parede com um livro de biologia. Seu interior disparou – um brilho amarelo como o interior de uma lagarta esmagada.

Isso levou o resto das criaturas em frenesi.

— Conserte mais *rápido* — disse Adam.

A prancha se aproximou; Ronan pulou nela. O impulso o fez disparar para o canto do dormitório, batendo contra a parede, mas ele manteve o equilíbrio. Dando um empurrão na parede, ele disparou para o outro canto, onde uma bandeira estava pendurada. Ele a ergueu alto, empunhando-a como um herói irlandês galante de antigamente.

Slam. Adam esmagou outro, e outro.

Ronan esfaqueou um caranguejo com sua lança improvisada. Ele atravessou o código de barras.

— Peguei vocês, seus bastardos famintos — Ronan disse a eles.

Outro caranguejo pousou em seu braço; ele bateu contra a parede e empalou com a mesma rapidez. Outro virou de costas; ele esfaqueou através do código de barras. *Stomp, stomp, stomp.*

Mais gosma. *Slam. Slam.* Adam estava matando os que estavam na cama. Havia uma certa satisfação horrível.

Houve uma batida na porta.

Não ficou claro quanto tempo isso durou. Só agora, com todos os caranguejos mortos, estava quieto o suficiente para ouvir.

Adam olhou para Ronan, horrorizado.

— A cama — Ronan assobiou — Coloque-os debaixo das cobertas por enquanto.

As batidas continuaram.

— Só um segundo! — Adam disse.

Os dois furiosamente rasparam um monte de cadáveres de caranguejo sob o edredom.

Ronan empurrou a prancha embaixo da cama, que se pressionou firmemente contra o colchão, desesperada para voar.

Adam foi até a porta. Sem fôlego, ele abriu uma fresta.

— Sim?

— Adam Parrish — disse a voz amável de Fletcher — O que diabos está acontecendo? Eles vão ligar para o procurador.

— Fletcher, olha, eu… — Adam disse.

Fletcher abriu a porta.

Ele estava parado com a sua gloriosa largura na porta, os cabelos oleosos, livros debaixo do braço.

A sala era uma pintura contemporânea atraente, um experimento de textura de pernas de caranguejo sem corpo, tripas líquidas brilhantes e um pouco do sangue de Adam e Ronan.

Estava começando a cheirar a exaustão.

Os olhos de Fletcher percorreram tudo isso. Seus olhos pousaram na lança improvisada de Ronan.

— Minha bandeira — disse Fletcher.

Adam fechou a porta às pressas atrás dele.

— As paredes — disse Fletcher.

As tripas de caranguejo estavam descascando a tinta e a prancha havia deixado várias amolgadelas no gesso.

— As camas — disse Fletcher.

Os lençóis foram rasgados e arruinados.

— A janela — disse Fletcher.

Um dos painéis havia se quebrado de alguma maneira.

— Uma motocicleta — disse Fletcher.

Ocorreu a Ronan que o último era o mais provável de matá-lo agora, se Adam não o fizesse, então ele a desligou. Demorou um segundo para descobrir, porque não tinha uma chave, mas, eventualmente, ele encontrou uma chave seletora marcada com *SIM/NÃO*.

Não havia nada abertamente sobrenatural na imagem sem ver os caranguejos embaixo das cobertas ou a prancha embaixo da cama.

Havia apenas um prejuízo de vários milhares de dólares em um dormitório de Harvard, a culpa sufocada de Ronan e um fiscal a caminho.

Adam disse, simplesmente:

— Me ajude.

CAPÍTULO 9

Mesmo que Breck Myrtle fosse tecnicamente o melhor nessas coisas, ele fez Jeff Pick quebrar a janela para entrar na casa. Isso fez de Pick o cara que começou. Bobo, mas fez Myrtle se sentir melhor por estar envolvido.

O roubo não era o *modus operandi* usual de Myrtle. Seus irmãos estavam envolvidos nesse tipo de crime, a quebra e a entrada, a emissão de cheques sem fundos, a retirada de bolsas de mão de Nissan Sentras destrancadas. A mãe deles lhes ensinara todo esse tipo de criminalidade de baixo impacto. Não ensinado *ensinado*, não como fichas. De uma maneira exemplo a exemplo. Ela era uma recepcionista do Walmart agora e insistira para que seu prodígio se tornasse legítimo, mas Myrtle decidiu superar isso. Ele vendeu arte em uma loja no Takoma Park e também no eBay. O componente online funcionou melhor, pois as pessoas confiavam mais nele quando não podiam ver seu rosto.

Todos os Myrtles tinham rostos compridos com olhos minúsculos e, mesmo quando eram mais benevolentes, tinham a aparência de algo que poderia surgir do escuro para comer seu corpo depois que você morria. Mas isso não importava quando ele vendia arte online; não era sobre ele, era sobre o trabalho. A maioria era real, algumas eram falsas. Ele não se sentia mal com as coisas falsas; mal era criminoso. As pessoas só acreditavam em arte falsa porque queriam, então ele estava apenas dando o que elas queriam.

Ele não era um ladrão.

Mas ele estava abrindo uma exceção dessa vez para Hennessy. Ela já era uma criminosa. Roubar criminosos era como multiplicar números negativos. Acabava positivo no final.

A mansão McLean que acabaram de invadir se estendia a pouco menos de seis mil metros quadrados, aproximadamente do mesmo tamanho do terreno esculpido em que se assentava. Se você não mora em uma casa de seis mil metros quadrados, é um tamanho difícil de entender. É do tamanho de cem vagas de estacionamento, ou pouco menos da metade do tamanho de um campo de futebol regulamentado pela NFL, ou o dobro do tamanho de um shopping americano típico construído entre 1980 e hoje. A mansão tinha oito quartos e dez banheiros, um salão de festas, uma piscina e uma fonte com estátuas de sereia, uma sala de cinema e uma biblioteca cheia de livros com espinhos brancos e uma cozinha com dois fornos. A sala da frente era do

tamanho da maioria dos apartamentos de Nova York e estava completamente vazia, exceto por um candelabro grande o suficiente para ganhar senciência e duas escadas amplas até o segundo andar, caso você quisesse subir uma e descer outra. Coisas que você não esperava revestir em ouro eram revestidas em ouro. Os pisos eram feitos de mármore que já havia sido famoso em algum lugar ou coberto de madeira de árvores que agora estavam em perigo.

Era difícil dizer quanto tempo Hennessy estava morando lá. Propriedades como essas, de propriedade de investidores ou príncipes sauditas ou algo assim, poderiam ficar vazias por anos.

Eles – Myrtle, Pick e outro Jeff, Jeff Robinson – entraram pela sala de bilhar com paredes de vidro. Pick, que parecia bem versado na arte de arrombar e entrar, trouxera um grande adesivo de decalque de janela para publicidade em motosserras. Ele o afixou em um dos grandes painéis de vidro e depois o perfurou. O som tinha sido notável principalmente em sua falta de dignidade – apenas um som opaco e arenoso, nada que alertasse para uma casa sendo invadida.

— Viu — sussurrou Pick enquanto tirava o decalque com sua nova crosta de vidro quebrado — Eu te disse, sem alarmes. Hennessy não quer a polícia aqui.

Eles fizeram um balanço de algo que parecia ser uma enorme e grande sala de estar. Uma parede de portas francesas dava para um pátio de pedra onde uma mulher de bronze disparava uma flecha diretamente no céu. A sala estava decorada com um delicado sofá adornado e duas cadeiras apontadas para a lareira esculpida, um tapete persa de valor inestimável, várias pinturas abstratas, uma schefflera envasada de dois metros de altura e um brilhante supercarro Lexus amarelo estacionado como se tivesse entrado do pátio para desfrutar da lareira. Um prato de papel com uma meia fatia de pizza congelada estava no capô do carro; um cigarro foi apagado no queijo extra. Esses três objetos finais forneciam a maior parte do odor de exaustão, fumaça e molho marinara da sala.

Apesar de todo esse excesso, o verdadeiro ponto focal era uma cópia perfeita da obra-prima de Sargent, *Madame X*, que se apoiava em um cavalete substancial. O piso de mármore branco e preto abaixo dele era um universo de constelações de tinta e listras de cometa. Era uma distração. A mulher do retrato era quase tão alta quanto Myrtle e se elevava graciosamente, uma mão juntando a maior parte do vestido de cetim preto. Seu cabelo era vermelho escuro, sua pele tão pálida que era quase azul. Uma assinatura foi pintada no

canto inferior direito: *JOHN S. SARGENT 1884.*

A pintura era absolutamente perfeita, exceto pelos buracos de balas enrugados sobre a sobrancelha delicada e a orelha corada.

— Que doente — disse Pick.

Myrtle tinha ouvido falar de Hennessy antes da festa no TJ Sharma. Hennessy era a melhor falsificadora da costa leste. Muito cara para cópias comuns, mas, como evidenciado pela cópia perfeita de *Madame X*, a pessoa que você queria se tentasse vender um trabalho de alta qualidade falso a um comprador estrangeiro crédulo e com recursos financeiros para decorar sua nova mansão. E lá ela – *ela*, que o ensinaria a fazer suposições – estava naquela festa de Sharma. Mundo pequeno. Acho que soube quando Feinman deixaria seu caixão para caminhar entre os mortais que se movimentavam. Ele ficou surpreso que Feinman recusou o pedido de Hennessy para entrar no Mercado das Fadas; Hennessy era claramente mais do que qualificada para o trabalho. Ele recebeu um convite, afinal, e o que ele era senão um traficante?

Era fácil segui-la até em casa e encaixar a junta. Ele não teria problemas em obter um bom preço por suas falsificações no mercado em que ela não podia entrar.

Quando a vida distribuía limões, fazia sentido *alguém* fazer uma limonada.

— Vamos nos espalhar — disse Myrtle em voz baixa — Procurem as coisas mais caras.

— Eletrônicos? — Pick perguntou.

Isso era o que acontecia quando se saia com criminosos.

— Se é isso que você quer fazer. Vamos nos encontrar na piscina.

Robinson espiou dentro do Lexus. Ele perguntou:

— E se Hennessy aparecer?

— Um carro saiu hoje de manhã — disse Myrtle — Hennessy estava nele.

Pick produziu um pote de plástico com amarras da mesma bolsa que produziu o adesivo.

— E se houver mais alguém, apenas amarre-os.

Myrtle ficou novamente impressionado com suas credenciais criminais.

— Certo. Certo. Ninguém vai chamar a polícia, então fiquem quietos.

Eles se espalharam.

Cada quarto estava cheio de pinturas. Difícil dizer se eram de Hennessy ou originais.

Algumas delas ele reconheceu – Mondrian, Waterhouse, Ruysch, Hockney, Sandys, Stanhope. Falsificações? Impressões de alta qualidade? Originais? Em uma casa como essa, elas poderiam ser.

Ele começou a pegar tudo o que via, fazendo várias viagens para empilhar as molduras perto da porta.

Myrtle descobriu o espaço de trabalho de Hennessy em uma das alas. A luz estava acesa, embora estivesse vazia. O teto era alto e coroado com outro lustre enorme. Uma cabeceira e um apoio para os pés estavam encostados na parede atrás de rolos de lona, molduras vazias de ouro e macas de lona. Documentos do governo, talões de cheques, passaportes e envelopes cobriam uma escrivaninha. Um computador estava no chão ao lado, o teclado puxado o suficiente na sala para correr o risco de ser pisado ao entrar. Em todos os outros lugares havia tinta, lápis, papel, livros, pinturas, desenhos. Ele viu *As filhas de Edward Darley Boit* de Sargent, *As irmãs* de Abbott Thayer, *Para o soldado britânico desconhecido na França* de William Orpen – mas elas certamente eram para a própria satisfação de Hennessy, sendo muito conhecidas para serem consideradas originais.

Um retrato impressionante ocupou o centro do local. O conteúdo era uma adorável mulher de cabelos dourados, vestindo uma jaqueta masculina; ela olhou cautelosamente para o espectador. Ele não gostava de arte figurativa, mas o fazia sentir as coisas em seus membros. Membros que ele ainda não havia descoberto. Sentimentos em várias membros.

— O truque é comprar tantas pinturas velhas de merda quanto possível, e então você trabalha por cima delas. Você está fodido se eles radiografarem, é claro, mas para os olhos casuais, a beleza não profissional, tudo que o apostador vê é o painel velho e surrado, e eles estão lá com você. Dê às pessoas o que elas querem, é só isso.

Myrtle virou-se lentamente.

Hennessy estava na porta da sala.

Ela se trocou desde que saiu do carro. Seu cabelo crespo estava agora preso em um topete preto e esfarrapado. Ela usava óculos escuros, casaco de pele de coelho, um bralette de renda branco contra a pele escura e perneiras de couro que expunham uma tatuagem de escama de peixe na panturrilha inferior. Mais tatuagens em tons pastel cobriam as juntas dos dedos, que também estavam manchadas de tinta. Ele ainda não sabia dizer quantos anos ela tinha. Ela poderia ter vinte e cinco anos. Ela poderia ter dezessete anos.

— As falsificações mais bem-sucedidas mudam o mínimo possível —

disse Hennessy, acendendo um cigarro. Ela tinha um rosto que parecia estar sorrindo, mesmo que ela não estivesse sorrindo — Você segue as regras noventa e nove por cento do tempo, as pessoas não percebem o que você não percebe. Mil pequenas mentiras, amigo, é assim que se faz, não uma grande mentira. Um novo Van Gogh? Ninguém acredita. Mas eles vão comprar um Henry Tonks extraviado. Um novo Monet? Improvável. Mas um Philip Guston? Dinheiro para o jantar. Conselho? Ninguém vai comprar esse Degas que você está segurando.

Myrtle não havia se preparado para essa cena. Ele procurou uma resposta dentro de si e encontrou apenas raiva. Era o jeito que ela não tinha medo. Era o jeito que ela não tinha gritado. Isso o deixou furioso. Sua mãe sempre o alertou que ele era uma pessoa zangada e talvez fosse verdade, porque ele sentia sua raiva se multiplicando. Triplicando, quadruplicando.

Ele largou o Degas e tirou uma faca.

— Sua putinha. Você não fala comigo assim.

Hennessy bateu cinzas no chão.

— Você não se infiltra nas casas das pessoas como se fosse um filho da mãe impossível, e ainda assim aqui estamos.

Um grito veio de outro lugar da mansão. Era difícil dizer que idade ou sexo da pessoa o produziu. Não parecia interessar Hennessy.

Myrtle se jogou nela. Ele não era ruim com uma faca e sua raiva nuclear emprestava superpoderes. Hennessy se afastou do caminho enquanto seus sapatos perdiam tração no tapete largo. Quando ele caiu de bunda, a raiva inflamada passou ao ódio puro. Ele não machucava ninguém há vários anos, mas agora só conseguia imaginar como seria cravar as unhas na pele dela.

Houve outro grito. Vítima desconhecida, cena do crime desconhecida.

Ele ficou de pé para procurá-la novamente enquanto ela ficava ali fumando ao lado de um nu semi-acabado.

— Pare — disse uma voz atrás dele. Algo frio e contagioso fez cócegas na pele sob sua orelha — A menos que você queira estar lambendo a bagunça do seu cérebro.

Ele parou.

— Por que você não entrega essa faca para Hennessy?

Ele a entregou a Hennessy, que a colocou em um jarro aberto de tinta.

— Jordan — disse Hennessy — Você levou uma eternidade para chegar aqui.

A voz ligada à arma respondeu:

— Acidente na 495.

A recém-chegada entrou em seu ponto de vista. A primeira coisa que viu foi a arma, agora apontando para o rosto, um Walther com a palavra *D!PLOMACIA* afiada no cano. A segunda coisa que ele viu foi a pessoa segurando.

Ela era gêmea; ela tinha que ser. Ela se parecia com Hennessy – mesmo cabelo, mesmo rosto, mesmo piercing no nariz, mesmas tatuagens. Ela também se movia como ela, cinética, confiante, ocupando espaço onde não havia espaço para se ter, toda músculo, força e desafio de ranger os dentes.

Ele também a odiava.

— Agora, quem é a putinha? — Hennessy perguntou, da mesma maneira preguiçosa e branda.

Ele a chamou de uma palavra ofensiva que começava com um *P* e não era *persistente*.

— Não seja um estereótipo — disse Hennessy. Ela apagou o cigarro na careca dele e, quando ele terminou de gritar, a gêmea com a arma disse: — Vamos dar uma pequena caminhada até a porta e nunca mais quero vê-lo novamente.

Juntos, os três caminharam pelo longo corredor, passaram pela coleção de pinturas que estivera reunindo e depois até a porta com o vidro quebrado.

Pick ficou ao lado, tremendo e se segurando. O sangue cobria metade do rosto, embora fosse difícil dizer de onde vinha. Robinson agachou-se com uma variedade de dentes, presumivelmente dele, em concha na palma da mão.

Três outras garotas estavam nas sombras cinzentas da manhã. A luz era fraca, mas para Myrtle parecia que elas também se pareciam muito com Hennessy. No mínimo, todas elas se pareciam com ela, como se quisessem te foder nos dois sentidos.

A chamada Jordan vasculhou os bolsos de Myrtle e pegou sua carteira.

— Minha mente é como uma peneira — disse ela. A simpatia brilhante de sua voz quando ela tirou uma foto de sua identidade foi uma das coisas mais ameaçadoras que ele já ouviu

— Não gostaria de esquecer. Ah, ei esperem.

Ela tirou o convite do Mercado das Fadas da carteira dele.

— Tem o meu nome — disse ele.

Hennessy riu, como se esse fosse o detalhe menos importante.

— Você vai se arrepender — disse ele enquanto Jordan o entregava a

uma das outras garotas e desaparecia.

— Eu não acho que vou, amigo — respondeu Jordan.

Hennessy sorriu amplamente para Myrtle, com a boca larga o suficiente para engolir o planeta.

— Obrigada pela dança.

CAPÍTULO 10

Ronan andou por horas.

A princípio, ele não caminhou para lugar nenhum, apenas um pé na frente do outro, olhos nas botas, botas nas folhas, folhas de árvores estrangeiras que não o conheciam e nem se importavam. Ele mudava de curso apenas quando uma passarela se transformava, quando um edifício se aproximava, quando o muro da Harvard Yard proibia-o e fazia-o voltar.

Eventualmente, ele se viu andando em um labirinto em um pátio isolado fora da Faculdade Divinity. Alguns labirintos tinham paredes de pedra ou arbustos; este era apenas um padrão de cérebro embutido nas pedras do pátio. Pode-se sair do caminho do círculo mais externo para o mais interno a qualquer momento. A única coisa que mantinha alguém nesse labirinto eram os próprios pés.

Ele conduziu o labirinto até o centro, depois se retirou, depois retornou e depois se retirou.

Ele não pensou, porque se pensasse, pensaria que em algum lugar Adam estava se explicando ao seu procurador e Deus sabia quem mais.

Ele apenas andou.

Ele apenas andou.

Ele apenas andou.

Se ele tivesse um carro, ele teria entrado nele e dirigido. Para onde? Qualquer lugar. O mais rápido possível.

Você vê como o jogo fica mais difícil quanto mais pedras são jogadas. Quanto mais apertada a espiral gira.

Declan ligou em algum momento.

— Eu disse para você mandar uma mensagem de manhã. As regras disso eram muito simples.

Ronan testou sua voz, achou que estava falhando e depois tentou novamente. Funcionou desta vez, embora ele não achasse que soava particularmente como ele mesmo. Disse a Declan: — Eu arruinei o dormitório dele.

Houve um silêncio e, em seguida, Declan disse:

— Vou ligar para Adam.

Ronan continuou andando pelo labirinto. Em algum lugar alguém tocava uma única trompa francesa comovente muito, muito bem. Era muito mais audível do que os sons murmurados do tráfego do dia.

Ele se sentou no centro do labirinto. Abaixou a cabeça nas pernas. Cruzou as mãos na nuca. Foi assim que Adam o encontrou algum tempo depois. Ele se sentou atrás de Ronan para que eles estivessem de costas no centro do labirinto.

— Declan pegou os caranguejos — disse Adam.

Ronan não disse nada.

— Ele me disse para colocar a culpa toda em você — disse Adam.

Ronan não disse nada.

— Eu disse a eles… — Adam hesitou — Eu disse a eles que você ficou bêbado. Me desculpe eu...

— Bom — disse Ronan. *Perdedor bêbado destrói dormitório*. — Bom. Foi minha culpa. Eu não ligo para o que eles pensam de mim. Não é importante o que eles pensam de mim. Você está em apuros?

— É claro — Era impossível dizer como Adam se sentia sobre isso sem ver seu rosto. Ele era o mais preciso e remoto — Eu tenho que consertar. Fletcher teve que atestar que foi você, e não eu. E não estou autorizado a ter você aqui de novo. Eles me fizeram assinar algo dizendo que você não viria para o campus.

O tocador de trompa francesa lamentou para baixo antes de subir em espiral novamente.

— Eu vou pagar por isso — disse Ronan. Seu pai havia lhe deixado dinheiro e ele nunca o tocou. Em que ele gastaria dinheiro quando podia sonhar com qualquer coisa que precisasse?

Tudo, exceto uma vida aqui.

Adam se virou. Ronan também se virou e eles se sentaram de frente para o outro no centro do labirinto. Adam enxugou uma lágrima do olho direito de Ronan. Ele mostrou o dedo para Ronan. Brilhava com a única lágrima. Então ele estendeu a mão e limpou a lágrima do olho esquerdo de Ronan. Ele mostrou esse dedo para Ronan também.

Estava manchado de preto e escuro.

Lavagem da noite.

— Isso não vai funcionar, Ronan — disse Adam.

Ronan já sabia disso. Ele sabia disso porque sabia que era tarde o suficiente para ver um dos apartamentos e Declan não havia ligado novamente. Ele sabia que isso significava que Declan havia cancelado os compromissos. Ele sabia que tinha acabado porque Adam havia assinado um pedaço de papel dizendo que Ronan não o visitaria no campus. Ele sabia que

isso significava que Ronan voltaria a esperar no Barns por ele.

Parecia que a tristeza era como radiação, como a quantidade de tempo entre as exposições era irrelevante, como se você tivesse uma insígnia que acabou sendo preenchida por uma vida inteira e que acabou matando você.

Adam Parrish e o Clube do Choro.

— *Nós* ainda estamos bem — disse Adam — Isso não é sobre nós.

Existe alguma versão sua que possa vir comigo para Cambridge?

Não.

Adam continuou.

— Eu não estou preso aqui no campus. Ainda posso ir até você nos feriados.

Ronan observou uma folha deslizando ao longo do labirinto, correndo sem esforço do anel externo para o interior antes de se juntar a várias outras. Elas se amontoaram e tremeram com a brisa por um momento antes de correrem para algum lugar juntas.

— Diga-me para ir para uma faculdade mais perto de você e eu irei — disse Adam às pressas, as palavras empilhadas — Apenas diga.

Ronan pressionou o calcanhar da mão contra o olho, verificando a lavagem da noite, mas ainda não estava ruim.

— Eu não sou um idiota tão grande assim.

— Ah, você é — disse Adam, buscando algum humor. Falhando — Apenas não sobre isso.

A trompa francesa ficou em silêncio e tudo o que restou foi o som da cidade que lentamente mataria Ronan se ele deixasse. Ele se levantou.

Tinha acabado.

Você é feito de sonhos e este mundo não é para você.

CAPÍTULO 11

7:07: ACORDA , CUZÃO. VOCÊ ESTÁ VIVO.

Ronan estava acordado.

Ele olhou para uma lista escrita em letra escura e apertada e colou na parede inclinada de gesso acima de sua cama de infância no Barns. Depois que ele não respondeu a nenhuma mensagem ou telefonema por quatro dias após Cambridge, Declan fez uma visita surpresa e encontrou o irmão Lynch do meio na cama comendo feijão cozido com o mesmo jeans que ele usara na viagem.

Você precisa de uma rotina, exigiu Declan.

Eu tenho uma rotina.

Eu pensei que você tivesse dito que nunca mentia.

7:15: SE VISTA E RASPE ESSA LINDA CABEÇA CARECA.

Fazia muito tempo desde que Ronan recebera uma palestra adequada de Declan. Depois que o pai deles morreu, Declan se tornou legalmente responsável por seus irmãos até que eles completassem dezoito anos. Ele atormentava Ronan constantemente: não mate aula, Ronan. Não leve outra multa, Ronan. Não fique de fora até tarde com Gansey, Ronan. Não use meias sujas duas vezes seguidas, Ronan. Não xingue, Ronan. Não beba até cair, Ronan. Não saia com aqueles perdedores, Ronan. Não se mate, Ronan. Não use um nó duplo de Windsor com esse colarinho, Ronan.

Escreva sua rotina, Ronan. Agora. Enquanto eu estou olhando. Eu quero ver.

7:45: A REFEIÇÃO MAIS IMPORTANTE DO DIA.

8: 00: ALIMENTE OS ANIMAIS.

9: 30: ARRUME CELEIROS OU CASA.

12: 00: ALMOÇE NO POSTO DE GASOLINA ESTRANHO.

13: 30: O MARAVILHOSO EMPÓRIO DOS SONHOS DE RONAN LYNCH.

O que isso significa, Ronan?

Isso significava que a prática leva à perfeição. Isso significava dez mil horas para se aperfeiçoar; se, a princípio, você não obtém sucesso, não há tentativa apenas por fazer. Ronan passou horas no último ano sonhando com objetos cada vez mais complexos e precisos, culminando em um intrincado sistema de segurança que tornava praticamente impossível encontrar o Barns, a menos que você soubesse exatamente para onde estava indo. Depois de Cambridge, no entanto, parecia que toda a diversão havia acabado.

Não pergunto o que você *faz no trabalho, Declan.*

18: 00: DIRIJA POR AÍ.

19:15: ARRUME ALGUM JANTAR, CARA.

19:30: HORA DO FILME.

23:00: MANDE MENSAGEM PARA PARRISH.

O texto mais recente de Adam dizia simplesmente: *$4200*.

Era o valor que Ronan tinha que enviar para cobrir os reparos no dormitório.

*23:30: VAI DORMIR.

*SÁBADO/DOMINGO: IGREJA/DC.

*SEGUNDA-FEIRA: LAVANDERIA & MERCADO.

*TERÇA-FEIRA: MANDE MENSAGEM OU LIGUE PARA GANSEY.

Esses últimos itens da lista estavam na letra de Declan, seus adendos sugerindo sutilmente todos os componentes de uma vida adulta satisfatória que Ronan tinha esquecido ao elaborá-lo. Eles só serviram para deprimir Ronan mais. Veja como cada semana é a mesma, anunciou a rotina. Veja como você pode prever as próximas quarenta e oito horas, setenta e duas horas, noventa e seis horas, veja como você pode prever o resto de sua vida.

A palavra *rotina* deprimia Ronan. A mesmice. Foda-se tudo.

Gansey mandou uma mensagem: *Declan me disse para pedir para você sair da cama.*

Ronan respondeu: *por que?*

Ele observou a luz da manhã se mover sobre as variadas formas cinza-preto em seu quarto. Prateleiras de modelos de carros; uma caixa aberta de tubos; uma velha mesa arranhada com uma baleia empalhada; uma árvore de metal com galhos maravilhosamente intrincados; montes de roupa enrolados em torno de aparas de madeira vermelho-beterraba.

Gansey mandou uma mensagem de texto: *Não me faça entrar em um avião. Atualmente, estou acorrentado a uma das maiores nogueiras negras de Oregon.*

Com um suspiro, Ronan tirou uma foto do cotovelo dobrado para parecer uma bunda, mandou uma mensagem de texto e se levantou. No final do ano, as manhãs eram escuras, mas ele não se deu ao trabalho de acender as luzes enquanto preparava o café da manhã e conseguia suprimentos para o trabalho. Ele podia navegar na casa da fazenda no breu. Seus dedos conheciam o formato das paredes e os pés conheciam o rangido das tábuas do assoalho e o nariz conhecia a fumaça de lenha ou os aromas de limão dos

aposentos, todos memorizados como uma música de um instrumento. A casa continha a maior parte de suas memórias de infância, o que talvez a tornasse um lugar miserável para os outros. Mas, para Ronan, os celeiros sempre pareceram como um dos poucos membros da família sobreviventes.

Se ele estava preso pelas circunstâncias, ele pensou, pelo menos havia lugares piores que o Barns.

Lá fora, a névoa estava espessa e lenta através dos campos polidos. Longas sombras roxas caíam atrás dos vários anexos, mas os lados do sol estavam tão iluminados que ele teve que desviar o olhar. Ao atravessar os campos inclinados, com o orvalho encharcando as pernas, ele sentiu seu humor melhorar. Engraçado, pensou Ronan, o quão triste era uma casa vazia e o quão preferível era uma paisagem vazia.

Enquanto ele seguia seu caminho, criaturas que desafiavam a existência rastejavam pela grama alta atrás dele, algumas mais preocupantes em proporção do que outras. Ele amava sua estranha coleção de animais selvagens: seus veados e vagalumes, seus monstros matinais e seus pássaros das sombras, seus ratos pálidos e pequenos dragões peludos.

Eticamente, ele não tinha certeza se eles eram permitidos. Se você pudesse sonhar com uma vida do nada, deveria? Nos dias de semana, ele cedia ao impulso de aumentar seus estranhos rebanhos. Nos fins de semana, ele passava a missa pedindo perdão a Deus por sua arrogância.

Naquela manhã, no entanto, ele estava a caminho das criaturas sonhadas por outra pessoa. O gado generosamente colorido de seu pai era morador permanente dos celeiros, montes cobertos de orvalho de chocolate, castanho, preto, dourado, osso, castanha, granito. Como todas as coisas dos sonhos, eles não podiam ficar acordados sem o seu sonhador, e estavam dormindo desde que Niall morreu. Era um destino que Ronan tinha que aceitar que também aconteceria com todas as suas próprias criaturas.

De repente, Ronan foi envolvido por uma nuvem de carvão fedorento. Músculos enrolaram e o atiraram no ar antes que ele percebesse o que era.

— Gasolina — ele retrucou, mais irritado do que poderia estar porque sabia que tinha parecido estúpido — É melhor você não ir longe.

Gasolina era uma criatura onírica que era mais legal na teoria do que na prática – um enorme javali do tamanho de uma minivan, com olhos pequenos e inteligentes e cabelos metálicos. Se galopasse em superfícies duras, faíscas saíam de seus cascos. Se era surpreendida, dissipava-se em uma nuvem de fumaça. Quando gritava, parecia um pássaro. Também não tinha órgãos

genitais. Isso não parecia um recurso memorável para a sua criação, mas depois que você notava sua ausência, não conseguia mais parar.

A fumaça fedorenta soltou um estrondo claramente aviário antes de se dissipar.

Ronan abanou o resto enquanto se ajoelhava ao lado de uma das vacas adormecidas de seu pai, um delicado espécime cinza manchado com um chifre torto. Ele deu um tapinha em seu ombro macio e quente.

— Eu reservei o seu voo. Você ganhou uma janela e um corredor.

Ele desdobrou um objeto de sonho que trouxera da casa – um cobertor que parecia ser tricotado com folhas de outono, do tamanho de uma toalha de mesa – e o espalhou pelos ombros dela, ficando na ponta dos pés para jogá-lo. Ele procurou a borda até encontrar o cordão oculto que tinha vindo que ele lembrava do sonho. Estava escondido embaixo de uma maneira que machucava sua mente lógica ao pensar demais, então ele não pensou. Ele apenas puxou-o para baixo e para baixo, e observou o cobertor *apertar* até que ele não aguentou mais olhar para ele, porque seu movimento não fazia sentido lógico. Era melhor não olhar diretamente para alguns dos sonhos. Havia muitos contos populares sobre bruxos e videntes enlouquecendo com a magia, e era verdade que alguns dos sonhos pareciam mais de quebrar o cérebro do que outros. O cobertor de folhas era um deles.

Ronan deu três pequenos puxões no cordão e, como no sonho que o criou, o cobertor começou a flutuar, levando a vaca com ele. Agora Ronan tinha uma vaca em um barbante.

Um balão de vaca. Um dirigível bovino. Na parte de trás de sua cabeça, ele pensou que poderia passar o inverno tentando novamente sonhar algo que despertasse os sonhos de um sonhador morto, uma tarefa que seria mais agradável no celeiro longo e climatizado. Ele só precisava de um dispositivo de transporte de vacas.

Ele ficou satisfeito com o funcionamento do dispositivo de transporte de vacas, mesmo que não estivesse convencido de que teria mais sorte em acordar as vacas do que nos últimos meses.

De repente, ele se perguntou se esse outro sonhador, Bryde, poderia saber como acordar os sonhos de outro sonhador.

Isso seria algo que fazia o jogo de Bryde valer a pena.

— *Kerah*! — Um grito veio de cima. Ele inclinou a cabeça para trás no momento em que um pássaro preto assassino desceu sobre ele.

Era Motosserra, uma de suas mais antigas criaturas oníricas. Ela era uma

corvo e, como Ronan, todas as partes que a tornavam interessante estavam escondidas do olhar casual.

Ele estendeu a mão para ela, mas ela apenas grasnou e cagou a alguns centímetros do ombro dele enquanto circulava a vaca flutuante.

— Pirralha!

— *Krek*! — Motosserra cuspiu. Seu vocabulário inventado geralmente tinha espaço para extremos: coisas que ela gostava muito (*kerah*, que era Ronan) ou coisas que ela odiava (*krek-krek*), uma forma enfática de *krek*, sua palavra para *sonhar*, referia-se a algo específico e odiado. Opal, o outro psicopompo de Ronan). *Lanche* também era uma boa palavra, já em forma de corvo. *Atom* também, que era quase reconhecível como Adam se você estivesse ouvindo atentamente.

— Sim — disse Ronan — Vamos lá, se você estiver vindo.

Ele começou a andar com seu balão de vaca até o celeiro, mantendo-o bem firme. Ele não achava que o cobertor pararia de subir se ele soltasse, e ele não estava emocionado com a ideia da vaca indo para o espaço.

Quando ele chegou ao celeiro, seu telefone tocou. Ele o ignorou enquanto fazia um pequeno assobio na porta até que ela destrancou. Ele teve um momento ruim quando percebeu que a vaca nunca passaria por sua entrada comum e teve que amarrá-la à maçaneta da porta para entrar e abrir a porta deslizante maior.

O telefone tocou novamente. Ele ignorou.

Lá dentro, o celeiro estava repleto de criações dos seus sonhos – máquinas impressionantes, criaturas esquisitas, clima sobrenatural armazenado sob lonas e batimentos cardíacos contidos em bulbos de vidro – a bagunça que não aderia a nenhum sistema além do seu. Ele rapidamente limpou uma área do tamanho de uma vaca em frente à porta deslizante.

O telefone tocou novamente. Ele ignorou.

Ronan rebocou a vaca ainda flutuante, com cuidado para não bater a cabeça na porta. Ele torceu o nariz. Algo cheirava mal por aqui.

Seu telefone tocou, tocou, tocou.

— Droga — Ronan comentou para Motosserra, que voou habilmente para o celeiro sem tocar uma pena contra qualquer um dos objetos. Segurando a trela da vaca com uma mão, ele atendeu o telefone — Declan? Estou tentando fodidamente rebocar uma vaca.

— Acabei de ter uma conferência de pais e professores muito preocupante. Eu preciso de você aqui em cima.

Isso não fez imediatamente sentido para Ronan, pois ele não tinha pais nem professores em sua vida. Então ele resolveu dar um passo cuidadoso no celeiro, a vaca balançando atrás.

— Matthew?

— Quem mais? — Perguntou Declan — Você tem outro irmão que você sonhou que está fazendo merda?

Um sonhador, um sonho, e Declan: eram os irmãos Lynch.

Motosserra era um sonho antigo de Ronan, mas Matthew era mais velho. Um acidente.

Ronan era criança. Ele nem tinha percebido isso na época; ele acabara de aceitar a nova presença de um irmãozinho surpresa que, ao contrário de Declan, quase sempre era feliz.

Ele o amou imediatamente. Todo mundo amava Matthew de imediato. Ronan não gostava de pensar nisso, mas era possível que essa amabilidade tivesse sido sonhada com ele.

Aqui estava a razão pela qual o jogo de Bryde valeria a pena se ele soubesse acordar os sonhos dos sonhadores mortos: Matthew iria dormir com o resto dos sonhos de Ronan se Ronan morresse.

Não havia tempo de confissão suficiente na Igreja Católica para fazer Ronan se sentir bem com o peso de sonhar outro ser humano.

Matthew não sabia que ele era um sonho.

— Tudo bem — disse Ronan. O cheiro horrível estava se formando; era quase preciso respirar pela boca — Eu...

Abruptamente, o cheiro desagradável tomou forma concreta quando Gasolina, o javali do tamanho de uma minivan, se materializou. Ronan foi derrubado. Seu telefone girou alegremente pelo cascalho e terra. A vaca voou no ar, a corda batendo como uma cauda de pipa.

Ronan soltou todos os palavrões que aprendeu. A vaca, de olhos fechados, inconsciente, inocente, vagou suavemente em direção ao sol.

— Motosserra! — Ronan gritou, embora não soubesse imediatamente quais palavras ele pensou que seguiriam aquela — O-o— *krek*!

Motosserra voou para fora do celeiro, circulando-o e grasnando alegremente.

— *Kerah*!

— Não! — Ele apontou para a vaca, que agora flutuava até o nível do telhado do celeiro

— O *krek*!

Motosserra se agitou para cima para circundar a vaca ascendente, olhando-a com curiosidade. Que jogo divertido, sugeriu sua linguagem corporal. Que vaca excelente, que decisões fortes ela tomou esta manhã, que prazer que voava assim. Com vários grasnados alegres, ela se aproximou antes de voltar de brincadeira.

— Traga-me o *krek*! Há um cookie nele para você! Snack! Carne! — Ronan ofereceu tudo em seu potencial arsenal de doces — Bolo! Queijo!

Vaca e corvo pareciam cada vez menores quando subiam.

— Lixo! — Ronan ofereceu desesperadamente, a única coisa que Motosserra sempre desejava desesperadamente e não podia ter.

Motosserra prendeu garras no cordão.

Por um segundo, Ronan ficou preocupado que a levitação do cobertor fosse mais pesada que o corvo. Mas então Motosserra avançou, batendo um pouco mais vigorosamente do que o habitual enquanto ela rebocava com firmeza. Ele estendeu a mão para ela em apoio. No final, houve mais alguns momentos preocupantes enquanto ele se preocupava que ela soltasse a corda antes que ele pudesse alcançá-la – Motosserra podia ser uma desistente – mas o cordão estava em sua mão e ele rebocou a vaca para dentro do celeiro.

Sacudindo o canivete, ele cortou o cobertor da vaca. Ela caiu os últimos centímetros no chão de terra.

Finalmente, ele se deixou aliviar.

Sem fôlego, ele chutou a tampa da lata de lixo de metal para cumprir sua promessa à Motosserra e depois caminhou até o telefone caído. O identificador de chamadas ainda mostrava uma chamada ativa com LYNCH BBK.

Ronan colocou-o no ombro.

— Você ainda está aí? Eu estava...

— Eu não quero saber — disse Declan — Venha aqui quando puder.

CAPÍULO 12

Declan Lynch era um mentiroso.

Ele havia sido um mentiroso a vida inteira. Mentiras vinham até ele fluidamente, facilmente, instintivamente. O que seu pai faz para viver? Ele vende carros esportivos de alta qualidade no verão, seguros de vida no inverno. Ele é anestesista. Ele faz consultoria financeira para divorciados. Ele trabalha com publicidade para empresas internacionais nos mercados de língua inglesa. Ele está no FBI. Onde ele conheceu sua mãe? Eles estavam no anuário juntos no ensino médio. Eles se encontraram através de amigos. Ela tirou a foto dele na feira do condado, disse que queria manter o sorriso dele para sempre. Por que Ronan não pode dormir na casa dos amigos? Ele é sonâmbulo. Uma vez ele saiu para a estrada e meu pai teve que convencer um caminhoneiro que havia parado antes de bater nele que ele era realmente seu filho. Como sua mãe morreu? Hemorragia cerebral. Raro. Genético. Passa de mãe para filha, o que é a única coisa boa, porque ela só teve filhos. Como vai você? Bem. Bom. Ótimo.

A certa altura, a verdade parecia pior. A verdade era um funeral de caixão fechado, com a presença de seus parentes vivos, Mentiras, Segurança e Segredos.

Ele mentia para todo mundo. Ele mentia para suas amantes, seus amigos, seus irmãos.

Bem.

Mais frequentemente, ele simplesmente não dizia a verdade a seus irmãos.

— É sempre tão bom aqui — disse Matthew, saindo do carro, os sapatos esmagando o cascalho.

Os três irmãos estavam no lado da Virgínia de Great Falls, um parque nacional densamente arborizado a apenas alguns quilômetros da casa de Declan. A atração contou com uma agradável caminhada ao longo de um canal histórico e a oportunidade de testemunhar o Potomac segurando o nariz e pulando uma saliência de dezoito pés enquanto passava agitada da Virgínia Ocidental até o Atlântico. O céu pendia baixo, desgrenhado e cinza, intensificando as cores do final do outono. Tudo cheirava ao cheiro nostálgico e enfumaçado de folhas mortas de carvalho. Era agradável, principalmente se você nunca esteve lá.

Declan esteve lá muitas e muitas vezes.

— Eu sempre gostei de vir — mentiu Declan.

— É uma feira normal — disse Ronan, batendo a porta do passageiro. *Por que fechar alguma coisa*, parecia ser o seu lema, *quando você pode bater nela*. O desastre de Harvard o empurrou profundamente para um humor negro. Nem sempre era fácil dizer o quão ruim era com ele, mas Declan havia se tornado um conhecedor do humor de Ronan. Bater significava que o coração ainda estava bombeando sangue. Silêncio significava perigo moldado lentamente em suas veias. Declan tinha medo da ideia de um Ronan que se mudasse para Cambridge. Agora ele tinha medo de um Ronan que não podia ir.

Declan pensou, havia tantas coisas malditas para se temer.

— Meu carro não fez nada para você — disse Declan suavemente, fechando a porta — Matthew, a bolsa.

Matthew pegou a sacola de burritos. Ele estava de ótimo humor. Ele estava sempre de bom humor, é claro – era isso que significava ser Matthew – mas ele estava de humor melhor ainda quando tinha permissão para vir a Great Falls. Ele viria todos os dias, se pudesse, um fato que Declan descobrira mais cedo naquele verão. Ele levava a sério seu papel de pai substituto. Ele lia artigos sobre disciplina, motivação, apoio. Ele estabelecia toque de recolher, consequências forçadas e servia como conselheiro mais do que como amigo. Sua promoção para guardião legal significava que ele não podia mais ser apenas um irmão. Ele tinha que ser a lei. Isso significava que ele tinha sido bastante rigoroso com Ronan depois que seus pais morreram. Com Matthew, no entanto – bem, Matthew ficou tão feliz que Declan descobriu que faria qualquer coisa para mantê-lo assim. Naquele verão, no entanto, ele havia pedido para vir dia após dia até que Declan, pela primeira vez, teve que recusar.

Declan achou que ainda se sentia pior por essa conversa do que Matthew.

— Me dê meu burrito — disse Ronan — Estou com tanta fome que poderia comer duas vezes.

Estava claro para Declan que Ronan não estava remotamente disposto a brincar, mas ele também faria qualquer coisa para deixar Matthew feliz.

E funcionou. Matthew explodiu em sua risada fácil e contagiante enquanto ele batia em um chapéu feio. Ele tinha um senso de moda medonho. O garoto era todo o motivo pelo qual os uniformes escolares haviam sido inventados.

— Meu chapéu de caminhada — disse ele, como se a trilha plana e bem

cuidada pudesse ser interpretada como algo mais grave do que um passeio.

Eles andaram. Eles comeram – bem, Ronan e Matthew comeram. Ronan, em grandes mordidas de lobos. Matthew, com o prazer quase imperceptível de uma criança no Natal. Declan deixou o seu intocado porque não havia trazido um antiácido e seu estômago estava arruinado, como sempre. Os únicos sons eram seus passos e a corrida contínua das cataratas. Às vezes, folhas úmidas e amarelas caíam aqui ou ali, mais fundo nas árvores. Às vezes, poças no caminho tremiam como se houvesse chovido nelas, embora não houvesse sinal de chuva. Parecia selvagem. Escondido.

Declan cautelosamente entrou no tópico em questão.

— Seus professores dizem que você está sentado no telhado.

— Sim — disse Matthew alegremente.

— Ronan, Maria, mãe de *Deus*, mastigue um pouco antes que você engasgue — Para Matthew, Declan persistiu: — Eles disseram que você estava olhando para o rio.

— Sim — disse Matthew.

Ronan disse.

— Você não pode *ver* o rio da escola, Matthew.

Matthew riu disso, como se Ronan tivesse contado uma piada.

— Sim.

Declan não conseguiu sondar realmente as motivações da atração misteriosa de Matthew em direção ao rio, porque isso poderia levar Matthew a sua origem sonhada. Por que Declan reteve esse pedaço de verdade? Porque Matthew havia sido criado como humano por seus pais e parecia cruel tirá-lo dele agora. Porque Declan só podia lidar com um irmão em crise.

Porque ele era tão completamente treinado em segredos que tudo era um até provado o contrário ou roubado dele.

— Eles disseram que você continua saindo da aula — disse Declan — sem explicação.

Os professores de Matthew haviam dito isso e muito mais. Eles haviam explicado que amavam Matthew (uma afirmação desnecessária; como não amariam?), mas preocupavam-se com o fato de ele estar se perdendo. Os trabalhos eram entregues atrasados, as tarefas de arte esquecidas. Ele perdia o foco durante a discussão em classe. Ele pediu para usar o banheiro no meio do período e nunca mais voltou. Ele fora descoberto nas escadas não utilizadas, salas vazias, no telhado.

No telhado? Declan tinha ecoado, provando bílis. Ele sentiu que havia

vivido mil anos, todos eles infernais.

Ah, não assim, os professores se apressaram em explicar. *Apenas sentado. Apenas olhando. Para o rio, ele disse.*

— O que você vai fazer? — Matthew disse, com um encolher de ombros amável, como se seu comportamento fosse algo intrigante até para ele. E provavelmente era. Não era que ele fosse estúpido. Era mais que ele tinha uma ausência deliberada de ceticismo intelectual. Subproduto de ser um sonho? Deliberadamente sonhado com ele?

Declan odiava amar alguém que não era real.

Principalmente ele odiava Niall. Se ele tivesse se incomodado em ensinar a Ronan alguma maldita coisa sobre os sonhos, a vida pareceria muito diferente agora.

Matthew parecia ter aderido à ideia, no mínimo, de que ele estava incomodando seus irmãos, porque perguntou: — O que você quer que eu faça?

Declan trocou um olhar com Ronan atrás da cabeça de Matthew. O olhar de Ronan disse: *O que diabos você quer que eu faça?* e o olhar de Declan significava: *Este é muito mais o seu território do que o meu*.

Ronan disse:

— Mamãe gostaria que você fizesse um bom trabalho.

Por um breve momento, uma nuvem passou pela expressão de Matthew. Ronan era autorizado a invocar Aurora porque todos sabiam que Ronan a amava tanto quanto Matthew.

Declan, cujo amor cético era imperfeito, não podia.

— Eu estou tentando — disse Matthew.

O telefone de Ronan tocou. Ele o agarrou de uma só vez, o que significava que só poderia ser uma pessoa: Adam Parrish. Por alguns minutos, ele ouviu com muita atenção e, em voz baixa, muito baixa e muito pouco Ronan, disse: *Alter idem*, e desligou.

Declan achou tudo preocupante, mas Matthew apenas perguntou com uma curiosidade alegre: — Por que você não diz *eu te amo*?

Ronan rosnou:

— Por que você coloca seu burrito na camisa em vez de na boca?

Matthew, sem se importar com o tom, bateu com a mão um pouco da alface de suas roupas.

Declan tinha sentimentos complicados sobre o tema Adam Parrish. Não havia como Declan contar a um companheiro a verdade da família Lynch; era

perigoso demais para alguém descartável saber. Mas Adam sabia de tudo, tanto porque ele estava lá quando certas coisas tinham acontecido, como porque Ronan compartilhava tudo com ele. Então, teoricamente, o relacionamento era um elo fraco.

Mas Adam Parrish também era cauteloso, calculista, ambicioso, intensamente focado no jogo a longo prazo, portanto, uma boa influência. E só era preciso passar um minuto com os dois para ver que ele estava profundamente investido em Ronan. Então, teoricamente, Adam era mais positivo do que negativo no departamento de segurança.

A menos que ele deixasse Ronan.

Declan não sabia quanta complicação era muita complicação para Adam Parrish.

Não era como se Adam fosse a pessoa mais direta, também, mesmo que ele estivesse fingindo que era no momento.

Os irmãos Lynch alcançaram o ponto de vista favorito de Matthew, Overlook 1. O convés robusto e complexo se projetava em direção às cataratas, habilmente encaixado em torno de rochas maiores que os homens. Se alguém fosse menos ágil, poderia observar do parapeito. Se alguém fosse mais ágil, poderia subir as pedras para ter uma visão mais alta. Matthew sempre preferia escalar.

Hoje era o mesmo que todos os outros. Matthew pressionou a embalagem de burrito nas mãos de Declan. Seu chapéu feio caiu da cabeça, mas ele não pareceu notar quando escalou as rochas, ficando o mais alto que pôde, o mais perto que pôde.

Ele ficou paralisado.

O Potomac estava instável, rápido e largo por aqui enquanto arranhava as rochas. Apoiado no parapeito, Matthew fechou os olhos e respirou profundamente, como se estivesse sufocando até agora. Suas sobrancelhas liberaram uma tensão até então despercebida. Seus cachos de Adonis erguiam-se ao vento do rio, revelando não o perfil de uma criança, mas de um jovem.

— Matthew… — Declan começou, mas parou. Matthew não o ouvira. As quedas o prenderam.

Depois de muitos minutos, Ronan simplesmente respirou. *Porra.*

Era verdade que era sinistro – o irmão normalmente efervescente se transformou nesse príncipe encantado. Matthew não era propenso a introspecção; era bizarro ver seus olhos fechados e sua mente em outro lugar.

E piorou quanto mais os minutos se arrastaram. Cinco minutos, dez, quinze – parecia muito tempo esperando por ele, mas não estranho. Uma hora, duas, três – isso era outra coisa. Isso levantou os cabelos na parte de trás do seu pescoço.

Declan pensou, tornando-se mais óbvio o que ele realmente era, sua existência dependente de Ronan e talvez algo além disso. O que alimentava Ronan? O que havia alimentado Niall?

Algo relacionado a essa água em movimento.

Parecia apenas uma questão de tempo até Matthew descobrir.

Ronan aspirou ar pela boca e soltou lentamente pelo nariz, um gesto tão familiar de Ronan que Declan poderia tê-lo identificado apenas pelo som. Então Ronan perguntou: — O que é o Mercado das Fadas?

O estômago de Declan ouviu a pergunta antes de seu cérebro. Sentiu uma ansiedade quente.

Droga.

Seus pensamentos seguiram rapidamente o fluxograma de segredos, de mentiras. Como Ronan sabia fazer essa pergunta? Ele encontrou algo de Niall no Barns; alguém se aproximou dele; era o segredo deles em questão; o que Declan havia acionado quando ele telefonou, quando ele pegou a chave, quando ele foi para aquela casa em Boston enquanto Ronan se encontrava com Adam...

Declan disse suavemente:

— O quê?

— Não minta — disse Ronan — Estou muito puto para ouvir mentiras.

Declan olhou para o irmão mais novo. O irmão mais natural dos dois, mas não por muito.

Ele cresceu para se parecer exatamente com o pai deles. Ele não tinha os longos cachos de Niall e o charme efervescente de Niall, mas o nariz, a boca, as sobrancelhas, a postura, a inquietação fervilhante nos olhos, tudo o mais era o mesmo, como se Aurora não tivesse participado da transação. Ronan não era mais um garoto ou um adolescente. Ele estava se transformando em um homem, ou uma versão madura do que quer que ele fosse. Um sonhador.

Pare de protegê-lo, disse Declan a si mesmo. *Diga a verdade.*

Mas uma mentira parecia mais segura.

Ele sabia que Ronan estava falhando sozinho no Barns. A fazenda que ele adorava não era suficiente para ele. Seus irmãos não eram suficientes para ele. Adam também não era o suficiente para ele, mas Declan sabia que ele

ainda não havia chegado tão longe. Havia algo estranho, bocejando e faminto dentro de Ronan, e Declan sabia que ele poderia alimentá-lo ou arriscar perdê-lo para um final muito mais mundano e, por extensão, perder seu outro irmão também. Toda a sua família.

Declan cerrou os dentes e depois olhou para o rio, que se jogava sobre as rochas.

— Quer vir comigo?

CAPÍTULO 13

Às vezes, Hennessy imaginava se atirar do telhado.

Ela imaginava como, por apenas alguns segundos, estaria subindo quando seu salto inicial a levasse alguns metros acima do nível do teto, antes que a sensação de gravidade da sucção se envolvesse em seu corpo. Só então ela estaria oficialmente caindo. 9,81 metros por segundo ao quadrado, essa era a velocidade de uma queda. Todas as outras variáveis não importavam. Resistência ao ar, atrito, forças equilibradas e desequilibradas, outras seis meninas debruçadas sobre a borda do telhado gritando: *Hennessy, volte.*

Os franceses tinham um termo para isso. *L'appel du vide*, o chamado do vazio. O desejo que até pessoas não-suicidas sentiam em pular quando se encontravam em um lugar alto. Cinquenta por cento das pessoas pensavam em se arremessar das alturas, muitas das vezes para seu próprio choque. Uma em duas pessoas. Portanto, não era apenas Hennessy que imaginava seu corpo despencando nos zimbros três andares abaixo.

Hennessy estava na varanda de concreto no telhado da mansão McLean, com os dedos das botas cutucando a beirada, olhando para o quintal bem abaixo. A música soava ao fundo, sensual e inquieta. Uma das garotas cantava junto com a música, apesar de estar em um idioma que Hennessy não falava – tinha que ser Jordan ou June. A conversa disparou. Copos e garrafas tilintaram. Em algum lugar, uma arma disparou, uma, duas, três vezes, distante e percussiva na casa, soando como bolas distantes em uma mesa de bilhar. Era um lixo de festa. Uma festa secreta. Uma festa para pessoas que tinham tanta roupa suja que poderiam confiar que não arejariam as de outras pessoas.

— Você grita, eu grito, todas nós gritamos por sorvete — disse uma voz ao lado dela.

Era a voz de Hennessy, mas em um corpo diferente. Não um corpo diferente. Um corpo *distinto*. Hennessy teve que procurar para saber qual das meninas era e, mesmo assim, ela não tinha certeza. Trinity, talvez. Ou Madox. As mais novas eram mais difíceis de reconhecer. Elas eram como se olhar no espelho.

A garota observou a linguagem corporal de Hennessy e continuou: — Você pula, eu pulo, todas nós pulamos.

Todos na festa secreta pensaram que a grande revelação de Hennessy era

que ela era uma das mais prolíficas falsas artes da costa leste. O verdadeiro segredo era esse: Hennessy, Jordan, June, Brooklyn, Madox, Trinity. Seis garotas com um só rosto.

Hennessy sonhava com todas elas.

Apenas duas das meninas eram autorizadas a serem vistas ao mesmo tempo. Gêmeas eram compreensíveis. Trigêmeas um pouco mais inovadores. Quádruplas, quíntuplas – qualquer número acima de três tornava-se cada vez mais notável.

A vida de Hennessy era complicada demais. Ela não queria ser extorquida ainda mais por alguém que sabia a verdadeira verdade sobre ela.

— Este lugar foi desenhado por um fã italiano bêbado de Tim Burton — disse Hennessy, olhando para o quintal. Não havia sido conservado, mas a geometria ainda não havia sido perdida devido ao crescimento indomável. Plantas freneticamente intrincadas, labirintos de buxo e musgo crescendo entre caminhos delicadamente revestidos. Então, para esconder que não sabia dizer qual era a garota ao seu lado, perguntou: — O que você quer, vadia?

— Madox, imbecil — disse Madox; ela podia notar os truques de Hennessy imediatamente porque ela *era* Hennessy — A vodka. Para onde foi?

— Não está no Porsche?

Madox balançou a cabeça.

— Que diabos se meteram nisso, alguém se pergunta? — Hennessy disse levemente — Vá explorar esses prazeres mortais em meu nome e eu vou procurar. Quais quartos já estão transbordando comigo?

— Apenas a cozinha — disse Madox — Acho que June e Trinity estão lá.

Hennessy saiu do parapeito e voltou para o seu próprio grupo. Enquanto ela andava pela casa, pessoas que ela enganou, de quem ela tirou dinheiro, com quem ela já escondeu corpos e com quem ela já dormiu, acenavam para ela ou tocavam seu cotovelo ou a beijavam na boca. Ela não estava procurando a vodka. Madox não se importava com a vodka. Provavelmente ainda estava no Porsche. Madox tinha subido lá para tirá-la da borda.

Foi enviada, provavelmente.

Hennessy entrou em um dos corredores laterais, passando por cima de vidro quebrado e sangue do arrombamento de Breck até chegar ao quarto que Jordan usava para a maior parte de sua falsificação. Jordan, como Hennessy, gostava de trabalhar depois do anoitecer, o que significava que ela não precisava de um quarto com janelas; ela precisava de um quarto com tomadas

para poder sentar perto da tela com seus OttLites tão brilhantes quanto luzes de palcos. Ela sempre verificava suas cores com luz natural mais tarde. Hennessy não sabia por que as duas preferiam trabalhar à noite; era uma prática artística ruim, certamente. Mas o sol nunca foi considerado um amigo.

— Eu não ia — Hennessy disse enquanto entrava no estúdio sem janelas.

Como dito antes, Jordan estava lá entre as grandes telas escuras e a aguarrás, os trapos e os pincéis armazenados cerrados com tinta pingando em cores ricas e luxuosas pelas pontas. Ela estava trabalhando no convite delas para o Mercado das Fadas. Sob o microscópio sobre a mesa estava o convite original de Breck, um quadrado de linho delicado e peculiar, como um lenço arcano. Vários rascunhos descartados estavam espalhados ao redor. No momento, Jordan estava com os dedos em volta de um marcador Copic muito pequeno, enquanto testava outro tecido sobressalente.

— Não sei do que você está falando — disse Jordan, sem levantar os olhos do trabalho.

Hennessy subiu em uma cadeira para ver a mesa de cima.

— Bem, isso parece uma merda absoluta.

Jordan usou um microscópio de mão para avaliar o sangramento da marca que ela acabara de fazer.

— Eu quase consegui.

Jordan havia sido a primeira das cópias que Jordan Hennessy sonhara anos antes. Ela manteve *Hennessy* para si mesma e deu *Jordan* a essa nova garota. Por ser a primeira cópia e a mais antiga, Jordan era a mais complexa de todas as cópias – mesmo que Hennessy tivesse sonhado com as outras garotas com tanta complexidade quanto ela a sonhara, Jordan tinha mais de uma década de suas próprias memórias e experiências.

Às vezes, Hennessy esquecia que Jordan era realmente ela.

Às vezes, ela pensava que Jordan também se esquecia.

— Seu otimismo eterno devia ser bronzeado — disse Hennessy — Ele devia ser exibido em um museu em algum lugar onde as crianças em idade escolar possam vê-lo, ler a placa e aprender com ele. Devia ser cortado em pedaços menores e colocado em solo rico com muita luz solar, para que cada parte possa crescer em um novo otimismo, pronto para ser colhida por...

Jordan apagou a linha e fez uma marca com uma caneta diferente.

— Quanto tempo você acha que temos?

Antigamente, Hennessy havia se perguntado se ela compartilharia esse rosto – esta vida – com duas dúzias de meninas. Cinquenta. Cem. Mil. Agora

ela sabia que isso nunca iria acontecer. Toda vez que Hennessy sonhava com uma cópia de si mesma, isso fisicamente lhe custava algo, e estava piorando.

Mas ela não conseguia parar.

Toda noite era dividida em segmentos de vinte minutos, seu alarme a sacudia antes que ela pudesse começar a sonhar. Todo dia era gasto esperando o sangue negro sinalizar que ela não podia adiar o sonho para sempre.

Ela sabia que isso a mataria em breve.

A menos que o plano do Mercado das Fadas de Jordan funcionasse.

Em vez de responder à pergunta de Jordan, Hennessy disse:

— Você deveria esticar essa linha.

Se você encara quebra-cabeças por tempo suficiente, você começa a resolvê-los mesmo quando não coloca todo o esforço do seu cérebro neles. Todo esse tempo, ela estava olhando para o convite do Mercado das Fadas e olhando para os esforços de Jordan e tentando conciliar a diferença. Puxe o linho, aplique tinta, solte-o e a tinta terá a mesma quantidade de sangramento que o original de Breck.

— Claro — disse Jordan. Ela balançou a cabeça para si mesma, se levantando para encontrar o equipamento que precisava — É por isso que você deveria estar fazendo isso.

Ela estava errada, é claro. Jordan estava fazendo isso porque ela se importava. Essa era a regra: se você se importava com o trabalho, o trabalho é seu. Hennessy não dava a mínima para sobreviver, é claro, mas o ponto principal era que ela simplesmente não achava que esse plano do Mercado das Fadas fosse funcionar.

Jordan pareceu ler sua mente – mais fácil, é claro, quando as mentes eram tão parecidas – porque ela disse: — Vai funcionar, Hennessy — No final do dia, essa era a diferença entre Hennessy e Jordan. Enquanto Hennessy imaginava se atirar de um telhado e cair, Jordan imaginava se atirar de um telhado e voar.

CAPÍTULO 14

Levara apenas um dia a Farooq-Lane para descobrir que Nikolenko estava completamente errado em relação a Parsifal Bauer. Ele não era *fácil*, era passivo, o que era completamente diferente. Ele não fazia nada que não queria fazer, mas muitas vezes era difícil dizer que conseguiu evitá-lo ou subvertê-lo. Quando Farooq-Lane era jovem, eles tinham um cachorro da família que se comportava da mesma maneira. Muna, um belo tipo de pastor misturado com cabelos pretos e tufos ao redor da garganta, como uma raposa. Ela parecia perfeitamente flexível até ser solicitada a fazer algo que não queria: sair na chuva, entrar em uma sala para que as visitas a admirassem. Então ela se jogava no chão, uma boneca de pano desossada, e precisava ser arrastada, o que nunca valia a pena.

Esse era Parsifal Bauer.

Para começar, ele era um comedor infernalmente exigente. Farooq-Lane era uma excelente cozinheira (o que era cozinhar, além de um sistema delicioso?) E acreditava em boa comida bem tratada, mas Parsifal Bauer a fazia parecer um porco indiscriminado. Era mais fácil ele não comer do que consumir uma refeição que violasse suas regras secretas.

Sopas e molhos eram tratados com desconfiança, a carne não podia ser deixada rosada no centro, as crostas de assados não podiam ser toleradas. Bebidas carbonatadas eram uma indignação. Ele gostava de um tipo específico de pão de ló amarelo, mas não de glacê. Geléia de morango, mas não morangos. Levá-lo para comer no hotel naquela primeira noite em Washington, DC, foi um fracasso absoluto. Já era tarde o suficiente para que pouco estivesse aberto e Farooq-Lane se sentira virtuosa por ter encontrado sanduíches para os dois. Parsifal não disse que não iria comer o seu, mas ele olhou para o sanduíche no prato até meia-noite, e depois até meia-noite e meia e aí, finalmente, ela desistiu dele.

Ele também tinha regras para outras partes da vida. Ele tinha que sentar perto de uma janela. Ele não seria o primeiro a entrar por uma porta. Ele não gostava de ser visto sem sapatos. Ele não permitiria que outros carregassem sua mala. Ele precisava ter uma caneta consigo o tempo todo. Ele queria ouvir ópera ou o silêncio. Ele tinha que escovar os dentes três vezes ao dia. Ele preferia não dormir em uma cama de tamanho normal. Ele não dormia com as janelas fechadas. Ele não bebia água da torneira. As instalações dos banheiros tinham que ter portas que iam até o chão para que ele fizesse

alguma coisa importante. Ele não sairia em público sem tomar banho primeiro.

Ele era mais flexível logo de manhã e depois lentamente piorava à medida que se cansava. À noite, ele era uma impossibilidade de regras e desejos enjaulados, seu humor secreto e sombrio. O humor era tão intratável e profundo que Farooq-Lane passou direto pela simpatia ao descontentamento.

A primeira briga que tiveram foi quando Parsifal descobriu que estariam dividindo um quarto, ordens dos moderadores. Era uma suíte, então ele tinha uma cama dobrável na área de estar e ela tinha uma porta que podia fechar, mas o banheiro só era acessível através do quarto de Farooq-Lane – impossível! – e ele insistiu que a janela estivesse aberta enquanto dormia. Estava frio, mencionou Farooq-Lane, e ela não achava que nenhum deles estar gripado melhoraria a situação. Parsifal, no processo de empilhar almofadas de sofá em um lado da cama para fazer parecer mais duas metades do que uma inteira, argumentou que ela poderia manter a porta do quarto fechada. Farooq-Lane respondeu que o termostato do quarto responderia à janela aberta e elevaria o calor a níveis intoleráveis. Ela pensou que a conversa havia terminado. Estava decidido. Eles foram dormir.

Depois que a porta dela foi fechada, ele abriu a janela.

Ela bufou. A janela estava fechada quando ela se levantou, mas sabia que ele a fechou logo antes de ela acordar. Ela o confrontou. Ele não se desculpou, não respondeu. A janela estava fechada agora, não estava?

Esse era Parsifal Bauer.

— Eu não vou — Parsifal disse a ela, sua figura alta empoleirada na beira do sofá-cama com sua barricada de travesseiros.

Era noite do dia quatro – não, dia cinco, ela pensou. Dia seis? Quando você estava viajando, o tempo se misturava. Farooq-Lane e Parsifal tinham estado juntos no hotel por várias noites sufocantes, brigando por janelas secretamente abertas e comida para viagem em um cenário de carpete genérico de hotel e ópera alemã profunda. Parsifal ainda não tinha tido outra visão, então ela estava operando com os dados da última. Levou vários dias de árdua pesquisa para descobrir que sua visão estava apresentando algo chamado Mercado das Fadas, um mercado negro rotativo que só começava depois do anoitecer. Era difícil dizer o que eles encontrariam lá, mas se Parsifal estava tendo uma visão sobre isso, tinha que envolver um Zed ou um Visionário.

Lock acabara de lhe enviar um passe de entrada por correio. Não havia

outros moderadores na cidade, mas Farooq-Lane tinha um número para pedir apoio aos funcionários das agências locais, se ela encontrasse algo que precisasse ser acionado imediatamente. Isso significava que alguém precisava ser morto. Alguma ***coisa*** precisava ser morta. Um Zed.

— Você precisa vir — disse Farooq-Lane à Parsifal — Isso não vem de mim. Vem de cima.

Parsifal não respondeu. Ele apenas começou a dobrar a roupa que ela acabara de lavar no hotel.

— Vou ficar fora por horas — disse Farooq-Lane. Ela já deveria ter ido embora. A noite estava totalmente escura atrás das feias cortinas cinzas do hotel — É inaceitável ficarmos separados por tanto tempo. E se você tiver uma visão?

Ele colocou duas meias pretas muito compridas juntas, puxando com rapidez um pedaço de algodão antes de pressioná-la sobre suas roupas já dobradas. Ele não se deu ao trabalho de discutir com ela; ele simplesmente não conseguia se levantar. O que ela ia fazer, arrastá-lo?

Farooq-Lane nunca perdia a paciência. Quando criança, ela era famosa por essa imperturbabilidade – sua mãe e Nathan tinham um temperamento selvagem. Era esperado que sua mãe perdesse a paciência com qualquer coisa que começasse com a palavra ***fatura***, enquanto Nathan ficaria otimista por dias, semanas, antes de subitamente explodir em uma fúria surpreendente por causa de gatilhos que ninguém mais poderia identificar. Farooq-Lane, no entanto, não conseguia se frustrar. Ela nasceu com uma cabeça para planos. Fazendo-os, mantendo-os, revisando-os, executando-os. Enquanto houvesse um plano, um sistema, ela permaneceria serena.

Parsifal Bauer estava a fazendo perder a paciência.

— Comida — disse Farooq-Lane, odiando-se primeiro por não ser mais eloquente e depois por ter sido reduzida a suborno — Venha comigo e vamos encontrar a comida que você quiser.

— Nada estará aberto — disse Parsifal razoavelmente.

— As mercearias estarão — disse ela — Podemos conseguir chocolate preto. Setenta por cento. Noventa, até. Vamos pegar mais garrafas de água.

Ele continuou dobrando como se ela não tivesse falado. Ela podia sentir a temperatura subir. Era assim que Nathan se sentia antes de matar pessoas? Essa urgência sombria e inchada?

Ela empurrou o pensamento para longe.

— Você pode esperar no carro — disse ela — Com o seu telefone. Você

pode me mandar uma mensagem se começar a ter uma visão, e eu vou sair do hotel.

Lock ficaria empolgado com esse compromisso miserável, mas Parsifal não parecia perceber que esforço ela estava fazendo. Ele cuidadosamente dobrou os braços de um suéter com cotovelos em uma forma perfeitamente geométrica.

Farooq-Lane não tinha absolutamente nenhuma ideia de como fazer um garoto adolescente fazer o que ele não queria.

Mas, para seu alívio, Parsifal estava agora de pé. Selecionando algumas das peças de roupa. Indo em direção ao quarto.

— O que você está fazendo? — Ela perguntou.

Ele se virou, sua expressão insondável por trás dos pequenos óculos.

— Se eu vou sair, eu tenho que tomar banho primeiro.

A porta se fechou atrás dele. Ela podia ouvir a música começar a tocar no alto-falante do telefone. Duas mulheres ronronavam uma com a outra, com o drama trêmulo possível apenas na ópera antiga. O chuveiro começou a correr.

Farooq-Lane fechou os olhos e contou até dez.

Ela esperava que eles encontrassem esses Zeds em breve.

CAPÍTULO 15

Pergunte ao seu irmão sobre o Mercado das Fadas.

Realmente existia.

Realmente existia, e isso significava que Bryde também. *Eles estarão sussurrando meu nome.*

Estava preto lá fora, preto, preto, preto, e o humor de Ronan era eletrizante. Ele e Declan estavam no Mercado das Fadas, que Declan conhecia porque Niall Lynch o frequentara e Ronan conhecia porque um estranho havia sussurrado para ele em um sonho. As coisas estavam mudando. Sua cabeça não sabia se era para melhor ou para pior ainda, mas seu coração não se importava. Estava bombeando noite pura através dele.

O Carter Hotel, local do Mercado das Fadas, era um prédio grande e antigo, perfeitamente quadrado, com muitas janelas pequenas e entalhes intrincados na linha do telhado, formal e desarrumado como um avô vestido para a igreja. Era o tipo de hotel usado como ponto de referência ao dar instruções, e não o hotel onde se hospedava. O estacionamento estava cheio de carros e vans. Muitas vans. Ronan se perguntou o que elas haviam trazido. Armas? Drogas? Sonhadores? Bryde estava aqui hoje à noite?

— Ele não ficaria feliz por eu estar trazendo você para isso — disse Declan, olhando no espelho retrovisor escuro. Para o que, quem saberia. — Ele não gostaria que nada de ruim acontecesse com você.

Ele não enfatizou muito sobre o *com você*, mas deu para entender. Que nada de ruim acontecesse com *você*, algo de ruim pode acontecer *comigo*. Filhos e pais, pais e filhos. De todas as coisas que Niall Lynch sonhara, sua família era a mais maravilhosa. É claro que ele apenas sonhara tecnicamente parte disso – sua esposa gentil, a mãe adorada dos meninos, Aurora Lynch. Uma criatura de contos de fadas em quase todos os aspectos: a noiva com um passado misterioso, a mulher que nunca fora menina, a dama de cabelos dourados, a amante com a voz adorável. Ele não sonhara seus filhos, mas eles não podiam deixar de ser moldados por seus sonhos. Seus sonhos povoavam e pagavam pelo Barns. Seus sonhos ensinaram o segredo para os meninos, a importância de estarem escondidos, o valor do não dito. Seus sonhos os transformaram em uma ilha: Niall nunca teve nomes conhecidos – havia uma tia e um tio em Nova York, mas mesmo quando crianças, os irmãos entendiam que eram nomes de animais de estimação, não verdadeiros títulos – e Aurora obviamente não tinha outra família. Seu pedigree começou com a

imaginação de Niall Lynch, e isso não era algo que você pudesse visitar no Natal.

Os irmãos Lynch não eram os sonhos de Niall Lynch, mas eles cresceram na mesma forma de qualquer maneira.

E quem mais do que Ronan, um filho com o rosto do pai e os sonhos do pai?

— Ele é bem-vindo a voltar para me parar — disse Ronan.

— Não faça disso um desafio, ou ele poderia aceitar — disse Declan enquanto voltava para o local, examinando seus vizinhos automotivos, avaliando seu desejo e aptidão para abrir as portas na lateral do carro.

— Estamos em um mercado negro ilegal e você está preocupado com a possibilidade de alguns Honda abrirem suas portas em você? — Os Declanismos de seu irmão nunca deixaram de surpreender Ronan; justamente quando sentiu que havia atingido o pico de Declan, ele sempre cavava mais fundo e encontrava outra engrenagem.

— Não o Honda – eles o mantêm limpo. Você está carregando algo que possa ser interpretado como uma arma? Às vezes eles procuram.

— Eu tenho isso — Ronan tirou o que parecia um canivete do bolso e apertou o botão que normalmente soltava a lâmina. Em vez disso, uma explosão de asas e garras surgiu. Elas rasgaram o ar, um bando de terror contido em uma pequena alça.

— Mãe do céu — Declan retrucou — Não estrague meu painel.

Ronan soltou o botão. Imediatamente, as asas se dobraram para dentro. Declan se inclinou para tirar um pouco de pó de plumas do painel e depois lançou um olhar cortante ao irmão.

Lá fora, o asfalto brilhava sombriamente. Lanternas traseiras vermelhas iluminavam poças aqui e ali. O ar cheirava a *shawarma** e a exaustão. O céu estava frio e escuro de uma noite nublada, a tempestade dos últimos dias ainda persistindo. Nas notícias eles disseram que isso era mudança climática, era isso que as tempestades faziam agora, elas se mudavam para um lugar e acampavam lá, davam atenção a um lugar em vez de muitos, até que os objetos de sua afeição não suportassem mais todo o amor e lavassem tudo. *Temos inundações*, observou a âncora, *Mas pense em Ohio, pense em sua seca*, como se o pensamento mudasse alguma coisa. Tudo isso fez Ronan sentir coceira. Era pior pensar que não era apenas o seu mundo pessoal que estava distorcido.

Declan olhou para a placa antiga com suas letras maiúsculas: CARTER

HOTEL. Poderia ter sido desta década, de quatro décadas atrás. Parecia que eles tinham viajado no tempo.

— O último que eu fui com papai foi em Tóquio. O primeiro foi Los Angeles, eu acho. Talvez Berlim. Memórias são mentirosas.

Ronan teve que encaixar isso em sua lembrança de sua própria infância. Quando Declan viajou para Tóquio? Passou por lá como uma viagem de esportes da escola? Quantas vezes ele tinha inveja de Declan por ter sido permitido a ir em uma festa do pijama quando na verdade Declan estava bocejando e saindo de um avião em Berlim? Ronan sabia que Declan era feito de segredos, mas ele ainda conseguiu ficar chocado com a revelação de mais um.

Um porteiro esperava na entrada. Era uma boa porta, esculpida intrincadamente, um portal sólido para a aventura, e ele era um porteiro adequado, vestido como o desenho de um porteiro, em um terno com detalhes dourados. Cara mais jovem, com uma espécie de boca suja e muito vermelha.

Ele olhou para Ronan com expectativa.

Ronan levou um momento para perceber que o porteiro havia avaliado os dois irmãos – Declan em seu terno cinza e sapatos limpos, Ronan com suas tatuagens e botas e rosto arranhado por um caranguejo assassino – e achou que Ronan era o líder do programa.

Essa foi uma sensação estranha.

Declan silenciosamente recuperou a atenção do porteiro, oferecendo-lhe um lenço de linho do bolso. Tinha marcas incomuns impressas acima do nome de Declan. O porteiro estudou as marcas por um momento antes de devolvê-lo a Declan, junto com um cartão fino e impresso, como um cardápio, de dentro do paletó.

Ele entregou a Ronan um cartão-chave não marcado.

— Tinta na pele significa que você está escondendo coisas — disse ele a Ronan.

— É isso o que respirar significa — respondeu Ronan.

O rosto do porteiro se transformou em um sorriso e ele abriu a porta.

O enorme saguão do Carter estava coberto de tapetes vermelho-sangue e iluminado por luminárias antigas de latão com cachos longos e desiguais, como ossos de costelas. Ronan podia sentir o felpudo do tapete, mesmo sob as solas das botas. Cheirava a palito de fósforo queimado e limão. Tudo tinha um visual elegante e degradado, como um lugar para ser esteticamente morto por um *poltergeist** realmente famoso. Também parecia estar vazio. Não

havia ninguém atrás da recepção polida, e as poltronas de couro estavam desocupadas.

— Certeza que este é o lugar certo?

— Todo mundo está nos quartos — disse Declan. Ele inclinou o cartão impresso para que Ronan pudesse lê-lo com ele. Os números do andar e dos quartos preenchiam uma coluna. Em outra, havia pequenas combinações alfanuméricas. — Cada um desses códigos significa alguma coisa. Arte, animais, armas, drogas. Serviços.

— Limpeza — disse Ronan. — Contabilidade. Creche.

— Provavelmente sim, na verdade — disse Declan — mas não da maneira que você está pensando — Ele traçou um dedo no cartão — Não conheço todos os códigos tão bem quanto deveria. Mas acho que será em uma sala de oitenta e quatro, ou doze. Talvez um Z-doze.

— O que estamos procurando? — Ronan perguntou.

Declan colocou o cartão no casaco.

— *Você* não está procurando nada. Você está apenas olhando. E ficando comigo. Você entendeu? Alguns desses códigos – você entra naquela sala e não sai.

Tudo sobre isso parecia falso, elevado, imprevisível. Tudo sobre isso parecia um sonho.

— Diga que você entendeu — disse Declan.

— Eu entendi, idiota.

— Papai teria odiado isso — Declan respirou novamente, mais para si mesmo do que para Ronan.

— Declan? Declan Lynch?

Suavemente, Declan girou nos calcanhares. O saguão não estava mais vazio. Uma mulher estava em pé atrás da recepção. Ela era morena e voluptuosa, usava um vestido ou blusa com um colarinho que parecia o topo de uma sacola com cordão. Ela fez uma quantidade desconfortável de contato visual com os dois irmãos. Suas sobrancelhas foram desenhadas em formas muito surpresas.

— Angie — disse Declan. Impossível dizer como ele se sentia por ela.

— Faz tanto tempo, querido — disse ela.

Ela estava olhando para Ronan, então Declan o guiou e disse:

— Esse é meu irmão.

Angie ainda estava fazendo uma quantidade desconfortável de contato visual. Ronan era um campeão em encarar, mas ela poderia tê-lo batido por

pura intensidade.

— Ele parece...

— Eu sei — disse Declan.

— Você fala? — Angie perguntou a Ronan.

Ronan arreganhou os dentes. As sobrancelhas dela continuaram surpresas.

— Onde vocês estão ficando? — perguntou Angie — Seu pai estava sempre me dizendo para vir jantar se eu estivesse na área, e aqui estamos nós. Sempre parecia um paraíso. A fazenda Lynch. Sinto que poderia desenhar aquela casa da fazenda, se fosse necessário, ele era um bom contador de histórias.

Ronan sentiu uma pontada de traição. O Barns era o segredo da família Lynch, não algo a ser distribuído por uma ou duas canecas. Ele idolatrara Niall antes de morrer; talvez ele não quisesse saber mais sobre esse lado dele.

— Pegou fogo — Declan mentiu sem problemas, sem uma pausa — Vândalos, enquanto estávamos na escola.

O rosto de Angie ficou trágico.

— Vocês, meninos, tiveram mais do que seu quinhão de más notícias. Você é como um *podcast**. Olhe para você. Tragédia. O que te traz de volta? Você está aqui como todo mundo, para ver se consegue vê-lo antes que o tragam?

— Ele?

Ela se inclinou sobre o balcão, derramando tudo dela contra o fechamento do cordão. Em um sussurro, ela disse: — Ele está quebrando as regras, eles disseram. No lado errado de tudo. Não se importa com as regras lá fora ou com as regras aqui. Apenas faz o que ele quer. Eles dizem que ele está aqui porque há lei aqui e todos sabemos como nos sentimos sobre isso.

Declan disse:

— Quem?

Angie deu um tapinha em sua bochecha.

— Você sempre quis respostas.

O aborrecimento quebrou brevemente as feições de Declan antes de ser substituído por sua expressão neutra novamente.

— Melhor irmos. Tempo é dinheiro.

Era sempre um bom momento, pensou Ronan, para desencadear um Declanismo.

— Cuidado com os tiras — disse Angie.

Declan já estava se virando.

— Eu terei.

Enquanto os irmãos Lynch se retiravam por um longo corredor vermelho, Ronan perguntou: — Ela ajuda a administrar isso?

— Angie? Porque você pensaria isso?

— Ela estava atrás da mesa.

— Ela provavelmente estava vendo se conseguia dinheiro nas gavetas. Você tem o cartão-chave? Precisamos entrar no elevador.

Também era onírica, essa admissão casual de sua criminalidade, dita no mesmo tom suave que Declan dizia tudo. Mas esse costumava ser o mundo de Declan, Ronan lembrou a si mesmo. Antes da casa cinza da cidade, antes do terno cinza, antes do tom de voz cinza, antes da invisibilidade, antes do assassinato de seu pai, Declan Lynch chegava a eles com frequência suficiente para ser reconhecido.

Às vezes, Ronan não tinha certeza de que ele conhecia sua família.

As portas do elevador no final do corredor eram como uma porta de entrada para um outro mundo: latão reluzente cercado por uma moldura elaboradamente entalhada, colocada como uma jóia na parede vermelho-sangue.

Declan passou o cartão-chave no leitor do elevador e as portas se abriram, revelando lados espelhados. Os irmãos, do lado de fora, olhavam para os irmãos, do lado de dentro.

Declan, com seu bom e chato terno, nariz de Niall Lynch e cabelo escuro encaracolado. Ronan, com a cabeça raspada e a tatuagem saindo da gola e a boca e o nariz e os olhos e o queixo e a estatura e a capacidade de sonhar e tudo mais de Niall Lynch. Indiscutivelmente os filhos de Niall Lynch, inconfundivelmente irmãos.

Eles entraram.

— Vamos lá — disse Declan.

*N.T.: *Shawarma*: carne assada, especialmente quando cozida no espeto giratório e raspada para servir em sanduíches.

*N.T.: *Poltergeist*: um fantasma ou outro sobrenatural sendo supostamente responsável por distúrbios físicos, como barulhos altos e objetos jogados ao redor.

*N.T.: *Podcast*: um arquivo de áudio digital.

CAPÍTULO 16

Jordan estava sentada em seu carro no estacionamento do Carter. Foi pura sorte encontrar um lugar ali, uma última volta entre os carros, dizendo a si mesma que, se ela pretendia encontrar um lugar, haveria um, e lá estava.

Ela estava atrasada, mas parou por um momento mesmo assim, porque estava tendo um de seus episódios.

Jordan não sonhava quando dormia – não achava que nenhuma das meninas sonhadas de Hennessy sonhasse – mas quando esse sentimento começou, ela pensou que sabia como deveria ser. Seus pensamentos pulsavam com lembranças e lugares levemente errados, onde ela nunca esteve e pessoas que nunca conhecera. Se ela não permanecesse focada, esses devaneios pareceriam tão importantes quanto a realidade. Ela se encontraria respirando no tempo com um pulso fora de si mesma. Se ela não focasse, se encontraria indo em direção ao Potomac, ou logo ao oeste. Uma vez ela voltou a si mesma e descobriu que tinha dirigido duas horas para as montanhas Blue Ridge.

Levou toda a sua concentração para chegar ao Carter.

Por favor, passe. Ela pensou. *Não essa noite. Agora não é um bom momento.*

Ela se forçou a estar no momento, considerando como iria recriar a vista diante dela na tela. O grande e quadrado Carter Hotel parecia uma casa de bonecas feita de uma caixa móvel, suas minúsculas janelas iluminadas com um brilho amarelo, silhuetas se movendo festivamente nelas. Seria fácil tornar a cena encantadora, mas realmente tudo aqui tinha uma vantagem. Folhas mortas e escuras levantado inquietas diante das luzes exteriores. As calçadas estavam apocalípticamente vazias. Para cada janela confortavelmente iluminada havia uma janela coberta. Estatisticamente, alguém por trás de uma delas estava sendo machucado.

Ela se sentiu um pouco mais aterrada – ou pelo menos o mundo real parecia mais verdadeiro do que o mundo fantasma nebuloso do episódio. Quando ela finalmente saiu, seu telefone tocou.

— Cadê você, cadela? — A voz amável de Hennessy estava distorcida do outro lado da linha.

— Acabei de estacionar.

Quando Jordan abriu a porta traseira do Supra, Hennessy iniciou uma

conversa profana de vitalidade. Jordan reuniu seus suprimentos. Três telas, sua paleta selada, seus pincéis. Duas das telas não significavam nada para ela – eram apenas mais um dia no escritório. A terceira, que ela entregaria a uma das meninas assim que chegasse, era tudo. Era *tudo*.

Quão boas somos? ela se perguntou.

Ela deslizou tudo para fora.

As melhores.

Ela fechou a porta traseira com suas dúvidas.

Se afastou.

— … jogo de conchas onde todas as conchas são viradas ao mesmo tempo — concluiu Hennessy.

— Eu estava pensando em *jogo de concha* — disse Jordan.

— Grandes mentes.

— Ok, parceira. Estou entrando.

— Pode ir com tudo — Hennessy desligou.

O porteiro, fumando, observou-a atravessar o estacionamento até ele. Não rudemente, nem obscenamente. Apenas com interesse. Mesmo com grandes pacotes dobrados debaixo do braço, ela fez uma caminhada que parecia que devia haver uma explosão em câmera lenta ocorrendo atrás dela. Ela também se observaria se não fosse ela mesma.

Mas provavelmente tinha menos a ver com isso e mais a ver com o fato de que ele já teria visto várias outras versões dela naquela noite, todas vestidas exatamente da mesma forma, até os últimos fios de cabelo em suas cabeças. Uma para vigiar. Uma para distrair. Uma para roubar. Uma para substituir. Uma para ser um álibi. Apenas June esperava em algum lugar do estacionamento. Ela tinha que ser a motorista da fuga – ela alisou o cabelo para conseguir aquele emprego no banco e não podia mais parecer convincentemente com Hennessy sem um chapéu. Jordan apreciou o sentimento, o pequeno gesto de individualidade, mas com certeza era um pé no saco.

Jordan foi até o porteiro. Ela esperava que nenhuma das outras garotas tivesse conversado com ele ou abordado algum assunto que ela precisasse lembrar. Elas eram boas nisso, ela lembrou a si mesma, sendo uma da outra, sendo falsificações de Hennessy. Elas teriam mandado uma mensagem se ela precisasse saber algo para ser convincente. *Seja casual. Seja Hennessy.*

— O que está fazendo, amigo?

Ele ofereceu seu cigarro em resposta. Ela aceitou, inspirou enquanto ele a

observava e respirou fundo na noite fria. Ela queria outro trago, mas havia parado seis meses atrás, então devolveu a ele. Hennessy informou Jordan que ela tinha uma *personalidade viciante*, e talvez ela tivesse.

— Obrigada, companheiro — disse ela.

— Esqueceu alguma coisa? — Ele perguntou.

— Precisava de uma atualização dos velhos itens. Os suprimentos acabaram. As tropas estavam com fome.

— Você sabe que tenho que perguntar.

— Você sabe que eu tenho uma resposta — Ela enfiou a mão na jaqueta – *casual, seja casual* – e entregou-lhe o lenço de linho. Ela forjou quatro cópias do convite de Breck com JORDAN HENNESSY. Levou séculos. Sua mão estava doendo no final, então Hennessy entrou e fez a última. Era impossível saber quais das garotas tinham a falsificação de Hennessy e quais tinham as de Jordan. Até Jordan não sabia dizer.

Ele estudou.

Ela prendeu a respiração.

Ele estava olhando para a borda do lenço, que ela desfiara cuidadosamente para combinar com todos os outros que as meninas mostraram a ele.

Agora ele a olhou. O anel do septo; o rabo de cavalo desbotado; a tatuagem floral tocando sua garganta; o espartilho de malha embaixo da jaqueta de couro; os dedos cobertos com anéis e mais tatuagens florais; o sorriso largo e perfeito que quase certamente era divertido às suas custas. O estilo de Hennessy. O que o tornava o de Jordan também.

Tanto o convite quanto Jordan eram cópias perfeitas.

O porteiro devolveu o lenço a ela.

Ele disse:

— Bem-vinda de volta.

Ela estava dentro.

CAPÍTULO 17

Quando Ronan era jovem e não sabia muito, ele pensou que todos eram como ele. Ele estabeleceu regras para a humanidade com base na observação, sua ideia da verdade tão ampla quanto seu mundo. Todos devem dormir e comer. Todo mundo tem mãos, pés. A pele de todos é sensível; o cabelo de ninguém é. Todo mundo sussurra para se esconder e grita para ser ouvido. Todo mundo tem pele pálida e olhos azuis, todo homem tem longos cabelos escuros, toda mulher tem longos cabelos dourados. Toda criança conhece as histórias dos heróis irlandeses, toda mãe conhece canções sobre mulheres tecelãs e barqueiros solitários. Toda casa é cercada por campos secretos e celeiros antigos, todo pasto é vigiado por montanhas azuis, todo caminho estreito leva a um mundo oculto. Todo mundo às vezes acorda com seus sonhos ainda presos em suas mãos.

Então ele saiu da infância e, de repente, a singularidade da experiência se revelou. Nem todos os pais são selvagens, encantadores planejadores, deuses duros e de olhos arregalados; e nem todas as mães são amigas doces e de fala mansa, pacientes como botões na primavera. Há pessoas que não se importam com carros e há pessoas que gostam de morar nas cidades. Algumas famílias não têm irmãos mais velhos e mais novos; algumas famílias não têm irmãos. A maioria dos homens não vai à missa todo domingo e a maioria dos homens não se apaixona por outros homens. E ninguém traz sonhos à vida. Ninguém traz sonhos à vida. Ninguém traz sonhos à vida.

Essas foram as coisas que constituiam o próprio Ronan Lynch, mas ele não percebeu isso até conhecer o resto do mundo.

O Mercado das Fadas não existia de verdade para Ronan até que os irmãos saíram do elevador e entraram em outro corredor vermelho. Eles passaram por um homem negro muito alto que parecia estar falando ao telefone, mas cuja boca não emitia som. Uma mulher branca muito velha, enrolou-se em volta de uma mala rolante que pingava líquido enquanto ela passava. Duas mulheres profundamente bronzeadas que pareciam estar vendendo maquiagem passeando de braços dados, rindo. Nenhum deles se incomodou em esconder seus olhares.

Isso parecia tanto como um sonho. Durante todo esse tempo, lugares como esse existiram, e Ronan passeava por estacionamentos arrumados e piscava sob um sol suburbano. Ele não sabia se ele pertencia aqui, mas ele suspeitava que ele pertencia aqui mais do que no mundo onde ele estava

escondido. Declan deve ter sabido também, mas não havia contado a ele. Seu pai devia saber disso, mas ele também não havia contado a ele.

Ronan tinha sido criado em um ninho comum e feito parecer que não tinha pais.

— Não fale com ninguém sobre o papai — disse Declan a Ronan em voz baixa — As pessoas o conheciam aqui. Como colecionador, não como sonhador. Eles pensavam que ele tinha encontrado todas as coisas que vendeu. Não lhes dê outras ideias. Não...

— Parece que eu vou conversar com alguém? — Ronan perguntou.

Declan se olhou no espelho quando eles passaram. Ronan olhou para ele também. Ele observou o reflexo do irmão cruzar os ombros. Ele observou a boca reflexiva do irmão: *Não faça eu me arrepender disso.*

Eles chegaram à primeira porta. Declan passou o cartão-chave; a porta zumbiu.

Ronan lembrou, de repente, uma das primeiras coisas que Bryde havia lhe dito: *Você é feito de sonhos e este mundo não é para você.*

Eles mergulharam no abismo.

***

Quarto um: têxteis. Era um quarto típico de hotel: duas camas queen size, edredons brilhosos, espelho grande em uma parede, tela plana na outra. Mas também era um bazar, uma banca de lojas. Os tapetes foram jogados sobre as camas e enrolados em espirais de Fibonacci no chão. Lenços transparentes pendiam das hastes douradas da cortina. Uma parede esfarrapada cobria a maior parte da tela plana. Dois homens com a pele profundamente alinhada olhavam para os irmãos quando eles entraram. Um deles estava comendo arroz amarelo brilhante de um recipiente para viagem. O outro estava jogando em seu telefone.

Ronan não tinha certeza do que esperava de um mercado subterrâneo mitológico, mas não eram *tapetes*.

Um dos homens disse:

— Declan.

Declan apertou sua mão, familiarmente, como parceiros.

— Heydar.

Quantas pessoas aqui conheciam Declan?

Enquanto os dois conversavam em murmúrios baixos, o outro cara ofereceu a Ronan algum tipo de biscoito padronizado. Ronan balançou a cabeça.

— Por um momento caloroso, pensei que eles estavam falando sobre seu pai — estava dizendo Heydar. — Todo mundo está falando sobre isso.

— Quem? — Declan perguntou.

— Ele, *ele*, toda essa conversa sobre um homem com coisas incríveis, levando-os a uma alegre perseguição depois daquilo na Irlanda.

Declan disse novamente:

— Quem?

Heydar deu de ombros. Ele olhou além de Declan para Ronan.

— Seu irmão é filho de Niall, com certeza.

A expressão de Declan mudou. De uma expressão em branco para outra, uma mais fraca.

Ele sempre parecia irritado por Ronan se parecer tanto com o pai deles.

— Quero oitenta e quatro para pinturas, certo?

— Oitenta e quatro ou dois anos — disse Heydar. Ele ainda estava olhando para Ronan — Faz você sentir falta do bastardo, não é?

— Estou acostumado — disse Declan — Ei, me ligue quando estiver na cidade da próxima vez.

No corredor, Ronan esperou até a porta se fechar e depois perguntou: — Tapetes?

— Roubados — disse Declan — Ou saqueados de sítios arqueológicos.

— Tudo vai ser tão chato?

Declan disse:

— Espero que sim.

Quarto dois: máscaras mecânicas. A maior parte da luz veio de uma coleção de velas piscando na frente da TV preta. As máscaras tinham globos oculares de vidro fixados nelas e o que parecia ser um pêlo real de animal ligado às estruturas faciais humanas. Dezenas de buracos oculares vazios não contemplavam nada. As peles de animais estavam esticadas em ganchos nas paredes entre eles, em forma de agonia. Listras de zebra, manchas ameaçadas, branco marfim e cinza de pele de tubarão; todo o lugar cheirava a coisas que estavam vivas recentemente. Este quarto estava ocupado; eles tiveram que se unir para caber entre os espectadores.

Declan foi direto para uma coleção de molduras no canto. Ronan ficou parado; ele não queria se aproximar mais das máscaras. Tudo desagradavelmente o lembrava dos caranguejos assassinos, o que desagradavelmente o lembrava de Harvard. Ele prendeu a respiração para não absorver mais o cheiro de animal morto.

Uma mão agarrou seu braço.

Uma mulher branca alta com tremor de dopamina olhou para ele. Ela parecia estar ensinando aritmética em vez de ficar em uma sala de máscaras, os cabelos esticados em um coque, apertados como aquelas peles em seus ganchos, a blusa abotoada até o queixo, uma gravata borboleta amarrada na garganta.

— De volta? — Ela perguntou.

Ronan tentou se libertar, mas os dedos dela eram longos o suficiente para envolver todo o caminho em torno de seu bíceps. Ele poderia ter forçado a questão, mas ela era forte o suficiente para que ele batesse nas pessoas reunidas atrás dele se ele se afastasse mais — Número errado, senhora. Por favor desligue e ligue novamente.

— Ela não comete erros — disse outra mulher, afastando-se das máscaras. Ronan piscou – ela parecia a mesma mulher que segurava o braço dele. Então ele percebeu que havia diferenças sutis: nariz mais comprido, pés de galinha mais pronunciados, órbitas mais profundas. Irmãs, uma mais velha que a outra. Ela se inclinou para Ronan. — Alguma dessas máscaras olha para você? Se elas olham para você, devem ser suas.

— Você não teria voltado se elas não olhassem para você — disse a primeira mulher.

Ele torceu o braço novamente.

— Eu não *voltei*.

— Então você já está usando uma máscara — disse a segunda mulher — Quem é você realmente?

Parecia um sonho também, apenas em um sonho, ele seria capaz de mudar o conteúdo.

Aqui ele era tão poderoso quanto seu corpo físico acordado.

Ronan se libertou. As irmãs riram quando ele se afastou.

Quando Declan pegou seu braço um momento depois, ele se encolheu.

— Pare de andar por aí — disse Declan, virando-o para impulsionar ele através da multidão. Antes que Ronan pudesse protestar contra isso, Declan acrescentou em voz baixa: — Eles estão falando sobre esse cara aqui também. Aquele sobre o qual Angie e Heydar estavam conversando. *Ele*.

Diga, Ronan pensou. *Diga Bryde*.

***

Quarto três, quarto quatro, quarto cinco. Quarto seis, sete, oito, nove: Eles viram arte roubada, vestidos de jóias, quartos manchados de sangue, mais

espécies ameaçadas de extinção penduradas nas paredes, jóias de coleções de pessoas mortas. Armas. Muitas armas. Também venenos e drogas. Eles abriram uma porta e, do outro lado, um homem estava com as mãos em volta da garganta de uma mulher. Os olhos da mulher estavam arregalados e as veias esbugalhadas, mas quando ela viu os irmãos observando, ela murmurou *SAIAM*. Havia algo terrível na cena, na cumplicidade, no modo como a mulher não estava se salvando, no modo que eles não podiam dizer se ela era a cliente ou o produto. Ronan deixou a porta se fechar, mas ele sabia por experiência própria quando via uma imagem que o assombraria novamente em seus sonhos.

Ao passarem por uma sala, uma vidente com um terceiro olho visível tatuado sobre o terceiro olho invisível disse a Ronan: — Vinte dólares, oferta final, seu futuro — como se Ronan já tivesse começado uma negociação com ela.

— Eu já tenho um — disse Ronan.

— Você?

— Ronan — disse Declan. — Vamos.

— Garoto Lynch! — Um homem encostado em uma bengala ao lado de uma caixa com outras caixas reconheceu Declan — Você o viu? Você o viu correr?

Declan, todo sério, apenas torceu os dedos com desdém quando passou, mas Ronan fez uma pausa.

— Quem? — Ronan perguntou — Me conte. Não brinque.

O velho gesticulou para Ronan se aproximar, a fim de sussurrar em seu ouvido. Ele cheirava a alho e algo mais doce e mais sujo, que lembra o odor da gasolina, o javali que desapareceu.

Declan parou, olhando por cima do ombro para Ronan, os olhos estreitos. Ele não sabia o que estava acontecendo, mas não gostou, provavelmente *porque* não sabia o que estava acontecendo.

— Eu quero o nome dele — disse Ronan.

Você está se perguntando se isso é real.

Diga, pensou Ronan.

O velho sussurrou:

— Bryde.

***

Sala dez: Essa era uma biblioteca do último andar, um resquício de uma era muito anterior. A sala era muito longa e fina, escura e fechada, um lado

revestido por estantes escuras, o outro com papel de parede vermelho e dourado que combinava com o tapete vermelho e dourado. Cristais empoeirados brilhavam vagarosamente em candelabros baixos, como insetos presos em teias de aranha. A arte estava em toda parte: pendurada nas paredes, empilhadas contra teclados e pianos no meio da sala. Música tocava de algum lugar, algum tipo de instrumento de flauta misterioso e inclinado.

Um homem de cor púrpura ao sair perguntou a Declan: — Você tem tempo?

— Hoje não — respondeu Declan, como se respondesse a uma pergunta totalmente diferente. O homem roxo virou-se para Ronan, e Declan colocou a mão no seu peito com firmeza — Ele também não.

O homem suspirou e seguiu em frente.

Declan parou diante de um emparelhamento de duas peças abstratas, uma violenta ou apaixonada, dependendo do seu ponto de vista, e uma complexamente negra. Em ambos os lados das pinturas haviam violinos antigos pendurados, seus corpos frágeis e fracos com a idade. Ronan não se importava com a primeira pintura, mas a segunda era fascinante na maneira como podia haver tantas coisas diferentes ao mesmo tempo, enquanto ainda era inteiramente preta. Ele podia *sentir* tanto quanto ver.

— Sonho? — Ronan perguntou.

Declan disse:

— Essa é uma Soulages. O outro é de Kooning. Vários milhões de dólares entre as duas. Você gosta delas?

Ronan apontou o queixo em direção à Soulages.

— É ok.

— *É ok.* Figuras. Tudo preto, certo? — disse Declan com tristeza — Há uma coisa que Soulages disse. *Uma janela olha para fora, mas uma pintura deve fazer o oposto – deve olhar dentro de nós* — Ele recitou cuidadosamente, perfeitamente. Como seu pai, ele tinha ouvidos e um desejo de mudar de expressão astuciosamente, mas, diferentemente de Niall, ele raramente demonstrava isso.

— Você gosta delas? — Ronan perguntou.

Declan disse:

— Elas me fazem querer chorar.

Ronan nunca tinha visto seu irmão mais velho chorar e nem conseguia começar a remotamente imaginar. Declan já havia vasculhado uma pilha de

telas inclinadas uma contra a outra em uma cabine temporária. Elas eram maçantes, então Ronan o deixou lá para rondar em círculos cada vez maiores. Telas, pastéis atrás de vidro, papel enrolado em rolos irregulares, escultura alcançando as luzes, placas inclinadas com as mãos nos quadris como alguém iniciando um baralho de cartas. Ele queria tirar uma foto de tudo isso para mostrar a Adam, mas ele tinha uma ideia de que esse era o tipo de lugar que não seria agradável para as fotos.

Então Ronan viu.

Algo. Algo. *Alguém. Ela*.

— Declan — disse Ronan.

Declan continuou vasculhando as pinturas.

— *Declan*.

Seu irmão se virou com o tom em sua voz. Ronan não apontou. Ele apenas olhou e deixou o irmão olhar com ele.

A quinze metros de distância, passava por cabines desordenadas e a luz era fraca, mas não importava. Ronan reconheceria sua mãe morta em qualquer lugar.

CAPÍTULO 18

B*ryde*, eles disseram.

Todo mundo estava dizendo isso por todo o hotel. Farooq-Lane sentiu como se tivesse ouvido o final da palavra no momento em que entrou em um quarto e ouvido o começo no momento em que saiu.

Bryde. Bryde. Bryde.

Talvez um Zed. Definitivamente alguém digno de nota. Quem quer que fosse, ele tinha todos nesse lugar estranho sob seu feitiço. Quem era ele? Alguém para ficar de olho.

E se ele tivesse a atenção de pessoas em um lugar como este, ele tinha que ser algo realmente estranho.

Infelizmente, ela percebeu imediatamente que estava louca. Não era Carmen Farooq-Lane, de pé em um grupo de moderadores armados, enfrentando um ou dois Zeds. Era Carmen Farooq-Lane, uma cidadã anteriormente tranquila que rapidamente se tornou operadora especializada, em um prédio cheio de pessoas que existiam fora dos limites da maior parte do mundo. Ela sentiu que eles poderiam vê-la no momento em que ela entrou em um quarto. Olhando para ela e para longe, a atenção deles foi vista pelo canto do olho. Assim como esse nome. *Bryde. Bryde. Bryde.* Ela não tinha pensado que seu terno de linho e casaco longo seriam uma escolha inadequada, mas era. Ela parecia muito limpa, muito direta, muito à vontade no mundo como se fosse atualmente calculada.

— Eles não gostam da lei lá — Lock havia dito a ela por telefone — Eles têm um entendimento.

— Um entendimento? — Ela ecoou — Como uma zona de exclusão aérea? Uma zona proibida? Uma…

Ela ouvira falar de lugares como este no noticiário, mas não conseguia se lembrar do nome para eles no momento. Lugares onde a polícia não ia, lugares com sua própria lei local.

Ela supôs que realmente não tinha acreditado neles.

— Fora da nossa alçada, Carmen. Salve o mundo — disse Lock — e então você pode voltar ao Mercado das Fadas e limpar tudo.

Ela deveria estar procurando sinais de Zeds, o que geralmente significava algo incomum.

Mas tudo aqui era incomum. Desconfortável. Armas. Arte roubada. Uma sala de jovens rapazes e moças recatadas, exibidos como mercadorias. Cães

aparados para parecer leões. Eletrônicos com números de produtos marcados. Caixas de carteiras de motorista, passaportes. Essas máscaras? Eles sonharam? Esse marfim?

Ela não sabia dizer.

À medida que os olhares aumentavam, Farooq-Lane se viu perdendo a paciência com Parsifal mais uma vez. Inacreditável, considerando que ele nem tinha entrado com ela. No entanto, ele conseguiu. Se a visão dele fosse mais específica, ela saberia o que estava procurando.

Seu disfarce, se alguém perguntasse, era que ela era uma compradora. Ela tinha trinta mil dólares em dinheiro para acompanhar o convite do lenço de linho. PADMA MARK. Ela não achava que ela parecia uma Padma. Parsifal também recebeu um convite, não que ele o estivesse usando; estava em seu próprio nome. Quando ela perguntou a Lock por que ele era PARSIFAL BAUER quando ela era Padma, ele disse que era porque Parsifal tinha uma história propriamente perturbadora se alguém se preocupava em procurá-la. Parsifal parecia alguém que chegaria a uma dessas coisas.

Parsifal Bauer? Parsifal?

Bryde. Bryde. Bryde.

Todos estavam olhando para ela. Ela pensou: *Compre alguma coisa.* Todos parariam de olhar para ela se ela comprasse alguma coisa.

Mas ela não queria comprar nada ilegal; isso a faria se sentir cúmplice. Seu mundo operava em um sistema no qual mais acreditava, um sistema de leis projetado para promover a ética, a justiça e a sustentabilidade dos recursos.

Havia apenas alguns de seus princípios que ela estava disposta a deixar escapar, mesmo para salvar o mundo.

Lá. Uma cartomante. A previsão do futuro era duvidosa em valor, mas não em legalidade.

Farooq-Lane esperou até que um grupo de homens que pareciam sacerdotes se afastarem e depois se aproximou. A mulher atrás da mesa tinha um terceiro olho tatuado entre as sobrancelhas e estranhos cachos prateados por toda a cabeça, tão firmemente formados que pareciam ser de metal. Talvez ela fosse sonhada, pensou Farooq-Lane, e quase riu.

Ela percebeu que estava muito assustada.

— Quanto? — Ela perguntou à mulher. Ela não parecia assustada. Parecia Carmen Farooq-Lane, jovem profissional em quem você poderia confiar o seu futuro.

Os cachos não balançaram quando a mulher olhou para cima. Talvez eles fossem uma peruca.

— Dois mil.

— Dólares? — Esta foi a pergunta errada, de alguma forma. Farooq-Lane sentiu isso chamar atenção. Quatro mulheres em trajes que pareciam ser trajes formais em algum lugar que não era corporativo nos Estados Unidos a olharam por cima dos ombros. Os padres pareciam se mover câmera lenta. Um homem alto colocou a mão dentro da jaqueta de maneira preocupante. Apressadamente, ela pegou as notas e sentou-se na cadeira que a mulher indicou.

Ela se sentiu bastante tonta quando se levantou. O ar era ricamente perfumado; talvez ela estivesse chapada. Talvez fosse apenas seu coração acelerado, suas respirações muito rápidas. Eles ainda estavam olhando? Ela não queria checar.

Bryde, Bryde. Eles ainda estavam cochichando até agora. Talvez ela estivesse imaginando isso agora.

— Me dê sua mão — instruiu a adivinha.

Relutantemente, Farooq-Lane deslizou a palma da mão; a cartomante juntou todos os dedos como se pegasse um maço de paus. Ela sentiria o pulso palpitante de Farooq-Lane, ela pensou.

Mas a adivinha simplesmente disse com um velho sotaque de Nova Jersey:

— Suave. O que você usa?

Farooq-Lane piscou.

— Oh. Uh. Aveia e óleo de argan?

— Muito bonita — disse a cartomante. — Gosto de você. Mulher bonita do lado de fora. Vamos ver o interior.

Farooq-Lane arriscou um olhar em volta quando a cartomante fechou os olhos. Os olhares se afastaram dela, mas ela ainda se sentia observada. Ela se perguntou o quanto Lock ficaria chateado se ela emergisse dessa experiência com apenas um nome: *Bryde*.

De repente, ela foi tomada pelo cheiro de névoa, de umidade, de sangue quente derramado recentemente. Ela estava de volta à Irlanda e o corpo de Nathan estava aceitando balas da arma de Lock sem protestar. A mente de Farooq-Lane recuou e os olhos da adivinha se abriram novamente. Suas pupilas eram enormes, seus olhos todos negros. Sua boca estava de alguma forma disposta de forma diferente do que tinha estado antes. Seu aperto

estava firme nos dedos de Farooq-Lane.

Ela sorriu astutamente.

— Bryde… — a cartomante começou, e os cabelos na parte de trás da cabeça de Farooq-Lane formigavam — Bela dama, Bryde diz que se você quer matar alguém e manter isso em segredo, não faça onde as árvores possam vê-la.

Farooq-Lane sentiu as palavras antes de ouvi-las.

Os lábios dela se separaram em choque.

Ela tirou a mão dos dedos da adivinha.

A adivinha piscou. Ela olhou para Farooq-Lane com seus olhos comuns, com o rosto arrumado como antes. Apenas uma mulher. Apenas uma mulher com cachos prateados, olhando para Farooq-Lane como quando ela parou pela primeira vez em frente à mesa.

Mas então a expressão da cartomante endureceu. Ela disse, alta e claramente:

— *Quem quer um pedaço da lei?*

Todas as cabeças próximas se viraram para olhar para Farooq-Lane.

Farooq-Lane não esperou.

Ela correu.

CAPÍTULO 19

Declan não tinha contado a ninguém que ele sabia Aurora Lynch era um sonho. Era um segredo, afinal, e ele sabia como lidar com segredos. Era mentira também, porque Niall esperava que eles acreditassem que ela era tão real quanto o resto deles, mas Declan sabia como lidar com mentiras.

Era um pouco mais pesado de carregar do que os outros segredos e mentiras de Declan.

Não mais pesado.

Mais solitário.

Aurora não adormeceu logo depois que Niall morreu. Ela deveria ter. No dia de seu assassinato, as vacas adormeceram. O gato. A família de tentilhões que se aninhavam do lado de fora da casa da fazenda. A máquina de café que sempre estava quente devia estar tecnicamente viva, porque, mesmo quando outras engenhocas sonhadas continuavam funcionando, ela parou. Todas as outras criaturas sonhadas dele estavam dormindo profundamente segundos depois de sua morte, mas não Aurora.

Era quarta-feira. Declan lembrava-se disso, porque durante anos ele considerou as quartas-feiras dias de más notícias. Talvez ele ainda considerasse. Ele não agendaria algo na quarta-feira se pudesse evitar. Pensamento mágico, provavelmente, mas parecia que o meio da semana ainda azedava as coisas.

Na quinta-feira, Aurora ainda estava acordada. Acordada? Sem dormir. Ela ficou acordada a noite toda, andando, inquieta, como aqueles animais sentindo um desastre natural iminente. Declan sabia que ela estava acordada, porque ele também estava. Na quinta-feira, os irmãos Lynch ainda não eram órfãos.

Sexta-feira, um Ronan de olhos mortos levou Matthew para passear no campo de feno, deixando Declan sozinho na casa quieta com a coisa sonhada chamada Aurora Lynch.

Declan ficou aliviado. Ele não suportava olhar para Ronan agora. Algo sujo e escuro aninhara dentro de Ronan no momento em que ele encontrou o corpo do pai; era como se tivesse acordado enquanto todo o resto adormecia. Até agora, era o aspecto mais aterrador da situação – parecia que as coisas nunca mais seriam as mesmas.

Aurora estava lenta na sexta-feira. Perplexa. Ela continuava indo em uma

direção e depois se distraía com coisas que normalmente não teriam chamado sua atenção. Espelhos. Pias. Vidro. Ela se afastou do metal, ficando subitamente alerta quando quase tocou uma maçaneta ou uma torneira, antes de cair em atordoamento mais uma vez.

Declan a encontrou remexendo no armário do corredor. Ela estava movendo os mesmos três casacos para frente e para trás e ofegando um pouco, como se o espaço estivesse sem ar. Os olhos dela estavam vidrados, semicerrados. Ele a observou por vários minutos, o medo congelando seu coração. Medo e antecipação.

Até então, ele tinha certeza de que era o único nesta casa que sabia a verdade sobre ela.

O único que sabia o que estava por vir. Ah, Ronan, ah, Matthew. Os irmãos Lynch. Eles não pensaram que seus corações iriam partir mais.

Aurora finalmente o notou e se afastou dos casacos até ele.

— Declan — disse ela. — Eu estava indo andar. Eu ia encontrar...

Ele ficou imóvel e rígido quando ela o abraçou, completamente, bagunçada, seu rosto pressionado contra o cabelo dele. Ele a sentiu balançando. Ele sentiu o coração dela. Ou talvez fosse ele. Talvez ele estivesse balançando. Talvez fosse o coração dele. Ela pode até não ter coração. Sonhos não tinham regras como os humanos.

Ele ficaria sozinho, pensou, ele ficaria sozinho e seria apenas ele e aquele novo e aterrorizante Ronan, e Matthew cuja vida dependia dele, e em algum lugar lá fora havia algo que matou Lynchs.

— O testamento está na caixa de cedro no armário do nosso quarto — disse ela em seu cabelo.

Declan fechou os olhos. Ele sussurrou:

— Eu o odeio.

— Meu Declan audacioso — disse Aurora, e então deslizou suavemente para o chão.

Os órfãos Lynch.

***

Agora Declan assistiu Ronan encarar uma pintura que se parecia muito com Aurora Lynch. Chamava-se *A Dama Sombria*, e era a razão pela qual Declan havia chegado ao Mercado das Fadas.

O tema da pintura era uma mulher com cabelos dourados presos ao redor do queixo e uma maneira particular e pueril de ficar de pé, cabeça e pescoço projetados para a frente, mãos desafiadoras nos quadris. Ela usava um vestido

diáfano azul pervinca e usava um paletó de homem sobre os ombros, como se tivesse sido oferecido por um calafrio. Sua cabeça estava virada para encarar o espectador, mas era difícil discernir o significado de sua expressão, porque as cavidades de seus olhos eram projetadas em sombras profundas, quase semelhantes a caveiras. Todas as cores da pintura eram pretas, azuis, marrons ou cinza. A imagem inteira estava sutilmente imbuída de desejo, de uma maneira que os observadores provavelmente pensavam ser uma boa arte, mas Declan entendeu que fazia parte da magia do objeto onírico. Foi assinado com uma caligrafia familiar.

Niall Lynch.

— É do papai — disse Declan.

— Eu posso ver isso — Ronan parecia furioso, o que disse a Declan pouco sobre o que ele realmente estava sentindo. Toda emoção que não era felicidade em Ronan geralmente se apresentava como raiva. — Foi por isso que você veio? Não achei que você fosse sentimental sobre as coisas do papai.

Declan não era, mas ele queria essa pintura.

Ele ***precisava*** dela.

Durante anos, ele esteve em uma coleção em Boston, tendo sido vendido a Colin Greenmantle, o colecionador corrupto que finalmente matou seu pai. Vários meses atrás, Greenmantle havia morrido ele mesmo – em circunstâncias igualmente sombrias – e um dos traficantes que conheciam ele e Niall entrara em contato com Declan. Ele ofereceu a chave da estranha coleção de Greenmantle.

Pegue o que quiser do seu pai antes que eu venda. Ele havia dito. *Você ganhou com sangue.*

Uma oferta generosa. Muito generosa. Generosidade em uma escala de dezenas de milhares de dólares.

Eu não quero, disse Declan.

Ele ia manter a cabeça baixa. Ser invisível. Fingir que parte de sua vida nunca aconteceu.

Eu não quero nada disso, e mesmo quando ele disse isso, ele sabia que era uma mentira.

Mas o que Declan Lynch era senão um mentiroso?

— Ela tem uma lenda — disse Declan a Ronan, que olhou para onde estava, uma das várias pinturas encostadas nas paredes de uma cabine temporária. — Quem dorme no mesmo quarto que ela sonhará com o oceano.

Aparentemente, isso deixou as pessoas loucas. Enquanto Ronan estava destruindo um dormitório de Harvard, Declan estava examinando o que restava da coleção de Greenmantle em Boston. Ele descobrira que *A Dama Sombria* havia sido vendida logo após a morte de Greenmantle e depois trocou de mãos dezenas de vezes, ninguém a mantendo por mais de algumas semanas. E ela seria vendida novamente, desta vez no Mercado das Fadas, em Washington, DC.

Era como deveria ser.

— Vou comprá-la, se puder pagar — disse Declan. Os irmãos Lynch eram ricos, mas condicionalmente. Niall deixou para cada um deles um pedaço de propriedade – os celeiros para seu filho favorito, um campo vazio em Armagh, na Irlanda do Norte, para o filho favorito de Aurora, e uma casa de cidade estéril em Alexandria para o filho que sobrara – e uma soma de dinheiro que os manteria no conforto da classe média durante a maior parte de suas vidas, desde que não fizessem muitos gastos, como compras de carros, estadias em hospitais ou acordos por pinturas sobrenaturais. — Mantenha a calma.

-— Mantenha a calma — zombou Ronan suavemente, mas ele colocou indiferença em seu rosto enquanto se dirigiam para o estande.

O homem que dirigia esse estande não parecia estar vendendo arte. Parecia que ele deveria estar dirigindo uma academia, sorrindo em um outdoor para o programa de levantamento de peso que havia desenvolvido, promovendo shakes de proteína, perdendo tudo quando foi preso por uso de esteróides. Seu cabelo estava untado em pontas quase tão fortes quanto o resto dele.

— Quanto custa esse? — perguntou Declan — Da mulher loira?

— Vinte mil para aquela pequena dama — disse o homem parado entre as telas. — Olhe para o espírito dela. Que garota. Você pode dizer que ela tem uma risadinha nela em algum lugar.

Declan avaliou seu tom, postura e a colocação da pintura no estande, analisando o quão investido o homem era e o quão valioso ele pensava que isso era. E parte dele escondia a maneira como o homem falava também. A coleção particular de palavras e frases de Declan era gratuita e eternamente secreta, um hobby perfeito.

Ele disse:

— Para uma pintura de ninguém?

O olhar de Ronan perfurou buracos no lado de sua cabeça. Não faria mal

a Ronan nem um pouco se ele fizesse as pazes com mentiras por uma boa causa, pensou Declan.

— Ela vai fazer você sonhar com a praia — disse o homem. — Minha filhinha disse que a fez sonhar com o litoral. Eu mesmo tive que experimentar. Descascaria e condenaria se não o fizesse. Havia o litoral, todas as noites ela estava sob meu teto. Como umas férias grátis! Isso é uma ga-ran-tia.

— Eu não preciso de um truque de salão — disse Declan. — Eu só preciso de algo para pendurar na minha mesa da sala de jantar. Três mil e quinhentos.

— Vinte mil.

O preço de objetos estranhos sempre foi subjetivo. Quanto valia a pena, a sensação de que você possuía algo que não deveria existir, ou algo que tocava um reino sobrenatural ao qual você não tinha acesso, ou algo que fazia você acreditar que havia mais no mundo do que aquilo que você foi dado? A resposta geralmente era muita. Declan não sabia o quanto ele poderia realmente convencer o cara. Mas vinte mil eram uma grande parte de suas economias cuidadosamente acumuladas. Uma soma imprudente para uma decisão já imprudente.

— Quatro mil.

— Dezenove.

Declan disse suavemente:

— Não quero deixar isso em cima da mesa, mas não vou fazer outra rodada. Quinze é a minha oferta final.

O homem cedeu e aceitou as contas.

— Vou pegar um papel de embrulho.

V*ocê está realmente fazendo isso*, pensou Declan. *Indo abaixo pela toca do coelho*.

Ao lado de Declan, Ronan se ajoelhou junto à pintura. Sua mão pairou sobre o rosto da mulher, mas não tocou a superfície. Não foi difícil dizer que significou muito para ele ver Aurora novamente; Ronan não podia mentir, mesmo com sua linguagem corporal. De alguma forma, verdades objetivamente perturbadoras sobre seus pais foram incapazes de prejudicar os sentimentos de Ronan por eles. Declan o invejava. Seu amor e sua dor.

O vendedor voltou com o papel de embrulho e um livro gordo e esfarrapado.

Declan olhou para este segundo objeto.

— O que é isso?

— Vou precisar do seu nome e código. Esta peça está registrada — disse o vendedor — Suas vendas são rastreadas.

Isso era incomum em um mercado definido por discrição. Objetos rastreados eram perigosos, absurdamente valiosos ou ligados ao crime organizado de uma marca ou outra.

Declan sentiu uma explosão de apreensão.

— Por quem?

— Boudicca — disse o vendedor.

A palavra não significava nada para Declan, mas ele não gostou do mesmo jeito. Ele não fazia nós atados.

— Vou lhe dar dezenove por isso, sem registro.

O grande homem musculoso balançou a cabeça com pesar.

— Não posso fazer isso, amigo.

— Vinte e cinco.

— Não posso. Não para Boudicca. Não vale a pena.

Declan pesou isso. Já era ruim o suficiente chegar a esse lugar onde as pessoas o conheciam e comprar um dos velhos sonhos de seu pai. Era algo mais vir aqui e estar no registro por isso. Ele não gostou de como o cara disse Boudicca também. Parecia poder.

Parecia malícia. Ele não gostou nem um pouco.

Ele já havia distribuído seu cartão de visita uma vez naquela noite e isso parecia perigoso o suficiente.

— Então isso é um não para mim — disse Declan. Ele estendeu a mão para recuperar seu dinheiro. — Desculpe.

— Vamos lá — disse o cara. — O acordo está quase fechado.

— Desculpe.

O cara continuou segurando o livro.

— Não é um endereço. Apenas nome e código. Fácil. Você dá isso no drive-through da Starbucks. Você escreve isso na parede do banheiro.

Declan continuou estendendo a mão pelo dinheiro.

No fundo, os sons do Mercado das Fadas continuaram. Havia algum tipo de confusão acontecendo do outro lado do quarto. Pessoas brigando. Vozes levantadas. Essa noite era perigosa; sempre era perigoso nesses lugares. Declan sabia disso e ele veio assim mesmo.

Ele trouxe Ronan. Ele se aproximou desse membro e pegou a pintura de seu passado. Ele sabia melhor que isso.

A Dama Sombria o encarou desconfiada.

— Lynch — Ronan disse abruptamente.

Declan e o cara olharam para Ronan. Por um momento, Declan não pôde decidir se Ronan realmente disse alguma coisa, ou se Declan apenas imaginou.

— Ronan Lynch, 22740.

Declan poderia matá-lo. Ele poderia absolutamente matá-lo.

O homem anotou. Declan podia sentir sua pele formigando por toda parte quando viu as palavras em tinta. Ronan. Lynch. Uma verdade, revelada. Uma verdade, transcrita para sempre. Ele odiava isso. Muito mais suave mentir. É muito mais fácil simplesmente largar a pintura e o que ela prometia e ir embora.

O homem levantou a pintura da mulher de cabelos dourados para os braços de Ronan.

— Aproveite o oceano.

CAPÍTULO 20

Jordan estava se apresentando novamente.

Hoje à noite não era totalmente diferente da festa no TJ, exceto que o público era formado por criminosos, Jordan esperava muito que Feinman *não* aparecesse, e as apostas eram ainda maiores porque se o plano delas falhasse hoje à noite, ela não conseguia pensar em como seria um plano B.

Jordan estava copiando a *Rua John Singer Sargent*, em *Veneza*, no meio do Mercado das Fadas. Ela havia copiado essa pintura em particular muitas e muitas vezes antes, mas a familiaridade a tornava mais calmante do que entediante, como assistir a um filme favorito.

Nela, uma garota segurava seu xale enquanto caminhava rapidamente por um beco. Dois homens, vagamente retratados em cores escuras, a encaravam enquanto ela passava. Os olhos da garota estavam baixos, olhando furtivamente para eles a observando. Um casal também estava sentado em um café, mas Jordan nem os notara nas primeiras vezes em que vira a pintura. Apenas a garota cautelosa, observada sombriamente, e a cidade se aproximando.

Como todos os Sargents, a chave para copiá-lo era pintar sem hesitar. Ele tinha traços amplos, livres e sem esforço, e se o artista abordasse o trabalho com timidez, a cópia resultante pareceria exigente e forçada.

Jordan não hesitou.

Não muito tempo depois que ela se estabeleceu, Hennessy ligou.

— Todos os olhos em você?

— Luz verde para ir.

— Tive minha sorte lida. A moça disse que nossa casa seria invadida novamente.

Jordan expirou.

— Nós não temos uma casa.

— Certo, temos um lar — disse Hennessy — Preciso ir.

Ela desligou.

Jordan voltou sua atenção para a tela à sua frente. Arte, arte, pense na arte. Se ela pensasse na arte, não pensaria em tudo que poderia dar errado. A arte era uma parte sólida da Jordan. Não é arte como *Pegar uma pincel e deixar sua alma derramar através de pigmentos*, mas arte como um objeto no porta-malas do seu carro, arte como prova física da identidade cultural, arte

como mercadoria. Ela tinha cicatrizes, manchas e bolhas de arte. Provavelmente era inevitável, dada sua linhagem. O pai de Hennessy colecionara arte, inclusive a mãe, e ela pintara retratos até sua morte. Os retratos de sua mãe eram um pouco famosos antes de sua morte e agora eles eram muito famosos. Jordan descobriu que isso era porque a arte sempre durava mais quando misturada com sangue.

— Gostaria de poder dizer que fiquei surpresa — disse uma voz familiar.

Feinman. Bernadette Feinman parecia ainda mais agitada e dramática nesse ambiente, acrescentando um longo casaco de pele aos óculos cor de rosa em que Jordan a vira antes.

Ela parecia uma senhora mais velha e equilibrada que tinha visto algumas coisas no passado e estava aberta a ver mais coisas no presente. Ela ainda estava com o cigarro de cravo; ela fumava agora em um suporte longo. Jordan apreciou o compromisso com a estética, mesmo quando ela sentiu seu coração afundar.

— Merda — disse Jordan. Rapidamente, ela tentou pensar em como o plano mudaria se Feinman a expulsasse.

— Acalme-se e pinte — disse Feinman. — Eu não estou te enganando. Eu sabia quem você era quando a rejeitei no Tej. Eu sabia que você poderia apenas abrir caminho aqui. Às vezes, você apenas precisa ser um objetor de consciência. Eu queria registrar como eu sentia que você poderia fazer mais consigo mesma.

— Absolutamente. Explorar todo o meu potencial. Um grande e benevolente E. Eu aprecio isso. Um sempre quer ser mais — disse Jordan. — Então esta é apenas uma visita a vizinhança?

Feinman olhou para Jordan de uma maneira complicada, como se pensasse que os motivos de Jordan para escolher uma vida criminosa pudessem surgir se ela olhasse bastante. Finalmente, ela apenas disse: — Mantenha esse sorriso. É um original.

Depois que ela se foi, Jordan soltou um longo, longo, longo suspiro de alívio. Atrasada, Trinity mandou uma mensagem para ela: *Acho que vi Feinman indo na sua direção.*

Jordan mandou uma mensagem de volta: Boa dica. *O que está acontecendo com H*?

Trinity: *Ainda inarticulada*.

Nenhuma palavra era bom. Ou pelo menos não era ruim.

Geralmente Hennessy e Jordan eram falsificadoras de arte.

Essa noite elas eram ladras.

Hennessy havia chegado antes para descobrir onde estava o alvo pretendido. Com tantos andares e quartos, e nenhum dos fornecedores catalogados ordenadamente, isso foi um feito e tanto. Depois que descobriu onde estava a pintura, Jordan chegou com seu precioso chamariz embrulhado e seus suprimentos de pintura. Ela se instalou no local mais público possível para demonstrar seu ofício. *Olhem para mim*, sua presença gritou. *Olhem para mim sendo Hennessy sentada aqui pintando uma cópia de um Sargent, definitivamente não em outro lugar roubando uma pintura. Olhem para mim e meu álibi.* Seria o crime perfeito: Jordan passara semanas trabalhando em uma cópia impecável da pintura que pretendiam roubar, e o trabalho de Hennessy era trocá-las enquanto o proprietário não estava olhando.

Elas precisavam disso.

Jordan voltou ao trabalho. Ela tentou não pensar no que Hennessy estava fazendo. Ela recebeu algumas encomendas. Ela ouviu a palavra *Bryde* sussurrada de um lado para o outro; ela não sabia o que aquilo significava. Ela sorriu para sua pequena multidão de observadores. A maioria só parou por alguns segundos, a menos que eles fizessem uma encomenda.

Exceto por um.

Ele ficou tempo suficiente para que Jordan olhasse para cima. Conservador, terno cinza caro. Conservador, relógio preto caro. Conservador, cara gravata preta de seda. Tudo se comportando tão bem em conjunto que eram totalmente esquecíveis.

— Eles dizem que dez por cento das obras em museus são falsas — observou ele.

Jordan olhou para ele. Ele era jovem e bonito de uma maneira tão alinhada às expectativas culturais que sua aparência passou pela atração diretamente para o tédio. Seus cabelos estavam cuidadosamente despenteados e enrolados, seus pêlos faciais cuidadosamente permitidos a sombrear seu queixo de maneira ordenada. Ele tinha bons dentes, boa pele. Olhos muito azuis. Ele era inofensivo em todos os sentidos. Ela disse: — E, o que, outros quarenta por cento são mal atribuídos sem nenhuma intenção maliciosa?

Ele respondeu brandamente:

— Isso faz com que pelo menos metade da arte aprecie o cultivo de uma suspensão voluntária da descrença.

— Diversão para todas as idades.

Ele riu. Foi uma risada suave e fácil. Isso não implicava que estava rindo

dela. Isso implicava que poderia estar rindo dele, se era isso que ela queria. Ou pode estar apenas rindo, se ela preferir. Ele observou: — Você é incrivelmente boa.

— Sim — concordou Jordan.

— Não consigo desenhar um boneco — disse ele. — Eu não tenho...

— Não seja chato — ela interrompeu. — Apenas diga que você nunca tentou. As pessoas estão sempre dizendo *talento* quando querem dizer *prática*.

— Eu nunca tentei — ele concordou. — Eu pratiquei outras habilidades.

— Tal como? Forneça uma lista detalhada.

Ele olhou para a multidão. Não é muito arisco, porque arisco não parecia ser o estilo dele.

Mas algo mais estava pedindo sua atenção.

— Você me lembra meu irmão.

— Parabéns — disse ela.

— Pelo quê?

— Por ter um irmão tão bonito.

Agora ele ria de verdade, um som consideravelmente menos uniforme, e ele olhou para longe dela como ele fez, como se ele pudesse abafar a verdade disso ao fazê-lo.

Obviamente, este não era um som que ele pretendia transmitir às pessoas. Ela se perguntou o quão profundo ele estava neste mundo. Ele não parecia ter essa vantagem necessária para sobreviver. Ele parecia mais propenso a vender anuidades ou títulos.

Ela voltou ao seu trabalho.

— Posso perguntar o que você está fazendo aqui hoje à noite?

— Não — ele disse.

Ela olhou para ele. Ele sorriu aquele sorriso sem graça, mas não recuou por causa disso.

Era um não que não era malicioso ou rude. Era simplesmente um fato. *Não. Você não tem permissão para saber.*

De repente, ela viu como ele poderia sobreviver neste mundo.

— Declan — alguém disse, e seus olhos se estreitaram. Era uma expressão muito mais memorável do que qualquer outra que ele usara até aquele momento. Ele se mexeu e, ao fazê-lo, ela notou seus sapatos. Eles também eram surpreendentes. Excelentes brogues amanteigados com ferramentas inteligentes. Não sem graça. Não esquecível.

— É você? — Jordan perguntou.

Em vez de responder, ele colocou um cartão de visita logo atrás da borda da tela dela.

Havia uma palavra acima do número do telefone, impressa em prata: LYNCH.

Lynch.

Agora havia um nome coincidente. Ela gostou; parecia que isso significava que as coisas iam dar certo.

— Se você quiser saber mais — disse ele. — Ligue para mim.

— Suave — disse ela. — Bem feito.

Ele sorriu seu sorriso corporativo de dentes-retos para ela de novo.

— *Declan*.

Ele se foi. Outros espectadores vieram tomar o lugar dele, mas Jordan descobriu que ela continuava olhando para o cartão de visita. LYNCH.

Coloque sua cabeça no jogo, Jordan. Ela disse a si mesma. *Essa noite é sobre algo maior que isso.*

O telefone tocou. Era Hennessy. O coração de Jordan acelerou quando ela o pegou.

— Alguém comprou — disse Hennessy. — Agora mesmo.

— O quê?

— Alguém comprou. Logo antes de eu chegar lá. Se foi.

De todas as pinturas à venda sob esse teto. Depois de todo esse tempo rastreando-o.

Alguém havia chegado primeiro à *A Dama Sombria.*

O estômago de Jordan caiu.

— Nós sabemos quem?

— Não é como se pudéssemos arregaçar e pedir essa porra de merdinha — disse Hennessy. — Mas o Brooklyn viu a marca. Vamos ver se conseguimos encontrá-lo antes que ele vá embora. Então, tipo, avaliar a maldita situação.

Jordan já estava jogando os tubos de tinta na bolsa e procurando alguém que segurasse um embrulho do tamanho certo.

— Como é o comprador?

— Jovem. Vinte anos. Cabelo escuro, olhos azuis. O Brooklyn disse que ele tinha olhos muito azuis.

Cabelo escuro. Olhos azuis. Jordan olhou para o cartão de visita: LYNCH.

Merda.
Ela ficou de pé, mas Declan Lynch se foi há muito tempo.

CAPÍTULO 21

Os irmãos Lynch estavam de volta ao elevador espelhado, os sons da biblioteca deixados para trás, substituídos pelo silêncio do ar morto do elevador em descida. O silêncio foi pontuado apenas pelo *som* abafado do elevador marcando os andares. O corpo de Ronan ainda parecia acelerado pela verdade de Bryde, o choque de ver o rosto de sua mãe, a acusação do acordo concluído, o calor da raiva de Declan. Seu irmão mais velho ainda parecia chateado. Mais chateado do que ele esteve em meses.

— Eu não posso acreditar em você — disse Declan. — Eu trouxe você aqui. Eu confiei em você.

— Qual é o grande problema? — Ronan exigiu. *Ding*. — As pessoas reconheceram seu rosto em todo este lugar.

— Eles não inseriram meu nome em um registro para algum sindicato monitorar — disse Declan.

— É isso que Boudicca é?

Declan encolheu os ombros.

— Você viu o rosto daquele cara quando ele disse isso? Isso se chama medo, Ronan, e você pode tentar conseguir um pouco.

Declan não fazia ideia.

Ding.

— Você sabia que seria uma pintura de mamãe? — Era uma semelhança peculiar. A cabeça de Aurora, no corpo de outra pessoa. Aurora nunca ficaria assim, petulante e desafiadora. Até seu rosto era um pouco diferente do que Ronan lembrava, os traços mais agudos, mais estragado pela batalha, do que os de Aurora na vida real. Era possível que não fosse um retrato muito bom, ele supôs. Mas também era possível que houvesse um lado de sua mãe que ele não conhecia.

Antes desta noite, ele teria negado essa possibilidade, mas, no momento, quase tudo parecia possível.

Declan começou a bicar o telefone, sua peculiar técnica de polegar e indicador.

— Eu tinha um palpite.

— O que mais você sabe que não me contou?

Ding.

A porta do elevador se abriu. Não era o térreo. Era o terceiro andar, aquele com máscaras. Uma mulher esperava do outro lado, as mãos nos

bolsos de uma jaqueta cinza.

Primeiro Ronan viu como ela estava. Tensa, curvada, um predador. Então ele viu o cabelo dela: dourado. Então seus olhos: bonitos, azuis.

Centáureo, céu, bebê, índigo, azul, céu.

Pela segunda vez naquela noite, Ronan se viu olhando diretamente para sua mãe morta, só que desta vez ela estava em carne e osso.

Seu cérebro estava rejeitando – *isso não acontece quando você está acordado, não é o que você pensa.*

E ela estava apenas encarando-o, olhando para ele, seu olhar petulante, estragado pela batalha, assim como o retrato encostado nas pernas de Declan. Então ela olhou para Declan e se encolheu.

Nenhum deles se moveu – nem para frente, nem para trás – apenas olharam, olharam, *olharam*. Transfixados, como Matthew nas cataratas. Encantados, perdidos. Os irmãos Lynch e sua mãe morta.

Então as portas do elevador se fecharam em Aurora.

Ronan impelido a ação.

— A porta, Declan...

Ambos bateram o botão da porta, mas o elevador os ignorou, já descendo. Ronan apertou o botão do segundo andar bem a tempo e as portas se abriram obedientemente. Ronan correu para o corredor.

— Ronan… — Declan começou, mas Ronan já havia ido. Ele saiu pelo corredor, saltando sobre uma mulher que se curvara para pegar sua bolsa caída. Ele desviou um par de homens saindo de um quarto. Ele se debruçou sobre uma bandeja, percebendo em detalhes estranhos e intensos enquanto voava sobre ela que ela estava decorada com um serviço de chá antiquado e ornamentado, completo com uma bandeja de sanduíche em camadas.

Ele tinha que chegar ao terceiro andar antes que a mulher pegasse outro elevador, antes que ela se movesse.

Ele derrapou para diminuir a velocidade antes de chegar à porta de saída no final do corredor. *Não esteja trancada*, ele pensou, e não estava, e ele passou por ela e subiu os degraus de metal da escada. Elas estremeceram e rugiram como uma máquina de vapor quando ele subiu dois de cada vez. Aqui: a porta para o terceiro andar. *Não esteja trancada*, ele pensou, e essa também não estava, e ele também passou por ela, correndo de volta pelo corredor em direção aos elevadores onde ela estivera.

Ele chegou lá quando as portas se fecharam, prendendo-a. A flecha apontou para baixo, para baixo, para baixo.

Ele apertou o botão da porta novamente, mas nada aconteceu.

Ofegando por ar, ele soltou um palavrão. Ele colocou os braços atrás da cabeça e tentou respirar, de volta a realidade. Droga, droga. Ele estava recuperando o fôlego, mas não o coração. Estava pulando corda e se divertindo fora do ritmo. A *mãe* dele. Um fantasma.

Três portas abaixo, duas mulheres emergiram de um quarto e seguiram em direção aos elevadores. Elas estavam de braços dados, falando em voz baixa. As irmãs. As irmãs da sala das máscaras. Elas olharam para ele com curiosidade, parecendo achar sua desordem mais interessante do que angustiante.

— Ah, o homem com uma máscara — disse uma deles.

A outra perguntou:

— Onde está sua moça bonita?

Ele juntou as coisas.

— A senhora, a senhora que você viu antes. Ela era loira, ela estava vestindo uma jaqueta, ela tinha olhos azuis? — Ele apontou para os seus.

As duas olharam para ele, os lábios contraídos, entendedores.

— Olha, ela estava morta. Eu sei que ela estava morta. Eu vi – eu preciso saber o que está acontecendo — disse Ronan. *Por favor me ajude. Por favor me ajude a entender.* — Por favor. Você falou com ela?

As irmãs o examinaram. Uma delas, a mais velha, estendeu a mão para rastrear levemente os olhos de Ronan, como se ela estivesse procurando por uma máscara. Seu dedo estava gelado. Ele virou o rosto.

— Ela nos deu esse cartão — disse uma das irmãs. — Você pode tê-lo; nós não o queremos. Ela entregou um ladrilho quadrado. Havia uma imagem impressa em bloco de uma mulher, com uma cruz pintada no rosto.

Não significava nada para ele, mas ele aceitou assim mesmo.

— O que ela queria?

— O que todo mundo queria. Saber mais sobre...

Ele sabia o que elas estavam prestes a dizer, porque era a palavra que estava concluindo quase todas as frases naquela noite. Ele terminou para elas.

— Ele.

— Sim — disse a irmã mais velha. — Bryde.

CAPÍTULO 22

Farooq-Lane nunca havia testado sua condição física. Não em um teste real. Não em uma situação de gazela-leão. Não em uma corrida descendo pelos corredores e saltando pelas portas e cuidado-com-os-joelhos, agora descendo uma dúzia de lances de escada. Ela só corria na esteira de sua academia local, fones de ouvido cuspindo batidas nela e, às vezes, à beira do lago em dias bons, sapatos combinando com shorts combinando com sutiã esportivo combinando com o Fitbit contando seu batimento cardíaco no pulso e, ocasionalmente, nos centros fitness em hotéis, uma garrafa de água refletindo a parte de cima de suas pernas suavemente tonificadas. Ela só corria para ficar bonita.

Ela nunca tinha corrido por sua vida.

Mas foi assim que ela saiu do Carter Hotel, seguindo um número crescente de antagonistas em todos os andares. Ela ouviu as coisas baterem nas paredes atrás dela, mas não olhou para ver o que eram. A certa altura, ela sentiu uma mão envolver seu tornozelo, ela saltou livre e aumentou a velocidade.

Enquanto corria pelo saguão, uma mulher com um top de cordão sorriu para ela, não de uma maneira agradável, e disse: — Corra, policial.

Farooq-Lane derrapou pelas portas da frente. Ela desceu as escadas da frente tão rapidamente que quase entrou no carro estacionado na base delas.

Era o carro dela. O alugado.

Parsifal Bauer estava sentado ao volante, sentado perfeitamente reto, parecendo um agente funerário ao volante de um carro funerário.

Ela ouviu alguém – provavelmente o porteiro – vindo atrás dela.

Ela se jogou no banco de trás. O carro já estava se movendo quando ela fechou a porta atrás dela. As portas trancadas audivelmente.

Um pequeno *ruído* enquanto se afastavam indicava o som de uma bala atingindo o carro e Farooq-Lane ficou feliz por ter recebido uma cobertura de seguro completa no aluguel.

A cerca de 2 km, Parsifal parou e estacionou o carro.

— Eu não quero mais dirigir. Eu não tenho carteira.

Farooq-Lane ainda estava sem fôlego, seu lado beliscando com um ponto. Ela não podia acreditar que ele estava ali, esperando por ela. Possivelmente ele tinha acabado de salvar a vida dela.

— Você teve uma visão?

Ele balançou sua cabeça.
— Como você sabia que devia estar lá?
Parsifal desafivelou o cinto de segurança.
— Senso comum.

CAPÍTULO 23

Nós devolvemos o mundo a eles antes que soubéssemos melhor.

Eles já estavam contando histórias sobre nós e nós estávamos acreditando nelas. A história era a seguinte: o dilema de ser sonhador era uma enfermidade emocional. Poderíamos sonhar, mas não aguentamos ficar acordados. Poderíamos sonhar, mas não conseguimos sorrir. Poderíamos sonhar, mas fomos feitos para morrer jovens. Como eles ainda nos amavam, apesar de nossas fraquezas, de nossa inadequação a todas as coisas práticas..

E nós acreditamos neles. Um conto de fadas benevolente e perverso, e nós acreditamos nisso. Não podíamos governar o mundo. Nós não podíamos nem governar a nós mesmos.

Entregamos a eles as chaves do maldito carro.

Ronan sonhava com o verão, com Adam.

Ele estava em um jardim fervendo de sol, cercado por plantas de tomate tão altas quanto ele. Verde. Tão verde. As cores nos sonhos não eram vistas com os olhos, eram vistas com emoção; portanto, não havia limite para sua intensidade. Um rádio estava inclinado na cobertura, tocando a voz de Bryde, e Adam estava lá, suas feições magras parecendo elegantes e picadas pelo sol. Ele era adulto. Recentemente, ele tinha sido adulto em todos os sonhos de Ronan, não apenas adulto para cigarros, mas propriamente, verdadeiramente na idade adulta, cada parte dele madura, certa, resolvida – provavelmente havia alguma explicação psicológica para isso, mas Ronan não podia adivinhar.

Agora eles construíram tudo de dentro para fora. Consciente, é o que eles chamam de estar acordado. Inconsciente, é o que eles chamam de sonhar. Subconsciente, é assim que eles chamam de tudo no meio. Você e eu sabemos que isso é besteira.

Mas assim falou Zaratustra ou o que quer que seja e agora eles nos deram espiritualidade e assumiram a realidade por si mesmos.

A audácia disso.

Nesse sonho, esse Adam mais velho, confiante e poderoso, ainda juvenilmente magro, mas com a mandíbula enrolada em um belo colar, colocou um tomate cereja maduro na boca de Ronan. Quente do sol, a pele esticada contra a língua. Sementes chocantes e salgadas explodiram quando Ronan esmagou a polpa contra o céu da boca. Tinha gosto de verão.

Você precisa entender isso: eles precisam que você se quebre. Eles não aguentam o contrário. Se você pudesse fazer o que faz, mas sem nenhuma dúvida?

Não me diga que não tem dúvidas.

Não me diga que você já descobriu.

Seus caranguejos pesadelos apreensivos estão com você, não comigo. Não era meu aniversário impresso em suas barrigas. Você ainda não acredita na realidade dos seus sonhos. Na sua realidade.

Não quero que você pense assim novamente: foi apenas um sonho.

Essa é uma boa maneira de conseguir ser morto.

— *Tamquam* — disse Adam.

— Espere — disse Ronan.

— *Tamquam* — ele disse novamente, gentilmente.

— *Alter idem* — disse Ronan, e se viu sozinho. O jardim havia desaparecido e agora ele estava em uma costa irregular, tremendo, curvado contra o vento. O ar estava gelado, mas o oceano era azul tropical. As rochas que se erguiam atrás dele eram pretas e ásperas, mas a costa era de areia bege e cremosa. Ele estava cheio de desejo. O sonho era feito de anseio por coisas fora de alcance. Flutuava no ar como umidade. Lavava-se na praia com a água salgada. Ele sugou mais saudade a cada inspiração, exalou um pouco de sua felicidade do outro lado. Que miserável.

Não. Ronan não estava à mercê do sonho.

— Feliz — Ronan disse no ar. Ele disse com a intenção que o sonho o ouvisse. Realmente ouvisse. — Golfinhos do caralho.

Costas lisas e cinzas surgiram alegremente a alguns metros da costa. Golfinhos guincharam. A miséria deixou um pouco do peito.

Aí está você. Você não está sem habilidades. Eu acho que você está ficando intrigado, não é?

— Eu não gosto de pessoas que não se mostram — disse Ronan em voz alta.

Você ouviu como foi ontem à noite. Todo mundo quer um pedaço de mim. Você vai ter que vir em minha direção primeiro. Lembra do nosso jogo? Jogue a pedra, pule para o próximo quadrado, mais perto do centro?

Um saquinho plástico de dentes apareceu na praia. Ronan pegou; ele odiava notícias sobre plástico no oceano.

— Não tenho tempo para jogos.

A vida é um jogo, mas apenas alguns se preocupam em jogar.

Próximo quadrado: Você não sabe qual coelho perseguir agora, eu ou ela.

Próximo quadrado: não importa. Qualquer coelho irá levá-lo para a mesma toca. Todos nós estamos lutando na mesma direção hoje em dia. Procurando por migalhas.

Próximo quadrado: Jogue uma pedra, pule, pule. Salte atrás dos coelhos.

Próximo quadrado: Boa caçada.

CAPÍTULO 24

Na manhã após o Mercado das Fadas, Ronan acordou no quarto de hóspedes de Declan.

Desde Cambridge, ele tinha que ter uma conversinha consigo antes de se convencer a sair da cama, mas hoje, ele imediatamente saiu debaixo do edredom e se vestiu.

Pela primeira vez em muito tempo, ele estava mais interessado em estar acordado do que dormindo.

Bryde.

Bryde.

Bryde.

Além de um mercado subterrâneo onírico, e uma estranha com o rosto de sua mãe. O mundo parecia enorme e extraordinário, e seu sangue parecia quente novamente em suas veias.

Pule atrás dos coelhos.

Ronan ainda tinha uma pista: o cartão que a mulher mascarada tinha dado a ele fora do elevador.

Recuperando-o do bolso do casaco, ele deu uma olhada melhor. Era um cartão pesado, mais como um porta copos descartável do que um cartão de negócios. Era agradável de segurar. Profissionalmente feito, perfeitamente quadrado, cantos arredondados. Um lado apresentava essa imagem da mulher com uma cruz larga no rosto, passando sobre a testa e o queixo verticalmente, passando sobre os olhos e maçãs do rosto horizontalmente. O outro lado era preto liso. Não havia nenhuma outra informação sobre ele que ele pudesse ver, mesmo segurando-o contra a luz.

Ele tirou uma foto do cartão, digitou *Você sabe o que é isso?* e mandou uma mensagem para Gansey na esperança de que ele ainda estivesse amarrado àquela nogueira preta ou em outro lugar com um sinal de telefone. Richard Campbell Gansey III era a pessoa mais acadêmica e mítica que ele conhecia, e o mais provável de qualquer um dos conhecidos de Ronan de ter uma ideia de qual seria o significado da imagem. Ele queria enviá-la para Adam, mas ele não queria que Adam achasse que tinha que dedicar tempo a isso. Ele já tinha estragado a vida de Adam o suficiente no momento. Ele não achava que Adam estava com raiva dele, mas as coisas tinham sido diferentes desde que o dormitório foi destruído.

Mais silencioso, mais ou menos. Ronan não sabia como deixar as coisas

certas novamente, e ele estava com medo de deixar as coisas mais erradas.

Então ele só mandou uma mensagem para ele: *sonhei com você.*

Quando ele desceu as escadas e foi para a cozinha, a voz de Declan soou como de um palestrante.

— Você não está nem remotamente vestido para o recital. Preciso de pelo menos 40 minutos extras para o trânsito. E por favor, pare.

Matthew estava cantando alegremente através de uma boca cheia de panquecas e geléia, acompanhando o som com uma pequena dança. Seu canto soava como *ror a ror a ror a ror.*

Era difícil dizer se era uma frase que ele gostava da sensação ou um fragmento de uma canção, não que particularmente fazia diferença; ele tinha, em ocasiões anteriores, cantado frases que ele gostava da sensação por horas.

Declan parecia estar sofrendo. Ele pegou um punhado de antiácidos e engoliu-os com café, que Ronan suspeitou que era contra-indicado, mas caralho, todo mundo tinha seus vícios.

— O que ele está dizendo? — Ronan perguntou.

— Ele está dizendo que quer se atrasar para seu recital — disse Declan amargamente.

Matthew, ainda dançando e cantando, apontou para a agora desembrulhada *A Dama Sombria*, onde foi encostada nos armários. Era maravilhoso vê-la à luz da manhã. O sonho de ontem à noite tinha sido realidade, e vice-versa. O Mercado das Fadas existia; Bryde existia; a mulher que tinham visto com o rosto de Aurora existia. *A Dama Sombria* olhou para Ronan com seu olhar duro. O de Aurora tinha sido terno, confiante. Não havia nada disso nesse retrato.

Matthew finalmente engoliu a comida e cantou, com mais clareza:

— More oh core-ah, More oh core-ah!

Juntando-se a Ronan, ele virou a pintura. A parte de trás da pintura foi selada ordenadamente com papel marrom, protegendo a tela. Matthew bateu no canto inferior direito, onde havia uma inscrição na caligrafia de seu pai. *Mór Ó Corra.*

Ronan disse isso em voz alta a si mesmo, jogando de volta para os *r's* irlandeses.

— More oh core-ah.

Tinha um certo tom viciante nisso. Uma certa forma nostálgica para as vogais que o lembravam de seu pai, das partes de sua infância que não foram imaculadas por tudo o que veio depois. Ele quase esqueceu o sotaque da

Irlanda do Norte de seu pai. Que coisa ridícula de esquecer.

Ronan olhou para seu irmão mais velho.

— O que é *Mór Ó Corra*?

Declan disse:

— Quem sabe? É só um sonho. Pode ser qualquer coisa. Matthew, por favor, pelo amor de Maria. Se vista. Vamos, por favor, para estrada.

Este Declanismo levou Matthew lá para cima.

As palavras de Declan - *apenas um sonho* - ecoaram na mente de Ronan quando ele se lembrou de como Bryde o havia proibido de dizê-las novamente. Ele perguntou a Declan:

— Você sonhou com o mar?

— Sim — disse Declan. — Um irlandês.

— Então, ela funciona como anunciado.

— Parece que sim.

O telefone de Ronan zumbiu com um texto: Gansey.

Contatei alguns conhecidos, disse, como se ele tivesse sessenta anos em vez da mesma idade que Ronan. *A imagem que você enviou é um logotipo confirmado para Boudicca.*

Um grupo só de mulheres envolvidas na proteção e organização das mulheres nos negócios.

Henry disse que sua mãe acha que elas são muito poderosas.

Outra mensagem veio: *Boudicca é realmente uma figura histórica muito interessante em seu próprio direito.*

Outra: *Ela era uma rainha guerreira dos celtas por volta de 60 d.C. e lutou contra os romanos.*

Outra: *Blue quer que você saiba que Boudicca é*

Outra: *Desculpe enviei antecipadamente, a citação é "Boudicca é a gótica original. Ronan Lynch gostaria que ele fosse tão fodão."*

Outra: *Fodão é mesmo uma palavra?*

O telefone de Ronan exibia elipses para mostrar que Gansey estava prestes a enviar outra mensagem.

Ronan respondeu às pressas: *se você tem que perguntar então você não é um. obrigado velhote. vou ver no google.*

Declan perguntou:

— Parrish?

— Gansey — disse Ronan — Ele sabe o que é Boudicca. Ele sabe sobre o cartão que a mulher… — Ele não sabia como chamar a mulher com o rosto

de sua mãe — Deixou com as mulheres mascaradas na noite passada.

— Não vá atrás disso, Ronan — entoou Declan. Erguendo a pintura, ele deslizou-a para o armário mais próximo e fechou a porta para ela. Ronan não era aficionado de arte, mas ele não tinha certeza de que era o método de exibição que ele teria escolhido. — Eu posso ver que você acha que vai ser divertido, mas não vai ser — Ele estava sempre fazendo isso, adivinhando a próxima ação de Ronan corretamente, adivinhando sua motivação incorretamente.

— Você não quer saber?

— Não — Ele começou a se preparar para ir: empurrando pratos na pia, empurrando a comida para baixo com uma espátula, enxaguando sua xícara de café e colocando-a de cabeça para baixo em uma toalha. — Não, eu não quero. Matthew, vamos lá, apresse-se, dois minutos! Estou abrindo mão do meu dia por isso!

Ronan rosnou:

— É como se você tivesse saído da família no nascimento.

Ele sabia que era desagradável. Ele sabia que era o tipo de coisa que teria feito Gansey dizer *Ronan* e Adam dar-lhe um olhar. Mas ele não pôde evitar. Era como se quanto menos Declan ficasse irritado, menos ele parecia se importar, mais Ronan queria fazê-lo quebrar.

Mas Declan continuou empilhando pratos, sua voz tão equilibrada como se tivessem discutido jardinagem.

— A evolução favorece o organismo mais simples, Ronan, e agora somos o organismo mais simples.

Ronan fez um voto de nunca ser tão maçante, tão sem paixão, tão morto como Declan Lynch.

— Um organismo unicelular é o organismo mais simples — disse Ronan. — E somos três.

Declan olhou para ele pesadamente.

— Como se eu não pensasse nisso todos os dias.

Matthew reapareceu, vestido de preto, não o preto elegante de um funeral, mas o preto amarrotado de um servidor em uma churrascaria ou um estudante em uma orquestra do ensino médio.

— Graças a Deus — disse Declan, recuperando as chaves do carro.

— Você pode agradecer a Deus, se quiser — disse Matthew. — Mas eu me vesti sozinho.

Ele deu uma olhada em Ronan para se certificar de que sua piada tinha

sido engraçada.

Agindo como se Ronan não tivesse acabado de ser ofensivo com ele, Declan perguntou:

— Ronan, você está vindo para essa coisa?

Ronan não tinha cem por cento de certeza que tipo de recital era, mas ele tinha cem por cento de certeza que ele preferiria estar perseguindo coelhos em direção a Bryde e Boudicca.

Ele também estava bastante certo da expressão de Declan de que Declan sabia disso.

— Você deve vir totalmente — disse Matthew, delimitando. — Eu sou *horrível*, é ótimo. Há um órgão solo que é tão ruim que você vai fazer xixi em si mesmo de tanto rir. Há... Ah, Ronan?

Ele parou e fez um pequeno gesto debaixo do próprio nariz, do tipo que você faz quando quer ser um espelho benevolente para outra pessoa.

Ronan espelhou o gesto de Matthew, esfregando a junta contra sua narina. Olhou para ela. Uma mancha de preto, escura como tinta, cobria sua pele.

Lavagem da noite.

Ele nem sequer sentiu isso. Ele sempre pensou que deveria ser capaz de sentir isso chegando.

Os olhos de Declan estreitaram, como se estivesse desapontado com Ronan. Como se fosse culpa dele.

— Acho que você não está vindo com a gente — disse Matthew.

CAPÍTULO 25

— Parsifal? — Farooq-Lane disse — Eu preciso entrar aí eventualmente.

Ela estava esperando por sua vez no banheiro há séculos. Ele já estava lá quando o alarme dela a acordou, tendo silenciosamente passado pelo quarto dela e entrado no banheiro em algum momento da noite. Ela não queria saber o que estava demorando tanto.

Nathan tinha sido limpo e reservado como um adolescente, mas a ideia cultural de meninos adolescentes sendo nojentos, no entanto, totalmente invadiu seu subconsciente. Ela não fez perguntas.

Ela fez uma xícara de café instantâneo ruim, comeu uma maçã, e então, quando ele ainda não emergiu, preparou uma omelete clara de ovo. Ela enrolou-se sobre seu laptop e vasculhou fóruns de pistas sobre *Bryde*. Era a única coisa que ela tinha para continuar, a única outra coisa que ela tinha obtido a partir do Mercado das Fadas era um treino. O que ela precisava era de mais visões para trabalhar. Ela nunca tinha apreciado o quão difícil era este lado do trabalho. Antes, quando ela estava viajando por lugares com os Moderadores, alguém já havia interpretado as informações do Visionário em desenhos, locais ou horários.

Muitas vezes era incrivelmente detalhado, eles tinham basicamente obtido instruções escritas para onde encontrar Nathan na Irlanda. Ela não tinha pensado sobre o que tinha custaso realmente para obter essa informação: que em algum lugar um Moderador teve que se sentar em um quarto de hotel com um Visionário que pode ou não ter sido impossível de lidar, à espera de visões acontecerem.

Ela não sabia se a falha era ela ou de Parsifal.

Depois de um espaço de tempo, Farooq-Lane fez uma segunda xícara de café ruim e trouxe para a porta do banheiro como uma oferta ressentida, cheia de má vontade. Ela bateu.

— Parsifal.

A única resposta foi um som vago de dentro, algo se movendo contra a telha, possivelmente. Ela colocou a caneca no chão.

O telefone tocou. Era Lock.

— Está tudo bem — disse ele. — Nós entendemos. Acontece com todos nós. Você estava em território inimigo. Você não tinha reforços. Nós não a

culpamos. Pelo menos você tem um nome.

Ela suspirou.

— Eu deveria estar fazendo algo para fazer Parsifal ter uma visão?

— Nada que você possa fazer — disse Lock — Sabemos que ele está fragmentado.

Estamos à procura de outro Visionário do nosso lado, por isso não ficaremos sem quando ele terminar. Mas Bauer ainda é o mais provável de encontrar outro. Diga-lhe para se concentrar.

Dê a ele o que ele precisa. Use esse orçamento que lhe enviamos. Mantenha-o feliz.

Mantenha-o produtivo.

Farooq-Lane não a menor certeza de que *feliz* uma palavra que ela um dia usaria para descrever Parsifal, mas ela prometeu tentar o seu melhor. Desligando, ela voltou para a porta.

— Parsifal?

Não houve resposta. Ela sentiu uma pontada incerta. Ela tentou a maçaneta da porta.

Destrancada.

— Eu estou entrando — disse ela, e empurrou a porta.

Um cheiro se desenrolou.

Dentro do banheiro, ela encontrou Parsifal deitado na banheira vazia com todas as roupas. Ele também estava usando seus óculos de sol de grandes dimensões (seu pequeno óculos redondos parecia triste e vulnerável dobrado na borda da pia). Havia vômito do lado de fora da banheira e por todo o chão; Era como se ele tivesse subido dentro da banheira como um barco contra um oceano de vômito. Suas pernas estavam afiveladas para caber na banheira, e seu rosto estava incolor.

— Ah — disse Farooq-Lane, caindo para trás.

Ele virou a cabeça em direção a ela, e ela pensou que ele diria alguma coisa, mas ele piscou. Pela primeira vez, ela se lembrou de quantos anos ele tinha. Não em uma maneira jovem de *Eu não posso acreditar que eu tenho que viver com um adolescente mas em uma maneira essa é uma pessoa que vai morrer antes de chegar aos vinte.*

Uma coisa foi ouvir Lock falando em sua maneira clínica sobre como era preocupante ter que substituir Visionários depois que eles se queimavam. Era outra coisa estar olhando direito para em um Visionário em chamas.

Farooq-Lane saiu do banheiro, colocou o casaco sobre seus pijamas de

seda, pegou seu cartão de visita e saiu para o corredor. Algumas portas abaixo, ela encontrou faxineiras e deu-lhes uma nota de vinte dólares do fundo do mercado negro para algumas toalhas extras e suprimentos de limpeza.

De volta ao seu quarto, ela arregaçou as calças e mangas do pijama e colocou as botas antes de deixar cair um limão em um copo de água e caminhar pelo vômito para colocá-lo ao lado da mão mole de Parsifal. Então ela colocou seus fones de ouvido e ligou a música, e enquanto hip-hop latia para ela, ela silenciosamente limpou o chão e o lado de fora da banheira. Uma vez que o banheiro estava limpo, ela colocou os óculos de Parsifal ao seu alcance, empacotando tudo sujo, e levou-o para fora para limpeza novamente.

— Minha amiga está gripada — disse ela, e deu-lhes mais vinte dólares porque isso parecia apropriado.

Quando ela voltou, o copo de água vazio com o limão estava no balcão da cozinha e Parsifal estava sentado em linha reta no sofá, de óculos, bem vestido, como se ele nunca tivesse sido de outra forma. Sua boca parecia dura e irritada como normalmente era. Ela estava começando a ver que a expressão que estava sempre em seu rosto poderia ser dor.

Ela estava começando a entender que ele poderia querer controlar tudo o que podia por causa das coisas que ele não podia.

Ela estava começando a ver por que os outros Moderadores estavam ansiosos para se livrarem desse trabalho.

Ele não agradeceu por ela ter limpado o vômito, e ela não lhe perguntou como ele estava se sentindo.

— Eu tive uma visão — ele disse a ela.

CAPÍTULO 26

Ronan não foi direto para casa.

Preto escorria lentamente de sua narina direita, e ele realmente deveria ter começado a viagem de duas horas de volta para o Barns para cuidar disso, mas em vez disso, ele permaneceu na cidade. Ele se importava menos em colocar quilômetros entre ele e o Mercado das Fadas e mais em caçar os coelhos de Bryde.

Ele tinha tempo, ele pensou. Ele poderia aproveitar essas chances.

Ele se sentiu como um herói de uma das velhas histórias de seus pais. Quando Niall estava em casa, ele espalhava contos de aventura selvagens de crianças transformadas em cisnes, idosas fervendo sabedoria em caldeirões, e reis derrubados por cavaleiros poderosos e por medíocre competência em tomadas de decisões com filhas adoráveis. Quando ele se foi, Aurora tinha recontado essas histórias, mas a partir dos pontos de vista dos cisnes, das idosas, das rainhas e das filhas. As histórias de Aurora eram mais gentis, em geral. Suaves. Mas ela não amoleceu os tabus dos heróis. Sua *geas**. Todos os heróis tinham. Alguns foram adquirindo ao longo de suas viagens; alguns receberam de outros heróis; alguns herdaram. Todos eram peculiares. Alguns heróis não podiam recusar comida de uma mulher, e outros não podiam ser atingidos três vezes seguidas sem uma palavra falada no meio; alguns não poderiam matar um javali, e outros não poderiam passar por um órfão sem ajudá-los. A pena por desafiar o *geis* era deliciosamente terrível: a morte.

Nas versões de Aurora, uma morte pungente e de foco suave. Com Niall, uma complexa e com vários minutos de duração final.

Em longas viagens de carro, Ronan e Matthew, por vezes, inventaram um novo *geas* para passar o tempo. Um herói que tinha que acariciar todos os cães que via. Bater palmas toda vez que entrava em uma igreja. Dizer exatamente o que ele estava pensando enquanto dizia. Usar um terno cinza todos os dias.

Seu pai tem o geis de adulação, Aurora disse muitas vezes. *Ele tem que contar histórias ou morrerá.*

Geis de mentiras, Declan tinha respondido uma vez, e prontamente foi enviado para o galpão de vaca para limpar as barracas no frio.

Esse era o *geis* de Ronan, ele pensou: Dar vida aos sonhos, ou dissolver-se em nada.

Ele estava voltando para o Hotel Carter. Ele não tinha certeza do que ele

estava esperando encontrar lá – Inspiração. Provas. Um membro da equipe que se lembrava de algo, qualquer coisa. Na parte de trás de sua cabeça estava um pouco do conselho que Tio costumava dizer. Se você tivesse perdido alguma coisa, ele diria que você deveria refazer seus passos até onde você esteve pela última vez. Ele tinha vivido para ser uma grande e rica coletânea desses pedaços clicáveis de sabedoria pressentida em miscelânea, um procurador de provérbios em cidra de maçã, livros de cozinha feitos para ajudar a viver. *Se você quiser café da manhã na cama, durma na cozinha. Por que se encaixar quando você nasceu para se destacar? Você tem que ser estranho para ser o número um. Vá até onde você pode ver; quando você chegar lá, você será capaz de ver um pouco mais longe. Faça da sua vida uma obra-prima; você só tem uma tela.* Ele se perguntou o que aconteceu com ele e sua tia. Quando criança, ele nunca pensou em perguntar seus nomes verdadeiros. Quando criança, ele não achava que havia outro tipo de nome.

Declan mandou uma mensagem quando ele se aproximava do hotel. *Me diga quando você tiver cuidado daquilo*.

Ronan sabia que o verdadeiro significado da mensagem era *Me diga quando você estiver de volta em segurança no Barns em vez de ir atrás de coisas que eu disse para você não ir.*

Ele não respondeu. Ele seguiu no trânsito. Ele enxugou o nariz. Ele se aproximou do hotel. O sol olhava para baixo, tocando em tudo, brilhante e cáustico.

Declan ligou.

— *O quê?* — Ronan exigiu. — Isso tem a porra de um câmbio manual.

— Você está indo para casa, certo? — Declan perguntou. Havia algum tipo de canto jovem terrível audível no fundo.

— Não me xingue só porque você está tendo um mau momento.

— Você está?

Ronan não se importava em mentir, mas também não se importava com uma palestra. Ele grunhiu sem compromisso.

— Não faça nada estúpido — disse Declan, e desligou.

Esse era o *geis* de Declan: nunca puxar o pau para fora de sua bunda.

Você chegou ao seu destino, comentou o GPS.

Mas Ronan não tinha chegado. Ele teve que encostar e abaixar a janela para dar uma olhada melhor, porque ele não podia acreditar no que estava vendo.

O Hotel Carter tinha sumido.

Fita isolante estava balançando sobre a entrada do estacionamento como flâmulas de aniversário desanimadas. Além disso, o local estava vazio, exceto por um único sedan branco anônimo e cinzentas ervas daninhas. O edifício do hotel em si era apenas uma ruína preta e achatada.

Ainda estava em chamas em alguns lugares.

Ronan limpou o nariz. Ele olhou. Ele limpou o nariz de novo. Ele olhou um pouco mais.

O hotel simplesmente tinha *ido embora*.

Ele podia sentir o cheiro de seus restos mortais, o cheiro complicado e tóxico de coisas que derreteram em vez de queimar, combinadas com o aroma apetitoso e selvagem de madeira e papel queimados.

Ronan se perguntou se esse era o custo de hospedagem do Mercado das Fadas. Talvez todos os locais eram queimados até o chão no dia seguinte. Talvez isso fosse mais uma coisa que Declan sabia e Ronan não soube perguntar. Um caso de uma noite.

Bem, lá se foi a pista.

Ele provou o líquido preto quando pingou sobre seu lábio. Era azedo. O tipo de coisa que o cheiro era igual ao gosto, o tipo de coisa que você recuava, instantaneamente compreendendo a sua toxicidade. Impacientemente, ele se atrapalhou em seu porta-luvas procurando alguns guardanapos. Ele não tinha nenhum; ele tinha recibos de postos de gasolina. Ele usou-os para limpar o rosto e cuspiu o líquido para fora da janela até que sua boca parasse de se contrair. Quando ele se endireitou novamente, ele viu duas figuras fazendo seu caminho pelos destroços até o sedan branco estacionado no local.

Quando elas entraram, ele só teve tempo de ver que uma delas era familiar, cabelo dourado brilhante.

Tio tinha razão.

Ronan já estava negociando consigo mesmo, dizendo a si mesmo todas as razões pelas quais ele foi autorizado a investigar em vez de encontrar um lugar seguro para sonhar e tirar esse líquido novamente. Ele não tinha que fazer todo o caminho de volta para o Barns. Ele poderia parar em algum lugar ao redor de Warrenton e encontrar um campo tranquilo. Seria bom o suficiente.

Boa caçada.

O sedan branco teria que vir para a direita do BMW, a fim de deixar o

estacionamento.

Ronan se atrapalhou para colocar o carro em marcha. O botão de câmbio estava escorregadio com o líquido preto. Ele esfregou a palma da mão contra o jeans e conseguiu segurar melhor. Ele podia sentir seu corpo se preparando para o choque de ver o rosto de sua mãe novamente, tensionando na forma como se faz em uma montanha-russa para que o estômago não flutue desagradavelmente. Não funcionou totalmente. Suas entranhas rosnaram novamente quando ele viu seu rosto ao volante do sedan.

E essa nem foi a parte mais surpreendente.

Quando o carro saiu do estacionamento ao lado da BMW, pela primeira vez, Ronan deu uma boa olhada no ocupante do banco do passageiro.

Ele estava sentado no banco do passageiro. Ronan Lynch.

Ele estava olhando para o próprio rosto. Um espelho estranho. Não como as portas do elevador se abrindo e revelando uma mulher que parecia assustadoramente como sua mãe, mas *Ronan* olhando para *Ronan*.

Você está acordado, ele disse a si mesmo. *Você está acordado.*

Após o primeiro pico de choque, ele percebeu que não era uma réplica perfeita. O cabelo estava errado. O de Ronan era espetado, e esse outro Ronan tinha cabelo enrolado até os ombros. Esse Ronan estava barbeado, e Ronan tinha pêlos faciais escurecendo seu queixo.

Esse Ronan ficou chocado. O outro Ronan não.

Os dois olharam um para o outro.

Em seguida, o pequeno sedan branco arrancou com um uivo de seus pneus.

Era apenas uma pequena importação despretensiosa, não um carro esportivo, mas, mesmo assim, passou muito rápido por Ronan. Teve a vantagem de dar o fora desde o começo.

Ronan não tinha percebido que ia atrás até que eles correram.

E eles realmente correram. Pisaram fundo sobre alguns blocos tranquilos, em linha reta através de sinais de parada, mal parando quando os cruzamentos ficaram mais cheios.

Ronan não percebeu as estacas até que o sedan cortou na frente de um carro que se aproximava para saltar o meio-fio. Ele subiu a calçada por alguns metros antes de atravessar o estacionamento de um posto de gasolina para evitar a luz.

Buzinas tocaram.

Ronan não tinha pensado que havia alguém menos cauteloso em um carro

do que ele, mas descobriu que havia. Ele não conseguiu jogar o BMW diretamente na frente de um caminhão de entrega que se aproximava. Ele sentou-se à luz, agonizando, contando os segundos até que ele estava livre, e depois atirou-se atrás deles novamente. Eles não tinham feito progressos suficientes para sair de sua vista, então quando eles acamparam em um bairro, ele foi capaz de seguir alguns segundos depois.

Sua boca tinha gosto de lixo, como podridão. Ele sabia que se olhasse no espelho e abrisse a boca, sua língua estaria tingida de preto.

Porra.

Ele negociou consigo mesmo novamente. Ele poderia voltar para a casa da cidade depois disso. Declan o proibiu de sonhar lá, mas ele poderia sonhar algo pequeno. Ele poderia estar no controle. Declan nunca saberia. Ele poderia continuar.

O sedan branco disparou através de uma estrada de quatro pistas, atirando a lacuna entre os carros que se aproximavam de uma forma que, novamente, Ronan não sentia que ele deveria replicar. Não com todas as criaturas e irmãos que adormeceriam se algo acontecesse com ele. Ele compensou isso ao dirigir o BMW o mais forte que pôde depois de atravessar; o carro deles tinha menos cautela, mas o Beemer sonhado de seu pai tinha mais potência.

A perseguição continuou por mais bairros. A cada quilômetro, Ronan rastejou um pouco mais perto do sedan, e a cada quilômetro, ele sangrou um pouco mais de preto. Ele estava escorrendo pelo pescoço de suas orelhas e salpicando o volante. Seu corpo implorou-lhe para sonhar. Era um sentimento como nenhum outro, um sentimento de que ele não tinha que ser ensinado. Quando estava cansado, sabia que tinha de dormir. Quando ele estava com fome, ele sabia que tinha que comer. Este sentimento – o sentimento de ser desfeito, descosturado de maneiras que outros corpos nunca tinham sido costurados em primeiro lugar, não tinha nome, mas ele sabia que significava que ele tinha que sonhar.

À frente, o sedan vacilou; tinha entrado sem saber num beco sem saída. A única saída era através de Ronan. Ele ganhou.

Mas Ronan não conseguia respirar.

O líquido estava o sufocando, afogando seu batimento cardíaco, enchendo seus pulmões de preto.

O melhor *geas* nas histórias de Niall e Aurora foram as que colaboraram para prender agonizantemente os heróis no final. Mesmo os heróis mais invencíveis poderiam ser presos por *geas* conflitantes. O poderoso Cão de

Ulster, um dos heróis favoritos dos meninos, tinha um *geis* para nunca comer um cão (*Uma pena*, Niall disse, *é muito saboroso.*) e um *geis* para nunca recusar a hospitalidade, e assim quando um anfitrião lhe ofereceu carne de cão, que outra escolha ele tinha, mas a espiral em tragédia?

Tragédia pungente e desleitada na versão de Aurora. Horror complexo e longo com Niall.

E aqui estava Ronan, preso entre suas duas *geas*: os *geis* que estava crescendo dentro dele, exigindo que ele sonhasse, e o *geis* que Declan tinham colocado sobre ele, a necessidade de ficar escondido.

O pequeno sedan branco puxou para enfrentá-lo. Teria sido a coisa mais simples do mundo puxar o BMW até o outro lado da estrada para bloqueá-los. Eles estariam presos. À sua mercê. Ele ainda poderia fazê-lo, mas seu coração... seu...

A BMW parou no meio do beco sem saída.

Merda, ele pensou, *aqui não...*

**Geas*: Magia/Feitiços/Encantamentos em Irlandês.

CAPÍTULO 27

— Você estava certo — disse Farooq-Lane, com admiração.

— É claro que eu estava — disse Parsifal rigidamente.

Os dois sentaram-se em seu carro alugado, olhando para a ruína ainda fumegante do Hotel Carter. Ele disse a ela que tinha visto o Hotel Carter queimado até o chão em sua visão, e como prometido, assim estava. Parecia inacreditável que tivesse havido tempo suficiente para todo o hotel queimar desde que ela tinha fugido dele.

Deveria haver pedaços, pensou ela. Colunas. Chaminés. Ossos esqueléticos do hotel que subiam acima para o céu bem azul. Mas havia apenas uma extensão completa e enegrecida com marcas de pneus através dela. Não se poderia ter feito um trabalho melhor obliterando um edifício se alguém tivesse tentado. E certamente alguém tinha, ela pensou. Isso não poderia ter sido um acidente.

— Eu não quis dizer isso dessa maneira — disse Farooq-Lane. — Era mais sobre mim do que você.

Ela podia senti-lo observando-a beber seu café. Ela perguntou se ele queria parar para tomar café (*Se você quiser. Você vai beber? Isso parece improvável.*) e, em seguida, saiu de seu trajeto para encontrar uma boa cefeteria de qualquer maneira. Ela perdeu sua rotina de bom café, bom trabalho, boa vida, e sentiu que o aparecimento de uma visão bem sucedida merecia o retorno de pelo menos uma dessas coisas.

Agora ela tinha um bom café expresso e ela estava se sentindo mais como ela mesma do que ela já sentira em anos, e Parsifal tinha um chocolate quente e parecia uma carga de roupa que tinha sido retirada da secadora antes de ter terminado. Nada sobre sua linguagem corporal indicava que ele estava apreciando a bebida em sua mão.

Ela perguntou:

— Você viu como aconteceu? Foi intencional?

Parsifal não respondeu. Ele abaixou a janela e respirou um pouco de ar. Cheirava a fumaça. Nocivo. Seu rosto azedo combinava com ele.

— Lock me perguntou se havia alguma coisa que pudéssemos fazer para deixá-lo feliz — disse Farooq-Lane. — Qualquer coisa para melhorar o seu

conforto. Há algo que você gostaria?

Ele se virou para o rádio e começou silenciosamente a mexer nos botões.

Ela se recusou a deixá-lo arruinar seu bom humor e bom café.

— Eu tenho um bom orçamento.

— Tudo o que eu gostaria é de um pedaço de *Bienenstich* do jeito que minha mãe fazia para mim — disse Parsifal, conseguindo soar como se ela tivesse de alguma forma caluniado sua mãe. Seus longos dedos apertados no rádio como as pernas de uma aranha morrendo: Ele tinha encontrado ópera. Um homem cantando de pulmões abertos através dos altofalantes do carro alugado. — E isso não é algo fácil.

Farooq-Lane rapidamente pesquisou *Bienenstich*, com a intenção de provar que ele estava errado. Essa era a América, você poderia pedir um *Uber Eats* ou qualquer coisa durante a noite em uma metrópole, se você tivesse um cartão de crédito sólido e uma atitude eu *posso*. Levou apenas alguns minutos, no entanto, para descobrir que essas atitudes não se aplicam a *Bienenstich*. Era uma espécie de bolo alemão de aparência maçante que não parecia ter encontrado uma audiência na área de DC, nem entre o tipo de padarias que entregam encomendas num quarto de hotel. Não parecia ter um homólogo americano, também.

Por que ele não pode apenas querer dirigir em um carro rápido ou transar ou o que quer que fosse que os meninos deveriam querer? Ela pensou com aborrecimento.

Ela mandou uma mensagem para Lock. *Me encontre Bienenstich.*

Então ela perguntou:

— Posso fazer algo para ajudá-lo a lembrar o que viu na visão? Me dê algumas ideias. Vamos debater. Para conseguir alguma coisa.

Ele olhou para as cinzas.

— Por que você faz isso?

— Pela mesma razão que você faz — respondeu ela.

Parsifal piscou de volta para ela, com os olhos confusos e surpresos atrás de seus óculos.

— O quê?

— Eu disse que eu faço isso pela mesma razão que você faz — respondeu Farooq-Lane — Para salvar o mundo. Quem não faria isso?

Ele parecia perplexo.

— O quê?

— Você não pode me dizer que você não está sentado neste carro

comigo, porque você quer impedir o apocalipse de matar toda a humanidade — disse Farooq-Lane.

— *O quê?*

— Você perguntou por que eu fiz isso.

Ele balançou a cabeça, de olho nela com cautela.

— Eu não disse nada.

Farooq-Lane colocou seu café no suporte de copo um pouco mais forte do que precisava. Suas mãos estavam trêmulas novamente. Ela repetiu o último minuto de volta em sua mente. Ela tinha realmente ouvido Parsifal? Ou só soou como Nathan provocando-a, dentro de sua cabeça, assim como ele tinha feito quando ele estava vivo?

— Desculpe — disse ela — Acho que estou um pouco nervosa.

Parsifal deu-lhe um olhar extremamente irritante que indicava que ele concordava completamente, e então ele disse: — É ele — Ele apontou através da janela para as marcas de pneus que arrastavam cinzas pela rua — Eu vi isso. Lembro-me disso. Eu vi o carro dele fazendo isso. Hoje. Tenho certeza que foi hoje.

Ela sentiu seu coração bater um pouco mais rápido. Isso era familiar. Era assim que se sentia quando estavam se aproximando de Nathan. Pequenas peças específicas do quebra-cabeça que fazia as imagens se revelarem mais e mais conforme eram descobertas. Coisas que poderiam ser retiradas da lista. Coisas que podem provar a Lock que sua fé nela não era infundada.

— Bom, bom. Isso é bom, Parsifal. O que aconteceu depois disso? Para onde vamos?

Os dedos de Parsifal arranharam um pouco mais firmemente em torno de seu copo de viagem.

— A visão não foi tão boa depois disso.

— Tente.

— Eu o vi em um carro cinza. Eu... Eu o vi em um carro branco, também. Acho que o carro cinza está correto. Um BMW. Eu acho. Eu não sei. Estou mais confuso do que estava. Antes eu poderia dizer se... Eu poderia dizer se… — Ele se interrompeu. Sua boca fez uma forma agitada.

— Está tudo bem se não faz sentido — disse Farooq-Lane. — Basta falar sobre isso. É por isso que estou aqui.

— Eu vi uma estrada que faz isso — Parsifal fez um gesto de mão um pouco rude. — Eu não sei isso em inglês.

— Rotatória?

— *Sackgasse**? — ele sugeriu.

— Rampa de saída?

Ele desenhou uma rua imaginária no painel de instrumentos.

— Aqui casa, aqui casa, aqui casa, aqui, aqui, aqui, aqui casa, vire por aqui, casa, casa, casa.

— *Cul-de-sac** — disse Farooq-Lane imediatamente. Ele olhou de soslaio, não compreendendo. Ela tentou de novo — Beco sem saída.

Ele se iluminou.

— Sim, sim.

— Perto daqui?

— Certamente ele está perto se as marcas de pneus ainda estão claras na rua — disse Parsifal logicamente. — Ninguém ainda passou por cima.

Aliviada por ter algo para fazer, Farooq-Lane rapidamente abriu um aplicativo de mapa. Ela diminuiu o zoom até que ela pudesse ver as ruas do bairro ao seu redor. No pior cenário, seria se não houvesse becos sem saída nas proximidades. No cenário do mundo real seria se houvesse vários becos sem saída nas proximidades. O melhor cenário seria apenas um num raio de alguns quilômetros.

Eles estavam vivendo na melhor das hipóteses.

Parsifal, que estava inclinado sobre seu ombro, respirando em sua orelha, apontou, espirrando seu chocolate quente em sua tela.

Ela fez um barulho suave de aborrecimento. Ele tinha um dom.

— Da*, lá, lá — disse ele. — Andover. Foi a palavra que vi. Essa rua é onde está o seu Zed.

E sem mais nem menos, eles tinham um destino.

Parsifal subiu a janela e colocou seu copo de chocolate quente com segurança no porta copos atrás do de Farooq-Lane.

As palavras da vidente voltaram para ela.

Se você quiser matar alguém e manter isso em segredo, não faça onde as árvores podem vê-la.

Farooq-Lane estremeceu. Ela estava fazendo isso pela razão certa. Ela estava salvando o mundo.

— Esse Zed — ela perguntou à Parsifal enquanto colocava o carro em marcha. — Na sua visão, ele estava armado? Ele era perigoso?

Eu esperava mais complexidade de você, Carmen.

Ela continuou tendo sonhos de Nathan sendo baleado e Nathan vivo novamente, e ela não conseguia decidir qual era pior.

— Não — disse Parsifal. — Lembro-me bem dessa parte. Ele é bastante indefeso.

Ela disse:

— Vamos buscá-lo, então.

*N.T.: *Sackgasse*: Beco sem saída, em alemão.

*N.T.: *Cul-de-sac:* Beco sem saída, em inglês.

*N.T.: *Da*: Sim, em alemão.

CAPÍTULO 28

Escuridão.

É mais difícil quando você está longe.

Tudo era escuridão.

Não é escuro.

Era o que você chama de ausência de luz.

A garganta de Ronan estava cheia disso, e ele, engasgando...

Você acha que é difícil para você ouvir os sonhos quando você está longe de suas montanhas. Da nossa linha ley. Da sua floresta. De Lindenmere. Isso não está certo. Não é errado, mas é apenas metade certo. É difícil para os sonhos ouvir você.

Mesmo no sonho, ele estava morrendo por causa disso.

Você já foi convidado a identificar uma música tocando em um restaurante lotado? Há barulho por todo o lado. Aquele pai de merda dando palestras ao filho na mesa atrás de você. Os garçons cantando feliz aniversário para alguém que nunca quis se lembrar da ocasião. A canção está tocando através dos alto-falantes comprados pelo menor lance, uma reflexão tardia. Quando as pessoas calarem a boca por um segundo, você pode pegar parte da música aqui e ali. Se uma calmaria coincide com o refrão, você consegue. Feito, grite o título, pareça inteligente.

Seus olhos, molhados com...

Caso contrário, é apenas uma canção que você ouviu uma vez, mas não consegue identificar. Isso é o que você é para a linha ley, para sua floresta, quando você está longe.

Ronan tentou alcançar Lindenmere. Ele nem sabia para onde ir na escuridão. Ele só sabia que precisava pegar algo para trazer de volta se ele queria acabar com a lavagem noturna. Mas só havia escuridão. A ausência de sonhos.

Está tentando encontrá-lo, mas você não está facilitando. Está supondo o que você quer. É automático, e todos nós sabemos como isso vai ser. É quando as merdas começam a dar errado.

Por favor, Ronan pensou, mas ele nem sabia o que estava pedindo.

Você não deveria ter esperado tanto tempo. Eu vou fazer o que posso, mas você é uma canção em um restaurante lotado e é tão difícil de ouvir com todo esse barulho de merda.

Ronan avançou, e a escuridão avançou de volta contra ele.
Espere, garoto.

CAPÍTULO 29

Ronan acordou. Lentamente. Pegajosamente. Seus cílios estavam colados.

Ele estava congelado, imóvel, olhando para si mesmo de cima. Uma barra de sol dourado gloriosamente incandescente queimou seus olhos, mas ele não conseguia desviar o olhar.

Um único rastro preto escorreu finamente de uma narina; o resto de sua pele estava clara.

Seu corpo estava no banco de trás do BMW. Um dos moletons da escola de Matthew estava enrolado embaixo da cabeça como um travesseiro. Suas mãos estavam cruzadas sobre o peito de uma maneira que parecia diferente de qualquer gesto que ele teria escolhido para elas. A qualidade da luz no carro era curiosa; não parecia nem dia nem noite. Estava escuro, exceto por aquela barra de luz forte. Ele não conseguia entender. Ele não conseguia entender como chegou no banco de trás. E ele não conseguia entender o que havia trazido de volta do seu sonho.

Suas mãos estavam em concha segurando algo, mas a forma sob seus dedos não fazia sentido para ele. Ele não *sentiu* nada se mexendo, mas quem sabe. Poderia ser um caranguejo assassino esperando a luz ativá-lo. Poderia ser um grito desencarnado. Poderia ser qualquer coisa. O que ele lembrava de seu sonho não oferecia pistas. Ele apenas se lembrou de um terreno baldio de muitas trevas convulsivas, e a voz de Bryde quebrando suavemente.

Ronan conseguia se mover novamente.

Ele cautelosamente abriu as mãos. Coletado nas mãos dele havia um punho de espada quebrado, com um acabamento complexo em preto, assim como a pintura de Soulages do Mercado das Fadas, aquela que fez Declan Lynch querer chorar. A lâmina preta fosca foi quebrada logo abaixo da proteção. No punho, três palavras foram impressas em letras muito pequenas, também pretas, apenas visíveis quando o punho estava inclinado à luz: *AMALDIÇOADO EM PESADELOS*.

Ele não se lembrava de sonhar com isso.

Era possível que Bryde tivesse acabado de salvar sua vida.

Era uma sensação estranha, grande demais para ser rotulada como boa ou ruim ainda. Já era esmagador o suficiente saber que o mundo era muito mais forte e misterioso do que ele acreditava. E, acima de tudo, pensar que o mundo o protegia.

Ele sentou-se para se orientar.

A qualidade da luz do não-dia-não-noite no carro era porque estava estacionado em algo como um alpendre ou galpão velho. A construção era maltratada e rústica, apenas construída até onde precisava ser. A mancha de luz que queimara os olhos de Ronan era de um pedaço que faltava.

O chão do banco de trás estava coberto com lenços de papel amassados, cada um embebido em preto. Ele não tinha lenços no carro, tinha? Não, ele tinha recibos para enxugar o rosto. O banco do motorista foi movido para a frente, revelando um depósito de lixo anteriormente escondido pelo banco, e no tapete havia duas pegadas pretas, pequenas demais para serem dele. Alguém colocou as chaves do carro no console central, onde ele as veria.

Era o oposto de dormir e acordar em algum lugar diferente, em detrimento de adormecer para que sua mente pudesse voar para outro lugar. Tudo estava impossível hoje.

Ele saiu do carro, tropeçando um pouco enquanto saía. O chão seco estava coberto de marcas de cascos – era um animal leve. Saindo do galpão, ele protegeu os olhos da luz da tarde, fazendo um suporte com as mãos. Cavalos distantes andavam na grama, sem se interessar por ele, enquanto olhava ao redor do longo campo inclinado. Ele podia ouvir o som de carros correndo bem perto. A interestadual. Um caminho achatado através da grama levava do alpendre até o portão distante e depois, além disso, para uma estrada de duas pistas em ruínas.

Não havia sinal do pequeno sedan branco, ou qualquer outro carro, aliás.

Pegando o telefone, ele abriu o mapa. Ele estava quarenta minutos fora da cidade.

Noroeste, nem remotamente a caminho do Barns.

A verdade da situação foi se desenrolando lentamente. Um deles – provavelmente a mulher, porque o assento estava muito para frente – deve tê-lo levado para longe da cidade para sonhar, para garantir que seus dois *geas* conflitantes não o causem problemas dessa vez. Então escondeu seu carro. Limpou seu rosto. Deixou as chaves onde ele poderia encontrá-las. Dirigiu para longe com o homem com o rosto de um Lynch, deixando Ronan com mais perguntas do que respostas.

Eles salvaram seu corpo e Bryde salvou sua mente, e ele não estava mais perto de saber quem eram eles.

Ronan chutou o chão.

Um passo para frente, dois passos para trás.

Espere, garoto.

CAPÍTULO 30

— Hennessy.

Era culpa de Hennessy.

Esse foi o começo e o fim da maioria dos problemas das meninas, na verdade. Elas não podiam ir para a faculdade ou fazer qualquer coisa que exigisse um número distinto de segurança social: a culpa era de Hennessy. Foram banidas do Nine O'Clock Club: a culpa era de Hennessy. Tinham dentes do siso doloridos com um mau tempo: culpa de Hennessy. Se tiveram que recorrer a um plano elaborado para forjar e afanar uma pintura em vez de apenas liquidar alguma merda e comprá-la com um monte de dinheiro: a culpa era de Hennessy.

Tudo sobre a situação de *A Dama Sombria* era culpa de Hennessy.

— Hennessy.

No ano passado, Hennessy havia vendido uma falsificação de John Everett Millais à Rex Busque, traficante de retratos e peças Pré-Rafaelitas, participante de longa data do Mercado das Fadas. Apresentava uma jovem mulher de cabelos castanho avermelhados segurando uma única carta, com o rosto pressionado contra o peito, deixando para o espectador decidir se era uma carta de baralho, uma carta de tarô ou algo completamente diferente. Seus olhos sugeriram que era a opção mais misteriosa. A falsificação era um pouco mais corajoso do que Hennessy normalmente faria – seria mais seguro *encontrar* alguns esboços de Millais ou obras inacabadas – mas Busque pediu algo chamativo, pois estava com pequenos problemas financeiros e queria entregar algo por muito dinheiro em pouco tempo. Ela avisara a Busque que era uma descoberta boa demais para ser examinada e que ele só deveria tentar entregá-la no exterior a um colecionador particular.

— Hennessyyyy.

É claro que foi pego pela primeira galeria de prestígio que Busque tentou passar. Millais trabalhou suas composições diretamente na tela, com grafite e tudo mais, e Hennessy acabara de fazer o vôo, e uma vez que a pergunta foi feita, os dominós caíram: *Os golpes eram grandes demais, o verniz estava errado, onde você disse que encontrou esta?*

Hennessy era cruelmente descontrolada. Ela o avisou, ela disse a ele; por culpa dele, ele era um preguiçoso que não se incomodava em procurar o código internacional do país.

É claro que seria ele quem terminaria com *A Dama Sombria* meses

depois.

— Antes queimar uma pintura do que vendê-la para você — ele disse a Hennessy.

Era culpa de Hennessy.

Ela já teria desistido se não fosse pelo resto delas.

Ela estava tão cansada.

— Heloise — disse Jordan. Hennessy não estava olhando para as meninas, mas sabia que era Jordan; apenas Jordan a chamava assim. O nome de Hennessy não era Heloise.

Essa era a piada.

— Seu rosto.

Hennessy sabia sobre o rosto dela. Limpá-lo não mudaria nada. Ela estava deitada de costas no chão de azulejos da cozinha, fumando, um pequeno riacho de preto escorrendo de sua narina pela bochecha.

Fazia muito tempo desde que ela sonhara.

E desde que o plano delas fracassou, haveria outra cópia dela em breve. Outra flor na tatuagem envolvendo sua garganta. Outro passo em direção à morte. Outro passo em direção a todas as garotas nesta cozinha que dormiriam para sempre.

Era culpa de Hennessy.

— Isso começou agora? — Perguntou June. Pobre June. Ela se esforçava bastante e era a segunda com maior probabilidade de aparecer se você telefonasse e era a melhor em manter um emprego de meio período legal. Como Hennessy, ela bebia demais e gostava de cães. Ao contrário de Hennessy, ela alisara os cabelos e também gostava de gatos. Ela era a segunda cópia viva mais antiga, o que significava que era a cópia mais complexa depois de Jordan.

Pobre Jordan. Ela não merecia isso. Nenhuma delas, mas especialmente ela.

— Se você pensar metaforicamente — disse Hennessy. — Isso realmente parou?

As meninas estavam limpando a cozinha branca e de cobre da mansão, que estava um lixo. Sempre estava um lixo. Ela foi usada por seis falsificadores para formar pastéis, misturar pigmentos, fazer cola, manchar papel e aquecer pizza, e todos esses componentes foram espalhados pelo chão e no balcão, junto com alguns cabelos e dentes da invasão de Breck.

A longa luz da noite, através das janelas do jardim, iluminava a tinta

respingada no chão de mármore, as teias de aranha se arrastando pelos potes de cobre pendurados no alto, caixas de comida cobrindo a ilha de mármore.

— Você sabe quem eu odeio? — Disse Madox. Ela parecia chateada. Ela sempre parecia chateada. Era como se o temperamento de Hennessy fosse a principal coisa que chegou a ela. — Aquele maldito manipulador de lixo, Busque.

— Você quer falar merda? — Perguntou June. Ela tendia a ser prática. Era como se a solução de problemas de Hennessy fosse a única coisa que chegou a ela. — Então vá lá fora. Qual é a diferença?

— O garoto está com a pintura. O garoto Lynch — Hennessy respondeu.

— Ele mora aqui — disse Madox. — Eu vi a casa da cidade dele. Eu ainda acho que devíamos ir atrás dele.

— Você *é* idiota. Ele trabalha para um senador — disse June. — Você não acha que isso não será manchete em algum blog? Isso é um risco.

— June está certa — disse Trinity, pensativa. Ela sempre parecia pensativa, abatida, como se o ódio próprio de Hennessy fosse a única coisa que chegou a ela. — Nós teríamos partir da cidade, o que só vale a pena se *A Dama Sombria* funcionar.

Hennessy trocou um olhar com Jordan, que se encostou no balcão com um punhado de pincéis. Era difícil dizer o que Jordan estava pensando. Ela estava olhando para a tinta preta escorrendo do rosto de Hennessy e tocando a tatuagem floral em seu próprio pescoço, a que combinava com a de Hennessy.

Jordan, de todas as meninas, deveria ter uma vida própria. Ela não era Hennessy. Ela era a Jordan. Sua própria pessoa, presa na vida de merda de Hennessy.

Era culpa de Hennessy.

— Estou cansada de dar um nome para vocês — disse Hennessy.

— Podemos comprá-la dele? — Brooklyn sugeriu, de pé ao lado da pia com uma pá de lixo cheia de pastéis destruídos. Foi um choque de sugestão, mas principalmente porque as sugestões de Brooklyn geralmente tendiam para o sexual, a única parte de Hennessy que realmente a irritava.

— Se ele não quer vendê-lo, então nós o alertaremos, não é? — Disse June.

— Talvez devêssemos desistir. Pode não funcionar de qualquer maneira — disse Madox.

— Ideia ruim, Mad — disse June.

— Ou pelo menos entre nisso sabendo que é uma opinião impopular — Trinity murmurou.

O princípio por trás da aquisição de *A Dama Sombria* era simples. Sua lenda estava bem documentada: quem dormisse sob o mesmo teto que ela sonharia com o oceano. Hennessy, portanto, seria forçada a sonhar com o litoral, em vez de seu pesadelo recorrente de sempre, e trazer de volta uma gaivota, areia ou qualquer outra parafernália de praia, tudo que lhe custasse menos fisicamente do que produzir uma cópia de si mesma.

Jordan finalmente falou.

— E se nós apenas trocarmos de novo?

Trinity perguntou:

— O que... invadir a casa dele?

— O mesmo plano — disse Jordan. — Exatamente o mesmo plano. Entrar, deixar nossa cópia, roubar a verdadeira.

As meninas pensaram.

— Você está louca — disse Madox.

Como se ela não tivesse dito nada, June refletiu:

— Ainda corre o risco de exposição.

Brooklyn jogou a poeira pastel no depósito de lixo.

— Não se quebrarmos uma janela e substituirmos o vidro quando terminarmos.

— Precisamos de tempo — disse Trinity. — Ele teria que ficar fora de casa por um bom tempo.

Todo esse maldito problema, pensou Hennessy. Tudo porque Hennessy não conseguia parar de ter o mesmo sonho.

Era culpa de Hennessy.

Jordan atravessou o chão e pegou o cigarro de Hennessy. Ela deu uma tragada antes de jogá-lo na pia. Hennessy pensou que essa era a maior diferença entre as duas. Como Hennessy, Jordan tentaria quase qualquer coisa, mas no final, Jordan sempre podia jogar fora as coisas que eram ruins para ela antes de matá-la.

Exceto Hennessy. Hennessy era o hábito mais mortal que qualquer uma delas tinha, e nenhuma delas poderia abandoná-la.

Jordan disse:

— Acho que sei como fazer isso.

CAPÍTULO 31

— Não, obrigado.

Uma coisa era ser vítima da natureza intransigente e sem tato de Parsifal Bauer. Outra coisa era ver alguém ser vitimado por isso. Vários alguéms. Uma sala inteira de alguéms.

Toda a equipe da Pastelaria Alemã de Pfeiffer, em Alexandria, Virgínia, veio da sala dos fundos e atrás do balcão para assistir Parsifal Bauer dar sua primeira mordida em um *Bienenstich* em anos. Lock, que encontrou a padaria, aparentemente foi rude quando ele ligou para garantir o bolo. Eles só faziam Bienenstich numa certa estação, mas ele havia explicado que Parsifal Bauer era um jovem muito doente no país que procurava tratamento médico longe de sua família, que estavam indispostos demais para viajar, uma família que costumava fazer a iguaria para ele, como um incentivo, para pensar nas coisas mais doces da vida.

Pfeiffer' havia aceitado astuciosamente ao desafio. *Dêem-nos algumas horas*, disseram eles galantemente, *Nós nos certificamos de que temos as amêndoas, o creme de confeitar, a massa do fermento, a coragem!*

— Você não quer uma embalagem para o resto? — Perguntou um dos funcionários.

Parsifal Bauer estava sentado na beira de uma cadeira de café barata, como sempre sentava, cabelos compridos atrás das orelhas, corpo preso, como se seus ossos tivessem sido reunidos apenas com muito esforço e provavelmente desmoronassem se desequilibrasse demais a estrutura. O pedaço do bolo *Bienenstich* estava em um prato na frente dele. Ele era o único cliente na loja. Os padeiros vieram da sala dos fundos para assistir sua primeira mordida. Caixas vieram de trás da caixa de doces. As câmeras estavam prontas para as filmagens. Velas estavam envolvidas. Algo enérgico e alemão tocava no alto.

Farooq-Lane sentiu-se mal por eles no momento em que entrou. Ela já sabia como as coisas aconteceriam.

— Não tiraremos esse pedaço de você — disse o caixa, entendendo mal o seu *Não, obrigado.* — Nós queremos dizer o resto do bolo! Fizemos um bolo inteiro! Para você!

Parsifal olhou novamente para aquele único pedaço de *Bienenstich* no prato. Ele olhou de volta para ele. Ele não se moveu em direção ao bolo ou se

afastou. Ele olhou como se sua cabeça fosse um copo de água e ele estava tentando muito não derramar.

— Não, não é divertido para mim — disse Parsifal novamente, educadamente.

— Não é divertido? — Repetiu o segundo padeiro.

Ele ficou um pouco vermelho.

— Talvez não seja assim em inglês.

Um dos outros membros da equipe riu de uma maneira alegre e disse:

— Ah, filho, temos alemão aqui! Todo alemão! Você veio ao lugar certo! — E ele começou a falar com Parsifal em um fluxo. Todos eles entraram, recém-animados, como se isso, eles sabiam, fosse o verdadeiro presente para ele, ouvindo sua língua nativa depois de tanto tempo longe de casa.

Eles seguiram em volta dele enquanto Parsifal ouvia imóvel.

Não tinha sido um bom dia. Farooq-Lane e Parsifal chegaram a um beco sem saída a tempo de ver o que realmente parecia um BMW cinza-carvão estacionado no meio exato dele, mas antes que pudessem chegar perto o suficiente para obter um número de placa ou ver o motorista, um pequeno sedan branco havia saído de uma entrada e parado ao lado do carro alugado. O motorista se desculpou freneticamente, trabalhando duro para desalojar o carro dele, mas quando conseguiu se rearrumar, o BMW já havia desaparecido. Ele tagarelou em alguma língua estrangeira que nem Parsifal nem Farooq-Lane conseguiram identificar, mas eles descobriram a essência: ele não tinha seguro, ele sentia muito, ele estava indo agora.

Farooq-Lane acabou por deixá-lo ir. Já havia um buraco de bala no carro alugado. O que seria mais um arranhão?

Ela percebeu que a equipe da padaria havia ficado em silêncio, esperando a resposta de Parsifal. Ele disse algumas palavras em alemão. Farooq-Lane podia dizer pelo rosto que não gostavam mais dele em alemão do que gostavam dele em inglês. Os telefones com câmera estavam sendo baixados. Murmúrios bilíngues estavam acontecendo. Eles estavam se aproximando de Farooq-Lane como se ela fosse a responsável por cuidar dele e talvez o explicassem.

— Talvez ele esteja cansado demais e mude de ideia mais tarde — disse um dos funcionários em voz baixa, enquanto outro começava a diminuir as luzes e outro segurava as chaves para ligar remotamente o carro.

— Acho que você provavelmente está certo — mentiu Farooq-Lane. — Ele está muito impressionado. Amanhã ele se sentirá diferente. Agradecemos

tudo o que vocês fizeram.

Uma semana antes, ela provavelmente ficaria mortificada, mas agora ela o conhecia muito bem. Claro que ele não gostou, pensou Farooq-Lane. Ele não gostava da maioria das coisas. Ela recolheu a caixa branca de Bolo de Picada de Abelha – essa era a tradução de *Bienenstich*. Alguém havia desenhado uma abelhinha alegre com um balão de pensamento que dizia *PARSIFAL! FIQUE BEM!* Ela agradeceu novamente e levou a caixa e o garoto para o carro alugado.

No carro, ele disse:

— Não vou me sentir diferente amanhã.

Ela largou a mão da ignição e lançou-lhe um olhar fulminante.

— Eu sei que você não vai, Parsifal. É algo que você diz a alguém para fazê-lo se sentir melhor por ter gastado muito tempo fazendo algo para alguém e depois ter que ver esse alguém olhando para a comida como se isso fosse causar uma doença.

— Eu não gostei — disse ele.

— Eu acho que eles entenderam isso.

— Eu não estava tentando ofendê-los.

— Eu não acho que eles entenderam isso.

— Não era como o da minha mãe — disse ele. — Eu sabia que não seria. Eu te disse. Não pedi a ninguém que fizesse isso por mim.

— Às vezes — disse Farooq-Lane, sentindo seu temperamento brilhando novamente. — As pessoas ainda tentam, mesmo que achem que algo não vai funcionar. Às vezes há boas surpresas neste mundo, Parsifal.

Ele se sentou exatamente como estava no café, de pé, com a caixa no colo, olhando para o terreno escuro. Sua mandíbula estava firme. Eventualmente, ele disse: — Ela fazia todos os meses no primeiro dia, sempre com a mesma receita, e congelava, para que eu pudesse descongelar e comer um pedaço todos os dias no café da manhã.

— Todo dia?

— Todo dia. Se algo sempre funciona, por que você mudaria?

Estavam sentados na noite cinzenta e escura, o carro frio e cheirando a amêndoas tostadas e bolo doce e coberto de espuma. Ela não sabia para onde eles iriam a seguir. Após o fracasso do beco sem saída, Parsifal não estava disposto a debater sobre qualquer outra coisa que ele pudesse ter presenciado em sua visão. A moral era baixo para todos os envolvidos. Farooq-Lane. Parsifal. O carro alugado.

— Você tem a receita? — Ela perguntou — Da sua mãe? Posso perguntar a ela? Ou alguém que fala alemão? Você pode perguntar a ela?

Ocorreu-lhe apenas depois que ela perguntou isso, que não tinha visto Parsifal ligar ou mandar uma mensagem para ninguém desde que estivera com ele. Ela não o viu fazer nada com o telefone, somente usá-lo para tocar sua sempre presente ópera.

Parsifal olhou pela janela lateral para a padaria fechada, mantendo-se muito, muito imóvel.

— Ela está morta — disse ele, de maneira rígida e sem afetação. — Eu a matei na primeira vez que vi o fim do mundo.

CAPÍTULO 32

Muitas pessoas fingiram não notar a mulher no posto de gasolina. O posto de gasolina, cerca de trinta minutos a oeste de Washington, DC, era um daqueles oásis interestaduais comuns no corredor leste, sempre ocupado por causa de robustos sanduíches promissores de marcas que não cheiravam mal e banheiros aos quais você não usaria. A mulher era adorável, de pele clara e longos cabelos ruivos, e estava limpa, com um belo casaco sobre um lindo vestido florido, mas parecia perdida – não no espaço, mas no tempo – e isso significava que ninguém poderia olhar nos olhos dela.

Shawna Wells estava observando a mulher nos últimos vinte minutos. Shawna esperava que o marido, Darren, parasse de ficar de mau humor e retornasse a sua nova caminhonete, estacionada ao lado dela, para que pudessem continuar sua caravana de volta para Gaithersburg. Possivelmente ele estava esperand *ela* parar de ficar de mau humor. Ela não sabia dizer e, de qualquer forma, não ia deixar a van para buscá-lo. Ela tinha dois assentos de carro ocupados na parte de trás, caso ele tivesse esquecido, e ela não estava prestes a desafivelá-los apenas para terminar uma briga.

Ela observou a mulher em seu lugar. A princípio, Shawna pensou que a mulher estava pedindo dinheiro, mas quanto mais observava, mais pensava que estava tentando pegar uma carona. *Que mulher pega carona hoje em dia?* ela pensou. Não foi dito a todas as mulheres que era perigoso entrar no carro de um estranho? Depois de um tempo, no entanto, Shawna percebeu que sua pergunta se transformou em uma pergunta diferente – *Que tipo de mulher pede uma carona?* – e ela também percebeu que estava prestes a perguntar à mulher em que direção estava indo.

A briga entre Darren e Shawna tinha sido sobre se Shawna era egoísta ou não por estar com raiva dele por comprar uma caminhonete nova para si. Ela queria um novo terraço para festas. Ele queria o novo Raptor para sua viagem. Ela mal viu como isso a tornava egoísta.

Ele disse que esse era o ponto.

Ela decidiu que se a mulher a pedisse carona antes que Darren voltasse, ela diria que sim.

Enquanto os minutos se arrastavam, no entanto, e parecia cada vez mais provável que Darren cedesse logo, ela ficou impulsiva. Ela colocou a van na marcha. As crianças murmuraram. Quando se afastou, viu Darren e a mulher

olharem para cima. O primeiro em confusão, e a mulher em algo como reconhecimento.

Shawna abaixou a janela. A van velha nem sempre funcionava direito, então a janela parava no meio do caminho, mas era o suficiente para perguntar:

— Você está procurando uma carona?

A mulher era muito adorável de perto, com olhos de cedro verde e uma boca cor de coral e sardas por toda a pele translúcida. Às vezes, olhar para uma mulher bonita pode fazer com que outra mulher se sinta constrangida com sua aparência, mas Shawna sentiu o contrário – ela estava impregnada de uma nova consciência das coisas sobre seu corpo que considerava bonitas.

— Estou tentando chegar a Washington, DC — disse a mulher.

— Estou indo por esse caminho — Shawna lançou um olhar para Darren, que estava assistindo com perplexidade — Entre.

A mulher sorriu então, e Shawna lembrou-se de ainda mais coisas que ela gostava em si mesma – seus olhos, por exemplo, sempre pareciam estar felizes, mesmo que não estivesse rindo, e Darren às vezes dizia que só de olhar para eles o deixava feliz também. Ele realmente não era um saco de lixo, na maioria das vezes, exceto sobre aquela caminhonete.

A mulher entrou.

Shawna sustentou o olhar de Darren por um segundo (ele estava fazendo o gesto universal de *O que diabos você está fazendo, Shawna?*) antes de sair da estação.

— Estou agradecida — disse a mulher.

— Não tem problema — respondeu Shawna, como se ela fizesse isso o tempo todo. O telefone dela, ligado a um suporte pelo rádio, tocava rapidamente com mensagens de texto.

O que você está fazendo? Outro zumbido. *Você está com nossos filhos no carro.*

— Qual o seu nome?

— Liliana.

Eles pararam na interestadual. A van velha não era rápida, mas chegou ao limite de velocidade eventualmente. Shawna se considerava uma motorista segura.

— Esse é um nome muito bonito — disse Shawna. A mulher não parecia ter sotaque, mas o jeito que ela disse *Liliana* parecia sugerir que ela veio de um lugar que tinha.

— Obrigada. Como são os nomes dos seus filhos?

Shawna estendeu a mão para clicar no botão na lateral do telefone para desligar a tela.

Não queria que a mulher visse os textos de Darren e se sentisse indesejada.

— Jenson e Taylor. Eles são meus bebês.

— Abençoado seja, Jenson, e abençoado seja, Taylor — a mulher disse suavemente, e Shawna sentiu como se pudesse *sentir* as palavras, como uma verdadeira bênção, como se mesmo que a mulher tivesse acabado de vislumbrar seus filhos no banco de trás, ela realmente os amava.

Por um tempo, eles dirigiram em silêncio. Shawna normalmente não se importava com o silêncio, mas o fato da mulher, essa mulher estranha, essa *carona* na van era tão ruidosa que ela não notou a falta de conversa. O tráfego ficou mais pesado e as faixas se multiplicaram. O sol da tarde estava em nítido e dourado atrás deles; o céu diante deles escurecia com a noite e com um banco de nuvens de tempestade.

— Então, o que há em DC, Liliana?

— Estou procurando por alguém — A mulher olhou pela janela. Ela tinha tantos cabelos ruivos e Shawna lembrou-se subitamente do quanto seu próprio cabelo ficou cheio quando estava grávida. Você não perdia cabelo quando estava grávida, e havia muito, grande, fantástico e glorioso, até que os hormônios mudaram e ela começou a perder cabelo novamente depois que Taylor nasceu. Shawna não tinha pensado em ter outro bebê, mas agora, agora, neste momento, a ideia apareceu e foi convincente. Ela gostava tanto da gravidez e Darren amava os bebês. Ela se sentiu com tanto propósito enquanto ela estava crescendo uma vida.

Ela perguntou à mulher:

— E essa pessoa está em Washington?

A mulher sacudiu a cabeça.

— Mas eu posso descobrir como encontrá-lo lá. Espero — Quando algumas pessoas dizem *espero*, elas querem dizer que não têm nenhuma esperança, mas a mulher disse *espero* como se fosse uma coisa sagrada ou uma ocupação.

O que você faz?

Eu espero.

No espelho retrovisor, Shawna viu o reflexo do novo caminhão de Darren aproximando-se, preso atrás de várias fileiras de tráfego veloz, mas mesmo

assim lá estava. Ela descobriu que não se ressentia mais do caminhão. Sim, ela teria preferido o terraço, mas o caminhão era uma evidência de que Darren ainda era volátil, ainda propenso a ataques de desejo juvenis. Não era isso que ela amava nele?

À frente, o trovão retumbou, audível mesmo com o som da minivan. Um raio saltou de nuvem em nuvem. Shawna tinha medo de tempestades quando ela era menina. A princípio, havia sido um medo não fundamentado, mas mais tarde ela estava deitada na cama quando um raio atravessou a janela para o interruptor da parede do quarto. O novo entendimento de que havia eletricidade sem lei no mundo significava que mesmo a menor cobertura de nuvens a enviaria correndo dentro de casa para uma sala sem janelas. Ela havia superado isso há muito tempo, mas olhando para a tempestade agora, descobriu que estava com tanto medo desse poder quanto costumava ter.

Era estúpido que ela e Darren tivessem brigado por algo tão inútil. Eles eram bons juntos e iam ter outro filho.

O raio disparou novamente, carregando a atmosfera, e ela procurou no espelho retrovisor pela caminhonete de Darren. Ela queria que estivesse perto. Ela queria ver o rosto dele.

Foi por pouco. Ele alcançou a van e estava logo atrás deles, fazendo um gesto para ela no espelho. Ela lamentou não ter feito as pazes com ele antes que eles saíssem.

O som foi sugado pela minivan.

Ele voltou ao nada, ao ar morto, como se a maçaneta tivesse sido girada no volume da realidade. A minivan seguia em frente através do tráfego silencioso.

Shawna tentou dizer *Senhor!* mas isso exigia barulho e não havia nenhum.

Então havia todo o som. Uma cacofonia de todos os sons de todos os tipos e todos os volumes gritavam dentro da minivan. Foram décadas de sons em camadas uns sobre os outros.

Foi um ataque.

O barulho atingiu os ocupantes do carro. Se houvessem gritos, não poderiam ser ouvidos com o restante do som. O pára-brisa estourou; as janelas estouraram; sangue espirrado de algum lugar. De repente, a minivan parou de avançar e o caminhão entrou por trás. Esse som também foi absorvido pelo uivo do som na minivan. Os dois veículos giraram, giraram, giraram e foram atingidos de novo, de novo e de novo, e ainda assim o som

continuou.

Então todos os veículos estavam imóveis na faixa da direita, e o mundo retomou sua pontuação normal.

No caminhão, Darren estava amassado sobre o volante. A minivan infiltrou anticongelante. Shawna foi jogada de costas, desleixada, contra a cadeira, o sangue escorria dos olhos e ouvidos, o corpo golpeado. Tudo no interior da minivan parecia ter sido quebrado e destruído – o epicentro de um terremoto pessoal.

No banco de trás da minivan, Jenson e Taylor lamentaram. Eles estavam suaves e ilesos, embora o banco traseiro estivesse fora de forma e seus assentos de carro fossem compactados e divididos.

Uma adolescente saiu do banco do passageiro da minivan. Ela estava tão intocada quanto as crianças no banco de trás. Ela tinha longos cabelos ruivos, sardas por toda a pele e olhos de cedro verde, e estava chorando baixinho.

Ela agachou-se no acostamento da estrada e balançou com os nós dos dedos pressionados contra os dentes até ouvir o som de uma sirene se aproximando. Então ela se levantou e começou a caminhar em direção a DC.

Começou a chover.

CAPÍTULO 33

Já passava do anoitecer quando Ronan chegou ao Barns. A entrada da garagem era difícil de ver, um túnel de folhagem até um esconderijo, mas teria sido difícil encontrar mesmo sob o sol pleno por causa do sistema de segurança recém-sonhado. O sonho levou semanas para ser aperfeiçoado e, embora ele normalmente fosse um relaxado em sua oficina, ele limpou meticulosamente depois de terminar esse projeto em particular. Ele destruiu todos os rascunhos; ele não queria nunca encontrar um acidentalmente. Ele foi projetado para trabalhar com as emoções despertas, uma espécie de objeto de sonho que Ronan normalmente evitava. Fodendo com livre-arbítrio parecia distintamente anticatólico para ele – um daqueles caminhos perigosos sobre os quais as pessoas avisam. Mas ele queria que os celeiros estivessem seguros, e todas as outras ideias que ele tinha resultava em danos físicos. Ferir intrusos significava exposição, e matar intrusos significava limpeza, por isso era tão assustador.

O sistema de segurança sonhado confundia, entristecia e obscurecia, enredando o intruso em nada menos tóxico do que as terríveis verdades de suas próprias histórias.

Ele não bloqueou com precisão a vista da entrada da garagem, mas uma vez capturado, simplesmente não se lembrava do presente o suficiente para notar a entrada entre as árvores. Foi monstruoso instalar; Ronan levou a maior parte de um dia para suportar esticá-lo alguns metros do outro lado da entrada. Ele teve que parar a cada poucos minutos para colocar a cabeça nas mãos até que o pavor e o arrependimento passassem.

Naquela noite, mesmo sabendo muito bem que a casa de sua família estava do outro lado da entrada da garagem, mesmo tendo passado a maior parte de sua vida aqui, Ronan ainda precisava conversar firmemente consigo mesmo quando o GPS chegava às coordenadas da casa.

— Basta acabar logo com isso — ele disse a si mesmo.

Ele passou na entrada. Dúvidas e lembranças desagradáveis passaram por ele e então...

O BMW passou e desceu a entrada do outro lado. Seus faróis iluminaram uma vaca imóvel aqui ou ali. Do outro lado dos campos profundamente dobrados, vaga-lumes sonhados piscavam na floresta.

Então as luzes iluminaram a velha casa branca na penumbra e, além dela, os lados brilhantes de inúmeras dependências, como atendentes silenciosos.

Casa.

Por vários minutos, ele ficou sentado no carro na área de estacionamento em frente à casa da fazenda, ouvindo os ruídos noturnos dos celeiros. Os grilos e os pássaros noturnos sonhados e o silêncio do vento das montanhas balançando suavemente o carro. Tudo naquele lugar era o mesmo que ele havia deixado, exceto a pessoa que morava dentro dele: ele.

Ele mandou uma mensagem para Adam: *Está acordado?*

Adam respondeu imediatamente: *Sim*.

Ronan, aliviado, ligou para ele.

— Bryde salvou minha vida.

Ele não tinha pensado em contar a Adam tudo isso. No começo, ele não queria ligar enquanto Adam estava na sala de aula, e depois não queria telefonar quando estivesse jogando cartas com o Clube do Choro, porque o pensamento dele dizendo a eles: *Esperem um minuto, é Ronan* para atender a ligação após o incidente no dormitório era insuportável.

Além disso, ele não tinha certeza de como falar sobre algo que ele não entendia. Mas depois que ele começou a explicar o dia para Adam, ele não pôde parar, não apenas porque precisava ouvir em voz alta, mas porque precisava dizer em voz alta para Adam.

Adam ouviu em silêncio enquanto Ronan contava tudo o que tinha acontecido e, no final, ficou quieto por um longo tempo. Então ele disse:

— Quero saber o que ele ganha com isso. Por te salvar. Todos eles, na verdade. Quero saber por que eles te moveram.

— Por que eles precisam obter algo disso?

— Eles precisam — disse Adam — É assim que o mundo funciona.

— Você salvou a minha vida — Ronan lembrou-se disso de novo, porque o sistema de segurança da entrada de automóveis às vezes o arrastava. Não o fim bem-sucedido, mas os sentimentos anteriores: Ronan se afogando em um lago ácido, a mão esticada para seu pequeno psicopompo Opala, falhando completamente em salvar a si mesma. Adam e sua habilidade excepcional, raramente usada, se lançam para resgatá-lo, surpreendendo a todos.

— Isso é diferente.

— Como é diferente?

Adam parecia irritado.

— Eu salvei sua vida porque eu te amo e fiquei com medo e não sabia mais o que fazer. Isso não parece o mesmo que Bryde.

Essa declaração simultaneamente agradou e agravou Ronan. Sua mente

guardou a primeira metade para a memória, para tirar e olhar novamente em um dia ruim, e decidiu descartar a segunda metade porque parecia desanimadora.

— A maioria das pessoas não gosta de você, Ronan — continuou Adam. — Eles têm muito medo de esticar o pescoço para nada. Há um fator, como você chama isso?

Defesa pessoal. Sobrevivência. Não fazer algo arriscado sem uma boa razão, porque os corpos são frágeis.

— Você não sabe se ele teve que esticar o pescoço para fora — disse Ronan. Ele usou a chave do carro para cavar migalhas de biscoito em volta do isqueiro. — Você não sabe se eles estavam arriscando alguma coisa para mover meu carro e eu dentro.

— Existe um custo emocional — disse Adam. — Investir na sobrevivência de outra pessoa não é gratuito, e os bancos emocionais de algumas pessoas já estão esgotados. De qualquer forma, eu sei o que você quer que eu diga.

— O que eu quero que você diga?

— Você quer que eu diga que não há problema em perseguir Bryde e essas outras pessoas, não importa o que Declan pense.

Adam estava certo. Depois que Ronan ouviu, ele sabia que era exatamente isso que ele queria ouvir.

Adam continuou:

— O único problema é que eu concordo com Declan.

— Pelo amor de Deus.

— Eu não disse que tinha os mesmos motivos. Não acho que você precise passar sua vida embaixo de uma pedra, mas não acho que você deva perseguir tigres até ter certeza de que tem listras iguais.

Agora Ronan sabia que ele parecia irritado.

— Poético. Você é um maldito sábio. Não vou esquecer disso.

— Estou apenas dizendo. Vai devagar. Se você esperar pelas férias, eu posso ajudar, talvez.

Ronan não queria ir devagar. Ele sentiu que era uma vela que poderia queimar se esperasse muito tempo.

— Eu só quero saber — disse Adam finalmente, com uma voz um pouco diferente de antes. — Se quando eu for para casa descansar, você estará lá.

— Eu estarei aqui — Ele estava sempre aqui. Caranguejos assassinos de dupla face haviam se assegurado disso.

— Em um pedaço.

— Em um pedaço.

— Eu te conheço — disse Adam, mas ele não acrescentou mais nada, nada sobre o que conhecer Ronan significava.

Eles ficaram sentados no silêncio de um telefonema sem nada por quase um minuto.

Ronan podia ouvir o som de portas abrindo e fechando no lado de Adam, vozes murmurando e rindo. Ele tinha certeza de que Adam podia ouvir os barulhos noturnos dos celeiros no lado de Ronan.

— Eu tenho que pintar um pouco de sangue de caranguejo — disse Adam eventualmente.

— *Tamquam*...

Fazia mais de um ano que ambos tinham participado de uma aula de latim, mas continuava sendo a língua particular deles. Essa era uma das línguas faladas nos sonhos de Ronan há muito tempo, e, portanto, o latim era uma das poucas aulas em que Ronan se dedicara quando estavam na escola. Adam não suportava não ser o melhor em qualquer classe em que estivesse, então teve que se dedicar a ela com muito fervor. Era possível que dois estudantes de Aglionby nunca tivessem uma compreensão tão profunda do latim (ou, possivelmente, um do outro).

— *Alter idem* — concluiu Ronan.

Eles desligaram.

Ronan saiu do carro com um humor melhor do que havia entrado. Cutucando Motosserra, o corvo, onde ela dormia no parapeito da varanda da fazenda, ele destrancou a porta e os dois entraram. Acendeu o fogo na sala de estar e pôs uma lata de sopa no fogão enquanto tomava banho e o algodão limpava todo o lixo preto de seus ouvidos e cabelos. Uma energia curiosa corria através dele. Adam não disse que sim, mas também não disse que não.

Ele disse para ir devagar.

Ele poderia ir devagar, disse a si mesmo.

Ele poderia olhar as fotos de sua mãe real e compará-la com a mulher que ele tinha visto mais cedo naquele dia. Isso seria devagar. Isso não faria mal a nada. Ele poderia fazer isso enquanto comia sopa na frente de uma fogueira. Certamente isso manteria Adam e Declan felizes.

Ele pegou uma caixa de fotos antiga no espaço de armazenamento no antigo quarto de seus pais e voltou para o andar de baixo. Com uma caneca de sopa, sentou-se junto à lareira na sala de estar. Era um espaço confortável,

de teto baixo, com vigas expostas, a lareira bocejando em uma parede desigualmente rebocada, tudo parecendo pertencer a um país mais antigo do que aquele em que fora construído. Assim como o resto da casa, parecia tão orgânico e vivo quanto Ronan. Ela era uma boa amiga para olhar essas fotos.

Ele realmente estava de bom humor.

— Bolacha — Ronan disse à Motosserra. Ele estendeu uma para ela, onde ela estava sentada no seu cobertor no sofá. Ela tinha um olho no biscoito desejado e um olho no fogo, no qual não confiava. Toda vez que as chamas subiam, ela se contorcia com suspeita.

— Bolacha — ele disse novamente. Ele bateu no bico dela para que ela prestasse mais atenção nele e menos no fogo.

— *Kreker* — ela resmungou.

Ele acariciou as pequenas penas ao lado de seu bico grande e a deixou pegar a bolacha.

Sentado no chão, ele abriu a tampa da caixa. Dentro havia fotos vintage empilhadas ao acaso, algumas em álbuns de fotos, outras não. Ele viu a mãe, o pai, a tia e o tio (ele pegou essa para estudos posteriores), seus irmãos quando muito mais novos, uma variedade de animais e instrumentos musicais. Sua mãe parecia como ele se lembrava dela – mais suave que aquele retrato. Mais suave do que aquela mulher usando seu rosto no pequeno sedan branco. Ele ficou feliz ao ver que sua memória não o enganara, mas na verdade não fornecia uma resposta para a existência da outra mulher.

Ele continuou cavando, descendo, descendo, descendo até o fundo da caixa, até que de repente viu um canto de uma foto escondida embaixo de outra que fez seus dedos recuarem.

Ele não conseguiu ver grande parte da foto, mas reconheceu o canto. Não verdadeiramente reconheceu. Em vez disso, lembrou-se da maneira como costumava fazê-lo sentir-se olhando para ela. Ele sabia, sem tirar o resto, que era uma foto de Niall Lynch em sua juventude, pouco antes de ele vir de Belfast. Ele não olhava para isso há muitos e muitos anos e não se lembrava de muitos detalhes além da memória avassaladora de não gostar. Isso fez com que o Ronan mais jovem se sentisse mal o suficiente para colocá-la no fundo da caixa de fotos, onde ele não a encontraria facilmente novamente em outras sessões de fotos. Tudo o que ele lembrava agora era a energia feroz de seu pai – ele era uma pessoa selvagem, mais viva do que qualquer outra pessoa que Ronan já conhecera, mais acordada do que qualquer outra pessoa que Ronan já conhecera – e sua juventude. Dezoito. Vinte.

Pensando nisso agora, ele achava que a juventude era o que havia gerado o desagrado pronunciado de Ronan. Para o filho Ronan, ver o pai com tanta vida pela frente parecia retroativamente aterrorizante. Como se o Niall da foto tinha tantas opções a serem feitas, e qualquer uma delas poderia fazê-lo nunca acabar como um pai.

Mas agora Ronan tinha a mesma idade do homem na fotografia e, de qualquer forma, o pai deles já havia feito todas as escolhas que ele poderia fazer, todas elas levando a sua morte.

Ele pegou a foto e a estudou novamente agora.

Niall usava uma jaqueta de couro, a gola aparecendo. Um decote em V branco. Bandanas de couro enrolavam seus pulsos que ele havia parado de usar antes de Ronan nascer – estranho pensar que Ronan os usava agora sem se lembrar desse detalhe. Esse jovem Niall tinha cabelos longos e encaracolados quase até os ombros. Ele tinha uma expressão feroz e viva. Ele era jovem e vivo, vivo.

Não fez Ronan se sentir mal ao vê-lo. Isso o fez sentir o contrário. Também deu a ele algo que ele não esperava: uma resposta.

Não era o rosto de Ronan que ele viu espiando para fora do carro perto do hotel queimado. Era do pai dele.

CAPÍTULO 34

Jordan passou bastante tempo trabalhando em museus. Continuando a educação. Seguro desemprego. Verificação de sanidade. Pelo menos, duas vezes por semana se juntava aos estudantes de arte da área, que iam às galerias para aprender por imitação. Por algumas horas, ela se tornou uma falsificação: se parecia exatamente com os outros jovens artistas que trabalhavam no museu, enquanto na realidade não era nada parecida com eles.

DC era mimada por escolha quando se tratava de museus. A Galeria Nacional de Retratos em tons de rosa. O Renwick astutamente desconfortável. O caoticamente colorido Museu de Arte Africana. O Museu de Arte das Américas e o Instituto Cultural Mexicano, com seus belos azulejos do povo maia. O lindo jardim de Dumbarton Oaks. O NMWA, do qual Hennessy havia sido posta para fora por uma briga, agora nenhuma delas poderia realmente voltar. O Kreeger e o Phillips, o Hillwood e o Hirshhorn. Havia tantos. O pequeno e frio Freer era o favorito de Jordan, sua pequena coleção curada há muito tempo por um homem que colecionava primeiramente com seu coração, e com o seu cérebro, depois. Ela e Hennessy tinham um acordo: Jordan não trabalharia no Sackler ao lado, e Hennessy não trabalharia no Freer.

Uma coisa, pelo menos, que elas não compartilharam.

Mas esta manhã, por não está dando seus toques em peças reais, ela foi para a Galeria Nacional de Arte. Era um prédio grande e bonito, com tetos altos, sancas pesadas e paredes ricas em silêncio para mostrar seu tesouro de bordas douradas. Sempre havia muitos estudantes e grupos de arte desenhando, e várias das salas já tinham cavaletes enormes e pesados para os artistas visitantes copiarem obras. Um falsificador poderia funcionar bem no meio dele, sem ser o centro das atenções.

Ela verificou a hora. Estava um pouco atrasada. Hennessy disse que chegar atrasada para uma reunião era um ato de agressão. Era como enfiar a mão no bolso de alguém, disse ela, e abrir a carteira. Era encostar em seu carro e sugar o combustível, disse, enquanto fazia contato visual. Ou era apenas o tráfego de DC, Jordan respondeu uma vez e Hennessy disse que elas teriam que concordar em discordar.

Ela vislumbrou uma figura do outro lado do saguão, estudando uma das estátuas de mármore. Ele estava de costas para ela, e seu terno cinza era

inespecífico e anônimo, mas, no entanto, tinha certeza de que reconhecia a postura, os cabelos escuros encaracolados.

Era uma cena artística, com a luz filtrando entre as colunas, tudo marrom, preto e branco.

Teria sido uma boa pintura, se pintasse originais.

— Eu ouvi — ela anunciou — Que você é o filho do diabo.

Declan Lynch não virou a cabeça quando se aproximou, mas ela viu a boca dele tensa em um sorriso reprimido. Ele disse:

— Isso é verdade.

Foram necessárias apenas algumas teclas para descobrir que era o filho mais velho de Niall Lynch, o criador de *A Dama Sombria*. Ela não estava tentando pesquisá-lo. Realmente, só queria saber o que esperar para o respeitoso encontro. Nas poucas fotos que encontrou dele – nos arquivos do site de sua escola particular, em fotos de fundo de artigos de notícias políticas, em fotos postadas em uma abertura de exposição de arte – ele parecia aborrecido e esquecível. *Retrato de uma juventude de cabelos escuros*. Não havia nada para lembrá-la do que lhe parecera passageiro no Mercado das Fadas; provavelmente era a atmosfera elevada da noite que lhe emprestara charme, pensou. Isso seria uma tarefa, decidiu. Uma tarefa aceitável pela qual ela poderia levar como besteira enquanto elas enfiavam a mão no bolso dele e manuseavam sua carteira, mas, mesmo assim, uma tarefa. Ela estava aliviada, realmente. Melhor assim.

Ela se aproximou dele. Ele não era tão sem graça quanto as fotos e sua memória haviam sugerido. Ela já havia esquecido que era bonito. Parecia uma coisa estranha de se esquecer.

Era perfumado com algo sutilmente masculino, suave e desconhecido, um óleo e não uma fragrância. Jordan foi lembrada, no nível mais básico, de todos os estranhos com quem namorou, estranhos que cheiravam agradavelmente aos aromas nunca mais encontrados, cheiros que sempre pertenceram a eles em sua memória.

— Eu li um pouco sobre você desde o nosso último encontro.

— Por coincidência — disse Declan, com o olhar fixo na estátua. — Eu também. Ouvi dizer que cresceu em Londres.

O que descobrimos quando procuramos Jordan Hennessy? Descobrimos sua mãe, que possuía uma história trágica tão familiar que se registrava menos como tragédia do que como previsibilidade. A problemática artista de gênios, a vida encurtada, o corpo da obra subitamente se tornou significativo

e caro. Hennessy cresceu com ela em Londres; Hennessy tinha sotaque londrino e, portanto, Jordan e todas as outras garotas também.

— Eu cresci em todos os lugares. Ouvi dizer que cresceu a oeste daqui.

— Eu nasci crescido — disse ele brandamente.

— Eu descobri sobre seu pai. Trágico.

— Eu descobri sobre sua mãe. Também trágico.

Era a tragédia de Hennessy, no entanto, não a de Jordan. Ela disse:

— Menos trágico que um assassinato. Minha mãe foi por própria culpa.

— Pode-se argumentar — disse Declan — O de meu pai igualmente. Mmmmmmm. Arte e violência — Ele finalmente virou a cabeça para ela; olhou para a boca dela. Só teve tempo de ver isso – sentir, um calor intenso, surpreendente e agradável – e então disse: — Vamos andar e conversar?

Hennessy o odiaria.

Hennessy não estava aqui.

Eles começaram a passear pelo museu. Havia algo de extraordinário e incomum nisso: o passeio matinal por um museu povoado por crianças em idade escolar, aposentados e moradores. O tempo funcionava de maneira diferente antes do meio dia, quando alguém normalmente ficava acordado a noite toda.

Os dois se permitiram ficar enrolados na rede de uma fila para a exposição itinerante de Manet.

Declan disse:

— Não achei que você ligaria.

— Nem eu, Sr. Lynch.

— Ah, isso me lembra — Ele enfiou a mão no bolso do paletó. — Trouxe uma coisa para você.

Isso foi desconfortável. Aqui estava ele, fazendo a coisa certa pelo encontro e, no momento, as outras garotas estavam certamente invadindo sua casa.

— Não flores, espero — Se aproximaram alguns passos da entrada da exposição.

— Mão — disse quando a fila parou novamente. Ela estendeu a mão. Ele colocou seu presente no meio da palma de sua mão.

Ela ficou surpresa, apesar de tudo.

— Isso é realmente o que diz no rótulo? — Perguntou.

Ele lhe deu aquele sorriso brando.

Era um frasco de vidro muito pequeno, do tamanho que você encontraria

segurando cosméticos sofisticados. Lá dentro, havia um mero pó de pigmento púrpura, tão pouco que nem era visível, a menos que virasse a jarra de vidro de uma certa maneira. Uma etiqueta manuscrita do lado de fora dizia: *Roxo Tyriano*. Um pigmento histórico, quase impossível de obter. Foi feito a partir de corantes excretados de caracóis do mar, como o *Purpura lapillus*.

Os caracóis eram criadores de pigmentos mal impelido; eram necessários um número enorme para produzir até uma pequena quantidade de Roxo Tyriano. Jordan não conseguia se lembrar do número exato. Milhares. Milhares de caracóis. Era muito caro.

— Eu não posso...

— Não seja chata e diga *não posso aceitar isso* — disse Declan. — Levou muito tempo para encontrar isso em um curto prazo.

Jordan não esperava se sentir em conflito com essa experiência. Tudo nessa experiência deveria ser descartável. Um meio para o fim. Não é um encontro real, nada para começar a verdadeira questão *eu gostaria dessa pessoa*?

Ela escondeu tudo isso atrás de seu largo sorriso antes de enfiar o frasco no próprio bolso.

— Merda. Não vou então. Vou pronunciar seu nome quando pintar algo com ela.

— Diga agora — ele disse, e quase se deixou sorrir. Por pouco.

— Declan — disse ela, mas teve que desviar os olhos porque podia sentir-se sorrindo, e não o sorriso liso que normalmente dava. *Foda-se*, pensou.

— Jordan — disse ele, tentando, e ela piscou, surpresa. Mas é claro que a chamaria pelo primeiro nome. Ele não tinha chegado a ela pelo mundo da falsificação, dos jogos de rancor noturno, de se apresentar como Hennessy. Ele a procurou e encontrou o nome completo: Jordan Hennessy.

Normalmente era aqui que ela corrigia as pessoas. Dizia a eles: Não é apenas Hennessy, *sério*, porque é o que Hennessy diria, e elas eram inteiramente ela.

Mas não o corrigiu.

A exposição de Manet estava abarrotada de pessoas e, quando a deixaram, Declan e Jordan ficaram momentaneamente presos na porta. Casacos de terno roçavam sua mão; bolsas empurraram suas costas. Ela foi esmagada contra Declan e ele contra ela. Por um momento, ela olhou para ele e ele de volta, e viu uma intriga brilhante em sua expressão e soube que ele

via o mesmo. Então eles saíram da sala e ela reuniu sua arrogância e ele reaproximou sua compostura corporativa maçante.

Eventualmente, eles se viram na Galeria 70, olhando para *Rua em Veneza*, a pintura que havia copiado diante de tantos olhos no Mercado das Fadas.

Ao redor deles, as pessoas se moviam como um relógio irregular. Jordan passou tanto tempo nesta sala copiando a *Rua em Veneza* que todas as pinturas nela pareciam velhos amigos. Por fim, disse:

— Quando fui procurar Sargent em um museu, não sabia em que ala procurar as coisas dele. Nascido na América, ala americana? Viveu na Inglaterra, ala britânica? Você pensaria que pertencer aos dois mundos facilitaria a localização do sujeito, mas, na verdade, era exatamente como quando estava vivo. Pertencer a mais de um mundo significa que você acaba pertencendo a nenhum deles.

Quem era ela? Jordan. Hennessy. Jordan Hennessy. Ambas e nenhuma.

Isso era um pouco mais dela do que esperava ceder antes de vir aqui hoje, mas ele lhe deu o Roxo Tyriano. Parecia justo que ela, pelo menos, lhe desse um pouco de verdade.

Declan não desviou o olhar do Sargent. Ele disse, pensativo:

— Quando Sargent estava em Veneza, costumava ficar no Palazzo Barbaro... Era para ser um lugar muito bonito. Ele era parente dos proprietários. Primos, eu acho. Você já sabia disso? Não me deixe aborrecer você, se já souber.

— Continue.

— Eles hospedaram salões de arte quase contínuos com os maiores americanos expatriados da época. Wharton, James, Whistler, impressionante ao pensar neles sob o mesmo teto. Mas o dono do lugar, Daniel Sargent Curtis, não era um artista. Ele era apenas um homem de família. Foi juiz em Boston. Por décadas, viveu uma vida muito chata e esquecível lá, até que um dia, ele deu um soco na cara de outro juiz. Tchan! Imagine esse outro juiz. Derrubado por um homem que as pessoas mal se lembravam.

Declan fez uma pausa como se estivesse pensando, mas Jordan percebeu que também estava fazendo uma pausa para o efeito oratório, permitindo que digerisse as palavras que ele acabara de lhe dar antes de oferecer mais; este era um homem que havia sido alimentado com histórias em algum momento e lembrado de como isso foi feito.

Então concluiu:

— Depois que saiu da cadeia, mudou sua família inteira para Veneza, comprou o Palazzo Barbaro e literalmente não fez nada, além de viver e respirar arte pelo resto da vida.

Ele a olhou. Era um bom contador de histórias. Era óbvio que gostava do som e do jogo de palavras liberadas no ar.

Ela sentiu que ele a havia dado tanto quanto ela. Queria perguntar quando ia dar um soco em um juiz, mas uma pergunta como essa estava basicamente implorando intimidade, e já havia se aprofundado demais para um encontro descartável.

— Arte e violência. Essa história é verdadeira?

— Não sou tão desinformado quanto pensa.

— Não acho que você seja desinformado — disse Jordan. — Acho que é seguro e organizado. Por que não se veste inteiro bem?

— Por que você só pinta o que outras pessoas já pintaram?

Touché, touché.

O telefone da Jordan tocou. Era Hennessy. *Tudo feito, Trinity irá buscá-la.*

— Eu… — ela disse, mas não sabia como terminar.

Ele antecipou suavemente a sugestão.

— Tenho que ir para a aula de qualquer maneira.

Era impossível imaginá-lo na sala de aula. Na aula para o quê. Provavelmente faculdade de negócios. Qualquer que fosse a opção mais chata. Ela estava começando a entender o jogo dele; era o mesmo jogo que o dela, jogado exatamente da maneira oposta.

Os dedos de Declan encontraram a lapela da jaqueta e avaliaram a mancha. Uma pitada firme restabeleceu a borda afiada.

— Você quer me ver de novo?

Eles se entreolharam. Agora era impossível não ver os traços de *A Dama Sombria* em seu rosto: nariz, boca, nariz dela, boca dela, aqueles olhos azuis compartilhados.

Como um-sexto de uma pessoa – um-sexto de uma pessoa que atualmente estava roubando esse cara – Jordan sabia agora qual era a resposta real.

Mas respondeu como faria se sua vida fosse dela.

— Sim — disse Jordan.

CAPÍTULO 35

A manhã de Farooq-Lane começou com becos sem saída, mas terminou com pistas frescas.

Começou bastante típico. Quando disse a Parsifal que eles precisavam sair e dirigir até encontrar algumas pistas, ele desapareceu no banheiro do quarto de hotel e ligou a água.

Ficou lá por tanto tempo que Farooq-Lane terminou o café e cedeu à sua curiosidade.

Culpada, silenciosamente, havia digitado o nome dele em um mecanismo de busca para descobrir o que havia acontecido com a família dele. *Matei todos eles*, dissera Parsifal, e ela imaginou as generalidades. Ela, como todos os outros Moderadores, recebera o mesmo curso intensivo em Visionários: os Visionários viam o futuro em surtos de sonho. As visões deles sempre tinham um Zed ou um Visionário não escolarizado. Os Visionários não escolarizados eram mortais quando tinham seus episódios, então se aproxime deles com tanto cuidado quanto de um Zed. Possivelmente mais: Eles o matariam, querendo ou não, se você estivesse por perto enquanto eles tivessem uma visão. Um novo Visionário deve ser avisado de que as visões não precisam ser mortais para outras pessoas, se eles as desviarem internamente, como lhes disseram. Eles saberão o que isso significa. Não diga que os matará. Vão descobrir isso eventualmente.

Vinte e dois mortos na Alemanha; Sobrevivente adolescente sob investigação. No banheiro, Parsifal soltou um grito e depois houve um estrondo.

— Parsifal? Você está bem aí? — Farooq-Lane bateu o laptop com força.

Quando ele emergiu, completamente vestido, parecia nu e diferente de si mesmo. Seus óculos quebrados estavam embalados na gaiola óssea de sua mão.

— Você está bem? — Ela perguntou.

— Estou quase sem pasta de dente — respondeu.

Mais tarde, enquanto se sentava rigidamente na área de espera de uma ótica de pronta entrega em um shopping, semicerrando os olhos, perguntou: — Que tipo de lugar tem muitos bules?

Farooq-Lane ergueu os olhos da revista de casa e jardim que estava lendo. Costumava gostar desse tipo de revista quando morava em uma casa e tinha um jardim.

— Lojas de cozinha. Colecionadores. Lojas de novidades. Que tipo de bule?

— Coloridos — Ele franziu a testa. Não parecia real, sentado diretamente entre os bancos de molduras da loja. Ele parecia um manequim muito convincente esperando para modelar os estilos mais recentes. — Feios.

— É sobre um Zed?

— Experimente, querido — A técnica optométrica havia retornado com os óculos de Parsifal. Ele aguentou que ela colocasse-os em suas orelhas. Tudo sobre a linguagem corporal dele silenciosamente se enfureceu com o contato dos dedos dela contra o lado de sua cabeça. — O que você acha? Você gosta desse?

Farooq-Lane podia dizer pelo rosto de Parsifal que não, mas não deixou transparecer, mas lançou um rápido olhar para Farooq-Lane e disse: — Muito obrigado.

Parsifal Bauer acabara de ser educado com outro ser humano por causa dela.

Milagres acontecem.

— Vamos apenas ajustar um pouco — disse a técnica. — Se você gosta deles agora, apenas espere até ajustarmos como se encaixam!

A boca de Parsifal funcionou. Havia chegado ao fim de sua polidez. Ele voltou os olhos para Farooq-Lane novamente.

Farooq-Lane o resgatou.

— Na verdade, estamos com pressa. Temos que encontrar alguém.

Ele se levantou com alívio imediato.

Do lado de fora, no carro, quando ela abriu a porta, disse: — Isso foi muito educado da sua parte. Podemos consertá-los depois de encontrarmos o Zed.

Sua voz era brusca e impaciente quando deslizou no banco do passageiro. Ele disse: — Não sei se haverá tempo.

Então eles vasculharam a cidade em busca de bules. Eles foram de loja antiga para loja antiga, e depois de loja de material de cozinha para loja de material de cozinha e depois de loja de artesanato para loja de artesanato. Nenhuma delas estava certa, mas as maneiras pelas quais estavam erradas mantinham a memória de Parsifal, dando-lhe mais e mais pistas a seguir. Era Springfield. Era perto de uma interestadual. Era um bairro, não um shopping.

Era a casa de dois andares em que estavam estacionados na frente.

Era um bairro despretensioso, caminhantes e dividido desigualmente com

gramados irregulares, mas cortados e sem árvores. *COISINHAS DA MARY, ENTRE* dizia uma placa pintada à mão na entrada da casa, com uma pequena flor sorridente pintada ao lado. Não parecia o tipo de lugar em que muitas pessoas apareciam.

— Sem BMW — disse Farooq-Lane.

— Pessoa diferente — respondeu Parsifal.

— Era perigoso? O que você viu? Deveríamos continuar?

Parsifal já estava soltando o cinto de segurança.

Na porta, estava prestes a bater, mas ele apontou para outra placa: *APENAS ENTRE!* com uma ilustração de uma xícara de café sorridente. Lá dentro, eles encontraram uma sala escura e de teto baixo, montada como uma pequena loja de artesanato, despretensiosa e atraente em sua completa falta de ambição. Bules luminosos e brilhantes nas cores do arco-íris cobriam a lareira com etiquetas de preço manuscritas. Canecas altas e volumosas reunidas em prateleiras feitas de caixotes velhos. Cobertores de malha desigualmente nas mesmas cores psicodélicas da cerâmica, estavam pendurados nas costas de um sofá de vime. O tapete era incrivelmente brilhante e tecido à mão, e também tinha um preço. Tudo parecia incomum, mas não no sentido de Zed. Este era apenas o hobby de uma velhinha, pensou.

Parsifal soltou um pequeno suspiro. Não disse nada, mas mesmo assim ela sentiu que podia interpretar o significado disso muito bem. Era o som de satisfação, ou melhor, de libertação. De um trabalho feito.

Ela seguiu o olhar dele. Estava olhando para a cozinha; uma lasca de bancada era visível através da porta da sala. Apenas essa lasca foi suficiente para revelar um sonho. Ela sabia que era um sonho, porque isso partiu seu cérebro um pouco. A coisa nem era realmente um objeto de sonho, era apenas uma coleção de cores selvagens em cima do balcão. Não havia palavras lógicas para descrevê-lo. Não era uma coisa de cores descontroladas. Era apenas o conceito das próprias cores, reunidas no balcão. As próprias cores combinavam com o artesanato que o Zed tinha feito por meios artesanais comuns. Obviamente, todos eram produtos da mesma mente.

Farooq-Lane deu um passo mais perto. Além do sonho, havia vasilhas de açúcar e farinha e outros objetos comuns da cozinha. O sonho estava entre eles, uma pequena e orgulhosa obra de arte.

Uma obra de arte sonhada.

Parsifal e Farooq-Lane saltaram quando a porta deslizante do quintal se abriu.

— Você entrou! — Disse a recém-chegada, feliz.

Ela era muito velha. Era uma senhora fofa e gorda que tingira o cabelo branco de rosa e usava batom muito colorido também. Suas roupas combinavam com as cores dos bules e da coisa no balcão. Farooq-Lane teve um vislumbre de algo em sua boca, mas não tinha cer...

Ela perguntou:

— Você fez tudo isso?

— Tudo nesta casa — disse a velha senhora. Pegou uma vasilha brilhante sobre uma mesa brilhante. Farooq-Lane se encolheu quando ela removeu a tampa, mas apenas inclinou o conteúdo na direção deles em uma oferta.

— Não se preocupe, eles não são biscoitos de cachorro — disse, e riu alegremente de si mesma. Ao fazê-lo, Farooq-Lane viu o que tinha notado antes. A mulher tinha um dente falso, um caminho molar atrás. Era a mesma coleção de arco-íris que a coisa no balcão era. Um dente falso sonhado.

Ela sentiu uma onda de adrenalina. Não havia nenhum pensamento imediatamente ligado a ela. Apenas aquela onda borbulhante de calor através de seus membros. Eles encontraram um Zed.

Era uma pessoa que tirava coisas dos seus sonhos.

Eles fizeram isso.

A Zed sacudiu a vasilha para Parsifal.

— São biscoitos que eu fiz ontem.

Para choque de Farooq-Lane, Parsifal aceitou um, então ela também foi obrigada.

— Você viu alguma coisa que você gosta? — Perguntou a Zed enquanto Parsifal dava uma mordida experimental no biscoito.

Farooq-Lane não, mas usou parte do fundo de seus compradores do Mercado das Fadas para comprar o tapete. Ela não sabia por que comprou algo. Ela entrou em pânico, supôs.

Tinha que fazer alguma coisa. Escolheu o tapete. Tinha meio que pensado que os bules seriam quebráveis, embora não soubesse por que isso importava, pois não pretendia guardar o que comprou.

— Outro? — A Zed perguntou. Parsifal aceitou outro biscoito, tornando oficialmente o máximo que Farooq-Lane o viu comer de uma vez desde que se conheceram. Ele não disse obrigado, mas a Zed sorriu tão docemente como se ele tivesse dito e disse: — É melhor pegar um para levar.

De volta ao carro, Parsifal comeu o terceiro biscoito e viu Farooq-Lane lutar com o tapete no banco de trás.

Então os dois ficaram sentados no carro silencioso.

— Ela é muito velha — disse Parsifal.

— Eu sei.

— Ela não vai acabar com o mundo — disse ele.

— Eu sei.

Parsifal a observou pegando o telefone.

— Então o que você está fazendo?

— Eu tenho que dizer a eles que encontramos um, Parsifal.

Ele olhou para ela bruscamente.

— Eles vão matá-la!

— Vou dizer a eles que ela não é uma ameaça — disse Farooq-Lane — Mas tenho que denunciá-la.

— Eles vão *matá-la*!

Ele estava começando a ficar agitado. Ele apertou as mãos ossudas em punhos e esticou-as novamente em cima dos joelhos e balançou um pouco quando olhou para a casa. Ela não estava se sentindo ótima; a adrenalina nunca foi boa enquanto voltava para o mar.

Ela disse:

— Parsifal, eles já acham que posso estar do lado dos Zeds por causa do meu irmão. Eu sei que eles estão me testando e estou falhando. Vou dizer a eles que ela é apenas uma velhinha. Eles não vão matar uma velha senhora — Ele enrolou a mão na maçaneta da porta e a agarrou com força suficiente para deixar as juntas brancas como osso exposto, não como se fosse sair, mas como se estivesse impedindo a si mesmo de flutuar para longe. Ela disse: — Você *está* sendo suspeito, você sabe. Por que você não quer que um Zed seja denunciado? Eles também não gostariam disso.

Ela ligou para Lock.

Ela e Parsifal não falaram pelo resto do dia.

Isso era, ela disse a si mesma, o trabalho no fim do mundo.

CAPÍTULO 36

Isso não era, provavelmente, Hennessy pensou, realmente o fim do mundo.

Ela tinha sentimentos confusos sobre isso.

— Pessoas como sua mãe nasceram para morrer jovens — Dissera o pai de Hennessy uma vez, antes de se tornar óbvio que sua filha *era* uma pessoa como sua mãe. — Sabia disso antes de me casar com ela. Sua espécie queima rapidamente e com força. Emocionante. Perigosa. Linda. Sempre pegando o limite interno. Empurrando até se quebrar. Eu sabia. Todo mundo me disse isso — Ele não havia dito isso a Hennessy. Ele disse a Jordan, que achava que era Hennessy, mas Hennessy estava escondida debaixo da mesa da sala de jantar, então ela ouviu. Não era uma revelação que valesse a pena. Esta foi uma conversa na mesa de jantar, velhas histórias de guerra.

— Eu casei com ela, no entanto — ele disse. — Eu não me arrependeria, mas ela era como um Pontiac. Alguns carros você só precisa dirigir uma vez.

O pai de Hennessy era Bill Dower e era motorista de carro de corrida e fabricante de kit de carros. Tudo o que disse saiu como uma metáfora sobre carros de corrida. Antes de conhecer Bill Dower, parecia impossível que tudo acabasse voltando às corridas, mas depois que o conhecemos, era difícil esquecer.

A mãe de Hennessy era J. H. Hennessy, conhecida como Jay por seus amigos, embora se entendesse que não era isso que o *J* representava, apenas como o *J* oava. Hennessy nunca soube qual era seu primeiro nome verdadeiro. Os escritores de arte também nunca souberam, apesar de seus esforços, e teorizaram que talvez não tivesse realmente um nome para o *J*. Talvez, eles disseram, as iniciais fossem uma espécie de pseudônimo, uma identidade inventada. Talvez, disseram outros, nunca tivesse realmente existido. Talvez, eles colocaram, ela era uma cooperativa de artistas todos criando arte sob o nome de J. H. Hennessy e foi por isso que não pôde ser efetivamente pesquisada postumamente. Talvez a mulher que apareceu nos eventos tivesse sido contratada para ser o rosto de J. H. Hennessy e era a Banksy do mundo das galerias.

Ah, é claro que ela existia, tudo bem.

Qualquer um que tivesse que morar com ela nunca poderia pensar o contrário.

O telefone de Hennessy tocou. O viu pular e tamborilar pela escada de

concreto até cair no próximo degrau, onde ficou deitado de frente e cantarolava tristemente. Ela o deixou lá.

Era fim da tarde. Um crime fora cometido recentemente na casa de um jovem em Alexandria; Não faz muito tempo, várias mulheres terminaram de quebrar uma janela, roubar uma pintura e consertar uma janela quebrada. Agora Hennessy e *A Dama Sombria* estavam sentadas nas escadas do National Harbor, sozinhas, exceto por alguns jovens profissionais e o sol, ambos correndo em seu caminho para outro lugar. À sua frente, ela viu *O Despertar*, de Seward Johnson, uma escultura de quatro metros de um homem emergindo da areia. Possivelmente emergindo. Possivelmente afundando. Se alguém não soubesse o título da peça, era igualmente provável que as mãos arranhadas e o rosto desesperado como se ele estivesse sendo sugado de volta para a terra.

Ela estava protelando.

Hennessy limpou o nariz com as costas da mão e depois estudou a escuridão manchada nos nós dos dedos com uma observação desapegada. Recentemente, viu o que era considerado a tinta mais negra do mundo. Singularidade Preta, era chamada. Elas revestiram um vestido com isso. Era tão preto que o que quer que fosse revestido deixava de ter detalhes além de preto; não havia sombras mais profundas, nem destaques sutis. Tornou-se um esboço de um vestido, toda a complexidade apagada. Singularidade Preta não era propriamente um pigmento, era algum tipo de nanocita, pequenos pedaços e bobagens que consumiam noventa e alguns por cento da luz ao seu redor. A NASA usou para pintar astronautas para que os alienígenas não os vissem ou algo assim. Hennessy procurara obter um pouco disso para Jordan no aniversário delas, antes de descobrir que tinha de aplicar cinquenta casacos de espessura, remediar a seiscentos graus e depois ainda podia ser limpo com um dedo. Somente a NASA poderia aguentar essa merda.

Mas *tinha* sido impressionantemente preto.

Não é tão escuro, no entanto, como o líquido que sai de Hennessy, porque não era realmente preto. Era menos que preto. Não era nada. Não era nada. Só parecia preto de longe, e quando alguém se aproximava, podia ver suas origens sobrenaturais.

Era um efeito colateral de ser uma sonhadora, ou um efeito colateral de ser Hennessy?

Não havia ninguém vivo para perguntar.

J. H. Hennessy tinha sido uma sonhadora. Ela não falou sobre isso com

Hennessy, exceto em termos metafóricos, mas ela sabia o que era. Sua mãe adormecia bêbada nas escadas ou embaixo do piano, e não demorou muito para descobrir que tendia a acordar com mais tintas e garrafas ao redor dela enquanto dormia. Ou talvez sim, porque Hennessy tinha certeza de que seu pai nunca havia descoberto que Jay poderia sonhar. Quando disse que ela era uma bagunça, ele apenas quis dizer vodka e êxtase.

Retrospectivamente, Hennessy pôde ver que ele que gostava que J. H. Hennessy fosse uma bagunça.

— Você vai me salvar? — Hennessy perguntou à *A Dama Sombria*, enxugando o rosto novamente. *A Dama Sombria* a olhou desconfiada, pessimista. — Nós, eu quis dizer. Obrigada por esclarecer isso.

A Dama Sombria não sorriu. Hennessy também não. Ela não sabia o quão poderoso o poder de *A Dama Sombria* de influenciar os sonhos era, mas não achava que havia uma chance no inferno que fosse suficiente para mudar o pesadelo recorrente de Hennessy. Se não tinha vacilado em dezesseis anos, parecia improvável que o fosse fazer agora.

Hennessy fechou os olhos – ali estava. Ela nem precisou fechar os olhos. Parou de pensar – ali estava. Ela estava tão cansada.

A julgar pelas criações dos sonhos com as quais acordou, os sonhos de Jay pareciam simples, sem complicações. Ela sonhava com o que estava fazendo enquanto estava acordada. Ela foi a uma festa, acordou com lantejoulas. Ela entrou em uma briga com Bill Dower, acordava com papéis de divórcio. Ele a atraiu de volta com flores e jóias, ela acordou com mais flores e jóias. A única coisa que sonhou que interessava a Hennessy foi o furão de Hennessy, que ela sonhou no dia em que Hennessy passou o dia todo implorando por um.

Cassatt tinha sido um ótimo animal de estimação. Ele não fedia e não comia nada, exceto medicamentos prescritos.

Até Jay morrer e ele adormecer para sempre.

Enrolada nas escadas de concreto, Hennessy estava começando a se sentir mal. Podia dizer que seus ouvidos estavam começando a se encher de coisas negras. O sabor era horrível.

— Eu vou fazer isso — Hennessy disse à *A Dama Sombria*, que estava começando a julgá-la por ficar acordada por tanto tempo. Ela não se importava com as outras garotas? *A Dama Sombria* perguntou. Ela não se importava com o fato de que todas provavelmente estavam começando a cambalear agora, começando a sentir os efeitos escorregadios da lama negra

borbulhando em seu criador? Ela não se importava que, se morresse, todas elas dormiriam? Hennessy se ressentia de tudo isso. As meninas eram basicamente a única coisa com que ela *se* importava. — Só não estou doida por essa ideia de dormir. Me dê alguns minutos para me convencer disso.

Não foi apenas o ódio pelo pesadelo que a manteve acordada. Tão ruim quanto isso parecia, a maneira como seu corpo ficava depois que sonhava uma cópia de si mesma era pior. Ela simplesmente não achava que *A Dama Sombria* a salvaria disso.

O telefone de Hennessy tocou novamente. Ela foi ver o identificador de chamadas. Jordan. Então ela terminou seu encontro com Declan Lynch. Ela sobreviveu, aparentemente.

Hennessy pesquisou o cara no Google e parecia que Jordan definitivamente havia tirado o menor de todos os canudos possíveis, e isso incluía o lodo preto entre os canudos. Hennessy preferiria sangrar do que namorar um homem branco chato de terno do ano passado.

Jordan mandou uma mensagem: *As meninas disseram que você as maltratou*. Ela não as maltratou. Tinha acabado de pegar a pintura recém-roubada e disse para elas passarem o resto de suas vidas fazendo coisas-do-fim-do-mundo, caso essa próxima cópia sonhada fosse aquilo que a mataria. Elas não queriam deixá-la. Ela repetiu a exortação. Persuasivamente. Estritamente. É o que ela gostaria. Festa até o fim. Nenhum aviso. Não havia muitas festas para encontrar ao meio-dia em um dia da semana em Washington, mas certamente elas poderiam pensar em alguma coisa. Elas eram Hennessys.

Jordan: *onde você está*

Essa não seria a cópia a matá-la, de qualquer forma, pensou Hennessy. Mais três. Foi o que ela pensou. Toda vez que sonhava com uma cópia, uma nova tatuagem de flor aparecia em sua garganta, e havia apenas espaço para mais três.

Ela limpou um pouco de preto na parte superior do sapato.

— Pessoas como eu — Hennessy disse à *A Dama Sombria*. — Nasceram para morrer jovens.

O que tornou basicamente assassinato que J. H. Hennessy tivesse uma filha em primeiro lugar.

Os olhos de *A Dama Sombria* brilhavam. Ela pensou que Hennessy estava sendo melodramática. Talvez estivesse. Hennessy estremeceu e olhou através da água, tentando imaginar um sonho que continha o oceano em vez

de outra Hennessy.

Ela não conseguia imaginar.

Ela só podia imaginar o mesmo sonho que já estava acontecendo por trás de todos os seus pensamentos. De novo e de novo e de novo.

Jordan mandou uma mensagem: *Você pode continuar jogando bobinho e eu posso continuar procurando por você, mas é chato, você não acha?*

Ah querida, Hennessy mandou uma mensagem de volta, *Não acho que chato seja algo com o qual você e eu tenhamos que nos preocupar*.

CAPÍTULO 37

Declan Lynch sabia que era chato.

Ele trabalhou duro para ser assim, afinal. Era um truque de mágica do qual não esperava nenhum prêmio além da sobrevivência, mesmo quando olhava para outras vidas e as imaginava elas como dele. Ele não se enganou. Ele sabia o que tinha permissão para fazer, querer e colocar em sua vida.

Ele sabia que Jordan Hennessy não o pertencia.

Ainda assim, quando voltou da Galeria Nacional de Arte para sua casa vazia, ele fechou a porta atrás de si e, por um momento, apenas se apoiou nela, os olhos fechados, fingindo – não, nem mesmo fingindo. Simplesmente não pensou. Por um segundo de um minuto do dia, não analisou as probabilidades, os piores cenários, as possibilidades e as consequências. Por um segundo de um minuto do dia, ele apenas se deixou sentir.

Lá estava: Felicidade.

Então ele soltou um suspiro profundo, e seus pensamentos voltaram correndo, e junto com eles, todas as razões pelas quais todos os relacionamentos antes de agora e depois disso, tinham que permanecer descartáveis.

Mas a alegria é uma colheita pequena e tenaz, especialmente em solo que não cresce há muito tempo, e assim permaneceu enquanto olhava o relógio para ver quando Matthew voltaria do futebol e pendurava o casaco e as chaves e tirava os sapatos.

Então ele fez algo que não teve coragem de fazer desde que tinha adquirido-a.

Ele acendeu a luz da cozinha, estalando a língua quando viu que Matthew ou Ronan haviam a sujado de areia pela porta dos fundos – era *tão* difícil esfregar os pés no tapete se você não ia tirar os sapatos? Ele abriu a porta do armário e lá estava ela, *A Dama Sombria*.

Antes, olhar para *A Dama Sombria* havia desencadeado todo tipo de sensações complexas, a maioria delas uma merda.

Mas hoje era apenas uma pintura.

Tirou-a do armário e levou-a para a mesa da sala de jantar. Colocou-a na mesa e olhou para o papel de fundo marrom que cobria cuidadosamente a parte de trás da tela e selava as bordas da moldura. Seus olhos olharam para as palavras *Mór Ó Corra* e além. Então pegou uma faca pequena e afiada da

cozinha.

Ele hesitou.

Você não pode deixar de ver isso, disse a si mesmo.

Isso não é permitido na vida que você está vivendo, ele disse a si mesmo.

Eu quero muito mais, disse a si mesmo.

E ele cortou a borda do papel de fundo marrom. Demorou um pouco a princípio, mantendo o corte reto, uniforme e cirúrgico, e então a linha ficou mais rápida, mais irregular e furiosa à medida que avançava, até que finalmente a rasgou com as mãos, cantando: *eu te odeio, eu te odeio, eu te odeio.*

Então seus dedos tremiam, o papel foi removido e estava olhando para a parte de trás da tela.

Não havia nada lá.

Não havia nada lá.

Não havia nada lá.

Tudo isso e não havia nada lá.

CAPÍTULO 38

Nada lá. Ronan estava vasculhando os pertences de seu pai há horas e não encontrou merda nenhuma.

Ele ficou inquieto o dia todo. Seus sonhos na noite anterior tinham sido impetuosos, fraturados, sem Bryde. Sua manhã seguinte foi impaciente, fraturada, sem Adam. Passou uma hora dirigindo o BMW em voltas num caminho lamacento. O rosnado do motor foi incapaz de vencer os pensamentos do rosto jovem de seu pai e do rosto perturbado de sua mãe, a voz convincente de Bryde e a voz abafada de Declan.

Declan disse para não perseguir o coelho. Bryde disse para perseguir o coelho.

Eles estavam empatados, e ele não podia ser o desempate.

Vá devagar, Adam havia dito.

Amanhã Ronan teria que voltar para DC para seu aniversário. Ele não era sentimental por causa disso, mas Matthew acreditava muito em aniversários e rituais, então retornava para algum nível de folia. Matthew havia sugerido um piquenique em Great Falls. Declan sugeriu um bom jantar. Ronan achou as duas opções insuportavelmente *rotineiras*.

Por que Bryde não o procurou ontem à noite?

Ele sabia, no entanto.

Bryde terminou de perseguir Ronan; era a vez de Ronan agora.

E ele queria perseguir.

Vá devagar.

Ronan dirigiu-se para as montanhas para matar algum tempo. Pensou em ir mais longe, em dirigir até Lindenmere, mas não era uma boa ideia visitar a floresta em um estado de espírito desordenado, e Ronan colocaria sua desordem familiar em um sólido sete em uma escala de um a dez. Em vez disso, voltou para casa, preparou um sanduíche de manteiga de amendoim e começou a vasculhar a casa da fazenda como antes, procurando segredos ou sonhos que havia esquecido.

Foi quando ouviu...

Alguma coisa. Um intruso.

Um motor sumindo, possivelmente. Não era bem ao lado da casa. Isso teria sido mais alto. Era mais como um motor esmaecendo na metade do caminho para que o motorista seguisse o resto do caminho sem ser detectado.

Ou talvez não fosse nada.

Certamente, ninguém poderia ter conseguido passar por seu sistema de segurança.

Lá fora, Motosserra chamou. Não era seu chamado alarmado, era? Foi apenas um chamado.

Ele tinha sua pequena faca cheia de garras no bolso e havia uma arma no antigo quarto de Declan.

Ele ouviu a porta dos fundos se abrir.

Porra.

Claro que não estava trancada. Não enquanto estava acordado, não enquanto a garagem estava protegida.

Uma tábua do chão no lavabo rangeu.

Ronan estava de pé. Silenciosamente. Se moveu rapidamente pela casa, evitando as tábuas que ele sabia que rangeriam e o entregaria. Estava com a faca na mão. Parou para pegar a arma.

Tam, tam.

Esse era apenas o coração dele, frustrantemente alto em seus ouvidos.

No andar de baixo, a sala estava vazia. O mesmo aconteceu com a sala de estar. Sala de jantar.

Outro barulho. Da cozinha.

Ronan levantou a arma.

— Jesus, Ronan, sou eu! — A luz da cozinha acendeu e revelou Adam Parrish, removendo um capacete de motocicleta. Ele olhou a arma — Você sabe dar surpreender também.

Ronan permaneceu fixo no lugar, incerto. Não que Adam parecesse errado; parecia maravilhosamente ele mesmo, de fato, seus cabelos emaranhados por estarem embaixo do capacete, seus ombros magros e ajustados em uma jaqueta de couro, em que Ronan nunca o vira antes, suas bochechas brilhantes e elevadas da jornada. Mas depois dos últimos dois dias, Ronan não podia mais acreditar no rosto de alguém como prova de identidade.

— Como você passou pela entrada da garagem? — Perguntou desconfiado.

— Horrivelmente — disse Adam, rolando o capacete sobre o balcão e tirando a jaqueta e as luvas. Ele jogou as duas ao lado do capacete e cheirou seus braços nus. — É tão ruim sair como é para entrar? Porque se assim for, eu vou ficar aqui para sempre.

Ele se virou e percebeu que Ronan ainda estava segurando a arma. As

sobrancelhas dele se juntaram. Não parecia chateado. Apenas parecia como se estivesse tentando entender.

Ronan também não se entendeu. Parte de sua mente estava dizendo: *Claro que é Adam, abaixe a arma* e outra parte estava dizendo: *O que é real?* Ele entendeu por que ambas as partes dele existiam. O que não entendeu foi o quão equilibradas elas eram. Ele não tinha percebido que ver os rostos de seus pais nos corpos vivos o afetou tão profundamente, até esse momento de ver alguém que amava muito e ainda não saber se podia acreditar.

— Diga-me o que preciso dizer para provar isso — disse Adam. Ele tinha trabalhado nisso. Isso por si só foi quase o suficiente para convencer Ronan, mesmo depois que seu rosto não conseguiu. Adam era a pessoa mais inteligente que conhecia. — O que vai fazer você saber que sou eu?

Ronan não sabia.

— Por que você está aqui?

— Comecei a pensar sobre isso ontem à noite. Então me levantei hoje de manhã e pensei: vou. Eu só vou. Gillian encontrou esta jaqueta para mim em uma loja de produtos usados. Este é o capacete de Fletcher - você pode imaginá-lo em uma scooter? Estas são as luvas de jardinagem do meu fiscal. Eu li minhas anotações de sociologia no meu celular e as ouvi o tempo todo para o meu teste amanhã. E agora estou aqui — Então pareceu triste, percebendo. Disse: — Ronan, conheço você.

Ele disse da mesma maneira que havia dito no telefone na noite anterior. A adrenalina de Ronan deslizou para fora dele. Ele descartou todo o armamento em uma mesa lateral.

— Estou convencido. Só você ouviria anotações de sociologia em uma motocicleta.

Eles se abraçaram com força. Foi chocante segurá-lo. A verdade dele estava bem ali, sob as mãos de Ronan, e ainda parecia impossível. Ele cheirava ao couro da jaqueta da loja de brechós e a fumaça que impregnou pelo caminho até aqui. As coisas estavam iguais por tanto tempo, e agora tudo estava diferente, e era mais difícil acompanhar do que Ronan pensava.

Adam disse:

— Feliz aniversário, a propósito.

— Meu aniversário é amanhã.

— Eu tenho uma apresentação que não posso perder amanhã. Eu posso ficar por... — Adam se afastou para verificar o relógio sonhado — Por três horas. Desculpe por não lhe dar um presente.

A ideia de Adam Parrish em uma motocicleta, era um presente de aniversário mais do que suficiente para Ronan; estava incontroladamente excitado. Não conseguia pensar em mais nada para dizer, então disse: — Mas que merda é essa? — Normalmente esse era o trabalho dele, ser impulsivo, desperdiçar tempo, *visivelmente* precisar. — Que merda é essa?

— Essa motocicleta idiota que você sonhou não precisa de gasolina — disse Adam. — O tanque é de madeira por dentro; Coloquei uma câmera nele para olhar. Também não tive que parar para abastecer, porque na metade do tempo, quando desacelerava, largava a moto. Você deve ver os machucados nas minhas pernas. Parece que tenho lutado com ursos.

Eles se abraçaram de novo, alegremente, valsando confusos na cozinha e se beijaram alegremente, valsando mais.

— O que você quer fazer com suas três horas? — Ronan perguntou.

Adam espiou pela cozinha. Ele sempre parecia estar em sua casa nela; era tudo da mesma coloração dele, desbotadas, enfraquecidas e confortáveis.

— Estou faminto. Eu preciso comer. Preciso tirar suas roupas. Mas primeiro, quero buscar por Bryde.

CAPÍTULO 39

Adam Parrish era misterioso.

Talvez ao lado de Ronan Lynch, sonhador de sonhos, ele parecesse comum, mas era apenas porque tudo de extraordinário nele era por dentro e não por fora. Ele também tinha uma conexão com a energia peculiar das linhas ley, que parecia alimentar os sonhos de Ronan, exceto que a conexão de Adam acontecia enquanto ele estava acordado e só produzia conhecimento em vez de objetos. Ele era algo parecido a um médium, se existisse um cujos poderes se estendiam mais para o futuro do mundo do que para o das pessoas. Durante o verão paradisíaco que ele passara no Barns com Ronan, brincava com energia quase todos os dias. Ele olhava para uma tigela de líquido escuro e se perdia no pulso insondável que conecta todos os seres vivos. Enquanto estava no telefone com Gansey ou Blue, pegava seu baralho de cartas de tarô assombrado e lia uma ou três cartas para eles. À noite, sentava-se no final da cama de infância de Ronan e o encontrava no espaço dos sonhos - Ronan, dormindo, em um sonho, Adam, acordado, em transe.

Ele havia posto tudo isso de lado para ir a Harvard.

— Se eu parar de respirar, me traga de volta — disse Adam agora. Se sentou no final da cama de Ronan com uma das luzes sonhadas em suas mãos. Havia todo tipo de luzes sonhadas nos celeiros: vaga-lumes nos campos, estrelas emaranhadas nas árvores, esferas penduradas ao longo do celeiro sobre seu trabalho, velas eternas em cada uma das janelas que davam para o quintal. O que estava na mão de Adam era muito brilhante para olhar diretamente; era um sol. Gansey pediu a Ronan que mantivesse sua planta de hortelã viva enquanto viajava, e Ronan, sem saber como manter as plantas vivas por dentro, sonhou o exterior. Agora iluminava o quarto escuro onde os dois estavam sentados, joelho a joelho em cima da cama.

— Se demorar mais de quinze minutos, traga-me de volta — acrescentou Adam. Pensou sobre isso, depois se corrigiu. — Dez. Eu sempre posso ir de novo.

A capacidade de Adam não estava isenta de riscos. Era como sonhar, mas sonhar usando a imaginação do mundo inteiro em vez de apenas a dele. Não havia limites. Nenhuma lembrança para reguardar-se dos sonhos, nenhuma identidade para manter a peregrinação estreita. Sem alguém para segurá-lo perto do vasto espaço, a mente de Adam poderia vagar no éter e nunca mais

voltar, como a vaca flutuando ao sol. Foi assim que seu baralho de cartas de tarô se tornou assombrado. Elas eram um presente de uma mulher morta que nunca voltaria.

— Dez, tudo bem — disse Ronan. Estendendo a mão, girou o relógio no pulso de Adam para que o encarasse.

Adam inclinou a cabeça para trás e Ronan percebeu que estava se preparando. Isso era novo. Adam sempre foi cauteloso, mas não intimidado.

— O quê? — Ronan perguntou.

— As coisas estão estranhas por aqui.

Isso era desagradável de se pensar; Quanto tempo demoraria para Ronan descobrir se Adam havia sido encontrado morto em seu dormitório, sua mente perdida para o infinito enquanto as costas de todo mundo estavam viradas?

— Não sabia que você estava fazendo isso enquanto estava fora.

— Apenas duas vezes — disse Adam. — Na primeira semana. Eu sei. Isso foi estúpido.

Eu não fiz isso de novo. Não faria isso de novo.

— Por que você fez isso?

— Porque você dirigiu atrás daquela pessoa que se parecia com sua mãe?

Justo.

— Eu só tenho que... tenho que trabalhar nisso, é tudo.

Era realmente desconcertante vê-lo tão intimidado por isso.

— Por quê?

— Algo mudou. Parece que há algo enorme nos observando.

— Você e eu?

— Pessoas. Talvez seja... me escute falando como se fosse algo. Alguém. Eu nem sei o que é isso. Realmente não posso explorar. Eu não tenho nenhuma armadura por aí. É apenas minha mente flutuando.

Tudo isso parecia desagradável para Ronan.

— Você não precisa fazer isso agora.

Adam murmurou.

— Eu vou. Fechar meus olhos não faz o monstro ir embora. Prefiro saber. E não confio em mais ninguém para me vigiar. Você sabe como devo parecer. E quero saber se consigo ver seu cara por aí entre essas coisas. Ou se *é* o seu cara.

Ronan estreitou os olhos.

— Não me dê esse olhar, Ronan. Tudo que você sabe é que ele disse que

era um sonhador — disse Adam. — Você pode acreditar nele, mas nada diz que eu preciso. Hoje cedo você apontou uma arma para mim. Só estou pedindo que dê a ele a mesma desconfiança.

Mais uma vez, como quando Ronan estava segurando a arma contra Adam, não havia angústia, raiva. Adam nunca julgaria alguém por seu ceticismo. Sua configuração padrão era desconfiança.

— Tudo bem — disse Ronan.

Adam entrou.

Ele projetou seus olhos para baixo, para o sol na sua mão. Nos primeiros segundos, piscou, piscou, piscou. Ele tinha que fazê-lo. A luz estava ardendo; Ronan não podia encarar por mais tempo do que um olhar roubado e, mesmo assim, deixou rastros verdes em sua visão.

Depois de alguns segundos, as piscadas de Adam ficaram cada vez mais distantes.

E então seus olhos estavam apenas abertos.

O sol refletia em seus olhos, dois sóis em miniatura de fogo contidos em suas pupilas.

Ele estava absolutamente imóvel.

Era uma imagem sinistra: aquele jovem magro posicionado sobre o sol, seu olhar firme e vazio, algo sobre o jeito dos ombros indicando vazio.

Ronan viu o ponteiro dos segundos contar o tempo. Ele viu o peito de Adam subir e descer.

Cinco minutos. Não era natural alguém ficar parado por um minuto, muito menos dois.

Aos cinco, tornou-se verdadeiramente inquietante.

Seis minutos. A escuridão havia começado a dançar com muitas esferas verdes, quando Ronan olhava para o sol e depois se afastava enquanto verificava o relógio de Adam.

Sete minutos.

Oito.

Aos nove minutos, Ronan começou a ficar nervoso. Ele se mexeu, contando os segundos.

Aos nove e meio, Adam começou a gritar.

Era um som tão terrível que, a princípio, Ronan estava preso no lugar.

Não era um grito adequado, algo que Adam consciente teria feito, mesmo com dor. Era um som alto, fino e seco, como se algo estivesse sendo rasgado em dois. Não vacilou. Jogou a cabeça de Adam para trás, dobrou seus ombros

e deixou o sol rolar através do edredom.

Era o som de algo que sabia que estava morrendo.

As paredes escuras do quarto pareciam ter absorvido. De alguma forma, esse grito sempre estaria incorporado ao gesso, agulhado nos suportes da casa, ofegando nos lugares que ninguém nunca viu. De alguma forma, sempre haveria algo que nunca seria feliz e completo novamente.

— Adam — disse Ronan.

Adam parou de respirar.

— *Adam*.

Ronan segurou os ombros de Adam e chacoalhou. No momento em que o soltou, Adam caiu e se afastou. Um corpo inconsciente tem uma sensação intransigente; não está interessado em razão e emoção.

— Parrish — Ronan rosnou. — Você não tem permissão...

Ele puxou Adam e o abraçou, sentindo a respiração, a pulsação. Nada, nada.

Os segundos se passaram.

O corpo de Adam não respirou. A mente de Adam girou, sem restrições, através do espaço infinito dos sonhos. Onde quer que estivesse, não lembrava Adam Parrish, estudante de Harvard; Adam Parrish, nascido em Henrietta; Adam Parrish, amante de Ronan Lynch.

Adam Parrish, solto de seu corpo físico, era fascinado por coisas tão efêmeras e enormes que essas pequenas preocupações humanas nem se registravam.

Ronan procurou a pequena faca de garra.

— Sinto muito — Ronan disse a ele, e então ele abriu.

As garras voaram, arranhando, rasgando, um caos de garras, rosnando no braço de Adam.

O sangue jorrou imediatamente.

Ronan fechou a faca e as garras recuaram, puxando uma garra poderosa do peito de Adam enquanto o faziam.

— Ah Deus, ah Deus, ah Deus… — Adam se enrolou em si mesmo, com os olhos fechados, balançando.

Ronan recuou em alívio. Jogou a faca para fora da cama e pressionou a mão contra seu próprio coração galopante.

— O que aconteceu? — Ele exigiu.

O peito de Adam ainda estava ofegante. O resto dele estremeceu.

— Ah Deus, ah Deus...

— Adam.

Adam pressionou as costas da mão na testa, um gesto estranho, não do feitio de Adam, e rolou para frente e para trás como uma criança quando estava cansado ou ansioso. Entretanto, Ronan a pegou, segurando-a. A pele de Adam estava gelada, como se tivesse levado seu corpo para o espaço sideral. Não pareceu notar que seu braço estava sangrando pela faca de garra; ainda parecia um pouco inconsciente de seu corpo. Ronan esfregou os dedos de Adam entre as mãos até ficarem quentes e depois os beijou.

— Parrish, isso foi uma merda — disse Ronan. Ele colocou uma palma na bochecha pálida de Adam. Também estava gelada. Adam virou o rosto na mão de Ronan, com os olhos fechados.

— Ele me viu — disse Adam. — Ah Deus.

— Ele quem?

Adam não respondeu.

Ronan o abraçou e, por vários minutos, os dois ficaram assim, bem juntos, iluminados pelo sol sonhado esquecido, a pele de Adam fria como a lua.

— Não é Bryde — disse Adam finalmente. — A coisa, não é Bryde.

— Como você sabe?

Adam disse:

— Porque, seja o que for, tem medo dele.

CAPÍTULO 40

Ninguém notou a adolescente que entrou na galeria alguns minutos antes do evento. A galeria era um grande e moderno estabelecimento em Arlington chamado 10Fox, a apenas 8 km de Washington, DC, do tipo *Venha ao nosso showroom e consulte nossos estilistas para tornar sua propriedade um lugar de arte*. A frente da casa estava atualmente sobrecarregada com muitas dezenas de crianças. Quatrocentas, adivinhou o publicitário, sem contar com os pais. Um bom começo para o primeiro horário, vai pessoal, vai equipe. *Você consegue*, ela disse à autora. Filas de assinatura de quatro horas, todo mundo em casa para um almoço tardio, final feliz.

Jason Morgenthaler não viu nada de feliz com a situação. Ele era o proprietário da 10Fox.

Ele também era um autor de livros de figuras muito famoso. Seus livros eram tão onipresentes que a maioria das crianças que os lia supunham que ele devia estar morto. Seu trabalho mais popular, *Henderson*! foi dado a dezenas de milhares de crianças por dezenas de milhares de avós em cada temporada de festas, e sua série Skunkboy foi transformada em uma série de televisão com uma música-tema extremamente irritante. Ele estava atualmente separado de sua esposa, que era uma famosa comediante de stand-up.

Morgenthaler se considerava um artista sério, um colecionador de arte de respeito e um negociante de arte inteligente, e estava correto na maioria das vezes sobre uma dessas coisas.

Ele não queria sair da sala dos fundos da galeria.

Morgenthaler nunca gostou de crianças, e recentemente elas se tornaram absolutamente repelentes para ele. Crianças eram pequenas anarquistas, monstros em miniatura do inferno.

Elas faziam o que queriam, sendo ou não uma boa ideia e tendo ou não permissão. Quando elas queriam comer, elas comiam; quando elas queriam cagar, elas cagavam. Elas mordiam, gritavam, riam até vomitar.

Morgenthaler olhou ao virar a esquina.

— Ah, Deus — disse ele. Os adultos na sala estavam em número muito menor. Dois deles eram livreiros, de pé atrás de uma mesa com livros ilustrados. Outros dois estavam vestidos com enormes trajes de mascote de corpo inteiro, um gambá e uma garota de cabeça enorme, assustadora em suas proporções.

A publicitária deu um tapinha no braço dele, achando seu desgaste patológico divertido.

Ela apontou para a outra equipe atrás dele.

— Hora de ir — disse a publicitária.

Morgenthaler passou os dedos pelos cabelos castanhos sem vida antes de entrar pelos fundos da galeria, ladeado por mais três adultos em trajes de mascote: um cachorro verde, um velho de cabeça assustadoramente grande e algo que deveria ser uma lula. Uma das crianças na fila da frente começou a chorar, embora fosse difícil dizer se era por excesso de terror ou por excesso de animação.

Do fundo da sala, Lin Draper, mãe de três filhos, assistia à apresentação de Morgenthaler.

Ele tinha uma cabeça implacavelmente oval, ela pensou, como se tivesse sido desenhada por alguém que não via uma cabeça humana de verdade há algum tempo. Ela esperava que ele fosse diferente, de alguma forma, quando ela colocou a filha India no carro para vir ao evento. Mais apropriado para crianças. Ele já havia xingado duas vezes durante sua apresentação e parecia um pouco suado. Ele se vestira com um casaco esporte preto e camiseta branca com decote em V combinada com Chucks vermelho, uma roupa que notificava agressivamente os espectadores de que ele era colecionador e artista, tanto o dinheiro quanto o talento. Morgenthaler usava o tipo de voz alegre que os adultos costumavam usar em crianças:

— Vocês acreditam que eu pensava que seria um escritor famoso de romances adultos? Eu pretendia ser um pintor profissional de arte representacional. Mas não, meu agente disse que eu era mais adequado para crianças, e então aqui *ainda* estou depois de dez anos...

— Posso segurar sua mão? — India sussurrou.

Lin percebeu, com a vergonha de engolir o chão que apenas anos de momentos maternos esquisitos podiam proporcionar, que a filha pequena não estava falando com *ela*, mas com uma adolescente ruiva.

Ela advertiu a India em voz baixa e sussurrou para a ruiva:

— Sinto *muito*...

— Está tudo bem — disse a garota. Ela ofereceu a mão para a India sem hesitar. India deslizou a palma da mão gordinha na da adolescente e, impulsivamente, beijou as costas da mão dela.

— *India* — Lin disse horrorizada. — Vamos conversar lá fora.

— Deus te abençoe — sussurrou a adolescente para India enquanto sua

mãe a arrastava, sua expressão feliz e vaga.

— Por que não fazemos um Perguntas e Respostas! — disse um dos vendedores de livros com o tom alto que parecia bom e significava que *nada está bem.*

Quando os livreiros começaram a solicitar perguntas às crianças (Quantos anos você tem?, Clancy é baseado em uma pessoa real?, Você tem cachorros?, Como se chamam?), Algumas das outras crianças aconchegaram-se à adolescente, apoiando-se nela ou tocando sua perna ou, como India, segurando a mão dela. Elas estavam muito mais hipnotizadas por ela do que por Morgenthaler.

A voz de Morgenthaler estava subindo e ficando menos alegre.

— *Na verdade*, Maria — Você disse que seu nome era Maria? A razão pela qual existem bonecas para Henderson e não para Skunkboy é por causa de uma longa batalha legal por direitos de colocação do produto no mercado, porque acontece que você precisa de um advogado que não esteja dormindo com sua *esposa*, se você quer um bom trabalho. O quê? Você tem algo a dizer sobre a forma como faço meus eventos?

Esta última afirmação parecia ser direcionada para o homem velho na fantasia.

Morgenthaler parou e deu um soco na cabeça da fantasia do velho.

Houve um momento de silêncio quando a cabeça do velho voou, seguida por uma medida de som igual e oposta, enquanto se aproximava das crianças sentadas.

Morgenthaler encarou tudo isso com um olhar desorientado antes de se atirar no corpo sem cabeça.

Caos se seguiu. Mais mascotes foram atingidos. A cadeira empalhada conseguiu saltar para a fila da frente das crianças sentadas. Um pai foi tapeado. Livros ilustrados voaram pelo ar, páginas farfalhando como pássaros feridos. Havia pêlo preso em Morgenthaler de uma das fantasias. Sua criança interior – um pequeno anarquista, um pequeno monstro – estava gritando para se libertar.

Tudo era anarquia, exceto a adolescente ruiva de pé no meio da multidão.

— Matem seus sonhos agora, crianças! — Morgenthaler gritou. — Matem-os antes que Nova York os atinja e os modifique como... como...

O traje de lula o envolveu pelas costas.

***

Depois que todos se foram – as crianças, os pais, os livreiros, o

publicitário, os mascotes – Morgenthaler voltou à sua galeria e ficou à luz da tarde. A galeria era um enorme espaço de concreto e vidro agora que todo mundo se fora. O telefone dele estava tocando. Ele tinha certeza de que era seu agente. Ele não queria falar com seu agente.

Ele olhou para cima e percebeu que não estava sozinho na galeria. Uma adolescente permaneceu. Ela ficou ao lado de uma peça em 3D que ele se ofereceu para retratar porque não a entendia. Ela tinha cabelos ruivos e não se parecia em nada com sua ex-esposa, mas de repente ele se lembrou de como era encontrar um dos cabelos dela nas roupas dele. Não foi uma sensação agradável.

Ele pensou que tinha trancado a porta.

— O evento acabou — disse ele. — está tudo acabado.

— Estou procurando Hennessy — disse ela.

— O quê?

Ela não se repetiu.

— Eu acredito que você pode me ajudar.

Morgenthaler não conseguia se ajudar. Ele havia tentado abrir uma garrafa de água com gás apenas cinco minutos atrás para afogar suas mágoas e achou a tampa muito difícil de abrir.

— Não conheço nenhuma Hennessy — disse ele.

A menina apontou para uma pintura na parede.

— Mas você deve conhecer. Hennessy pintou isso.

Ela estava apontando para uma pintura chamada *River Scene*. O nome do artista – Joe Jones – estava no canto, assim como uma data: 1941.

— Garota — disse Morgenthaler. — é uma pintura de sessenta mil dólares de cem anos atrás. Joe está morto. Não sei quem você está procurando. Me pergunte outra coisa.

Ela examinou a expressão dele, depois esfregou o cotovelo de modo suave, distraidamente.

— Posso... ficar aqui?

— O quê?

— Só por hoje à noite — Ela apontou para o sofá chique perto de *River Scene*. — Por favor.

Ok, ela estava sem teto. As coisas faziam sentido para ele agora. O publicitário havia dito algo sobre pessoas sem-teto outro dia, mas não conseguia se lembrar do quê. Ele se perguntou se não era um bom ouvinte.

— Há abrigos — disse ele à garota. Provavelmente havia abrigos. Parecia

algo que acontecia nas cidades, e aquilo era uma cidade.

— Eu preciso ficar em um lugar sem pessoas.

Ela não estava chorando, mas estava torcendo as mãos rapidamente, como Morgenthaler sabia que geralmente precede as lágrimas. Ele esperava que ela não chorasse, porque então ele choraria; ele sempre vomitava e chorava por empatia.

— Você não pode — disse ele. — Eu sinto muito. Não seria certo. Há coisas valiosas aqui.

Ele esperava que ela protestasse novamente, mas ela foi até a porta tranquilamente, sem outra palavra. Quando ele abriu a porta, sentiu uma onda de ar quente vindo da rua, estranho naquele clima. A porta se fechou atrás dela. Ele a trancou.

Ela ficaria bem, ele pensou. Provavelmente. Certo?

Ele se sentiu estranhamente desolado com o passar dos segundos. Não foi o que ela pediu, mas o que ela não pediu. Não que ela o lembrasse de sua esposa; era que ela não o lembrava. Não que ela o fizesse esquecer a frustração do dia; foi que ela o fez sentir ainda mais agudamente.

De repente, ele jogou o trinco para trás, abriu a porta e correu alguns passos abaixo.

— Ei — ele gritou. — Ei!

Ela já havia andado vários metros. Ela parou na calçada.

— Eu vou levá-la — disse ele. — Para um abrigo. Para conseguir comida.

Ela sorriu muito docemente e muito tristemente, depois balançou a cabeça, seus pés já começando a levá-la embora.

— Eu não quero que você se machuque.

Ela se virou e foi embora, e os dois começaram a chorar.

CAPÍTULO 41

Quando a noite caiu, Ronan acompanhou Adam até o final da entrada, Motoserra encostada no ombro, o sol sonhado escondido no capuz do suéter para lançar alguma luz ao redor dos pés. Suas três horas haviam passado e agora a carruagem voltava a ser uma abóbora, os cavalos voltavam a ratos. Adam estava tentando andar na motocicleta sonhada no mesmo ritmo da caminhada rápida de Ronan, girando as manivelas para um lado e para o outro para manter uma linha reta e oscilante, fazendo o farol balançar o cabeçote incertamente.

Parecia que a qualquer momento ele desistiria, mas ele ainda não o tinha feito. Ronan não sabia onde Adam havia aprendido a dirigir em primeiro lugar. Possivelmente o mecânico para quem ele trabalhara durante o ensino médio o havia ensinado. Talvez alguém em seu trabalho no armazém. Adam adquiria habilidades como outras pessoas compravam roupas ou mantimentos. Ele estava sempre no mercado.

Agora seu rosto sombrio estava perdido em concentração. Uma mão descansava levemente sobre a alavanca da embreagem e a outra sobre o freio; a que estava no freio estava embrulhada com gaze, a única evidência física da sessão de observação. Era difícil dizer o que persistia mentalmente. Ronan sabia que o grito e o pavor que o acompanharam viveriam com ele por um longo tempo.

Havia algo tão horrível lá fora, que Adam não suportava vê-lo. Mas o que o fez gritar tinha medo de Bryde.

A mente de Ronan pensava nisso várias vezes.

Pouco antes do final da entrada da garagem, Adam tentou parar a motocicleta e largou-a, com a roda da frente girando repentinamente para a esquerda e colocando a motocicleta em cima dele. Ele emitiu um som suave e comum de dor e frustração, e Motoserra caiu, parecendo traída. Os dois levantaram de novo.

— Eu sempre esqueço… — Adam disse, mas não disse o que sempre esquecia.

Ronan jogou a perna por cima da motocicleta, mantendo o volante reto, tomando cuidado para não cometer o mesmo erro que Adam cometera. Sentar nela era bom, físico, tangível.

— Da próxima vez, você pode me ensinar como fazer isso da maneira real, Parrish.

— Devolver o favor — disse Adam, e depois de um momento, Ronan percebeu que estava falando sobre a vez, há muito tempo, em que Ronan o havia ensinado a dirigir com câmbio manual.

— Você não precisa fazer isso por mim.

Ronan espiou a escuridão, onde o sistema de segurança de sonhadores pairava invisivelmente no final da entrada.

— Entro e saio disso todos os dias. Estou acostumado com isso.

Adam fez um som duvidoso. Mas ele não rejeitou o presente.

— Pegue a coisa do sol — Ronan esperou até Adam alcançar seu capuz para recuperar o sol. — Aquela árvore ali, o carvalho com aquele galho baixo? Caminhe em torno daquela até a estrada e você ficará livre disso. Encontro você lá fora.

Ronan percebeu que ele não queria que Adam fosse. Por muitas razões: começando com o mau pressentimento daquele grito, prosseguindo pela maneira como seu corpo sentiria falta do de Adam quando ele se enroscasse em sua cama e terminando com o conhecimento de que algo grande e desconhecido se escondia por aí, invisível aos seus olhos de sonhador, visível aos olhos inquietantes de Adam. Parecia incorreto que a visita de Adam tivesse piorado sua solidão, mas ele sentia muita falta dele mesmo enquanto olhava para ele.

Ronan não disse nada em voz alta, mas Adam disse:

— Não posso faltar às aulas pela manhã — Houve um certo consolo em ver que ele estava enrolando tanto quanto Ronan, remexendo-se ao lado da motocicleta, tocando um arranhão no tanque de sua viagem e depois um arranhão no pulso de Ronan dos caranguejos assassinos, virando a cabeça bruscamente quando um pássaro noturno entrou no alcance de sua orelha, ajustando o zíper de sua jaqueta. — Diga algo em latim.

Ronan pensou.

— *Inuisus natalis adest, qui rure molesto et sine Adam tristis agendus erit.*

Alguma poesia antiga que queixava-se de passar o aniversário sem um ente querido parecia adequada.

Adam pensou e depois riu.

— *Propertius*? Não. *Sulpicia*?

— *Sulpicia*. Tem certeza de que não posso levar você?

Oito horas até Harvard, durante a noite, em uma motocicleta. Ronan ainda estava cansado da lavagem da noite e de muitas noites de sono

quadriculado, mas ficaria acordado se estivesse com Adam.

— Matthew quer você para o seu aniversário, e você não pode decepcioná-lo. Estou acordado. Eu prometo. Estou muito acordado. Eu tenho muito em que pensar.

Ambos tinham.

Soltando um suspiro, Ronan começou a andar com a motocicleta em direção ao terrível sistema de segurança. Adam deu um tapinha no tanque duas vezes como *boa sorte* e partiu para pegar o bosque.

Ronan se preparou como se prepararia para sonhar. Lembrou-se de onde seu corpo físico estava no presente. Ele lembrou a si mesmo que o que estava prestes a acontecer com ele estava no passado.

Então ele atravessou o sistema de segurança de sonhadores.

Memórias surgiram. Ele esperava que fosse horror, como costumava ser. Tripas e sangue. Ossos e cabelos. Funerais de caixão fechado. O grito.

Em vez disso, era toda vez que Ronan estivera sozinho.

Não havia sangue. Nenhum terror estridente.

Havia apenas o silêncio que veio depois de todas essas coisas. Havia apenas o silêncio que vinha quando você era o único que restou. Somente o silêncio que surgia quando você era algo estranho o suficiente para sobreviver às coisas que mataram ou afastaram todos que você amava.

E então Ronan passou e limpou as lágrimas antes de Adam se juntar a ele por trás, emergindo do escuro com a luz sonhada em concha nas mãos.

— As férias chegarão em apenas alguns dias — disse Adam. Ele beijou levemente a bochecha de Ronan e depois a boca de Ronan. — Eu vou voltar. Esteja aqui por mim.

— *Tamquam* — disse Ronan.

— *Alter idem*.

Eles se abraçaram. Adam colocou o capacete.

Ronan ficou lá no escuro, muito tempo depois que a luz traseira desapareceu. Sozinho.

Então ele voltou para casa para sonhar com Bryde.

CAPÍTULO 42

Houve um tempo em que Jordan costumava fantasiar sobre viver por conta própria.

Quando ela completou dezoito anos, a ideia era como uma paixão, uma obsessão, algo que doía profundamente durante o dia e a deixava com insônia à noite. Ela até foi olhar um apartamento um dia, dizendo aos outros que iria trabalhar na NGA e depois secretamente indo ao compromisso que havia marcado.

A gerente da propriedade havia mostrado a ela uma unidade que cheirava a cloro e urina de cachorro, tinha cômodos do tamanho de elevadores, apenas uma vaga de estacionamento e ficava a 24 quilômetros de distância da cidade.

— Eu tenho muito interesse neste — ela disse.

Jordan pensou em como ela capturaria a linha dos olhos pesados da gerente da propriedade, como eles nunca se abriam por completo, como esse peso era sinalizado pela pele entre as sobrancelhas, puxada pelo fardo de permanecer acordada. A sua mente de pintora catalogou o gradiente de cores entre seu cabelo sutilmente pintado e suas raízes mais claras. Seus dedos tremeram ao seu lado, já bloqueando o ambiente negativo atrás do contorno da gerente.

A gerente disse:

— Então, se você quiser ser levada em consideração, eu enviaria uma inscrição e uma taxa o mais rápido possível. *Assim que possível.*

Jordan não gostava de pensar em aplicações, porque ela não gostava de pensar em prisão. Ela realmente não queria ir para a prisão. Podia não parecer verdade – visto que ela passava muito tempo fazendo coisas que eram contra a lei de todas as formas e tamanhos – mas ela passava um tempo considerável pensando em maneiras de evitar isso. Por exemplo, ela tinha cuidado com o que forjava. Ela forjava arte, não cheques. Litografias, não dinheiro. Pinturas, não certificados de autenticidade. Historicamente, a lei era mais gentil com aqueles que criavam pinceladas de todos os tipos, em vez de marcas de caneta de qualquer tipo.

A gerente olhou para Jordan. Ela estava parada ao lado de uma mancha no tapete bege.

Ela nem se deu ao trabalho de ficar na frente ou sobre ele, na tentativa de escondê-la. O apartamento não estava na faixa de preço exigido.

— Será só você?

— Sim — Jordan mentiu.

— Eu tenho alguns de um quarto que são mais baratos que esse, querida.

— Eu preciso de outro quarto para o meu estúdio — disse Jordan. — Eu pinto regulamente de nove às cinco em casa.

A gerente bateu no balcão.

— Você quer dar uma olhada um pouco mais e preencher a pré-inscrição aqui, querida? Pode devolvê-la ao escritório quando sair.

Uma nota post-it foi colada no topo da aplicação com o horário da consulta e um nome: JORDAN HENNESSY. Como se Jordan possuísse ambos os nomes igualmente. Jordan olhou para ela por trinta segundos, pensando em como ela recriaria a sombra logo abaixo da borda enrolada do post-it, como evocaria a sensação de distância do papel abaixo, o que seria necessário para replicar o amarelo límpido da nota.

Depois, deu uma volta pela casa da cidade, tentando imaginar como seria morar lá. Os pequenos quartos com as portas frágeis do armário, as luminárias baratas no alto – ela teve que pegar o telefone para tirar uma foto das moscas mortas capturadas no globo, porque havia algo angelical e efêmero na maneira como a luz vinha ao redor de seus corpos em uma névoa suave. Ela imaginou o Supra estacionado na frente, imaginou nunca ter que se perguntar se uma das outras garotas o pegou e o quebrou. Ela imaginou pintar aqui. Ela imaginou pintar seu próprio trabalho, não falsificações.

Ela ficou no minúsculo banheiro e se olhou no espelho. O rosto de Hennessy olhou para ela.

Ela estava apenas fingindo. Por mais claramente que Jordan pudesse pintar o quadro em sua cabeça, ela nunca seria capaz de reproduzi-lo na vida real.

Ela conhecia os números. Mil duzentos e setenta e oito. Número de pés quadrados. Mil trezentos e noventa e cinco. Dólares por mês para alugar. Dois mil setecentos e noventa. Aluguel do primeiro mês mais depósito de segurança.

Mas esses não eram os números condenáveis.

O número condenatório era este: seis (isso foi logo antes de Farrah, a quarta cópia, se matar). O número de meninas com quem ela morava: seis. O número de garotas com quem ela compartilhava um rosto: seis. O número de meninas com quem ela compartilhava um número de seguridade social: seis.

O número de meninas com quem ela compartilhava uma vida inteira: seis.

As outras nunca descobriram que ela foi procurar, mas Hennessy

descobriu quando a gerente da propriedade ligou quando estava para fazer uma semana. Jordan não disse nada para se explicar. Hennessy disse:

— Eu também me deixaria.

***

— Beleza profissional — disse Hennessy, soprando um anel de fumaça. Ela parecia desastrosa. Riachos negros corriam de seus olhos. Dos ouvidos dela. Das narinas dela. Revestia seus dentes. Ela poderia ter passado como normal quando Jordan a encontrou no porto com *A Dama Sombria* um pouco antes. Ela não seria capaz agora.

Agora ela sangrava negra e monstruosamente diante da verdadeira *A Dama Sombria.*

Jordan ficou descontente ao descobrir que eles a enganaram de alguma forma quando a copiaram. Alguma variação era compreensível, dadas as circunstâncias não-ideais com as quais eles estavam trabalhando – fazendo referência a fotos e olhares roubados em vendas públicas anteriores. Mas não era que as pinceladas ou cores estavam erradas. Era a atmosfera. *A Dama Sombria* original tinha uma verve e magnetismo que na cópia faltava completamente. O desejo escorria do original.

Hennessy havia dito que era porque era um sonho.

Jordan não sabia nada sobre sonhos, além de si mesma e das outras garotas. Ela não tinha percebido que elas poderiam se sentir ligadas a eles. Isso parecia muito poder para uma pessoa ter.

Hennessy gesticulou com o cigarro para a *Madame X*, com furos de bala, que se inclinava ao lado de *A Dama Sombria* (*Cadelas precisam de companhia*, ela disse).

— Era assim que eles chamavam galinhas como ela. BPs. Belezas. Profissionais. Tudo rosas e riquezas, desde que seu rosto estivesse em ordem. Ela se cobriu de pó de lavanda, não é, para ser dessa cor? Alguma de nós poderia fazer o que ela fez? Preparar-nos para os olhos do público, garantir que tudo sobre nós esteja pronto para a adoração sem compromisso?

Hennessy havia escolhido um dos vários banheiros principais da mansão para experimentar a influência de *A Dama Sombria*. Como todos os outros cômodos da casa, era escandaloso: duzentos metros quadrados, piso de mármore, poltronas adornadas, dois banheiros, catorze chuveiros, um bidê. Tudo o que poderia ser preto era preto. Todo o resto era ouro. A enorme banheira de hidromassagem estava afundada no chão como uma piscina, e era naquela banheira vazia que Hennessy reclinava, completamente vestida de

renda, couro e gosma preta. Jordan não conseguia entender. Hennessy vivia uma vida privada de sono, sempre empoleirada em lugares desconfortáveis, com o temporizador do telefone cuidadosamente ajustado por dezoito ou vinte minutos, tudo projetado para impedi-la de sonhar. Se Jordan estivesse na mesma situação, ela teria aproveitado essa oportunidade para se deliciar com o sono pela primeira vez. Faria direito. Banho. Pijamas. Melhor colchão disponível, empilhado com travesseiros e edredons. Sim, se ela sonhasse com uma cópia, seria um inferno do outro lado. Mas pelo menos ela teria dormido maravilhosamente pela primeira vez. Uma situação de limonada/limões.

Mas Jordan sempre parecia mais projetada para limonada, e Hennessy mais para limões.

— Jordan. Jordan. *Jorrrddaaaaaaaan*.

— Estou ouvindo — disse Jordan.

Ela estava sentada na beira da banheira, as pernas balançando no ar vazio. Ela imaginou que o ar era água. Ela ansiava que fosse água. Um de seus estranhos episódios havia começado no caminho de volta do porto para aqui, e agora, parte dela estava sendo novamente feita parecer como a água mergulhando nas rochas, nuvens turbulentas de fumaça rolando pelo asfalto, musgo nas rochas, névoa fantasmagórica, montanhas azuis. Ela sentiu sede de tudo isso. Se ela fosse para as montanhas, pensou, não se sentiria assim. Morrendo de fome. Sufocando. Privada de algo que ela precisava para viver.

— Leia a última frase que eu ditei.

Jordan deu a Hennessy o dedo.

— Você gostou do seu encontro com Monsieur Declan Lynch? — Hennessy perguntou. — Você é provavelmente a coisa mais legal que aquele estúpido conseguiu na vida. Será o tema de sua terapia por décadas.

— Ele me deu um pote de Roxo Tyriano.

— Como ele conseguiu isso da noite para o dia?

Quando Jordan não especulou, Hennessy continuou:

— O pai dele era um sonhador. Ou assinou o nome dele no sonho de outra pessoa. É isso que estamos pensando? Declan Lynch é um sonhador? Ele sonhou aqueles caracóis para você? Isso os torna reais, se ele o fez? Existe algo real se você pensar bem? Algum deus desajustado preenche periodicamente seu pesadelo conosco, orando a seu próprio deus sem nome para que ele acorde? É...

— Hennessy.

Ela estava protelando.

— Jordan.

Ela sabia que estava.

Jordan deslizou na banheira ao lado dela, inalando bruscamente onde a banheira estava fria contra sua pele nua. A banheira estava cheia de areia no fundo. Não havia sido usada para o propósito a que se propunha há anos. Talvez nunca. Era impossível descobrir a história da mansão; invadir aqui só era possível porque os proprietários e sua história estavam completamente ausentes. Era difícil imaginar que ela fora vibrante e amada, aspirada e vivida. Um lugar como esse não parecia ter sido construído para intimidade.

Hennessy colocou a cabeça no ombro de Jordan. Jordan acariciou as têmporas levemente quando os olhos castanhos bem abertos de Hennessy olharam para o teto. Preto vazava dos cantos. Se Jordan olhasse atentamente, ela podia ver a escuridão vazando para suas pupilas também, saindo pelas bordas como se fosse papel absorvente. Não estava certo, ela pensou. Simplesmente não estava certo. Não era que não fosse *justo*. Ela tinha certeza de que as duas haviam feito muito para merecer tudo o que tinha atingido-as. Mas não estava *certo*. Estava *errado*. Parecia corrupto.

— Heloise — disse ela. — você está chegando ao ponto em que, se você não der, o homem vai tirar de você — A garganta de Hennessy se moveu enquanto ela engolia. O movimento enviou três minúsculos rios de preto de suas orelhas para o pescoço. Ela estava assustada. Ela não dizia, mas Jordan sabia que ela estava. Não de morrer, mas de tudo o que sonhava toda vez que se deixava dormir por mais de vinte minutos. Em muitas noites sem dormir, Jordan tentou imaginar o que ela própria poderia sonhar que seria tão terrível que ela não aguentaria nem um minuto. Ela não conseguia pensar em nada, mas o que ela sabia? Sonhos não sonham.

Jordan colocou a mão sobre os olhos de Hennessy até que o toque suave de seus cílios contra a palma da mão lhe disse que Hennessy finalmente fechou os olhos.

A Dama Sombria observava as duas com aquele olhar desconfiado e pessimista.

— Vai dar certo — disse Jordan. Ela não tinha certeza se estava falando com a pintura ou com Hennessy. — Pense na praia. Todo tipo de merda legal por lá. Coisas portáteis. Conchas do mar. Brinquedos de areia... guarda-chuvas...

— Tubarões... água-vivas… — A cabeça de Hennessy estava tão pesada, mas Jordan não queria se mexer, caso ela fosse a única coisa que a fazia

dormir. Ela apoiou o queixo no cabelo. Nos espelhos, pareciam quase a mesma, mas Hennessy estava arruinada e sangrando e Jordan, sem marcas e sonhadora.

Imagens tremeluziam nas bordas dos olhos de Jordan. Uma cachoeira. As montanhas. Um fogo faminto.

— Estou tão exausta — disse Hennessy. — Estou tão malditamente exausta.

— Eu sei — sussurrou Jordan. — Eu sei que você está.

Elas dormiram.

CAPÍTULO 43

Ronan estava sonhando.

Ele estava lúcido e elétrico nesse sonho, perfeitamente consciente de suas formas dormindo e acordado. Claro que ele estaria. Seu corpo físico estava perto da linha ley e de suas montanhas. Motosserra, seu psicopompo, seu guia dos sonhos, curvado no peitoril da janela do quarto. Ele sabia o que queria.

Sob essas condições, ele era um rei.

— Bryde — ele disse em voz alta.

No sonho, Ronan estava em Lindenmere, adorável Lindenmere. A floresta dele. Sua protetora e sua protegida. As árvores eram enormes e desgrenhadas, líquens verdes e alaranjados escalando seus lados do norte. Entre eles, pedregulhos tombavam uns sobre os outros, musgo suavizando suas bordas. A névoa se movia sombria entre os troncos, a respiração cinzenta e desgrenhada das palavras que acabavam de ser ditas no ar. O som da água era onipresente: rios fluindo, cachoeiras silenciando, chuva batendo. Cogumelos e flores se aventuravam entre tocos e troncos caídos. Em alguns lugares, parecia bonito e comum. Em outros lugares, era bonito e extraordinário.

Talvez fosse a expressão mais pura da imaginação de Ronan.

— Bryde, você está aqui? — Ronan chamou. Ele escalou a floresta. Podia sentir a tensão de subir em suas panturrilhas tão bem quanto sentiria se estivesse realmente fazendo isso.

Ele não sabia se outros sonhadores tinham florestas ou o que quer que Lindenmere fosse.

Lindenmere era uma floresta como esta: Ronan podia fechar os olhos e alcançá-la em seus sonhos. Lindenmere também era uma floresta assim: Ronan podia entrar no BMW e dirigir trinta minutos a oeste, subir as montanhas, abandonar o carro em uma trilha de incêndio e caminhar os vinte minutos restantes para a floresta onde existia na vida real. Ele podia passar por entre aquelas árvores familiares e descobrir que o conheciam e se importavam com ele, e manifestar seus pensamentos no mundo acordado quase tão facilmente quanto no mundo dos sonhos. A vida real de Lindenmere era um lugar para sonhar sem fechar os olhos.

Ele sonhara que existia. Um dia, não havia nada além de árvores comuns no alto das montanhas azuis. E então, no dia seguinte, ele acordou e havia

Lindenmere escondida entre elas.

Talvez fosse o seu melhor sonho.

— Suponho que você diria que as duas versões de Lindenmere são igualmente reais — disse Ronan entre as árvores. Ele alcançou o ar em movimento. A névoa se curvou ao seu redor. — Eu posso sentir você aqui, Bryde.

Greywaren, murmurou Lindenmere, o som vindo das árvores, da água ou de qualquer lugar. Este era o nome que Lindenmere o chamava. Ela também conhecia seu nome verdadeiro, e às vezes o chamava assim, mas Ronan não havia descoberto por que às vezes escolhia um ou outro. *Greywaren, ele está aqui*.

Ele sabia que Lindenmere não era exatamente uma floresta. Ela parecia ter existido anteriormente em outro lugar como... outra coisa. E então Ronan, em um sonho, escolheu sua forma neste mundo. Ele não tinha sonhado com isso como ele sonhava com outras coisas. Ele só abrira a porta e escolhera um terno em forma de floresta para isto se vestir.

— Você me disse para perseguir — disse Ronan. — Aqui estou.

Ele se viu olhando para um riacho profundo. Uma ponte flutuava sobre ele. Uma motocicleta estava estacionada nela. Foi precisamente o sonho de Harvard.

Mas ele não estava longe de sua floresta e sua linha ley agora. Seus pensamentos não estavam confusos e fragmentados. Esse sonho era seu reino e faria o que ele quisesse.

— Chega de jogos — disse Ronan, impaciente. Ele levantou a mão. Estalou os dedos. A motocicleta se foi. A ponte se foi. O riacho se foi. O sonho era exatamente como ele queria.

Ele havia trabalhado duro para poder controlar seus sonhos tão bem, e era fácil esquecer o quão bom ele era quando estava em Washington ou mais longe, em Cambridge, ou quase morto com a lavagem da noite. Era fácil esquecer o quanto ele amava isso.

As coisas começam a adormecer. Pardais caem do céu. Os cervos galopam e batem de joelhos. As árvores param de crescer. As crianças caem em coma suave. Tantas criaturas que uma vez vagaram dormem, a imaginação presa em êxtase. Há dragões dormindo no subsolo que nunca mais se mexerão.

— Eu não quero um monólogo — disse Ronan.

Ao nosso redor, o mundo está adormecendo, mas ninguém mais olha

pela janela para notar isso. Sonhadores estão morrendo. Sonhadores estão sendo mortos. Nós não somos imortais. E as coisas que sonhamos... O que é um sonho sem sonhador? É um animal em uma sala sem ar. É homem em um planeta morto. É religião sem um deus. Eles dormem sem nós porque precisam.

Ronan perguntou:

— Por que você me salvou?

Bryde disse:

— Por que tenho que tirar algo disso?

Isso

era
diferente.

Ronan girou em círculo, procurando por outra pessoa na floresta. Essa voz não era amorfa, vinda de todos os lugares. Essa voz tinha peso e timbre. Essa voz se moveu pelo espaço para alcançá-lo. Essa voz pertencia a um corpo.

— Eu não vou me mostrar — Bryde disse, sua voz mais aguda, através da realidade ou das circunstâncias.

— Eu poderia te obrigar — disse Ronan, e sabia que era verdade. Quando ele se sentia assim, sonhando em sua linha ley, sonhando com sua floresta, ele podia fazer quase qualquer coisa.

— Eu acredito em você — respondeu Bryde. Ronan virou bem a tempo de ver a borda de uma sombra, o movimento da névoa. Algo acabara de sair dali. — Mas você quer me ver ou quer que possamos confiar um no outro?

Ronan não sabia o que queria.

No alto, ele ouviu Motoserra gritar. Ele sabia que não era realmente sua Motoserra; era outra versão sonhada dela. Não importava; ele gostava de ouvi-la, e não corria o risco de manifestar algo que não queria quando estava sonhando assim.

— Você salvaria um sonhador morrendo? — Bryde perguntou. — Mesmo se você não o conhecesse?

— Sim — Ronan respondeu imediatamente.

— Existem fatores que afetam esse sim. Existem custos, você sabe. Custos emocionais. A filantropia é um hobby para os emocionalmente ricos.

A chuva caiu nas folhas ao redor dele e nos ombros de Ronan. Ele podia sentir sua umidade, mas suas roupas continuavam inalteradas: as regras dos sonhos.

— Próximo quadrado — disse Bryde. — Próximo quadrado. Jogue uma pedrinha. Pule. Salte. Mais perto do centro. Há outra sonhadora, e ela está morrendo. Ou ela estará. Você vai salvá-la?

Outra sonhadora.

— Sim.

— Não diga apenas sim. Pense nisso. Pense no que isso significa.

Isso era estúpido. Ronan não era um herói, mas ele sabia que porra era certo ou que porra era errado. Não importava se era outra sonhadora. A resposta era a mesma de qualquer maneira. Uma criança saberia a resposta para esta pergunta.

— Sim.

— Não é tão fácil quanto você pensa — disse Bryde. — Não é puxar uma alavanca e receber um prêmio. Existem muitas maneiras de morrer.

Ronan estava ficando impaciente.

— Você quer que eu confie em você? — Bryde perguntou. — Salve-a. Realmente a salve. Vai significar dizer a ela o que você é. Vai te custar emocionalmente.

— Custou a você para me salvar?

Houve um longo silêncio. A névoa brilhava sombriamente nas árvores. A chuva suspirou.

Bryde disse finalmente:

— Você é a coisa mais cara que já salvei.

Um endereço caiu no conhecimento de Ronan. Bem desse jeito. McLean, Virgínia. Ele podia ver a forma do caminho até lá. Ele podia ver a casa a qual o endereço pertencia. Ele podia ver um Supra vermelho na calçada. Um jardim projetado por um desenhista de xadrez frenético e frustrado. Uma porta dos fundos destrancada, uma escada dos fundos, um longo corredor, uma sala inteiramente em preto e dourado.

— É onde ela está? — Ronan perguntou.

Bryde sussurrou:

— Melhor dirigir como o vento, garoto.

CAPÍTULO 44

O ar no banheiro tinha sumido.

Era difícil dizer quanto tempo se passara. Tempo suficiente para que Jordan já estivesse se afogando. Ela começou a morrer em algum momento antes de abrir os olhos e já estava bem no processo agora.

Seus pulmões estavam uivando.

A água estava por toda parte. O banheiro estava cheio, do azulejo ao teto, completamente. Toalhas ondulando como lesmas do mar, algas de papel higiênico se debatiam em uma onda recuada. Jordan era apenas outra coisa flutuando nele. Hennessy também.

Hennessy parecia morta.

Ela não tinha expressão. Seus braços e pernas flutuando como um cadáver.

Mas ela não estava morta, ou Jordan não estaria acordada. Ela ficou paralisada. Ela deve ter trazido de volta uma cópia.

Foco, Jordan disse a si mesma.

Seu corpo gritava por ar, mas a prioridade era obter ar para *Hennessy*. Se Hennessy morresse, seria o fim do jogo para as duas.

Ela nadou até Hennessy, tirando as botas no caminho, empurrando a borda do vidro do chuveiro para se impulsionar. Quando ela agarrou o pulso de Hennessy, seu pulso era lento e violento, palpável mesmo nessa situação. Sonhar com outra cópia estava afetando Hennessy, apesar de a paralisia significar que ela ainda não conseguia reagir.

Ela era peso morto. Jordan já havia passado das luzes que brilhavam em sua visão, parte da morte e direto para a escuridão, fechando os lados dela. Ela tentou ganhar algum impulso chutando o teto, mas tudo era estranho e desconhecido, difícil demais, impossível de lembrar.

De repente, Hennessy estremeceu, quase saindo do aperto de Jordan. Jordan apertou os dedos e foi puxada. Para frente. Para baixo.

As pernas de Hennessy ainda flutuavam, paralisadas.

Mas ainda assim ela avançou através da água arenosa.

Então Jordan viu o que a estava puxando: outra garota com o rosto, vestida como todas quando eram sonhadas: camiseta branca, jeans bonitos, flores nos bolsos traseiros.

Outra cópia.

Ela nascera nesse inferno e seu primeiro ato consciente foi fazer exatamente o que Jordan estava fazendo: salvar Hennessy.

Juntas, levaram Hennessy até a porta - o banheiro parecia enorme.

A porta não cedia.

Estava trancada? É por isso que não estava funcionando? Não, *pense*, Jordan, disse a si mesma. Era porque a porta abria para dentro e o peso de milhares de libras de água a mantinha fechada.

Parecia impossível que o banheiro ainda estivesse cheio de água; tinha que estar escapando por baixo da porta e pelas aberturas de ar-condicionado e pelos ralos.

Mas não rápido o suficiente.

Jordan não tinha mais ideias.

Seus pulmões eram um animal agitado. Um animal moribundo.

Jordan tinha apenas um pensamento: *ninguém sabia que eu existia*. Sua vida inteira foi passada como Jordan Hennessy, uma existência compartilhada com seis e dez outras entidades a qualquer momento. O mesmo rosto, o mesmo sorriso, a mesma carteira de motorista, a mesma carreira, os mesmos namorados, as mesmas namoradas. Um fluxograma em que as únicas opções disponíveis eram aquelas que ela podia reunir em grupo para as outras meninas. *Por que você só pinta o que outras pessoas já pintaram?*

Declan Lynch perguntou. Porque o pincel dela já havia sido pré-carregado com a paleta de outra pessoa.

Ela pintava centenas de pinturas com habilidade surpreendente e ninguém saberia que ela já existiu.

Ela só viveu a vida de outra pessoa.

Ninguém sabia que eu existia.

A nova cópia havia soltado Hennessy e flutuado um pouco para longe. Os olhos dela não estavam olhando para nada.

Slam.

Slam.

Foi som ou movimento? Parecia que a água estava tremendo ou Jordan estava tremendo.

Ela passou todo esse tempo pensando que o fim viria com sono eterno. Ela não tinha pensado que poderia simplesmente morrer.

Slam.

Então, de repente, a água estava sendo drenada, sentindo como se a pele

de Jordan estivesse descascando de seu couro cabeludo.

Jordan respirou fundo e depois de novo, e depois de novo. Ela nunca teria ar suficiente novamente. Ao lado dela, Hennessy tossia e borbulhava, mas não fazia outro movimento; Jordan arrastou seu corpo ainda mole até que ela não estava mais borbulhando. As duas estavam sentadas em alguns centímetros de água, mas isso não importava porque havia ar, ar, ar.

Ah, a cópia, a cópia – Jordan pulou na água para a nova garota. Ela estava morta. Jordan tentou revivê-la, mas ela continuou morta. Ela só viveu em um pesadelo.

— Merda — disse Jordan.

A porta se abriu. Estava dividida desigualmente no meio, lascas projetando-se para dentro.

Um jovem estava parado no limiar, iluminado pela fraca luz da manhã. Na mão estava o ferro de pneu que ele usara para abrir a porta. Ele tinha pele pálida, cabeça raspada, sobrancelhas afiadas, boca afiada, expressão afiada. Seu rosto não era familiar, mas seus olhos eram de um azul muito, muito familiar.

Jordan exigiu:

— Quem é você, porra?

— Eu sei que você é uma sonhadora — disse ele.

Todo o ar que ela pensou ter entrado em seus pulmões parecia ter desaparecido.

Ele fez uma pausa. Seus lábios estavam abertos para dizer outra coisa, mas ele não disse. As palavras estavam ali, enfileiradas, mas ele não as libertou.

Finalmente, ele disse:

— E eu também sou.

CAPÍTULO 45

Jordan sempre soube que havia outros sonhadores por aí. J. H. Hennessy tinha sido uma sonhadora como a filha, afinal, e como eles diziam sobre ratos, onde havia um havia quatro.

Tinha que haver outros sonhadores por aí. Talvez muitos outros sonhadores. Bem, provavelmente não muitos. O mundo pareceria diferente, pensou, se houvesse muitas outras pessoas que poderiam manifestar sua imaginação, mesmo que todas fossem sufocadas de maneira semelhante a Hennessy.

Ela não achava que conheceria outro.

Isso parecia o melhor, sinceramente. Ela imaginou que os sonhadores provavelmente eram como falsificadores. As pessoas forjam a arte por todos os tipos de razões. Eles forjavam por dinheiro, forjavam pelo desafio, forjaram o lulz*. Eles forjavam pinturas e tecidos, desenhos e esculturas. O que agradava a fantasia de um falsificador, podia deixar outro totalmente frio.

Não parecia que teriam mais em comum um com o outro do que com qualquer outra pessoa.

Eles também eram um bando bastante disfuncional. Os falsificadores viviam à margem do mundo da arte, senão da sociedade em geral. Situação ou personalidade os impediam de nadar junto com todos os outros. Eles não eram artistas, nem criminosos.

Jordan não viu porque os sonhadores deveriam ser diferentes, exceto com apostas ainda mais altas. Outro sonhador pode ter uma ideia de como consertar Hennessy? Talvez. Outro sonhador pode matá-las todas? Igualmente provável.

— Por que você está aqui? — Jordan perguntou a Ronan Lynch. Ela estava sentada, encostada na parede do corredor, encharcada, cheia de sonhos. Sua legging parecia úmida e desagradável ao lado de sua pele fria. Seu cérebro também estava encharcado – estava tão profundamente envolvida em um de seus episódios sonhadores quanto a Jordan antediluviana, lutando para juntar a realidade a partir das imagens nebulosas de água, garras e fogo. As outras garotas estavam todas congeladas em várias posições artísticas no corredor, tendo chegado apenas alguns segundos depois que Ronan bateu a porta. Elas foram atraídas pelo som da destruição da porta, e não pelo conhecimento da morte iminente de Hennessy. Se ele não tivesse chegado, as outras garotas teriam dormido eternamente em outro lugar da

mansão, nunca sabendo que seu sonhador se afogara a alguns metros de distância.

Hennessy parecia morta, a pele sob os olhos roxos e as articulações soltas e sem estímulo por sua consciência. Mas não podia estar, pois todos os seus sonhos ainda estavam acordadas e avançando para libertar seu corpo mole da água.

— Essa é uma maneira engraçada de dizer *obrigada por salvar minha vida* — disse Ronan.

Ele parecia o irmão, de um jeito mais severo, como se Declan Lynch tivesse sido inserido em um apontador e Ronan Lynch tivesse sido retirado depois. Os dentes de Declan eram nivelados; Os de Ronan eram arreganhados. Os olhos de Declan eram estreitos; Os de Ronan eram fendas de flecha. O cabelo de Declan estava enrolado; O de Ronan foi destruído. Declan parecia o tipo de pessoa para esquecer que já tinha visto. Ronan parecia o tipo de pessoa que fazia você atravessar para o outro lado da rua. Era difícil imaginar que eles cresceram sob o mesmo teto; se Jordan soubesse que haviam sido separados quando crianças, teria acreditado.

Jordan disse:

— Se eu aparecesse à sua porta, assim, não acha que me perguntaria a mesma coisa?

Ronan levantou os pés, um, depois o outro, observando o modo como o tapete encharcado mudava de cor enquanto fazia. Todo o corredor tinha um odor desagradável agora que estava molhado; cheirava como abandono, mofo, tóxico, não realmente habitável.

— Não, acho que começaria com um sólido *obrigado, cara* primeiro.

— Calma, calma, ela está arruinada — June assobiou, enquanto ela e Brooklyn apoiavam Hennessy contra a parede ao lado de Jordan. Enquanto faziam, Jordan viu que uma flor nova em folha marcava a garganta de Hennessy. Espaço para apenas mais duas. Jordan sentiu-se mal. Genuinamente doente, com o estômago arrepiado e quente. Duas era apenas um menor que três, mas parecia diferente. Não era mais realmente um número. *Era a penúltima cópia* e depois a *última*.

A cabeça de Hennessy rolou para o lado, mas não estava completamente desmaiada; as pálpebras dela tremeram. Mesmo agora lutava para dormir. Batalhando, sonhando. Outra cópia agora certamente seria o fim dela, não importa o que a tatuagem na garganta prometesse.

A Dama Sombria não tinha funcionado.

Jordan não tinha mais ideias.

As montanhas tremeluziam nos pensamentos de Jordan. O fogo sussurrou: *devorar*.

Lide

com
isso.

Ela era Jordan, e era a garota que não desmoronava.

— Bem, obrigada, companheiro — disse Jordan. — Agora, por que você está aqui? Seu irmão enviou você?

Não parecia possível que ela se sentisse mais mal com o nível atual de mal estar, mas pensando em Declan Lynch, ao descobrir que Jordan o havia enganado, conseguiu habilmente acrescentar uma grande quantidade de merda à situação dela.

— Meu irmão? — Ronan ecoou. — Ah, certo. Eu pensei que você parecia... Você era a pintora do mercado, não era? A que ele conversou. Você se chama Ashley?

Jordan disse:

— O quê?

— Tenho certeza que ele só namora Ashleys — disse Ronan. — Quanto mais estúpido, melhor. Apenas no caso de você estar pensando em ligar para ele novamente. Eu não o faria, pessoalmente. Parece um passatempo muito chato. Por que existem tantas de vocês? Isso está bagunçado. Qual de vocês é a original?

Todos elas olharam para Hennessy.

Ronan parecia duvidoso.

— Ela não deveria ter recebido... RCP*?

— Se o que a afligia era o afogamento, você estaria certo, jovem — disse Brooklyn. Era o fim do mundo, mas ela ainda poupou um momento para verificar o corpo dele, porque era Brooklyn. O rosto dela disse que o momento valia a pena. — Se ao menos fosse o afogamento o que nos afligia.

— Estou indo atrás de um cobertor — disse Trinity, deslizando pelo corredor.

Ronan inclinou a cabeça na esquina da porta para olhar dentro do banheiro de onde elas vieram. Ele fez um pequeno som de *hum*, embora fosse difícil dizer por trás de sua cabeça se era por causa da ridicularização do banheiro, da presença de *Madame X* ou da cópia morta.

Ele era muito indiferente sobre toda a experiência. Como se fosse apenas mais um dia.

Como se ele esperasse que *elas* também sentissem que era apenas outro dia.

— Bryde me disse onde te encontrar. Disse que estaria morrendo e que

minha bunda tinha que se mexer.

— O Bryde do Mercado das Fadas? — Madox disse. — Aquele que estavam falando?

Jordan removeu um cabelo longo e úmido de dentro de sua boca. Também estava grudado em alguma poeira úmida. Quase se afogar, veio com todos os tipos de imprevisíveis misérias pequenas e grandes.

— Como esse Bryde sabe quem somos?

Ronan pressionou o dedo do pé contra uma toalha de mão de cetim muito feia, que devia estar no banheiro antes do dilúvio.

— Como diabos deveria saber? Eu nem sei como ele sabe quem *eu* sou. Eu só o conheci em sonhos. Talvez seu sonhador o tenha encontrado lá.

Jordan nunca tinha ouvido falar disso, mas mesmo que fosse possível, não parecia possível para Hennessy. Só sonhara uma dúzia de vezes em tantos anos.

Trinity voltou com um cobertor para gentilmente enrolar Hennessy. Depois que as meninas a montaram, Hennessy murmurou: — Acerte… — Ela fechou os olhos, estremecendo. — Acerte meu cronômetro.

— Seu telefone está fodido — disse Trinity. — Vou colocar no arroz.

— Eu peguei você — disse June. Colocou um cronômetro de vinte minutos no telefone antes de colocar no peito de Hennessy. Hennessy agarrou-o com a carência de uma criança recebendo um brinquedo favorito. Quando Trinity e Brooklyn pegaram uma das extremidades do cobertor como uma maca, Ronan passou a mão pela cabeça raspada, parecendo perplexo. Ele olhou ao redor do corredor ensopado, do cadáver ensopado e da decoração ensopada que conseguira escapar do banheiro com Hennessy e Jordan. Ele comentou: — Isso é realmente fodido.

Jordan concordou. Era realmente fodido.

Sempre há outra ideia, disse a si mesma. *Você precisa apenas abrir os olhos, haverá outra. Vamos, Jordan.*

Ela ficou de pé. Se sentia vacilante como um potro novo, como se tivesse nadado dois quilômetros em vez de atravessar o banheiro. A garganta dela estava dolorida como tivesse gritando em vez de se afogar. Sua mente parecia mais forte em pé para enfrentar Ronan, mas seu corpo se ressentia disso.

— Cara, estamos agradecidas. Mas quero dizer, da melhor maneira possível, que acho que deveria dizer a Bryde para esquecer que sabe de nossa existência.

— Você... — Ronan parou quando um pedaço emoldurado de detritos

chamou sua atenção. Virando a moldura, encontrou *A Dama Sombria* olhando-o amargamente. Ela ficou menos danificada do que qualquer uma delas pelos eventos; o verniz brilhante dava contas de água, mas estava ileso.
— Eu pensei ter reconhecido isso. Que merda, como dizem as crianças, é essa? Por que você copiaria isso?

Jordan, June e Madox trocaram olhares. Porque, de fato.

A expressão de June dizia: *Bem*? Jordan supôs que elas devessem devolvê-lo. Não fazia sentido enganar Declan Lynch com uma cópia, quando o original não estava fazendo nenhum bem. Não havia sentido em tentar impedir Declan Lynch de saber que as outras haviam pegado, enquanto ela estava com ele. Não fazia sentido a troca, agora que *A Dama Sombria* falhou.

Não havia sentido...

Jordan teve uma ideia.

— Você é sonhador? — Ela perguntou.

Ronan levantou uma sobrancelha.

— Se você for um. Talvez devêssemos pedir que provasse isso.

Ele sorriu. Era uma expressão nítida e durável, conquistada com muito esforço.

— Vou precisar de um lugar seco para me deitar.

*N.T: Lulz é um grupo de hackers.

*N.T: RCP, reanimação cardiopulmonar.

CAPÍTULO 46

Na próxima jornada de trabalho, Declan decidiu que estava feliz por não ter havido nada sob o papel de apoio de *A Dama Sombria*. Graças a Deus, realmente. Isso o impediu de ser estúpido. Tinha uma ideia na cabeça e a obsessão por isso o levou a várias semanas de comportamento cada vez mais arriscado, telefonemas noturnos, viagens a Boston, o Mercado das Fadas, tudo se intencificando sem que ele percebesse, toda sensatez em choque e amarrado no banco de trás. Quem sabia até onde teria ido? Longe o suficiente, para que algo se quebre, provavelmente. Longe o suficiente para jogar fora tudo o que havia feito até esse ponto.

Ele tinha DNA sem lei, afinal. Niall era um bastardo charmoso que sempre era mais feliz entrando e saindo das sombras, e Declan não era estúpido o suficiente para fingir que não gostava também. Não, era bom que tivesse aberto a parte de trás da pintura e descoberto que tinha sido por nada. Que bom que não havia conseguido o número de Jordan, que havia deixado a bola na quadra dela, para não se sentir tentado.

Foi tudo de bom. Foi tudo de bom.

Tudo voltou ao que era antes.

— Como estão as impressões, Declan? Temos que sair daqui — chamou Fairlady Banks, assistente pessoal do senador, que não era uma dama tão justa quanto o nome sugeria.*

Declan trabalhava em meio período com o senador Jim Rankin, que significava, praticamente, que passava várias horas por semana fazendo cópias no Hart Senate Office Building, um local de escritórios sem janelas com placas e luzes fluorescentes, ternos e gravatas, funcionários andando sem tirar os olhos dos telefones e quentinhas trazidas do lobby por pessoas como Declan.

Ele não estava fazendo cópias naquela manhã, mas apenas porque já havia terminado – estavam frescas o suficiente da impressora para ainda serem cheirosas e quentes. Ele as vinculava em folhetos, uma tarefa servil ligeiramente diferente. Ele olhou para o relógio – Deus, havia muito mais desse dia, que apenas começou – e adivinhou a resposta que Fairlady queria.

— Dez minutos.

— Que tal oito?

Quando assentiu, ela passou a levar dois copos de bebidas orgânicas, do local lá fora para o carrinho de mão no corredor. O senador estava visitando

um grupo de produtores locais hoje para discutir como se sentiam sobre a regulamentação dos mercados de agricultores, e era importante mostrar solidariedade ao alimentá-los e hidratá-los.

Declan não odiava seu trabalho, o que era bom, porque provavelmente faria alguma versão dele pelo resto da vida. Houve um momento, antes de seu pai morrer, quando pensou que um dia poderia ter uma palavra como *senador* ou *congressista* na frente de seu nome também, mas sabia agora que havia muita exposição para sua família. Ainda assim, havia muitos empregos no governo que não chamavam a atenção. Muitos empregos que eram confortáveis. Habitáveis. Ele só tinha que continuar realizando a dança delicada e discreta de ser bom o suficiente para continuar contratado, mas não o bastante para se destacar.

Fairlady bateu nele novamente, caminhando para o próximo carrinho com bebidas apodrecendo perto dele, não porque precisava, mas para lembrá-lo de que tinha um trabalho a ser feito em seis minutos.

Ele continuou trabalhando. Quando terminasse aqui, pegaria Matthew na escola e depois encontraria Ronan no aniversário dele. No ano passado, Ronan se deu o presente de abandonar o ensino médio em seu aniversário, jogando fora todos os esforços estudiosos de Declan para arrastá-lo até um certo grau. Ele esperava que Ronan não pretendesse fazer algo tão estúpido neste aniversário. Declan conseguiu para ele um cartão de membro da associação do zoológico; o que você dava para o homem que poderia fazer qualquer coisa por si mesmo? Seria um passeio agradável. Uma tarde tranquila. Comum.

Tudo de volta do jeito que era antes.

Declan, disse Jordan Hennessy, parada no museu como uma obra de arte, enigmática, aberta à interpretação, inatingível.

Ele tinha puxado tantas cordas por aquele Roxo Tyriano. Cordas perigosas e complicadas, um jogo de telefone criminoso até encontrar alguém da noite para o dia, trocando o pigmento pelo relógio de Niall que havia escondido no armário do quarto por séculos.

Que idiota. O que ele estava pensando? Não estava pensando. Estava galopando atrás de sua identidade. Isso era coisa de Ronan, não de Declan.

Na noite anterior, sonhara com o oceano, mas não com o oceano de *A Dama Sombria*.

Parece que ele quebrou o feitiço de *A Dama Sombria* rasgando o papel de apoio da tela. O oceano com o qual ele sonhou não era o litoral irlandês

esfarrapado, não a praia pura e arenosa de Kerry com a qual tinha certeza de que Aurora Lynch nunca esteve e Niall Lynch esteve.

Não, Declan sonhava com uma praia tropical, com os pés enterrados na areia. Nesse paraíso, estava sempre colocando protetor solar nos braços, nunca terminando de colocar protetor solar nos braços, um ciclo interminável de espremer creme com aroma de coco nas pontas dos dedos e passar os dedos na pele, e espremer creme com aroma de coco nas pontas dos dedos e passando na pele, e espremendo creme com coco nas pontas dos dedos e passando na pele e...

Um sonho chato.

Melhor do que o sonho que teve antes. Melhor do que o sonho dele de pé na costa arenosa de Kerry de *A Dama Sombria* e se sentindo visto, verdadeiramente visto, verdadeiramente exposto, observado das altas rochas e do céu. Melhor do que o sonho dele pisando na água comum um passo e depois outro e depois outro, e depois começando a nadar, mergulhando e depois nadando tão fundo que a luz do sol parou de penetrar na água e ficou invisível nas profundezas.

Se ele tivesse a capacidade de Ronan, teria acordado apagado?

— *David* — retrucou um dos assessores.

Declan olhou para cima. Sabia que isso significava ele.

— Declan.

— Qualquer que seja. Esse é o seu celular? Cale-o… – ele está em uma conferência pelos próximos dois minutos. Essas coisas estão concluídas? Vamos embora em três minutos.

O celular de Declan estava tocando, mexendo caoticamente em cima de uma pilha de clipes de papel. Identificação de chamadas: escola de Matthew.

Com um olhar de desculpas para o assessor, atendeu.

— Lynch.

— Esta é Barbara Cody, de Thomas Aquinas — disse a voz do outro lado do telefone. — Seu irmão parece ter saído do recinto da escola sem notificar de novo nenhuma equipe.

De novo.

Meia dúzia de histórias contidas nessa única palavra, todas elas terminando em Great Falls. Declan pressionou e abriu a mandíbula. Em voz baixa, disse:

— Obrigado por me avisar.

— Nós não queremos começar a marcá-lo, mas...

Eles já deveriam ter; quem era autorizado a deixar a escola meia dúzia de vezes sem consequências? Ensolarado Matthew, é claro, e seus pés benevolentes e errantes.

— Compreendo. Você e eu estamos no mesmo time aqui.

— Por favor, diga a ele que o conselheiro da escola adoraria conversar. Queremos ajudar.

— Claro — Depois que Declan desligou, ficou lá por um momento, sentindo como se fosse um terno que tinha sido deixado.

— *Lynch* — latiu Fairlady. — Faz nove minutos. A van está estacionada em fila dupla.

Ronan já devia estar quase na capital para seu aniversário; Declan ligou. Tocou e tocou, e tocou e tocou, depois foi para o correio de voz. Ligou De novo. De novo. De novo. De novo. De novo. De novo.

Ligar para Ronan era como jogar dardos no oceano. Uma vez em cem anos, um sortudo fisgava um peixe e no resto do tempo passava fome.

Ele mandou uma mensagem: *Ligue para mim, é sobre Matthew.*

— Lynch — disse Fairlady.

Declan mandou uma mensagem: *Não posso sair do trabalho.*

— Van — disse Fairlady.

Declan mandou uma mensagem: *Por favor, pegue-o de Great Falls.*

— Agora — disse Fairlady. — Traga as etiquetas.

Porra. Porra. Porra. Porra. Porra. Porra.

Por um breve momento, Declan imaginou atirar o celular e essas cópias agrupadas e a pilha de clipes de papel na parede, destruindo todo esse lugar, marchando para fora de sua vida, mergulhando no oceano, desaparecendo.

Depois, enfiou o telefone no bolso do terno e equilibrou uma pilha de impressões sob o queixo e disse:

— Meu irmão mais novo está com problemas de saúde. Estou pensando em fazer meu outro irmão lidar com isso.

— Por que nunca ouvi falar desse outro irmão? — Perguntou Fairlady.

Porque não tinha perguntado, e Declan nunca revelava uma verdade, a menos que fosse tirada de suas mãos frias e enroladas. Porque a forma mais segura era desconhecida e imutável.

Fairlady chamou por cima do ombro:

— É provável que você tenha que lidar com isso sozinho?

Declan disse:

— Cem por cento.

Tudo exatamente como era antes.

*N/T.: "Fair", em inglês, significa justo. É um trocadilho com o nome Fairlady, Dama justa.

CAPÍTULO 47

Ronan se viu de pé na praia de *A Dama Sombria* mais uma vez.

Atrás dele, pedras negras despencavam e sob seus pés, areia pálida se estendia em ambas as direções. Diante dele estava o familiar mar azul-turquesa, o que acabara de deixar sair do banheiro da mansão McLean. Ele estremeceu. O frio estava intenso e úmido.

A voz de Bryde veio de algum lugar acima, entre as rochas.

— Chovia mais. A superfície deste planeta nu e seco costumava estar ondulanda com árvores. Intrigado com árvores. Esses céus cada vez mais sem nuvens, costumavam ficar enovelados e vivos com a chuva. Prata, preto e roxo acima. Verde, preto e azul abaixo. Você deveria ter visto.

Ronan se ajoelhou e empurrou os dedos na areia. Sentindo isso. Realmente, sentindo isso. O desgaste úmido da areia grossa, a poça fria de água quando empurrou os dedos para baixo, a coceira quando a areia estava contra a pele sensível dos pulsos por muito tempo.

Estava longe de sua floresta, mas o feitiço de *A Dama Sombria* era forte o suficiente para invocar a costa claramente.

— Eu sei que se sente ansioso em dias ensolarados — comentou Bryde. — Você não disse isso em voz alta. Mal pensa nisso. *Eles* amam os dias ensolarados, afinal. Amam um céu nu, com um sol branco selvagem como uma jóia assassina. Não os preocupa. É uma série de dias de chuva, que os faz ficar lânguidos e instáveis. Energia drenanda, depressão comendo a medula dos ossos. Dias de chuva não são para eles. Você acha que uma árvore odeia um dia chuvoso?

Ronan se endireitou, olhando em volta. Areia, pedras, uma pequena cruz de folha de palmeira, como uma criança faria para o Domingo de Ramos entre as rochas.

— Pense desta maneira: encha uma piscina e jogue um peixe nela — disse Bryde. — Não faria isso porque ninguém faz. Mas imagine isso. O peixe entra e nada, nada, nada, toda a piscina disponível para ele. Agora imagine a mesma piscina sem água. Jogue um peixe nela. O que acontece? Você sabe o que diabos acontece. É por isso que não há nada tão feio como um dia sem nuvens. Como será este mundo para nós se a chuva parar? Às vezes choro por todas aquelas árvores mortas.

— Cale a boca — disse Ronan. — Estou tentando trabalhar.

Estava tentando manter as verdades adormecidas e acordadas na cabeça

ao mesmo tempo – para permanecer consciente o suficiente no sonho para moldar os eventos dentro dele, mas não se tornar tão acordado que acordasse logo.

Bryde parecia divertido.

— Alguém quer se exibir.

Ronan ignorou isso; não seria incomodado por alguém que nem era visível.

E daí se quisesse se exibir.

Bryde estava quieto, de qualquer forma, enquanto Ronan caçava na praia; não havia nada impressionante que quisesse levar de volta para a mansão. Areia, pedras, algumas conchas quebradas quando ele enfiou a mão na água gelada. Pegou a pequena cruz de folhas de palmeira, mas queria mais.

— Este é o seu mundo — disse Bryde — Só você o limita.

Apenas Ronan e *A Dama Sombria*, na verdade. Porque podia sentir como toda vez que pressionava o conteúdo do sonho, algo fora dele tentava moldá-lo de volta a este momento nesta praia.

— Estou muito longe — disse Ronan.

— Eu não vou ajudá-lo — disse Bryde. — Não quando pode fazer isso sozinho. Pule. Pule. Jogue a pedra. O que há no próximo quadrado? Certamente você já conhece esse jogo agora.

Ronan pensou em seu corpo físico. No sofá, esparramado para trás, os dedos espalhados pelo estofado berrante e caro. Aquelas pinturas estavam encostadas nele – sim.

Bryde riu.

Bryde *riu*. Ele sabia o que Ronan iria manifestar antes mesmo de começar.

Ronan começou a cavar na areia, imaginando, lembrando, projetando a verdade do que queria com toda a força, até que seus dedos sentiram uma borda dura. Apalpou com intensidade crescente, parando apenas para colocar a palma da mão na camisa, onde não seria esmagada ou negligenciada. Ele podia sentir isso arranhando sua pele. Bom. Então teria certeza de se lembrar disso.

Então cavou e cavou e cavou até descobrir o prêmio.

— Incrível — Ele estava satisfeito. Muito satisfeito.

— Um rei sempre desfruta de seu trono — observou Bryde secamente.

CAPÍTULO 48

Eu não uso drogas, disse Salvador Dalí uma vez. *Eu sou as drogas.*

Ronan Lynch estava quebrando o cérebro de Jordan. No exato momento em que acordou de seu sonho na mansão McLean, Jordan percebeu que nunca havia, realmente, acreditado que Hennessy uma vez sonhara outras coisas além de si mesma. Não tinha certeza de que alguma vez realmente acreditou, no nível interno, que Hennessy havia sonhado qualquer coisa que parecesse ridícula. É claro que Jordan sabia que Hennessy era responsável pelas meninas com seu rosto. Mas ninguém nunca a pegou em flagrante. A única coisa pela qual cada uma delas esteve presente, foram suas próprias criações: ganhando vida ao lado de uma Hennessy paralisada e agoniada pelo processo. Elas nunca a viram ir dormir e acordar com qualquer coisa.

Portanto, embora elas vivessem essa verdade todos os dias, Jordan ficou surpresa ao descobrir que ela nunca havia acreditado verdadeiramente.

Já era de manhã e a luz entrava cheia e incolor pelas grandes janelas com crosta de pólen de um lado da sala, apagando todas as sombras, transformando o espaço em uma sala de exposição de arte moderna e decadência urbana. Acima da casa, um avião voando para Dulles era audível, o rugido produtivo lembrando a todos que, apesar da noite bizarra, um mundo comum continuava pelo resto da grande área de Washington. As meninas estavam todas dispostas na sala de estar, reunidas em volta do Lexus amarelo como se estivesse em torno de uma fogueira, com atenção mais ou menos em Ronan Lynch, que estava esticado no sofá de brocado brilhante com buracos de bala do assento nas costas. Ele era alto o suficiente para que sua cabeça raspada estivesse encostada a um canto e suas botas cruzassem o apoio de braço oposto. Enquanto dormia e enquanto Jordan se recuperava do episódio dos sonhos, o estudou e imaginou como o pintaria. Todas as linhas escuras e angulares de sua roupa, as linhas pálidas e angulares de sua pele, a inquietação enrolada nele aparente enquanto dormia. Que retrato ele e seu irmão fariam, pensou.

Então Ronan acordou, trazendo seus sonhos.

E isso quebrou o cérebro de Jordan.

Não é que ele acordou, e as coisas apareceram de repente ao seu lado. Elas não caíram na existência. Nada era tão fácil. Foi mais que ele acordou, e algo sobre o tempo ao seu redor mudou, algo sobre a maneira como todos

experimentavam o tempo ao seu redor.

Porque Jordan sabia, *sabia*, logicamente, academicamente e completamente, que Ronan estava esparramado de mãos vazias naquele sofá, mas agora segurava uma grande peça, e seu cérebro tentava convencê-la de que sempre estivera segurando essa coisa nova. De alguma forma, a realidade havia sido editada para permitir a presença de algo que não existia antes, sem permitir a revelação de vê-la surgir.

Trinity respirou:

— Ah, *merda* — que pareceu uma resposta tão boa quanto qualquer outra.

Ele tinha areia nos joelhos. Ele já estava com areia nos joelhos antes? Parte da mente de Jordan disse: *Não, lembre-se, estava encharcado com o resto de vocês no corredor*.

Magia.

Jordan sempre pensou nos sonhos de Hennessy como um diagnóstico terminal, mas agora percebeu que poderia ser magia.

— Quanto tempo você acha que ele vai ficar assim? — Trinity perguntou, inclinando-se sobre ele.

Ronan estava paralisado, assim como Hennessy sempre que tinha um sonho, então pelo menos essa parte era universal. Madox acenou com a mão na frente do seu rosto.

— Não seja um saco de merda — disse Jordan.

— Caramba — disse June. — Jordan, é isso que deveria acontecer? É assim que deveria ser para ela? Olhe — Pressionou um dedo na mão de Ronan, mostrando como a pele dele voltava, comum e saudável.

Jordan não tinha uma resposta. Elas tinham apenas dois pontos de dados, o que não era suficiente nem para as teses mais ruins.

— Talvez ele pudesse ensiná-la — disse Trinity.

— Porque se há algo em que Hennessy é boa, é em receber instruções — zombou Madox.

Jordan disse:

— Talvez pudesse sonhar algo apenas para ela. Não como *A Dama Sombria*. Algo que funcione.

June começou a levantar cuidadosamente o embrulho do peito dele e, inesperadamente, Ronan bateu na palma da mão dela.

— Vai se foder para caralho — disse, e se espreguiçou.

Todas as meninas riram dele, com surpresa e outra coisa, algo menos

definível. Jordan percebeu que elas estavam empolgadas. Otimistas. Hoje, elas se pareciam com ela, e não com Hennessy.

Jordan ficou mais grata a Ronan por isso do que por abrir a porta do banheiro inundado. A esperança era uma coisa que morria facilmente nesta casa hoje em dia.

— Bem-vindo de volta — disse. — O que você trouxe para nós hoje? Eu recebo um prêmio se eu descobrir?

Ronan levou o embrulho para Jordan abrir, com cuidado para não derramar suco de June enquanto isso. Olhando para ele – definitivamente já tinha um palpite – retirou o papel pardo.

No interior havia uma pintura em uma moldura familiar de bordas douradas.

Era uma mulher em um vestido azul pervinca, mãos desafiadoras nos quadris, uma jaqueta masculina jogada sobre os ombros. Ela olhava para o espectador desafiadoramente.

Como a *Monalisa* tatuada de Jordan, essa pintura era quase uma semelhança perfeita da original. Era *A Dama Sombria*, a pintura que levou horas e horas para copiar para o Mercado das Fadas, mas com tatuagens no rosto, na garganta e nas juntas dos dedos iguais as de Hennessy.

Uma falsificação perfeita e astuta, tão boa quanto as delas. Não. Melhor. Porque transbordava com o mesmo desejo magnético e de outro mundo que a original tinha, e que faltava na sua cópia. Essa não era uma cópia do mundo real de um sonho. Essa era um sonho de um sonho. Perfeito. Além da perfeição.

E ele fez isso em meia hora.

Jordan sabia que as outras meninas estavam pensando a mesma coisa, porque Trinity disse:

— Jordan levou uma eternidade.

Ronan deu de ombros.

— Você pode fazer qualquer coisa que fizermos aqui em uma noite — disse June.

Ronan deu de ombros.

— O que faz o dia todo? — Brooklyn perguntou.

Ele sorriu para ela. A arrogância dele. A arrogância se vangloriando. E porque não? Como poderia ser viver assim? Ele poderia fazer qualquer coisa.

Inclusive, talvez, salvar suas vidas.

Dalí disse que *há alguns dias em que acho que vou morrer de overdose*

de satisfação.

Jordan disse:

— Precisamos contar uma história.

CAPÍTULO 49

Parsifal Bauer alcançou o pico de Parsifalidade.

Não gostou das maçãs que comeram no café da manhã. Elas tinham gosto de nada, ele disse. Arenosas? Ela perguntou. Não, ele respondeu. Até a areia tinha um sabor. Ele queria que comprasse mais? Não, disse, havia perdido o apetite. Ele não queria mais ler os registros de veículos BMW no laptop de Farooq-Lane. A tela estava deixando seus olhos cansados. Não poderia ler em outro formato? Suas roupas o irritavam. Ele pensou que era o sabão que o hotel usava quando lavou a roupa deles. Precisava que fosse lavado novamente, com sabão de outro lugar. Algo sem corantes, possivelmente. Não, não podia sair com ela para pegar sabão novo. Foi mantido prisioneiro em um roupão de banho, todas as outras roupas sujas ou estragadas pelo sabão do hotel.

— Este sabão Spring Fresh pode ser entregue em uma hora — Sugeriu Farooq-Lane, digitando em seu celular. Sem culpa.

— A fragrância não é o problema — Respondeu Parsifal laconicamente. — Apenas sem corantes.

O sabão foi resolvido. A roupa foi lavada novamente. O ventilador do hotel era barulhento.

Eles poderiam trocar de quarto?

Agora Farooq-Lane entendeu. Estava sendo punida por denunciar a Zed velha.

Lock ligou.

— Bom trabalho. O que você está fazendo agora?

Ela olhou para Parsifal, que estava sentado na ponta do sofá-cama dele, em seu roupão e sapatos, o rosto inexpressivo atrás dos óculos.

— A espera de inspiração — A irritação em seu olhar para ele, então colocou os fones de ouvido e foi para a janela, olhando a cidade abaixo.

— Nikolenko ou Ramsay virão falar com você sobre a Zed que você encontrou — disse Lock.

— Ah, não Ramsay — disse Farooq-Lane. Também não queria Nikolenko, mas sabia qual preferiria dos dois.

— Quem eu puder colocar na trilha aqui — disse Lock, parecendo não ouvir sua relutância. — Também acho que vamos receber ajuda da agência em breve, então talvez possa enviar os dois. Estou de olho em um Zed aqui que parece promissor. Peça a Bauer para ficar de olho em suas visões.

Queremos ter certeza...

Algo arrancou um de seus fones de ouvido. Farooq-Lane saltou um quilômetro.

— Não posso usar roupas com cheiro assim — disse Parsifal.

— *Parsifal* — ela retrucou. Lock ainda estava falando. — Espere, estou...

— Não posso usar isso — continuou Parsifal.

Isso estava além do limite.

— Estou ao telefone.

— Eu posso ouvir que você está ocupada — disse Lock. — Ramsay informará quando estiver na cidade.

Com aborrecimento, Farooq-Lane desligou e enfrentou Parsifal. Ele não tinha cheiro de nada incomum. Possivelmente, como shampoo e roupas limpas.

— Você está sendo absolutamente impossível hoje.

— Você disse a eles para não matá-la?

Ela estava perdendo a paciência. Podia sentir isso deixando-a. Muito em breve estaria saindo para sempre.

— Você ouviu exatamente o que disse. Quanto poder você acha que tenho nesta situação, afinal? Você e eu sabíamos que nem todos os Zed que trouxemos para eles seria o certo. Por que está pisando no freio agora?

Ela nem sabia o quanto do que estava dizendo realmente acreditava. Ela sentiu que estava sendo forçada a ser a advogada do diabo, e isso a deixou com raiva também. No que acreditava? Acreditava que algo ruim estava chegando ao mundo, e que sabia de onde vinha, geralmente. Acreditava que a maioria das pessoas não tinha a chance de fazer a diferença. Acreditava que sim. Acreditava que não sabia o que mais estaria fazendo agora, se não estivesse fazendo isso.

Ela acreditava no fundo, que isso não era o suficiente para acreditar, e isso a deixou ainda mais irritada.

Parsifal estava muito agitado agora, torcendo as mãos compridas e ossudas. Estava revirando os ombros também, agravado com suas roupas em todos os sentidos. Se lembrou de Ramsay dizendo uma vez que você não podia confiar nos Visionários, não de verdade.

Eles estavam mais do lado dos Zeds do que dos humanos, disse, porque eles tinham mais em comum no final do dia. Além disso, eles passavam o dia todo sonhando com os Zeds.

Não dava para confiar neles. Ela não tinha pensado muito sobre isso

naquele momento, mas lembrou-se agora, enquanto Parsifal esfregava as mãos nos braços como se estivesse com frio e trabalhava os dedos de várias formas.

— A maneira mais fácil de salvá-la é encontrar o Zed que realmente vai acabar com o mundo. Você não pode fazer isso aqui em seu roupão de banho. Pode ter outra visão ou pode vir comigo no carro e procurar alguma pista baseada na sua última visão.

Ele não concordou com ela. Ele simplesmente não discordou.

No carro, eles lutaram novamente pela ópera. Parsifal queria que a janela fosse aberta por causa do cheiro do sabão na roupa. Ele estava com fome. Nada disso lhe parecia familiar. Ia ficar doente. Ele não gostou dos biscoitos que lhe deu para acalmar o estômago.

Ela havia impresso os registros de veículos da BMW, mas nenhum dos nomes era familiar e estava deixando-o doente lê-los enquanto estavam em movimento. Ele não queria nem um pouco olhar pela janela. Essas casas ainda não pareciam familiares. Não, circular o hotel incendiado novamente não ajudaria. Precisava comprar uma camisa nova. Ele precisava de uma que não fosse pinicar sua pele como essa. Não, não podia simplesmente ignorar isso. Ele...

— Eu já entendi — disse Farooq-Lane. — Você é um terrorista.

Ela parou no estacionamento vazio de uma floricultura. Ele a olhou com raiva.

— Você acha que quero fazer isso? — Ela exigiu. — Não acha que eu queria que a vida fosse diferente disso?

Ele apenas se sentou como sempre, alto e rígido.

— Minha família também está morta, você sabe! E não estou aqui tornando a vida de todo mundo impossível!

O olhar de Parsifal estava pesado nela, e por um minuto pensou que ele poderia realmente dizer algo compreensivo, mas disse:

— Estou muito cansado de você.

— *Você* está muito cansado de *mim*?

— Não consigo pensar com você dirigindo — disse ele. — Está me deixando doente. Não consigo pensar falando comigo. Se quiser reconhecer algo da minha visão, não pode ser com você por perto. É muito. Você é sempre assim, o tempo todo. Você tem sua bebida e seu cabelo, suas roupas e sua voz, e a maneira como se senta com a mão na perna assim e é demais. Estou indo embora.

— Você está *indo embora*?

— Estou voltando para o hotel — disse Parsifal. Pela parte inferior do celular, ele puxou o carregador. — Sim. Isso é melhor. Adeus.

— *Adeus*?

— Por enquanto. *Bis später** — Saiu do carro. Usou todos os dez dedos para fechar a porta do carro com extrema quietude, o que pareceu outro comentário passivo e agressivo sobre o barulho dela.

Farooq-Lane sentiu sua raiva ferver.

Não tinha raiva da morte de sua família. Ela não tinha raiva de nenhum dos comentários estúpidos de Ramsay. Não teve raiva quando Nikolenko a tratou como uma criança. Ela não teve raiva quando percebeu que eles iam matar aquela velha Zed por nada. Não tinha raiva de atrasos nos vôos, sapatos arruinados, comida ruim, motoristas agressivos, qualquer coisa.

Mas estava louca de raiva agora. Ela soltou um soluço furioso e pressionou a buzina.

Pressionou por vários segundos, trazendo um membro da equipe momentaneamente para a grande janela da florista, e então soltou.

O membro da equipe balançou a cabeça e desapareceu.

Parsifal também.

*N.T.: *Bis später*, traduzido do alemão: Até mais tarde.

CAPÍTULO 50

Assim foi como a história começou: Haveriam treze Hennessys, e então acabaria. Edição limitada, assinada pelo artista, descontinuada.

A décima terceira era quem a mataria, disseram a Ronan, e concordaram que isso parecia apropriado. Treze era um número diabólico para uma vida vivida diabolicamente. Elas lhe mostraram suas gargantas, suas tatuagens correspondentes. Conte as flores, elas disseram.

Disseram que havia espaço para treze no total, treze lindas flores para criar uma gargantilha mortal. Espaço para mais duas, antes de morrerem de excesso de beleza.

Doze: nome por vir. Hennessy costumava nomeá-las, disseram a Ronan. Depois de Alba, porém, ela disse que podiam escolher seus próprios nomes nos sites de nomes de bebês porque não era mãe delas.

Onze: sem nome. Para sempre sem nome. De certa forma, disseram, era bom que Ronan já soubesse o segredo delas quando chegou, porque isso as poupou de inventar uma mentira sobre o motivo de haver uma garota morta no banheiro. Ela nunca teve a chance de se nomear, ou ficar frustrada por viver a mesma vida que meia dúzia de outras garotas, ou respirar ar.

Dez: Trinity. Doce Trinity, tão triste consigo mesma que você só queria abraçá-la ou dar um soco nela. Hennessy a sonhara na entrada da garagem. Estava tão perdida e esperou tanto tempo para sonhar que deixou um rastro de preto no carro parado no trecho da entrada de automóveis em que finalmente desmaiou. Trinity surgiu a poucos metros de distância, já manchada de preto.

Nove: Octavia. Octo amarga. Odiava todas as outras garotas. Hennessy estava sozinha quando a sonhou, nem perto de nenhuma das outras garotas, em um Desafiador roubado. Normalmente, as meninas diziam a Ronan, Hennessy as deixava saber quando estava sonhando, ou era óbvio, por causa do que como você chama? Lavagem da noite. Mas não esta noite. Sem aviso prévio, ela saiu do radar, roubou um carro, sonhou com uma cópia – na verdade, era difícil dizer a ordem dos eventos, poderia ter sido o contrário – e só foi encontrada após várias horas por Jordan e June. Se Octo tivesse sido mais amigável com as outras garotas, elas teriam dito quais pílulas você poderia misturar com álcool.

Oito: Jay. Hennessy odiava Jay. Quando escolheu o nome Jay, Hennessy

exigiu que ela mudasse. Porque era o nome da mãe de Hennessy, mais ou menos, as meninas explicaram a Ronan. Não nos lembramos bem dela. Hennessy não fala muito sobre ela. Lembro-me dela, uma das meninas disse. Eu acho. *Vocês não têm as memórias de Hennessy?* Ronan perguntou. A maioria delas, disseram as meninas. Depois de uma briga maciça com Hennessy, Jay desmaiou na piscina e nunca mais acordou. Brooklyn acha que Hennessy a matou. Jordan disse que se Hennessy fosse capaz de matar qualquer uma delas, ela estaria morando em um apartamento de um quarto com um sugar daddy agora.

Sete: Brooklyn. Às vezes parecia que as meninas eram pintadas por tudo o que Hennessy havia sentido quando sonhou, embora elas poderiam estar indo muito a fundo. Quando Brooklyn veio a ser, Hennessy estava passando por uma fase sem alegria queimando seu caminho por intermédio de parceiros de cada sexo, compensando qualidade por quantidade. Um rastro de corações partidos seguia atrás dela. Estimulado ou natural? Brooklyn amava uma boa sessão de amassos.

Seis: Alba. As meninas disseram a Ronan que não sabiam como era o sonho que produzia as cópias. Hennessy tinha que estar nele, obviamente, já que era isso que ela sempre trazia de volta. *Ela sempre tem o mesmo sonho?* ele perguntou. *Sim. E ela não pode sonhar sem trazer uma cópia? Não. É por isso que dorme em rodadas de vinte minutos. Eu pensei*, ele disse, *que eventualmente você morreria se não dormir uma noite inteira.* Eu acho, elas disseram, que é verdade. Mas não foi a privação do sono que matou Alba; Ela estragou um dos carros de Bill Dower antes de se mudarem. A história oficial era que Hennessy se afastara milagrosamente sem um arranhão e, de certa forma, isso era verdade.

Cinco: Farrah. Estúpida Farrah, as meninas disseram a Ronan. A estúpida Farrah se apaixonou e ele... bem. *Não a amava de também?* Ronan sugeriu, e elas riram. Estúpida Farrah, disseram as meninas. Ele tinha 45 anos e era casado, e Farrah nem era Farrah para ele, ela era Hennessy. Nada em Hennessy atraía um carinho real e não corrompido. Nunca seriam cavalos brancos e cetim, mesmo que Farrah fosse capaz de amar, o que nenhuma delas era; ela se olhou no espelho?

Quatro: Madox. Hennessy quase fora pega sonhando Madox. Elas ainda estavam morando em casa na época. Bob Dower tinha acabado de conseguir sua nova namorada/futura esposa e todas as meninas estavam chateadas com isso. Elas estavam chateadas com tudo, na verdade: mudar de Londres para a

Pensilvânia, atravessar a puberdade, ser três meninas vivendo como uma, vivendo como uma que estava constantemente de mau humor tentando cultivar peitos com vinte minutos de sono por vez. Hennessy pegou a gripe, adormeceu no sofá, sangrou através de seu jeans favorito e trouxe Madox de uma só vez.

June teve que derrubar a urna que continha as cinzas do pai de Bob Dower na cozinha para criar uma distração. Madox nasceu brava; alguém não teria estado?

Três: June. Pobre June. Ela foi marcada para sempre na mente de Hennessy por ser a garota que provou que as cópias não eram uma ocorrência única. Não era como se Hennessy não soubesse, no fundo. Porque após a primeira vez que isso aconteceu, começou a definir esse cronômetro toda vez que fechava os olhos. Levou anos para estragar tudo, e June foi seu castigo.

Dois: Jordan. A primeira seria sempre um milagre e uma maldição. As meninas não sabiam quanto tempo depois que Jay morreu Jordan apareceu, mas elas sabiam que poucos dias. Perto o suficiente para Hennessy pedir a Jordan que fosse ao funeral por ela, e Jordan foi. *Ela não queria ir ao funeral da própria mãe?* Ronan perguntou. Você realmente não entende como Hennessy se sente sobre Jay, disseram as meninas. Enfim, é claro que Jordan faria isso. Jordan faria qualquer coisa por Hennessy e vice-versa. Elas eram basicamente a mesma pessoa, afinal.

Um: Hennessy. Quem estava lá para dizer quem seria Jordan Hennessy se ela não tivesse se dividido? Se Jay não tivesse morrido? Talvez houvesse uma versão dela na escola de arte agora. Talvez houvesse uma versão boa demais para a escola de arte, talvez houvesse uma versão dela que já saíra das aulas e estava sorrindo em um estúdio em Londres cheio de celebridades e câmeras. Talvez houvesse uma versão dela que acreditasse no amor, talvez houvesse uma versão dela que se interessasse por qualquer coisa, talvez houvesse uma versão dela que dormisse oito horas por noite. Ou talvez não. Veja J. H. Hennessy. Às vezes era melhor apenas derramar um copo de vodka na cova e aceitar que o coração sempre bombeava sangue envenenado. As meninas beberam suas bebidas juntas e concordaram de má vontade.

Provavelmente toda versão de Jordan Hennessy nasceu para morrer.

Depois que as meninas contaram a história, Ronan não disse o que estava pensando, que era o seguinte: Jordan Hennessy era uma mentirosa.

Ele não sabia por que, e não sabia exatamente até que ponto a mentira foi, mas passou um tempo suficiente com Declan para conhecer uma. Mentirosa,

mentirosa.

Aquelas cópias não a estavam matando.

Ronan já sonhara com uma cópia de si mesmo antes. Foi um acidente. Foi muito tempo depois que começou a controlar os sonhos, mas muito antes de começar a controlar sua vida, e tentar demais ao mesmo tempo. As apostas eram altas: Ronan estava reunindo materiais para enterrar a reputação do homem que matou Niall Lynch e garantir que nunca mais fosse atrás da família Lynch. Ronan tinha uma lista de roupas sujas para lavar no sonho: papelada, fotos e eletrônicos. As fotos foram detalhadas. Desagradáveis. Alguns dos materiais foram mais terríveis de adquirir do que outros. Ele conseguiu manifestar alguns com apenas uma cutucada em seu subconsciente, um desejo de segurá-lo na mão, mas as fotos eram teimosamente em branco. Ele não podia fazê-las funcionar sem manifestar a cena hedionda dentro do sonho, antes de tirar uma foto dela com um telefone.

As imagens foram feitas para serem horríveis. De tirar o fôlego, terríveis. Chantagear alguém da influência de Colin Greenmantle exigia mais do que fotos de pele de edição padrão. Elas precisavam apresentar horror corporal e juventude. Ele precisava trazer de volta uma parte do corpo em um envelope. Ele precisava de premeditação documentada em fotos.

Teve que viver para manifestar.

Ronan sentiu como se nunca mais estivesse limpo.

Mesmo no sonho, estava com nojo de si mesmo, e com esse desgosto e vergonha vieram seus velhos inimigos, os horrores da noite. Os horrores da noite de Ronan eram muito parecidos com as coisas que *gostava* de sonhar – eles tinham asas, bicos, garras – mas com uma diferença importante: o odiavam.

Eles vieram buscá-lo no momento em que juntou todas as evidências sujas em seus braços, preparado para acordar com elas. Ele se deparou com uma escolha: acordar sem manifestar nada e saber que teria que tentar isso tudo de novo... ou dar aos horrores da noite mais alguma coisa para focar enquanto acordava com as evidências.

Ele pediu que o sonho fizesse outro Ronan. O sonho se manifestou tão rapidamente que era como se estivesse esperando o pedido.

Os horrores da noite caíram sobre ele.

Ronan lembrou-se de ter sido atacado por fora, tudo sobre as reações da cópia exatamente as mesmas que as dele. Os sons eram os mesmos. Seu corpo dobrou do mesmo jeito. Suas mãos arranhavam as mesmas coisas. Seu

rosto olhou para Ronan e entendeu por que havia feito isso, o mesmo que Ronan faria para outro Ronan.

— Saia daqui — o outro Ronan rosnou, na voz de Ronan. — Não deixe isso ser por nada...

Ronan acordou.

Ele acordou com uma braçada de fotos, papéis e eletrônicos nojentos. E no tapete ao lado dele havia outro Ronan Lynch. Sangrento, dobrado quase para trás, sua coluna uma ponte de horror, uma mão pressionada contra uma ferida no pescoço que nunca se fechava, ofegando.

Levou tanto tempo para morrer.

Foi uma das piores coisas que Ronan já viu.

Mas não tinha tirado nada dele fisicamente.

Sonhar com cópias não deveria estar matando Hennessy. Então, estava fingindo que estava morrendo ou algo mais a estava matando.

Mas ele não disse nada disso aos sonhos dela. Apenas disse que precisava conversar com Hennessy. Uma delas – ele não podia diferenciar nenhum delas, exceto Jordan e June – alertou:

— Ela só estará dormindo ou xingando agora.

— Vou me arriscar — disse Ronan.

As meninas tinham escolhido para ela um dos quartos de muitos da mansão, selecionado, presumivelmente, porque ele tinha cortinas. Eram desenhadas e o quarto era um peculiar cinza cintilante em plena luz do dia. Estava em silêncio quando ele entrou. Como todos os outros cômodos que vira na mansão, era ridiculamente enorme. Por causa de seu tempo em Aglionby e seu amigo Gansey, havia visto muita riqueza em seus anos de ensino médio, mas nunca tinha sido assim. As janelas tinham assentos de cetim embutidos em seus peitoris.

Três tapetes de zebra acrescentavam dimensão ao chão, que, de outra forma, era coberto com carpete branco de estacas altas. Esculturas brancas de mulheres voluptuosas derramavam urnas de água em calhas que levavam a um banheiro privativo; água estagnada era cinza e escorregadia nelas.

A cama estava em um pedestal acessível por degraus de mármore em três lados. Havia sido mal arrumada: alguém havia espalhado dois edredons em cima do colchão.

Hennessy era uma pequena mancha escura naquele ninho uniforme.

Ela não estava dormindo, nem xingando. Estava chorando silenciosamente. Não soluços tristes, mas pequenos e lascados ruídos de dor.

Uma mão cobria a boca, como se não quisesse que nem a sala vazia a ouvisse.

Ele não tinha certeza se o ouvira entrar.

— Isso é besteira? — Ronan perguntou.

O choro parou.

Os olhos dela se abriram. Focaram nele. Eles eram sombrios, inteligentes, céticos.

— Sou só eu — disse Ronan — Suas garotas estão na sala de estar. Então, se é besteira, você pode parar de atuar agora.

Hennessy sentou-se. Pareceu ser necessário um grande esforço, principalmente para fazê-lo sem emitir nenhum som. Depois que ela conseguiu, levou um momento para se recompor. Ela não parecia zangada por ter sido acusada de atuar. Ela parecia estar avaliando.

Ela perguntou:

— Por que estamos tendo essa conversa?

Ronan entregou em sua palma da mão, o que havia tirado de trás de *A Dama Sombria*.

Os dedos de Hennessy tremiam enquanto segurava. Os nós dos dedos dela estavam brancos. Ela não disse nada. Passou o polegar pelo nó de papel que mantinha a cruz unida.

— Eu sabia que tinha que haver outro — disse, sua voz pequena e tensa. — Estatisticamente. E aqui está você, não é? Eu matei a última, não matei? Eu a afoguei.

Ele apenas segurou o olhar dela.

Ela assentiu um pouco amargamente.

— E você deu a elas uma pequena volta pela sala de exposição. Ficaram impressionadas?

Ele deu de ombros um pouco como se dissesse: quem não estaria.

— E você não afogou nenhuma delas com esse oceano — disse Hennessy. Não foi uma pergunta. — Porque você não é uma sonhadora de lixo. Você é bom nisso.

Ele deu de ombros um pouco novamente.

— E agora elas enviaram você aqui para pedir que me salve — Hennessy adivinhou.

— Eu sei que você está mentindo para elas. Só não consigo entender o porquê — disse Ronan. — Você quer que elas se sintam uma merda? Você as faz sentir-se culpadas?

— Minhas pobres meninas — disse Hennessy. Colocou os dedos na tatuagem na garganta, cautelosamente. Tinha mais uma flor na gargantilha do que todas as outras garotas, e era um pouco mais brilhante que todas as outras. Quando ela tocou, ele viu pequenos pedaços de sangue subirem. Não apenas no formato da nova flor, como uma tatuagem nova, mas em toda a garganta e bochechas, como se a pele dela fosse permeável.

Os olhos dela reviraram.

Isso não era mentira.

Quando caiu na beira da cama, Ronan saltou para frente para pegá-la. Ele a apoiou contra a cabeceira da cama quando a expressão voltou ao seu rosto. Ele viu agora que o edredom embaixo dela estava manchado de sangue. Não muito. Mas o suficiente.

O celular dela estava virado para cima ao seu lado. Ele marcava um cronômetro. Onze minutos.

Mesmo agora ela estava se impedindo de sonhar novamente.

— Então realmente está machucando você — disse ele. Talvez estivesse errado, pensou.

Talvez sua experiência de sonhar com cópias não fosse universal. Talvez houvesse um custo para se copiar mais de uma vez que não tivesse experimentado, mesmo que não conseguisse pensar por que isso seria verdade. Talvez...

— Essa parte é verdadeira — disse Hennessy. — Estou realmente morrendo.

Ronan a deixou lá na cama e procurou toalhas no banheiro. As luzes estavam todas apagadas e não havia janelas, então teve que se contentar com o rolo de papel higiênico que podia vislumbrar na luz através da porta aberta. Voltou com ele. Ela pegou e esfregou sua pele estranha e danificada.

— Morrendo, mas não de fazer cópias — disse ele. — Por que dar a elas todo o trabalho de caçar *A Dama Sombria*, então?

— Não são as cópias que estão me matando — disse Hennessy. — É o próprio sonho.

— Não — disse Ronan.

— Sim, Ronan Lynch — disse Hennessy. — Você vai ter que confiar em mim nisso. Essa é a verdade. Se pudesse mudar meu sonho, não estaria morrendo.

— Isso mudou o seu sonho, no entanto. Você sonhou com o oceano.

— Sonhei com o oceano amaldiçoado *e* com o mesmo sonho que sempre

tenho — disse ela. — E olhe para mim: outro passo, passo, passo, valsando em direção à morte.

Ele ficou intrigado com isso.

— Mas se as cópias não estão matando você, como sabe o quão perto você está?

Ela apontou para aquela gargantilha de flores em volta da garganta, tomando cuidado para não tocá-la.

— Eu tenho minha contagem regressiva, não tenho?

Não é tão fácil quanto você pensa, dissera Bryde.

Ronan franziu o cenho para ela. Tentou imaginar se poderia sonhar algo para alterar conclusivamente seus sonhos. O feitiço de *A Dama Sombria* era forte, porém, e se conseguisse sonhar com seu sonho recorrente, mesmo no topo da praia de *A Dama Sombria*, ela precisava de algo incrivelmente poderoso. E com espaço para apenas mais duas flores em volta do pescoço, não havia espaço para erro. Talvez ele pudesse sonhar algo que iria comer seus sonhos assim que ela os tivesse. Era difícil quando alguém entrava nos sonhos muito abstratos; eles às vezes tinham efeitos colaterais inesperados, como uma pechincha de uma história antiga. Ele não queria algo que iria comer todos os seus sonhos e pensamentos, ou algo que iria comer todos os seus sonhos e então seus sonhos vivos.

Possivelmente...

— Ronan… é Ronan, certo? Lynch? — Hennessy interrompeu seus pensamentos. — Irmão de Lynch, Declan, filho de Lynch, Niall? Sim, como eu pensei. Vou lhe dar um pedaço de cheddar muito sólido para mastigar. Posso dizer que você está olhando para mim e pensando que pode consertar isso. Está olhando para mim e pensando que é um sonhador importante — Balançou a palma da mão para ele. — E pode fazer isso funcionar. Você está executando esses números de como fazê-lo antes que eu morra. Mas eis a questão, Ronan Lynch. Eu matei tantas pessoas. Não acreditaria em quanto sangue essas mãos têm sobre elas. Você viu minhas garotas. O sangue delas também estará nas minhas mãos quando eu morrer. Não posso mudar nada disso. Mas posso impedi-lo de ser apenas mais sangue que não sai. Saia deste lugar amaldiçoado enquanto pode.

— Você não se importa comigo. — disse Ronan. — Você acabou de me conhecer.

Os olhos dela brilharam.

— Então você não se importa se eu for arrastado para algo.

O temporizador disparou. Automaticamente, mexeu para começar a contagem regressiva novamente. Vinte minutos. Quem poderia viver assim? Ela tinha que estar cansada a cada minuto de todos os dias de sua vida. Parecia que estava caminhando dormindo. Nada importava para Ronan quando não dormia, porque nada parecia verdadeiro.

Cada minuto de cada dia de cada semana, de cada mês de cada ano, essa tinha sido a vida dela.

As meninas disseram que Hennessy não dava a mínima para nada. Como ela poderia?

— Então me mandar embora é sobre você, não sobre mim — disse Ronan. — Do que você tem medo? Que sonho é esse que está te matando?

Não havia vestígios da estrela do rock estragada e estridente que as outras garotas haviam pintado em suas histórias. O que quer que fosse, pairava sobre ela, maior que a necessidade de impressioná-lo. Estava se escondendo disso. Ele achou essa covardia muito mais aceitável que a mentira. Algumas coisas levam tempo para encarar.

— Se não conto a elas há uma década — disse Hennessy. — Não vou contar a você.

CAPÍTULO 51

Como Ronan não atendeu o telefone, porque nada havia mudado, porque era sempre Declan sendo responsável no final do dia, Declan foi até Great Falls.

Era um dia bem iluminado, brilhante demais e quente demais para um novembro da Virgínia, o céu sem nuvens de um azul turvo e doente. Declan teve que passear com moradores locais e turistas estrangeiros enquanto fazia o familiar passeio pelo canal. Seus bolsos eram dez dólares mais leves da taxa de estacionamento; quanto dinheiro ele gastou para chegar a este lugar em nome de Matthew? Os turistas olharam para ele enquanto ele caminhava, e ele sabia que era notável em seu traje. Isso o deixava invisível no centro da cidade, mas não aqui.

Matthew não estava na primeira área de observação, nem na segunda nem na terceira.

Havia apenas idosos com seus cães e turistas tagarelando pedindo a Declan para tirar uma foto para eles.

A caminhada pelo canal era muito longa quando se procurava um irmão que tivesse que ser pego em algum lugar ao longo do caminho. Nas visitas anteriores, Declan havia caminhado por quase uma hora antes de encontrar Matthew. Ele não tinha esse tipo de tempo hoje. Seu trabalho poderia ter sido torpedeado, mas ele ainda tinha a chance de chegar em sua reunião de conselheiros e, depois disso, suas horas de voluntariado na galeria.

— Você pode tirar uma foto? — Perguntou uma senhora a Declan em inglês acentuado.

— De nós?

— Eu não posso — disse Declan. — Estou procurando pelo meu irmão.

Ela se tornou solícita.

— Você tem uma foto?

Ele mostrou.

— Garoto bonito — disse o companheiro da mulher.

— Eu o vi — disse a outra mulher. — Convés número um. Número um. Ele estava olhando as cachoeiras tão agradáveis. Agora você pode tirar uma foto?

Ele tirou. Ele voltou ao primeiro deck de observação. Matthew ainda não estava lá; ninguém estava. Declan apoiou-se no corrimão por tempo suficiente para enviar uma mensagem de texto ao seu conselheiro, dizendo

que ele tinha que reagendar novamente.

Adiar novamente não era bom; não era invisível. As cachoeiras rugiram. Folhas secas sacudiram. Vozes saíram da trilha. Ele engoliu três antiácidos. Ele se deu uma pequena conversa animada. Então, ele estava falhando como estudante e como estagiário, pensou, mas pelo menos havia conduzido Ronan para outro aniversário vivo. E em um mês ele conseguiria levar Matthew aos dezoito anos, todos os irmãos Lynch sobrevivendo até a idade adulta. Certamente isso valia alguma coisa.

Debruçada na beira do deck de observação, uma aglomerado escuro nas árvores próximas chamou a atenção de Declan. Ele estudou por um longo minuto, tentando decidir se era uma coleção de folhas secas ou algo mais, e então ele subiu na floresta para dar uma olhada mais de perto, o mato rosnando em sua calça.

Era o maldito pássaro de Ronan.

Motosserra, o corvo. Poderia ter sido outro corvo, é claro, mas quais eram as chances de outro corvo estar aqui, onde o outro sonho de Ronan vinha olhar a água? Com um olhar atrás dele para se certificar de que não estava sendo observado por nenhum turista, ele se aproximou, usando árvores para manter o pé no chão e desceu precipitadamente até o rio.

— Pássaro — ele assobiou. Sem resposta. — Motosserra.

Agora Declan viu algo mais nos galhos ao seu redor: várias mariposas azuis trêmulas, um punhado de azeviche, vespas, dois ratos, um gambá de cor improvável, e um daqueles malditos caranguejos de dupla face que ele teve que retirar do dormitório de Adam Parrish.

Uma confluência dos sonhos de Ronan à beira do rio.

Declan estreitou os olhos. Ele inclinou a cabeça para trás e olhou para os outros sonhos.

Era impossível dizer se as vespas, as mariposas ou o caranguejo assassino estavam angustiados, mas os ratos e o gambá pareciam tão estranhos quanto a Motoserra. O que significava que Matthew poderia estar na mesma condição.

Declan procurou círculos cada vez maiores, tomando cuidado para não perder o pé na encosta íngreme. O Potomac rugiu abaixo.

Não demorou muito para espiar um pouco de branco: a camisa do uniforme escolar de Matthew. Ele tentou se mover muito rápido, deslizou e segurou em uma árvore. Ele contornou os últimos metros mais lentamente.

Matthew estava sentado no lábio saliente de uma pedra coberta de líquen, com os braços em volta das pernas. Ele olhava para a água. Seus lábios

estavam um pouco abertos também, e sua respiração era rápida e superficial como a de Motoserra. Ele parecia sonhador, febril.

Declan pensou: *Vai se foder, pai*, porque ele não podia culpar Ronan por Matthew - ele amava demais Matthew. Ele teve que culpar Niall por manter o sonho tão secreto que ele nunca lhes ensinou nada sobre as regras.

Ajoelhou-se ao lado de Matthew e colocou a mão na sua bochecha. Ele não estava realmente febril.

— Matthew.

— Eu esperei — disse Matthew.

— Eles me ligaram da escola.

— Eu me sinto cansado — disse Matthew.

— Pessoas cansadas dormem.

— Com fome, então.

— Pessoas com fome comem.

Matthew inclinou-se pesadamente contra Declan, como faria quando era pequeno. Declan não era um Lynch amável, mas Matthew nunca se importou. Ele o abraçou de qualquer maneira. Matthew murmurou: — Faminto por isso.

Pelo rio. Sempre com fome do rio.

Porra, Declan pensou em oração.

— Vamos lá — disse ele, guiando Matthew. — Temos que encontrar Ronan para o seu aniversário.

— Eu esqueci — disse Matthew, com uma espécie de reverência. Ele murmurou outra coisa, mas parou no final.

No caminho de volta pela floresta íngreme, Declan parou ao lado do corvo de Ronan. Não parecia certo deixá-la, mas ele também não sabia exatamente como lidar com ela. Ela era uma criatura mais empoeirada e real do que ele normalmente preferia lidar, principalmente em seu traje. O aborrecimento de Declan pela sujeira do corvo e seu aborrecimento por Ronan não atender o telefone lutaram com o conhecimento de como Ronan se sentiria se algo acontecesse com esse pássaro.

— Não acredito que esqueci — disse Matthew para si mesmo. Ele estava apertando o polegar de uma mão com os dedos da outra, distraidamente trocando um para o outro, sem pensar, tranquilizador. — Não acredito que algo me faria esquecer o *aniversário* de Ronan.

Declan, finalmente decidido, esticou-se e bateu nas pernas desgrenhadas do corvo até que ela meio que bateu, meio caiu em seus braços. Ela ficou lá, de penas curtas, bico ligeiramente entreaberto.

— O que há de errado com ela? — Matthew perguntou.

Algo na voz de Matthew fez com que Declan olhasse atentamente para ele.

A expressão de seu irmão mais novo era muito diferente de Matthew. Olhos apertados. Sobrancelhas baixas. Intenso. Pensativo. Seus olhos azuis de Lynch estavam fixos em um ponto diretamente além de Declan; ele estava olhando direto para as outras criaturas moles dos sonhos.

Merda, pensou Declan. Ele nunca pensou que isso iria acontecer. Ele não tinha um roteiro para a jornada depois disso.

— O mesmo que eu — disse Matthew categoricamente.

Porra, Declan pensou miseravelmente.

— Se eu fosse do papai, estaria dormindo — disse Matthew — Então eu devo ser de Ronan.

CAPÍTULO 52

St. Eithne era uma igrejinha estranha, pensou Ronan. Tudo era pequeno e verde nela.

Pequenas persianas verdes nas minúsculas janelas do saguão, minúscula porta verde para entrar. Pequenos tapetes verdes no velho e desgastado piso do saguão. Pequenas faixas verdes que diziam ST. 1924 estavam penduradas nas paredes. Pequenos bancos com almofadas verdes profundas sobre os joelhos. Pequenos vitrais representavam estações verdes da Cruz em volta da igreja. Uma pequena Maria, pintada de verde pelas janelas de vitral, um pequeno Jesus atrás do altar, incolor e sanguinário, exceto por sua coroa de espinhos verde. Um minúsculo teto pintado de verde que se impunha de cima.

Ronan estava mergulhando os dedos em uma pequena fonte de água benta esverdeada quando Declan agarrou seu braço.

— Onde você estava? — Declan exigiu.

— Eai, psicopata — disse Ronan, vislumbrando os cachos dourados de Matthew na primeira fila da igreja, antes de Declan puxá-lo de volta para o saguão. — Alguém não tomou seus remédios hoje. Parabéns para você também.

— Feliz — cuspiu Declan — Aniversário.

Com a voz elevada de Declan, Ronan olhou em volta, mas a igreja parecia estar vazia.

Não há muita necessidade de uma igreja para pequenas sereias verdes em uma tarde de segunda a sexta durante a hora de pico, ele imaginou. Quando os meninos vinham no domingo, o prédio estava sempre cheio de velhinhas e homens com cabelos tingidos de verde pela luz através dos vitrais, todos presididos pelo velho padre O'Hanlon em roupas verdes profundas que pareciam tão fortalecidas com o odor do corpo, que deveriam ter sido capazes ficar de pé mesmo sem o padre O'Hanlon dentro delas. Ronan passava a maior parte da confissão em guerra, se deveria ou não confessar quão odioso era o processo.

Declan perguntou novamente:

— Onde diabos você estava?

Ronan não mentiu, então deu a Declan uma verdade parcial.

— Adam veio.

— Hoje?

— Ele saiu hoje, sim.

— Eu precisava de você — disse Declan. — Foi uma emergência.

— Uma emergência no zoológico.

— Você leu as mensagens que te enviei? Você ouviu a caixa postal?

Ronan havia lido as mensagens.

— Não foi uma grande surpresa onde iria acabar. Ele sempre vai às cachoeiras, exatamente no mesmo lugar nas cachoeiras. Ignore, enxágue, repita. Meu celular estava no carro, cara, fique quieto.

— Eu tinha trabalho — disse Declan. — Tinha compromissos. Isso criou uma situação que me colocou em um lugar difícil.

Um Declanismo nobre.

— *Criou uma situação* — ecoou Ronan.

— Onde você estava realmente? — perguntou Declan. Quando Ronan levantou uma sobrancelha, Declan disse: — Tudo bem, não me diga. Eu suponho que você está apenas ignorando tudo o que lhe disse sobre não perseguir problemas, porque é isso que você faz, não é? Eu mantenho minha cabeça baixa e você sonha com um maldito aviso no céu que diz *me mate por favor*.

— Isso mostra que — Ronan disse — você não precisa de um padre na casa para um sermão. Nós ainda iremos para o zoológico?

Declan, para surpresa de Ronan, agarrou seus dois braços e o empurrou para a porta da igreja. Ronan podia sentir os dedos de seu irmão cavando nele. Fazia muito tempo que nenhum deles enviara um punho no rosto um do outro, mas Ronan se lembrou disso com a pressão das pontas dos dedos.

Declan sussurrou em seu ouvido.

— Você viu aquele garoto lá? Cabeça baixa? Você o conhece, certo, seu irmão mais novo? Não sei onde diabos você realmente estava, mas enquanto estava lá, aquele garoto estava juntando as peças. Enquanto você estava fora com sua atitude foda-se tudo, ele descobriu que você o sonhou. Então não, nós não iremos. Mais. Para. O. Zoológico.

Declan o soltou com tanta força que era como se estivesse jogando Ronan longe de si.

— Vou ao carro resolver alguns problemas. Você pode olhar nos olhos dele agora e ser um espertinho, se quiser.

Ronan ficou parado olhando pela minúscula construção verde até seu irmãozinho. Agora podia ver que estava sentado em uma posição muito diferente de Matthew. Cabeça baixa.

Mãos cruzadas na parte de trás do pescoço dele.

Ele olhou por cima do ombro, mas Declan já tinha sumido.

Andando silenciosamente até a frente da igreja, Ronan fez o sinal da cruz e deslizou no banco ao lado de Matthew.

— Ei, garoto — disse ele.

Matthew não se mexeu.

Ronan colocou a mão nos grossos cachos dourados de Matthew e os despenteou.

— Você quer conversar ou não?

Matthew não disse nada. Ronan encostou seu ombro no dele como havia feito muitas vezes antes, tentando imaginar o que seu irmão precisava dele neste momento.

Provavelmente um abraço. Matthew quase sempre queria um abraço.

Ele permaneceu imóvel. Não estava chorando. Não estava fazendo nada. Matthew estava sempre fazendo alguma coisa. Mexendo. Falando. Rindo. Caindo. Levantando. Cantando.

Mas não estava fazendo nada agora.

A igreja estava quieta, exceto pelo suspiro dispéptico do antigo sistema de aquecimento.

O tom variava como um ronco humano, um fenômeno que havia proporcionado muita alegria aos dois irmãos Lynch mais jovens ao longo de suas missas ali.

Ronan sentiu um cheiro repentino de incenso, de água salgada, o cheiro de uma pequena missa verde de sereia chegando ao fim. *Vá em paz*, mas Matthew estava longe da paz.

— O que você precisa que eu diga, homenzinho? — ele perguntou.

Matthew disse:

— Eu não quero... — Não disse mais nada por um longo momento. Então acrescentou: — Ouvir você dizer alguma coisa...— Ele parecia estar medindo as palavras, tirando-as de uma jarra e verificando se ainda tinha o suficiente para continuar —... Porque agora eu sei...— Não parecia remotamente como ele mesmo quando falava assim —... Você é tão grande mentiroso quanto Declan.

O rosto de Ronan estava quente. Picante.

— Ah — ele disse.

Também podia sentir o calor no estômago, nos joelhos, nas pernas, uma onda, algo como adrenalina, familiar...

Vergonha.

Ronan encostou-se.

Os dois ficaram ali por um longo tempo, enquanto a luz mudava lentamente através das minúsculas janelas verdes.

Eles não disseram mais nada.

CAPÍTULO 53

Jordan pensou que poderia estar furiosa com Hennessy. Em sua vida, não tinha sentido raiva com muitas coisas, e nunca ficou irritada com Hennessy.

Mas ela podia sentir isso agora.

Ela sentia como se a esperança fosse oxigênio e raiva a chama. Não poderia adequadamente tomar posse enquanto Hennessy estivesse lamentável e se recuperando, mas assim que ela estivesse bem o suficiente para sair com Jordan para ir a Senko à noite, estaria queimando escandalosamente. Ela estaria queimando o lugar inteiro a baixo.

Normalmente Jordan gostava de Senko, mesmo se ele fosse associado com maus momentos. Ela tinha ido em mais estúdios de artistas do que a maioria das pessoas iriam em sua inteira vida, e ainda a garagem profissional de Senko foi um dos espaços mais criativos que Jordan tinha ido. E em comparação com o espaço que compartilhou com Hennessy e as outras meninas, era positivamente calmo. Lá dentro, o espaço era claro e aberto, com o teto alto o suficiente para acomodar três elevadores automáticos. Os elevadores eram fortes, pretos, e com um propósito, e os três sempre pareciam como uma moderna arte de instalação, cada um segurando um cadáver automotivo de cor doce com capuz ágape e escuras entranhas pingando por baixo. O concreto do chão era limpo, mas era marcado com petróleo respingado, spray de tintas, marcas de pneus, e um logotipo vermelho-sangue estampado. Uma parede de prateleiras com brilhantes botões e articulações, parte de corpos metálicos à espera para ser montado no automóvel monstro do Frankenstein, vivo, vivo. Um sofá de vinil preto barato, mas chique, de frente para o dinamômetro. Uma das enormes paredes era coberta com brilhantes, modernas pinturas automotivas, presentes de Hennessy e as meninas durante os meses. Tinha um único espaço deixado sobre a parede. Esperando a contribuição de Jordan.

Ela sempre jurou que pintaria algo original quando chegasse a viver como original.

Então, nunca.

Estava com *muita* raiva, pensou com alguma surpresa. Então era assim que Madox se sentia o tempo todo. Como conseguia fazer qualquer coisa? Não havia espaço dentro de Jordan para mais nada.

No local onde deveria estar um escritório, havia o estúdio de tatuagens de

Senko, e era para onde Hennessy e Jordan se dirigiam naquela noite. Jordan não sabia exatamente o quão higiênico era, mas Senko não fez perguntas sobre a origem do Supra e também não fez perguntas sobre a origem de Jordan. Não era a coisa mais fácil encontrar cinco estúdios de tatuagem diferentes para fazer flores idênticas em cada uma das garotas, cada vez que Hennessy tinha uma nova.

— Outra flor — disse Senko. — Duas flores desta vez, estamos quase terminando — Era o homem mais compacto que Jordan já conhecera, baixo e leve, como uma pessoa mais alta vista de longe. Seus cabelos densamente encaracolados eram castanhos ou grisalhos. Ela não tinha ideia de quantos anos tinha. Trinta? Cinquenta? Supostamente Hennessy já dormira com ele uma vez, mas, pelo bem de Senko, Jordan esperava que isso não fosse verdade. — Rosa desta vez.

Jordan já estava situada na cadeira enquanto Senko examinava a nova flor na garganta de Hennessy, tornando a certeza de que copiaria adequadamente. Ele estava tomando seu tempo. Senko não era do tipo que fazia algo precipitado. Não era o tipo de fazer qualquer coisa em velocidade, realmente, o que era irônico, considerando que sua profissão estava fazendo as coisas irem mais rápido. Senko era o mais lento motorista que Jordan tinha já visto; uma vez encontrou-o em seu GTR, no norte da cidade e tinha gasto dez minutos tentando provocá-lo para superar o limite de velocidade antes de perceber, primeiro que era impossível e segundo que era ele.

— Rosa é a cor mais antiga do planeta, você sabia? — Disse Hennessy. Ainda parecia um pouco drogada, mas havia parado de sangrar horas antes. Se debruçou em uma cadeira de mesa, segurando o cachorro da loja, um pequeno yorkie fêmea chamada Greg. A história era que Senko costumava ter um vendedor chamado Greg, que havia comprado uma troca turbo anos atrás e fora incapaz de pagar pelo conserto, e Senko havia pegado sua cachorra como pagamento, mas Jordan achou a história suspeita. Senko não deixaria nenhum de seus funcionários tocar em um turbo. — De acordo com registros fósseis. Cianobactéria. Eu li isso na *Smithsonian Magazine*. Amasse-as, adicione-as ao solvente, fica rosa brilhante, tornando-o pigmento de um bilhão de anos. Gostaria de pintar com isso. Talvez um bife. Uma cor rara para um alimento raro. Muito óbvio?

Jordan não respondeu.

Jordan não queria essa tatuagem.

Parecia impossível o quanto não queria a tatuagem.

Uma década de tatuagens combinando, cabelos combinando, roupas combinando, vidas combinando. Esperanças correspondentes, sonhos correspondentes, datas de validade correspondentes.

— Eu vou mijar primeiro — disse Senko, levantando-se lentamente. — Não vá embora — Ele saiu da sala com intenção preguiçosa.

No momento em que Jordan ouviu a porta do banheiro fechar, as palavras saíram de sua boca; não conseguia nem detê-las.

— O que você disse para ele?

Hennessy e o cachorro olharam surpresos.

— Bife? Rosa? Não o fiz precisar mijar.

— Ronan Lynch — disse Jordan. Nem reconheceu completamente seu tom. Ela parecia Madox. As palavras foram cuspidas. Odiosas. Ronan. Lynch. — Ele estava pronto para nos aceitar e foi até você e algo que *você* disse mandou-o para fora por aquela porta.

— Ele não poderia fazer nada por nós.

— E como você saberia? Você viu a pintura que ele trouxe? Da cabeça dele? Não demorou muito, talvez até *melhor* do que *A Dama Sombria* original. Ele disse que pode fazer algo só para você. Você nem o deixou tentar.

Hennessy disse:

— Isso deixará as garotas completamente animadas.

— *Esperançosas*, é isso que você quer dizer? Está dizendo que elas ficariam confusas com a *esperança*, como se ficassem animadas em ver o outro lado dos vinte e um? Você está certa, isso parece realmente fodido. O que eu estava pensando.

Hennessy deu a Jordan um olhar afetuoso.

— Isso não fica bom em você, Jordan. Deixe para Mad.

Isso não fez nada para acalmar a raiva de Jordan. Se conseguiu mudar alguma coisa, só a fortaleceu.

— Passei todos os segundos de cada dia durante meses falsificando *A Dama Sombria* — disse ela. — Para você, então não seria assim. Mas também para elas, porque precisavam. Antes disso, Trinity estava prestes a tomar um balde de comprimidos, você e eu sabemos disso. Ter uma ideia de que poderia ir a algum lugar a impediu de ficar louca. Pela primeira vez, não apenas pairou sobre nós. Todas nós. E agora você está dizendo que não vale a pena tentar de novo?

Agora Hennessy parecia zangada de novo. Era uma versão da raiva de

Madox, mas um pouco mais escura, mais complicada. Ela colocou o dedo na têmpora.

— Você não sabe o que se passa aqui, Jordan. Brinquei com você, brinquei com *A Dama Sombria*, mesmo sabendo que isso iria nos foder na bunda. E aqui estamos nós, fodidas, como previsto.

— Nunca tivemos outro sonhador — disse Jordan. — Ele sabe o que você pode fazer. Sabe o que é possível.

E então viu no rosto de Hennessy que era exatamente por isso que ela não queria. Jordan estreitou os olhos.

— Isso é um pedido de ajuda?

Hennessy disse:

— Não cave neste buraco, Jordan. Não é o que pensa.

— Estou pensando nas outras. Você pode tentar.

Os olhos de Hennessy ferveram.

— Como se eu pensasse em outra coisa.

Senko voltou. Ele começou a montar lentamente o álcool, as luvas e os envelopes contendo agulhas. O ar estalou com a tensão, mas ele parecia inconsciente.

— Qual foi o mais próximo que você chegou da morte, Senko? — Hennessy perguntou, com descuido agressivo, sem encontrar os olhos de Jordan. — Eu não quero dizer um desvio no trânsito. Quero dizer, uma experiência marcante de quase-morte de boa qualidade.

O Senko's geralmente era um lugar sem perguntas ou respostas, então Jordan achou que essa seria ignorada. Mas Senko parou no meio de examinar suas agulhas sob uma lupa.

— Esses buracos de bala na porta — disse Senko.

— Não nos deixe esperando — disse Hennessy.

Senko virou-se para Jordan e começou a limpar a garganta com o álcool.

— É melhor não engolir assim quando estou trabalhando, ou transformará isso em um lírio — disse a ela. — Três caras vieram aqui para nos roubar. Anos atrás. Esta não era minha loja na época. Era do meu chefe. Tubman. Eles vieram roubar Tubman. Ninguém me roubaria, eu era um idiota. Não tinha nada. Eu não era nada. Tubman me contratou para me manter fora da rua. Disse que eu seria um cadáver feio. Eu era um técnico feia, também. Não era bom em nada. Não sei porque o próprio Tubman não me matou. Esses caras que invadiram, eles estavam se aprimorando. Eles me derrubaram no chão e tinham um pé no meu pescoço, uma bota assim e uma arma bem aqui,

assim, e me disseram que iam me matar. Você sabe o que pensei?

Eu nunca vivi minha própria vida, pensou Jordan.

— Essa é a coisa mais chata de se fazer nas minhas costas — adivinhou Hennessy.

Senko arqueou uma sobrancelha. Para Senko, isso contava como humor intenso.

— Eu pensei, *eu nunca tentei consertar nada*. Nem um carro, nem minha vida, nada. Eu apenas brinquei com tudo. Apenas girei alguns parafusos. Eu nunca vi as coisas. Eu ia morrer e deixaria toda essa merda quebrada por aí que eu nem sequer falhei em consertar. Eu apenas nem tentei.

— Espero que essa história termine com você explicando isso a eles e revelando a nós duas que esses três idiotas eram Eliot, Pratt e Matt — disse Hennessy. Estes eram três dos outros caras da loja.

— Cuspi no olho do cara e peguei sua arma e o chutei, depois atirei no outro cara três vezes pela porta. Cumpri dois anos, e foi aí que me interessei em tatuar... e aqui estou hoje. — disse Senko.

— Verdadeiramente inspirador — disse Hennessy.

Jordan podia sentir seu pulso latejando no pescoço, exatamente onde Senko estava prestes a colocar outra flor, um passo mais perto de sufocar a vida dela. Ela não *queria* isso, pensou. Queria deixar de ter medo e poder ligar para Declan Lynch e dar-lhe algo que foi pintado com Roxo Tyriano, e queria ter um futuro que não se parecesse exatamente com seu passado.

Tinha que haver algo que elas pudessem fazer.

Isso não era estar viva, estava apenas desistindo enquanto ainda respirava.

— Você está pronta? — Senko perguntou a Jordan.

Jordan sentou-se. Trancou os olhos com Hennessy.

— Não irei fazer a tatuagem.

— Oh, nós estamos fazendo drama — comentou Hennessy.

Saltando da cadeira, Jordan tirou uma nota de vinte do sutiã.

— Compre algo bonito — disse ela a Senko, que não pareceu surpreso, provavelmente porque não seria provocado a mudar sua expressão tão rapidamente. Ela se dirigiu para a porta. Ouviu Hennessy murmurando algo irônico para ele antes de correr atrás dela.

— Jordan — disse Hennessy. — Sua burra, vamos lá.

Jordan saiu na noite fria. Estava feroz, de repente congelou o nariz, a garganta e a pele.

Ela ouviu carros uivando na distante interestadual, buzinando na estrada.

Alguém estava gritando a vários quarteirões de distância. Ela se sentiu mais acordada do que em mil anos.

A porta da loja bateu atrás dela.

— Não fique chateada comigo — disse Hennessy.

Jordan girou no estacionamento, ainda caminhando para trás até onde o Supra estava estacionado.

— Então diga que você vai pedir ajuda a ele.

Hennessy mordeu o lábio, selando a resposta.

Jordan abriu os braços para dizer *vê*?

— Por que não pensa em *mim* por meia hora, então? — Hennessy rosnou. — Você não é a única que está sangrando merda negra e virando do avesso. Você *é* o sonho. Eu sou a sonhadora. Eu sou a única que tem que viver com isso. Eu devia dar os surtos aqui.

A boca de Jordan caiu aberta.

Hennessy não retirou suas palavras. Ela queria que elas machucassem, mas Jordan estava chocada demais para isso.

Ela abriu a porta do Supra.

— Divirta-se com isso — disse Jordan. Ela entrou, bateu a porta e olhou Hennessy pela janela aberta. — Pegue a porra de um Uber.

Ela saiu do estacionamento. Jordan não sabia como Hennessy se sentia sobre isso, porque não olhou no espelho quando a deixou para trás.

Pela primeira vez, tinha muita, muita certeza de que ela e Hennessy estavam vivendo duas vidas diferentes.

CAPÍTULO 54

Não havia remotamente ocorrido a Farooq-Lane que Parsifal Bauer poderia ter mentido sobre voltar para o hotel depois que saiu do carro alugado. Por todas as muitas facetas irritantes da Parsifalidade, a mentira não parecia ser uma delas. E, no entanto, não voltou ao hotel e não pegou o celular ou respondeu as mensagens, exceto a primeira que ela enviou.

Ele respondeu: *Você ainda está falando.* Farooq-Lane esperou por ele no quarto por horas, fervendo.

Lock ligou e ela, também, ignorou, como se a Parsifalidade de Parsifal estivesse a contaminando. Realmente, ela não suportava dizer a Lock que havia perdido o Visionário deles. Que não havia encontrado nada esse tempo todo, exceto a velha Zed. Ela sentiu como se tivesse recebido um projeto de artesanato sem ferramentas, um quebra-cabeça sem todas as suas peças. Uma missão com apenas Parsifal Bauer como guia. Era insolúvel como atualmente estruturado, e ainda assim estava sendo responsabilizada por isso.

Por algumas horas, tentou pesquisar Bryde nos fóruns, procurando pistas que pudessem ser úteis além do que uma visão poderia oferecer. Ela fez um café ruim para si mesma. Comeu algumas maçãs que Parsifal achou sem sabor demais.

Finalmente, examinou as coisas de Parsifal.

Esse era um comportamento muito ruim e sabia disso, mas também era ruim sair de um carro e ir embora quando o mundo estava literalmente dependendo de você.

O estojo de Parsifal estava bem embalado, o que não foi surpresa. Três dias de roupas dobradas, a roupa de cada dia dobrada habilmente uma na outra, para que pudesse simplesmente removê-la como uma peça e aplicá-la ao corpo. Artigos de higiene dobrados em uma bolsa de zíper impecável. Dois quadrinhos de Nicolas Mahler. Um caderno com uma única coisa escrita nele. 14 de março: *Ich versucht so zu t.**

Ele desenhara um cachorro muito feio e selvagem no canto inferior, as linhas rígidas e hostis. Ela não se importava com isso.

Na bolsa acolchoada da caixa, encontrou uma velha caixa de CD lascada. Ópera. Era o *Parsifal* de Wagner. Quando ela estava deslizando de volta, notou o nome dos artistas.

JOANNA BAUER. Irmã? Mãe? Virou, procurando uma data de direitos

autorais. Era tudo em alemão. Ela abriu e dentro havia um CD e uma fotografia. Era uma fotografia posada e, embora ninguém estivesse rindo, era fácil ver pelos rostos que todos estavam achando hilário. Uma mulher gorda (mãe?) e três meninas (irmãs?) estavam todas de um lado da foto, apontando dramaticamente para o outro lado da foto, onde um Parsifal muito mais jovem parecia dramaticamente sofrido, tão dramaticamente sofrido que era óbvio que ele estava sendo uma paródia de si mesmo. Era pictórico em suas composições, todos os quatro braços direcionando a atenção do espectador e suas formas chocadas para ele.

Eu matei todos eles, dissera Parsifal.

Visionários descontrolados eram assustadores em seu poder destrutivo, até para si mesmos. Lock disse que nunca soube de alguém que os procurasse sem uma tragédia já embalada na mala.

Aqui estava a tragédia de Parsifal.

Ele não voltou.

Algumas horas durante a noite, o aborrecimento de Farooq-Lane virou preocupação. Ele deve estar perdido. Sequestrado. Atingido por um carro. Qualquer coisa pode acontecer com um adolescente com habilidades sociais fracas e falta de apetite.

Ele não estava atendendo o telefone.

Ela embrulhou e empacotou uma pequena sacola de comida para ele, depois saiu, certificando-se de que a placa NÃO PERTURBE ainda estava no lugar.

Ela dirigiu. Dirigiu a noite toda. Ela dirigiu até onde ele havia saído do carro, entrando em todos os cafés e lojas ainda abertas, e depois tentou os hotéis que estavam em qualquer lugar perto da rota e depois tentou os hospitais.

Ela temia dizer a Lock que o havia perdido. Ela realmente não podia acreditar nisso. O que Parsifal faria se não estivesse sendo um Visionário, aqui neste país estranho, sem família, sem amigos? Farooq-Lane estava começando a sentir que poderia ter sido cruel. Se ao menos ele fosse mais fácil de gostar.

A noite se esticou e beliscou em uma medida mutável: os minutos se arrastavam enquanto ela passeava pelos bairros que já havia verificado e depois as horas passavam enquanto se inclinava nas mesas do hotel perguntando: *Você viu alguém que se parece assim?*

Isso a lembrou da noite em que Lock a encontrou, a primeira noite que ela

passou depois do assassinato de Nathan. Ela entrou no carro naquela noite também, porque o que mais havia para fazer? Não estava indo dormir, nem assistir TV, nem ler, e a coisa sobre um assassinato em vez de um acidente é que não há hospital para vigiar. Há apenas a noite, a noite, a noite. Ela circulou e parou e entrou em todos os lugares que estavam abertos em Chicago no meio da noite. Colecionou todos os artefatos noturnos que se podiam colecionar: bilhetes de loteria, café com espuma, cachorros velhos, óculos de sol baratos como o par que Parsifal usava na banheira. *Em algum lugar*, ela pensou, *Nathan está lá fora nesta noite*, e ela não sabia o que faria se o visse. Quando finalmente chegou em casa, na entrada da cena do crime, Lock estava sentado nos degraus esperando por ela. *Eu acho que você precisa que isso signifique algo*, murmurou.

Ela encontraria Parsifal. Não teria que dizer a Lock que havia perdido o único Visionário deles.

Ela dirigiu.

*N.T.: *Ich versucht so zu t*: eu tento fazer isso, em alemão.

CAPÍTULO 55

Era no meio da noite e isso os acordou.

Mags Harmonhouse dividia um quarto com sua irmã, Olly, exatamente como ela fez quando eram meninas: duas camas de solteiro com uma largura de cama de solteiro, perto o suficiente para saltar de cama em cama antes que sua mãe chegasse. Havia muitos anos e três maridos entre aquela época e agora, mas às vezes quando Mags acordava, ela pensava que eram meninas novamente. Não era um bom pensamento, no entanto. Sempre a fazia pensar: *Ah não, agora tenho que fazer tudo de novo.*

Ela acordou agora e agarrou os óculos. Ela ouviu Olly agarrando seus óculos também.

As irmãs se entreolharam no escuro. Os olhos de Olly eram brilhantes, pérolas brilhantes nas luzes da rua do lado de fora, nada reconfortante nisso, mesmo conhecendo-a há décadas. Tudo parecia possível em uma noite como essa, quando você foi acordada por alguma coisa e não sabia o que era.

Talvez tivesse sido um baque. Uma pancada era uma boa coisa para acordá-lo à noite, pensou Mags, uma escolha sólida, clássica. Certa vez, Dabney tentou mijar no meio da noite, quando ele assou mais do que uma batata, e fez um baque quando tentou atravessar o espelho no corredor, em vez da porta da cozinha.

Olly piscou. Mags percebeu que ela estava ouvindo também. Decidindo se era um baque ou comoção. Esse bairro nunca foi *Leave It to Beaver*, como Olly dizia às vezes, mas estava ficando ainda mais difícil, e no ano passado uma *comoção* precedeu um assalto. Os três jovens entraram e tiraram o dinheiro das cômodas que eles reviraram e o microondas da cozinha. Eles atormentaram Mags um pouco quando ela tentou impedir que eles levassem a pequena televisão de Olly.

Talvez fosse essa nova garota. Mags tinha ficado brava sobre esse caso de caridade de Olly, não havia motivo para colocar uma fugitiva aqui porque a lei iria acompanhá-la - mas Liliana já havia transformado a casa. Mags não tinha certeza de como ela havia conseguido tanto em tão pouco tempo. Ela estava sempre trabalhando, com certeza, mas uma pessoa não deveria ter conseguido limpar todo o molde, reparar a escada e encontrar o bom brilho escuro do piso de madeira, depois de anos de desgaste e poeira em um dia. Mags só a viu usando a água e o vinagre de Olly, mas até a casa cheirava diferente, como flores, como verão. Ela teve que examinar as paredes do

corredor para ver se a garota havia pintado, porque tudo parecia mais brilhante.

— A garota — sussurrou Olly. — Ela está chorando.

E agora que ela disse isso, é claro que era o que era. Um gemido baixo veio do quarto acima delas. Pequenos gemidos, como um animal ferido. Passos sutis também, como se ela andasse de um lado para o outro. Era um som triste, mas também, por alguma razão - naquela noite escura, com os olhos de Olly ainda brilhando atrás dos óculos, com as árvores sombreando as paredes - inquietante.

As duas irmãs hesitaram e depois Mags resmungou e jogou as cobertas para fora. Olly seguiu o exemplo. Ela sempre faria algo se Mags fizesse primeiro. As duas velhas estavam no meio do quarto, ombro a ombro, ouvindo. Parou?

Não, lá estava novamente.

Elas vestiram seus roupões de banho e se arrastaram para o corredor.

Era mais alto aqui, o choro. Isso era tão triste.

Particularmente quando alguém o imaginava vindo daquela garota de rosto doce, seus olhos gentis nublam-se de lágrimas, boca macia rasgada de desespero.

Elas acenderam a luz, mas não mudou muito. Era apenas uma única lâmpada, e mal era melhor do que quando o corredor era iluminado pelas mornas luzes da rua laranja.

Mags não foi rápida a subir as escadas e Olly foi ainda mais lenta. Mags acompanhou-a.

Ela ainda tinha a sensação de formigas correndo pelos braços e não gostava da ideia de chegar lá antes da irmã.

A porta de Liliana estava entreaberta. Através da rachadura, Mags podia ver algo se movendo para frente e para trás. Uma coluna de luz e depois escuridão. Então luz. Então escuridão. Deve ter sido a blusa de Liliana, mas lembrou Mags de um espírito. A mãe dela disse que tinha visto uma vez; ele surgiu em um jato, disse ela, uma viga do chão da velha cozinha em que ela estava trabalhando, lhe deu um susto que ainda roía seus ossos anos depois.

Mags e Olly estavam quase no topo da escada. O último degrau deixou escapar um rangido.

A coluna de branco congelou na porta e depois desapareceu.

Houve um silêncio.

Mags hesitou. Ela queria descer as escadas.

— Criança? — Olly chamou, que foi a primeira vez que ela foi mais corajosa que Mags em sua vida.

Liliana soluçou:

— Por favor, vá embora.

As duas ficaram tão aliviadas ao ouvir a voz dela que deixaram escapar um suspiro.

Mags disse:

Mas as palavras foram perdidas porque de repente não houve som.

Era como se a casa tivesse sido pausada. Como se nunca houvesse som. Como se aquilo que elas lembravam como som sempre tivesse sido uma lembrança falsa.

Olly estendeu a mão e agarrou a mão da irmã com força.

E então todo o som voltou de uma vez.

CAPÍTULO 56

Eu gosto do seu lugar, colega — disse Jordan. Isso era uma piada, porque não era o lugar dele. Era uma loja de conveniência de vinte e quatro horas em que Declan estava vagando nos últimos quinze minutos, ficando fora do frio.

Era uma hora da manhã. Ele estava bem acordado. Esse era um efeito colateral de não tomar a pílula para dormir. Esse era um efeito colateral de Jordan Hennessy ligando para ele à meia-noite. Esse era um efeito colateral dele ser um tolo. O local inteiro parecia possível apenas à uma da manhã, quando todo mundo entra em um clube, o clube de pessoas que não estão na cama. Um clube definido não por estar *com* os outros membros do clube, mas contra todos os outros. Jordan Hennessy acabara de chegar ao posto de gasolina em um Toyota Supra vermelho, e ela olhou além de Declan para as luzes brilhantes da loja de conveniência atrás dele com um aceno de aprovação. Ela não parecia se importar que, quando ligara trinta minutos antes, ele havia lhe dado esse endereço para buscá-lo, em vez de seu endereço real. Ele supôs que ela era uma falsificadora. Ela estava envolvida em desconfiança, em criminalidade e em encobrir as pegadas das pessoas.

O que você está fazendo aqui, Declan?

— Eu consertei — disse ele.

Jordan parecia mais brilhante do que quando a vira no museu, mais viva aqui neste mundo pós-escuridão, sob brilhantes luzes da meia-noite, ao volante de um carro, livre de paredes e horários de abertura e fechamento e as expectativas de outras pessoas.

— Bem, isso realmente mostra — disse ela. Ela abriu a porta do carro — Pronto para ir?

O que você está fazendo aqui?

Entrando em um carro com uma garota do Mercado das Fadas.

Só por esta noite, ele pensou. Ele voltaria a ser monótono assim que o sol surgisse.

Quando ele abriu a porta do lado do passageiro, *A Dama Sombria* olhou de volta para ele.

A pintura repousava sobre o assento para que fosse a primeira coisa que ele visse; foi feito para chocá-lo. Ele ficou lá, com a porta na mão. A expressão de *A Dama Sombria* era amarga, cautelosa, intensa.

Ele soube imediatamente que aquela era a pintura real. O desejo

fervilhante vazou das pinceladas de uma maneira que não fazia na que ainda estava escondida no armário perto de sua cozinha. Era por isso que ele não sonhara com a costa de *A Dama Sombria* nas noites passadas.

— Quando? — Ele perguntou. Ele balançou a cabeça um pouco. Ele poderia descobrir essa parte; ele sabia a última vez que teve o sonho de *A Dama Sombria*.

— Nós dois temos coisas que não podemos dizer — disse Jordan — É assim que somos, não é? Essa foi a única coisa que me fez sentir feia por não dizer.

Ele fez a pergunta que não conseguia adivinhar.

— Por que você fez isso?

A expressão de Jordan era franca.

— Aqui está o acordo: você não me pergunta por que eu fiz isso e não vou perguntar sobre o homem que a pintou. Não posso fazer nada melhor do que isso agora. Foi tudo o que consegui em uma — Ela olhou para o relógio do carro, que estava claramente errado — Sexta à noite às 16:00.

Ele podia sentir sua boca se curvando com o absurdo de tudo. Ele sentiu vontade de rir.

Ele não sabia o porquê. Se era porque ela era engraçada, ou porque ele estava rindo de si mesmo porque era um idiota, ou se era pela forma que seu sorriso largo era tão contagiante quando ela fazia uma piada.

— Então, o que tenho é falso — disse ele.

— Falso é uma palavra forte. Réplica é mais suave, você não acha? Edição limitada, com acabamento manual? — disse Jordan. Ela não era tão apologética quanto se poderia esperar nessas circunstâncias. — Você pode voltar atrás e ir embora, sem ressentimentos. Ou você pode enfiar aquela bolsa velha para trás e vir comigo por um tempo.

Se essa era a pintura real, isso significava que ainda havia papel de apoio a ser puxado da tela, espadas a serem puxadas de pedras. Ele não pensaria nisso. Ele estava tremendo ali parado naquela porta aberta, embora não soubesse se era por causa da noite fria, ou o do avanço da hora, ou da dificuldade do dia, ou da carranca de *A Dama Sombria*, ou do sorriso de Jordan Hennessy.

O que você está fazendo aqui, Declan?

— Você tem uma preferência? — Ele perguntou.

Jordan disse:

— Este carro é de dois lugares, Sr. Lynch.

Ele ficaria sem graça de novo amanhã, disse a si mesmo novamente.

Ele manobrou *A Dama Sombria* para trás e deslizou em seu lugar.

— Onde você está me levando? — Ele perguntou.

Ela colocou o carro em marcha com a certeza impensada de alguém que esteve no carro com tanta frequência que eles são apenas mais uma parte do corpo.

— Como você se sente ao ser o primeiro original de Jordan Hennessy?

***

Eles dirigiram para Georgetown, que ele não esperava, ir com essa garota selvagem a um dos bairros mais cultivados e bonitos de Washington, DC. Aqui, os condomínios históricos aglomeravam-se como amigos íntimos atrás de árvores maduras, tudo bonito e educado. Ele ansiava por uma casa na cidade de Georgetown como ansiava por um *Senador* ou *Congressista* antes de seu nome – ansiava porque gostava da aparência deles, mas também ansiava por gostar do olhar que se seguia quando as pessoas ouviam que você era congressista ou morava em Georgetown.

Jordan estacionou ao longo de uma rua tranquila e escura e pegou uma sacola na parte de trás.

— Desculpe, tem um pequeno caminho a andar. Espero que você tenha seus Crocs.

Juntos, os dois caminharam alguns quarteirões tranquilos até um bairro pitoresco mesmo no meio da noite: luzes quentes da rua, folhas escuras rendadas à sua frente, residências urbanas de tijolos, ferro forjado, hera. Jordan caminhou entre dois prédios altos, passando por bicicletas estacionadas e lixeiras, até um portão baixo do jardim. Tinha um pequeno cadeado. Jordan jogou a bolsa do outro lado do portão, subiu e esperou que ele subisse atrás dela.

A invasão não estava no menu comum de Declan.

Ele fez isso de qualquer maneira.

Na porta dos fundos, Jordan inclinou-se para o teclado e digitou alguns dígitos. A porta zumbiu e abriu. Ela entrou, fez um gesto para ele segui-la e depois fechou a porta atrás dele.

Eles estavam em um salão escuro que, no entanto, estava incompletamente escuro no caminho da escuridão da cidade. As luzes da rua entraram em ouro vermelho pelas janelas da frente e formaram grandes quadrados de luz noturna da cidade através do piso de madeira. A casa cheirava a limão verbena e casa velha.

— Está vazio? — Ele adivinhou.

— Eles alugam às vezes — respondeu Jordan. — Você só precisa acessar o calendário on-line para garantir que ninguém estará vindo. No entanto, é muito cara para a área, então, na maior parte, está vazia.

Ele não perguntou como ela havia conseguido o código, e ela não explicou. Ela fez um gesto para que ele a seguisse, e ele o fez, movendo-se silenciosamente em direção à escada.

— Você não mora aqui.

— Não — ela disse. — Mas dei uma olhada quando estávamos encontrando um lugar na cidade. E agora eu venho de vez em quando para pintar. Não tanto quanto eu costumava.

Estavam subindo agora, um voo, para um segundo andar, que era basicamente uma sala grande e única que devia estar bem iluminada durante o dia, porque estava bem iluminada durante a noite. A luz da rua estava olhando diretamente da janela para eles, e sua atenlçao era esclarecedora. O quarto tinha um lindo tapete persa esfarrapado no chão e uma mesa com pés de garra que parecia que poderia levantar por um biscoito. Cavaletes foram montados em todos os lugares. O ar cheirava a um galgo de concreto. Era muito chique e específico.

— Não sei quem mora aqui — confessou Jordan. — mas eu os amo. Na minha opinião, eles são velhos amantes que não aguentam viver um com o outro, mas não aguentam viver inteiramente sem, e assim mantêm esse lugar como uma espécie de pacto para se verem durante uma semana a cada temporada.

Quando ela começou a desfazer as malas, Declan vagou de cavalete em cavalete, olhando as pinturas nelas. Paisagens, principalmente, algumas paisagens urbanas complicadas de pontos de referência da área de DC. As paredes atrás deles tinham fotos de lugares em todo o mundo em preto e branco. Ele procurou evidências dos velhos amantes que não aguentavam morar com ou sem o outro, mas viu apenas uma mulher mais velha sorrindo para a câmera. Ela parecia apaixonada por seu entorno, não pelo fotógrafo.

— Vou pintar no escuro — disse Jordan. — Inclusive eu não quero ver o que eu crio deixado para meus próprios dispositivos.

Ele se virou para encontrá-la em pé em um dos cavaletes, uma prancha branca preparada e apoiada, sua pequena paleta de tinta aberta com oito cores espremidas ao alcance do pincel em uma mesa fina ao lado dela. O pote de Roxo Tyriano também estava lá, fechado.

Ele apenas olhou para ela ali, de pé com as coisas dela e a tela dela esperando seu rosto, e ele pensou na casa da cidade em Alexandria com seus irmãos.

— Você realmente não quer dizer que esse é seu primeiro original — disse Declan. — Não pode ser — Ele lembrou-se da rapidez com que ela copiou o Sargent no Mercado das Fadas. Quão completamente ele foi enganado pela *A Dama Sombria*. Ninguém era tão bom em ser outras pessoas sem muita prática.

Jordan passou o pincel na tinta.

— Eu aprendi copiando. E então eu copiei para viver. Eu acho que alguns falsificadores diriam que suas pinturas "no estilo de" são originais, mas estão contando histórias de ninar. Então você é o meu primeiro. Estacione seu traseiro — Ela disse e gesticulou para a poltrona à sua frente.

— Como?

— Com sua bunda e glúteos.

Ele riu explosivamente, virando o rosto para fazê-lo, e ela riu também.

Ele sentou.

— Quão parado eu tenho que estar?

— Você pode falar — Ela olhou para a tela em branco. Ela soltou um suspiro e sacudiu as mãos.

— Whoo.

Ela começou. Ele não conseguia ver o que ela estava fazendo, mas não era difícil sentar em silêncio e vê-la trabalhar. Sua atenção passou da tela para ele, checando a realidade contra sua criação e vice-versa. Foi um sentimento estranho ser estudado após anos tentando evitar isso. Ele não tinha certeza de que era bom para ele. Era como brincar nas maquinações criminosas de seu pai; ele sabia que havia uma grande parte dele que secretamente gostava.

— Existem cartas das irmãs de Sargent — disse Declan eventualmente.

Os cantos da boca dela subiram, embora seus olhos continuassem na pintura.

— Conte-me sobre elas.

Ele contou. Ele contou a ela sobre como as pessoas que seriam objeto de futuras pinturas de Sargent escreveram que passariam horas sentadas apenas para vê-lo encarar uma tela vazia, sem fazer nada. Horas e horas passadas na companhia de um pintor que não estava pintando. Apenas de frente para aquela tela vazia. Olhando para elas. Um mago sem mágica.

Uma orquestra quieta no poço. Ele contou a ela como eles escreveram

que, depois de um certo ponto, Sargent atacaria repentinamente a tela, pintando com energia feroz, batendo na tela rapidamente com tinta antes de se retirar para olhá-la, circulando para a próxima rodada.

Ele contou a ela como as escritoras de cartas disseram que ele gritava e xingava a tela enquanto pintava, como se estivesse possuído, e eles tinham um pouco de medo dele e de seu gênio. Ele contou a ela que, se fizesse um traço que não gostava no rosto do sujeito, rasparia tudo e começaria novamente. O único traço que vale a pena manter era o espontâneo.

— Mas é realmente espontâneo, se você fez dez traços espontâneos e os apagou antes? — Perguntou Jordan. — Eu acho que isso não está apenas mostrando às pessoas o trabalho nas margens, não é? Você praticou espontaneidade. Você deseja que o espectador responda à linha infrutífera, mesmo que tenha sido preciso se preocupar para chegar lá. Você está falando sobre eles em vez de sobre você. Verdadeiro desempenho. Que mestre.

Ela estava lhe dizendo algo sobre si mesma.

— Ninguém o conhecia — disse Declan. Ele estava lhe dizendo algo sobre si mesmo. — Todas essas cartas e todos os registros que temos sobre ele. Ele era uma figura tão pública que viveu não muito tempo, mas eles ainda não sabem ao certo se ele tinha amantes.

Jordan colocou o pincel na aguarrás e pressionou as cerdas contra a lateral do frasco até a tinta escurecer.

— Ele tinha pelo menos um — disse ela. — Porque *eu* o amo. Aqui agora. Venha se ver.

Ele se levantou, mas antes de chegar à tela, Jordan levantou-se para interrompê-lo com a mão esticada na sua barriga. Ele estava muito quieto. A sala cheirava a aguarrás e o aroma quente e produtivo das tintas; provavelmente eles deveriam ter aberto uma janela. O galgo de concreto continuava no ar e a amigável luz noturna da cidade continuava esgueirando-se pelas cortinas, e a palma da mão de Jordan permanecia achatada contra sua pele, e não através de sua camisa.

Ele sentiu uma energia zumbindo brilhante através dele, algo que não sentia há muito tempo. Seu estômago estava em ruínas. Sua vida em preto e branco; esse momento em cores.

O telefone de Declan tocou.

Ele suspirou.

Jordan deu um passo atrás, curvando-se um pouco, dando-lhe permissão, o momento instantaneamente quebrado pelo pouco trabalho que o telefone

teve que fazer para capturar sua atenção. Ele pegou o telefone do bolso e olhou para ele.

Matthew enviou uma mensagem: *Por favor, volte para casa.*

Era o texto lamentável de uma criança para um pai, enviado a Declan porque Matthew não tinha pai, e porque era o meio da noite, e ele acordara, se ao menos dormira, e lembrou que era um sonho.

— Eu… — ele começou.

Jordan antecipou suavemente a sugestão. Ela recuou mais um passo para a tela e ali, com o lado de um dos pincéis, raspou todo o trabalho.

— Por quê?

O sorriso lento de Jordan se espalhou mais uma vez.

— Você terá que voltar para outra sessão.

Ele disse a si mesmo que seria apenas naquela noite, e ele quis dizer isso, ele quis, mas ele era um mentiroso, até para si mesmo, e então disse:

— Sim.

CAPÍTULO 57

Dabney Pitts nunca fez nada de heróico em sua vida até aquele dia. Ninguém realmente pediu a ele. Ninguém nunca realmente pediu para ele fazer alguma coisa. Ele tinha 28 anos e nem era muito esperto nem muito estúpido. Ele não era muito bonito nem muito feio, alto nem baixo. Ele era apenas um cara, e antes disso, ele era apenas uma criança, e antes disso, ele era apenas um bebê. Ninguém realmente pediu para ele fazer alguma coisa. Eles principalmente não se lembraram dele. Ele não fazia diferença.

Mas agora ele fez diferença.

Ele trancou aquela mulher estranha no freezer.

As velhinhas pareciam muito ruins. Quando ele chegou em casa depois de ficar chapado com Welt, ele as encontrou atravessando as escadas de uma maneira não natural. A boca de Mags estava aberta e havia um pouco de sangue nela. Na sua língua. Escorregadio, mais ou menos. Ela não tinha tantos dentes quanto ele. Ele não tinha certeza se era uma situação nova. Olly parecia um pouco melhor, mas um de seus olhos parecia errado. Caído não era a palavra para isso, mas era melhor do que amassado, porque era difícil amassar algo tão molhado quanto um globo ocular.

Ele encontrou uma mulher que se parecia muito com uma versão mais madura da nova inquilina das velhinhas escondida no quarto com sangue respingado nela. Ele a forçou a entrar no freezer com uma faca de cozinha. Ele tinha uma ideia de que, caso contrário, ela poderia rastejar pela janela. O armário da vassoura poderia ter funcionado, mas ele não tinha como trancá-lo e, de qualquer forma, era muito trabalho extrair todo o material que ela poderia usar como arma. Ela era obviamente perigosa.

É mais fácil colocá-la no freezer no espaço de rastejamento e colocar alguma merda em cima.

Ela disse:

— Por favor, não faça isso.

— Está desligado — ele disse a ela.

— Apenas me deixe ir.

— Cale a boca — ele respondeu, e a onda de bravura em sua cabeça foi quase demais para Dabney Pitts. Ele não tinha certeza de que era construído para isso. Ele estava indo bem, ele pensou, até que essa recente virada para baixo o levou a um quarto de hóspedes na Rider House depois que ele usou o

resto dinheiro do aluguel em maconha e o aluguel de Redbox daquela nova comédia que envolvia uma casa de praia e aquela atriz que ele achava fofa como um coelho.

— A ajuda está chegando — disse ele a Olly agora. Provavelmente isso não era verdade.

Este não era o tipo de bairro e casa a que os policiais se apressavam, não como os bairros suburbanos brancos e agradáveis, onde não esperavam que coisas ruins acontecessem. As pessoas, inclusive os policiais, esperavam que coisas ruins acontecessem na Rider House.

Isso não as tornava menos ruins; apenas parecia torná-las menos emergenciais.

Ele não tinha certeza se Olly estava acordada para ouvi-lo. Ele notou que Mags tinha um pouco de sangue saindo dos ouvidos dela. Isso não parecia bom.

Ele imaginou que poderia ter marchado a nova mulher na ponta da faca para os policiais. Talvez. Apenas a ideia o fez sentir-se enjoado. Mesmo se ele não tivesse um mandado aberto, sua coragem já havia sido sobrecarregada; ele estava começando a se sentir desconfortável nessa casa escura com essas duas mulheres que pareciam menos vivas do que ele gostaria, com uma mulher que havia visitado algum tipo de violência bloqueada em um congelador quente no andar de baixo.

Ele seria uma pessoa mais corajosa a partir de agora, ele pensou. Ele ligaria para a irmã e pediria desculpas por tirar o dinheiro da lata de café enquanto ela estava fora. Ele ia nadar um pouco rio acima. Talvez ele não tenha sido construído para essas coisas, mas também não foi feito para *isso*. Ele poderia ter músculos.

Ele se sentou ao lado de Olly e pegou a mão dela. Estava muito fria. Ele disse: — Apenas espere.

CAPÍTULO 58

Ronan era uma nuvem e ele estava chovendo.

— Todo mundo pensa que seu mundo é o único. Uma pulga acredita que um cachorro é o mundo. Um cão acredita que o canil é o mundo. O caçador acha que seu país é o mundo. O rei acredita que o globo é o mundo. Quanto mais longe você fica, mais amplo fica, mais alto fica, mais percebe que não entendeu os limites do que é possível. Do que é certo e errado. Do que você pode realmente fazer. Perspectiva, Ronan Lynch — disse Bryde. — É isso que devemos ensinar a você.

Era um sonho confuso, sem toda a clareza de seu sonho na mansão. Dentro do sonho, ele não conseguia se lembrar do que sonhara com sucesso, apenas que tinha sido mais nítido que este. Lembrava-se principalmente de ser uma nuvem. Foi muito tranquilo. Ninguém esperava muito de uma nuvem, a não ser para fazer o que devia. Ele podia ouvir o pequeno tamborilar da precipitação lá embaixo.

— Você vai fazer isso a noite toda? — Bryde perguntou.

Ronan não respondeu, porque ele era uma nuvem. Ele estava feliz por ter sido poupado da conversa, realmente. As palavras pareciam exaustivas e ele ficou aliviado ao descobrir que não tinha as partes necessárias para formá-las. Ele se espalhou pelo céu incolor e choveu um pouco mais. Ele trovejou um pouco.

A voz de Bryde parecia um pouco irritada.

— Você não vai a lugar nenhum, então é melhor contar uma história. Você vai ficar quieto?

Ronan não cessou completamente o trovão, mas mudou para um rugido baixo.

— Provavelmente você já ouviu isso antes, seu pai de Belfast, sua mãe de um homem de Belfast que sonha: o falcão de Achill — disse Bryde. — O falcão de Achill era o homem mais velho da Irlanda, então aqui vai a história. Ele nasceu em Fintan mac Bóchra, em um lugar distante da Irlanda e, quando o dilúvio de Noé estava vindo, ele fugiu para a Irlanda com dois outros homens e cinquenta mulheres. O dilúvio de Noé lavou seus companheiros e o mundo tolo dos homens, mas Fintan se transformou em salmão e viveu.

Ronan viu vagamente, de cima, sua chuva fazendo pequenos buracos interessantes na vasta superfície do oceano e, mais profundo, vislumbrou um

salmão cavando através da água. No caminho de um sonho, ele podia estar acima da água e abaixo dela de uma só vez, e observou o salmão navegar por estranhas florestas de algas e por criaturas assustadoras do mar aberto.

— Fintan percorreu o oceano e aprendeu tudo sobre aquele mundo estranho que ele não poderia conhecer como homem. Depois que o dilúvio secou, ele pode se tornar um homem novamente, mas adquiriu um gosto por mundos além daquele em que nasceu. Tendo aprendido o mundo dos homens e o mundo dos peixes, ele se transformou em um falcão e passou pelos céus pelos próximos cinco mil anos, tornando-se o homem mais sábio da Irlanda.

Agora Ronan viu isso também, o falcão com suas penas nítidas girando através dele, tão hábil e ágil com seu vôo que a chuva nunca o tocou.

— Você pode aprender muito quando vê algo através dos olhos de outra pessoa — disse Bryde, e ele parecia um pouco triste. — Você pode aprender muito quando o vê de baixo ou de cima. Você pode aprender muito quando vê gerações viverem e morrerem enquanto voa em círculos lentos e altos em um céu em mudança.

A nuvem que era Ronan começara a chover em uma praia pálida ao lado da água azul-turquesa. Ele estava começando a se sentir uma merda novamente. Ele retumbou; as palavras estavam voltando para ele e ele não as queria.

Bryde disse:

— Algumas das histórias diziam que Fintan finalmente se transformou em homem e finalmente morreu. Mas alguns deles dizem que ele ainda está lá em cima, voando muito acima do resto do mundo, mantendo toda a sabedoria e segredos do mundo naquela mente antiga. Cinco mil anos de conhecimento, cinco mil anos abaixo e acima. Imagine o que você poderia aprender se estendesse o braço e o falcão de Achill pousasse nele.

O sonho mudou abruptamente.

Ronan estava em uma costa fria familiar. A nuvem se foi; ele tinha seu corpo humano de volta. O vento agarrou suas roupas e jogou areia contra sua pele quando ele enfrentou um oceano azul-turquesa diante dele. Ele sabia, sem olhar, que haveria pedras negras caídas atrás dele.

O oceano de A Dama Sombria.

Ronan sentiu-se intensamente presente, ali na margem de *A Dama Sombria*. A pintura, ele pensou. A pintura deve estar de volta sob o teto de Declan.

— Aí está você de novo — Bryde disse ironicamente.

Ele estava aqui, sim, e agora que não era Ronan-a-nuvem, tinha em mente todas as preocupações de Ronan-o-garoto.

— Matthew me odeia.

— Você queria que ele fosse estúpido para sempre? — Bryde perguntou. — A sabedoria é difícil. Você acha que o falcão sempre foi feliz com o que aprendeu?

— Ele acha que eu sou um mentiroso.

— Então, talvez — Bryde disse. — você não deveria ter mentido.

Ronan colocou as mãos atrás do pescoço, assim como Matthew na igreja. Ele fechou os olhos.

— Talvez a próxima criatura em que você deveria se transformar em seus sonhos deva ser um sonho — disse Bryde. — O que você acha que um sonho quer?

— Fodidamente *tudo*.

— O que um sonho quer?

— Não quero jogar agora.

— O que um sonho quer?

Ronan abriu os olhos.

— Viver sem o sonhador.

— Olhe para mim — disse Bryde.

Ronan se virou, protegendo os olhos. No alto das rochas negras, ele viu uma silhueta contra o cinza.

— Você está pronto para a próxima parte do jogo — Bryde chamou. — Eu também. Mas eu já fui queimado antes. Espere, digo a mim mesmo, espere, devagar, círculos altos, observando.

— Não me diga que não salvei Hennessy — disse Ronan. — Eu estava lá. Eu mantive minha palavra.

Bryde disse:

— Ela só está com medo. Ela sabe o que os sonhos querem, e ela quer isso para seus sonhos. Você quer isso para Matthew?

Ele já sabia que Ronan queria isso para Matthew. Nem precisava ser dito. Ronan queria isso desde que soube que Matthew era um sonho dele.

Bryde disse:

— Eu também quero.

— Você sabe como fazer isso?

A silhueta nas rochas examinava o céu como se procurasse o falcão da história. Então Ronan viu a silhueta visivelmente quadrada nos ombros.

Estimulando. Preparando.

— No próximo quadrado — disse Bryde. — Os coelhos estão chegando até você. Quadrado seguinte. Você está pronto?

Ronan estendeu os braços de ambos os lados.

— Estou aqui, não estou?

Bryde disse:

— Você estava me esperando; ela estava esperando por você. Quando ela esticar o braço, atenda a chamada. Lembre-se de que os falcões têm garras.

Ronan acordou.

Era cedo, de manhã cedo. A luz através das persianas ainda era a laranja feia das luzes da rua do lado de fora, cercando sua visão em ripas estreitas. O telefone dele estava tocando na mesa de cabeceira do quarto de Declan.

Ele atendeu.

CAPÍTULO 59

Dez anos atrás, J. H. Hennessy havia se matado.

Um tiro, calibre 45. A arma pertencia a um amigo da família, segundo os relatórios. Estava registrada, tudo nos conformes exceto pela parte em que matou alguém, e talvez até isso, porque não é esse o sonho de todo homem? Havia música tocando quando aconteceu. Uma gravação de jazz antiga, a voz de uma mulher tocando e pulando enquanto o som tocava e estalava. Jay estava em um grande armário. As luzes estavam apagadas. A única iluminação vinha de uma pequena janela alta e tudo o que a luz tocava ficava cinza. Ela estava vestida com sutiã, calcinha e uma túnica. Rímel havia escorrido pelo seu rosto. Ela estava segurando uma arma na própria cabeça e estava ouvindo a porta se abrir.

Isso não estava nos relatórios, mas Hennessy sabia disso porque foi ela quem abriu a porta.

— Mãe? — Hennessy disse.

— Você não sentirá minha falta — disse a mãe de Hennessy.

— Espere — disse Hennessy.

O cano da arma brilhou.

Também não estava nos relatórios que Jay morreu decepcionada. Não deveria ser Jordan Hennessy, sua filha, quem abriu a porta do armário. Era para ser Bill Dower. Durante toda a semana ela estivera cortejando a atenção dele através de uma série de freios e contrapesos, explosões emocionais e retiradas reticentes, e concluiu a montanha-russa emocional da semana colocando-se naquele armário com a arma. Hennessy entendeu agora que Bill Dower deveria sentir pena dela e encontrá-la; Bill Dower deveria tirar a arma da mão dela.

Hennessy entendeu agora que ela não fora importante na equação, que sempre teve apenas duas variáveis: Jay e Bill Dower. Hennessy era uma daquelas pontas soltas no meio, importante apenas quando ela precisava interagir com uma variável.

Ela não deveria abrir a porta do armário.

Era para ser Bill Dower.

Era para ser Bill Dower.

Era para ser Bill Dower.

Mas Hennessy arruinou a organização, estragando a surpresa de sua mãe com a arma e também provando que Bill Dower não estava chegando, os

jogos terminaram.

E tudo o que ela podia dizer era...

Espere.

Depois, os terapeutas diriam que ela estava lidando com isso melhor do que eles esperavam.

Claro que sim, pensou Hennessy. Ela esperou por anos que sua mãe matasse a si mesma ou a matasse.

Ela estava uma bagunça, disse Bill Dower. Que bagunça linda.

Tal mãe, tal filha.

Mas Jordan não era uma bagunça, pensou Hennessy. A única bagunça de Jordan era viver com Hennessy. Hennessy, que disse a pior coisa possível para ela no estacionamento de Senko na noite anterior. De onde veio essa idiotice? Quem era essa pessoa que zombaria de que ela era a sonhadora, e Jordan apenas o sonho, como se Jordan não fosse mais competente em viver de todas as maneiras?

Hennessy era a pessoa.

Ela sabia que todas as meninas estavam decepcionadas com ela. Ela viu nos rostos delas quando voltou naquela noite. Jordan estava certa.

Alguma coisa sobre Ronan Lynch, sobre outro sonhador, as permitiu ter esperança mais do que qualquer outra coisa que ela já viu. Elas viram o que ele poderia fazer e pensaram que Hennessy, com uma pequena ajuda, poderia fazer o mesmo. Elas não entendiam.

— Onde está Jordan? — Perguntou June.

— Tivemos uma briga — disse Hennessy. — Ela vai superar isso.

E ela podia ver nos rostos delas que estavam orgulhosas de Jordan.

Ela foi para o estúdio fumar um cigarro. Ela odiava que elas tivessem esperança, mas mais do que isso, odiava que elas tivessem esperança sobre ela. Ela iria decepcioná-las novamente. Ela sempre as decepcionava. Suas pobres meninas. Que bagunça.

No início da manhã, o despertador tocou e, em vez de redefinir, ela ligou para Ronan Lynch.

***

Ele a encontrou em um lugar chamado Shenandoah Café, perto de Gainesville, a oeste de DC, um restaurante localizado na direção oposta do tráfego da hora do rush e aberto na hora absurdamente cedo que ela o chamara. Não estava tão vazio quanto se esperaria, dada a hora; a clientela tinha uma vaga de parada de caminhões, embora o café em si fosse muito

mais fraco do que a típica parada interestadual. Pisos de madeira quebrados, prateleiras primitivas de lojas do chão ao teto, cabines amontoadas em torno de mesas de exibição de batentes com tampo de vidro, todos os cômodos cheios de centenas - talvez milhares - de bugigangas. De acordo com um sinal do registro, essas bugigangas haviam sido doadas por clientes de todo o mundo. Algumas pareciam valiosas, como xícaras de porcelana finas em pergaminho, e outras pareciam inúteis, como patos de borracha Drácula. Era uma instalação em que o ruído, e não o valor, era a medida relevante de sucesso.

A anfitriã os havia deixado em uma mesa que continha rosas de metal, sinos dourados e ocarinas gravadas. A prateleira ao lado continha livros vazios e navios em garrafas e abridores de cartas Excalibur.

Ronan disse:

— Minha família costumava vir aqui.

— Você e o grande D. Declan — Ela tentou a palavra novamente enquanto pegava o cardápio. Tudo o que você poderia querer, contanto que você quisesse café da manhã. — Eu não sei como você não diz o nome dele o tempo todo. É como chocolate na boca, não é?

Ele a olhou com um silêncio inexpressivo. Ele teve um silêncio de julgamento que dizia muito mais que palavras. Esse silêncio em particular indicava que ele achava estúpido que ela estivesse barulhenta quando ele estava sendo sério, não gaste a porra do tempo dele.

Hennessy levantou uma sobrancelha e atirou para trás seu próprio silêncio, que era menos matizado. Dizia algo do tipo *Desculpe, cara, barulho é tudo o que tenho porque estou com medo de morrer e morrendo.*

Violinos tristes, disse o silêncio de Ronan.

Não preciso da sua pena, disse Hennessy.

— Bom dia, crianças — A garçonete apareceu e, sem aviso prévio, começou a espalhar café de uma jarra de metal velha nas canecas já montadas em guardanapos diante deles. Ela era uma mulher mais velha, gorda e de olhos brilhantes. Seu crachá dizia "Wendy", como se fosse um apelido, sua verdadeira identidade escondida da clientela regular do Shenandoah Café. Ela se inclinou para receber os pedidos, confidencialmente, como se fossem interrogações secretas, depois bateu o lápis no bloco e saiu.

Ronan esperou.

Hennessy suspirou e deslizou para o lado do estande com sua caneca de

café. Ela desejou poder fumar um cigarro. Ela queria algo mais para fazer com as mãos.

— Ok então, o que você quer saber? Eu tive o mesmo sonho desde que minha mãe morreu. Toda vez que fecho meus olhos por tempo suficiente para sonhar, começa sempre o mesmo. Sempre a mesma merda, sempre horrível.

— Qual é o sonho?

— Eu li — disse Hennessy. — que o sonho recorrente mais comum na América é estar caindo. Eu imaginaria fazer o teste. Ouvi dizer que isso é comum para perfeccionistas.

— Qual é o sonho?

— Supostamente, os amantes podem compartilhar o mesmo sonho se suas cabeças estiverem próximas — Acrescentou Hennessy, um pouco desesperada, segurando os dedos para demonstrar. — Mas não muito revisado por especialistas. Pelo menos a postagem do blog que li disse que não era.

— Qual é o sonho?

Wendy deslizou a comida na frente deles. Ela se inclinou para perto, de maneira conspiratória, e perguntou se poderia conseguir algum condimento para eles. Ronan olhou para ela com seu pesado silêncio. Dizia: *Saia daqui, estamos tendo uma conversa particular.*

Ela deu um tapinha na mão dele.

— Você me lembra meu garoto — disse ela com carinho, e se retirou.

Ronan virou esse silêncio para Hennessy, colocando-o por cima de um waffle em que Wendy borrifou um rosto sorridente de chantilly.

Hennessy olhou para o prato, que continha quatro triângulos de rabanada, todos apontando na mesma direção, em direção à porta. Ela engoliu em seco.

— É — ela disse.

Ela tentou nem pensar nisso enquanto estava acordada. Parecia contagioso. Era o mais próximo que ela chegara em uma década e era ruim. Incrivelmente ruim.

Ela não disse mais nada. Ela não conseguiu. Ela só teria que decepcionar Jordan e as outras garotas. Jordan não sabia como era.

Ronan virou os braços para que as mãos dele pousassem com a palma da mão na mesa entre eles e, por um momento, ela pensou que ele estava fazendo um gesto elaborado de *vamos lá*. Mas, em vez disso, ele disse: — Essas são de pesadelos.

Ela teve que se inclinar para olhar. Cicatrizes brancas enlouquecidas

percorreram seus antebraços, talhadas por uma arma considerável.

— Horrores da noite — disse ele. — Garras como essa — Ele transformou seus dedos em garras, e então imitou-os rasgando-o, dedos saltando por cima das pulseiras de couro que escondiam o pior e até o cotovelo. — Dois dias no hospital.

Ele não adicionou nada sentimental como *Vamos superar isso* ou *Eu já passei por isso, você pode confiar em mim*. Ele apenas retirou os braços e esmagou o sorriso de chantilly em seus waffles com as costas do garfo. Ele disse: — Todos acharam que era algo fácil como lâminas de barbear. E eles não conseguiam entender nem isso.

Ronan não era Jordan. Não era um sonho. Ele sabia como era.

— O Laço — sussurrou Hennessy.

Ela podia sentir seus ouvidos zumbindo. Pequenas faíscas dançavam nos cantos de sua visão. Ela teve que largar a xícara de café porque seus dedos não a seguravam; eles estavam fracos e formigando. Ela estava com tanto medo que pensou que desmaiaria. Ela precisava de seu despertador...

Estalo.

Ronan estalou os dedos na frente do rosto dela. Ela se concentrou agudamente nos dedos dele, bem na frente dela.

— Você está acordada — disse ele. Quando ela não disse mais nada, ele entregou a ela uma das xícaras de café viradas e acrescentou: — Respire fundo.

Enquanto ela respirava na caneca fria, ele cortou o waffle em quatro mordidas enormes e comeu duas delas.

— Sou eu — disse Hennessy. A voz dela estava muito baixa. Ele teve que se apoiar nos cotovelos para ouvi-la. — E isso.

Em sua mente, estava se desenrolando, claro como o sonho. Hennessy, pequena, insubstancial, frágil, toda habilidade, poder e esperteza que ela tinha, ridícula e humana. No entanto, era enorme de maneiras que sua mente humana não conseguia entender completamente. Estava escuro, mas, novamente, escuro era uma descrição incompleta.

Forma e cor eram conceitos tridimensionais e era algo além disso. Onde estava mais perto dela, pareciam inclinações geométricas e recortes, através dos quais ela podia ver a luz por trás. Ou talvez incluído nela. Parecia uma renda agitada e iminente.

— Ele me vê — disse Hennessy, com uma voz ainda mais calma. As mãos dela estavam tremendo. Deus, isso podia vê-la *agora*, ela tinha certeza

disso, porque ela havia dito em voz alta, e isso foi suficiente para trazê-lo para o mundo acordado. — O sonho começa, e está lá, e então ele me *vê*...

Os ombros dela também tremiam agora. Ela podia sentir as lágrimas nos olhos, mas não conseguia convencê-las a ir embora.

Ronan a observava atentamente, pensativo.

— Como é isso? — Ele perguntou.

— O Laço — Hennessy sussurrou. — Parece renda. É enorme. Eu não consigo explicar. É alguma coisa…

Wendy reapareceu. Ela estava segurando uma jarra de café, mas ficou ali com ela pairando sobre a mesa, olhando para Hennessy, com lágrimas nos cílios, mãos trêmulas e comida não consumida.

Ronan olhou para Wendy com seu pesado silêncio, mas não era suficientemente complexo para oferecer uma desculpa para Hennessy.

— Querida, você está bem? — perguntou Wendy, confortadora.

Com um soluço de lágrimas trêmulas, Hennessy conseguiu dizer:

— Estou grávida dele. Posso tomar suco de laranja?

Wendy lançou a Ronan um olhar menos maternal antes de desaparecer.

Ronan balançou a cabeça, com partes iguais de admiração e descrença.

— Você é uma verdadeira idiota. Olhe para você. Você não pode evitar. Você está fora de si. Você será uma idiota no seu leito de morte.

Hennessy riu trêmula e colocou rabanada na boca. Ela não estava sangrando. Ela disse isso em voz alta e não estava sangrando. Ela não tinha outra tatuagem sufocando a garganta. Ronan estava certo. Ela estava acordada. Ela estava acordada. Ela estava acordada.

O despertador tocou. Ela reiniciou.

— Meu namorado viu algo assim — disse Ronan. — Não sei se é a mesma coisa que você está vendo. Mas ele é psíquico e descreveu algo semelhante a isso. Também assustou ele.

— Como ele chama isso?

Ronan esfaqueou seu terceiro quarto de waffles.

— Nada. Ele gritou. Como se estivesse morrendo. Quando perguntei o porquê, ele disse que era porque isso tinha visto-o. Parecia que isso era provavelmente a pior coisa que ele poderia imaginar.

— Parece uma combinação — disse Hennessy. Ela ainda estava tremendo, mas podia tomar um pouco de café. Wendy trouxe suco de laranja, deu um tapinha na mão dela e saiu novamente. — Eu gosto dessa velha esquentadinha. Ela vai no embalo.

— Como isso te machuca? O laço?

Era mais difícil de descrever, não porque era mais assustador, mas porque não era um processo que seguia a lógica vigilante. Era um processo que seguiu a lógica dos sonhos, e a linguagem acordada não era adequada.

— Ele quer... ele quer sair. Ele quer que eu o *traga* para fora. Sabe que posso. Então eu... luto, eu acho. Eu resisto. E eu sei que quando eu fizer isso, o Laço me machucará por isso. Ele diz que se eu não o soltar, ele vai me matar.

— O Laço fala?

— Na verdade não. É como... discurso dos sonhos? Eu devo acreditar que está em voz alta, mas não está.

Ele assentiu. Ele entendia.

— Ele diz que matou minha mãe e também vai me matar.

Isso fez Ronan parecer bastante perspicaz, como um falcão, de repente. Ele disse: — Isso *realmente* a matou?

— Ela deu um tiro na cara — disse Hennessy.

— Então está mentindo. Ou melhor, seu subconsciente está mentindo.

Hennessy retrucou:

— O quê?

Ele olhou para cima, seu último quarto de waffles caindo do garfo.

— Pode ser real, ou pode ser o seu subconsciente, como os horrores da minha noite — Ele fez uma pausa, no entanto, franzindo a testa, como se algo sobre suas próprias palavras o intrigasse.

Hennessy disse:

— Então seu Bryde é seu subconsciente?

— Bryde sabe coisas que eu não poderia saber, como você se afogando — ressaltou Ronan. — O que o Laço sabe?

Hennessy pensou, e então ela disse:

— Seu namorado.

Aquela flecha acertou seu alvo.

— Bryde me disse para parar de dizer isso — disse Ronan. — Perguntar se algo nos meus sonhos é real. Ele disse que para os sonhadores, é sempre real, porque pertencemos aos dois mundos. Acordando e dormindo. Um não é mais verdadeiro que o outro.

— Você acredita nisso? Quando você sonha em estar nu na frente da classe, isso é real?

Em vez de responder, Ronan disse:

— Há uma grande parte que não estou entendendo aqui. Onde as cópias entram?

— Bem, eu tenho que trazer algo de volta — disse Hennessy. — E eu não posso trazer o Laço.

O telefone dele tocou. Uma mensagem de LYNCH BBK. Ele ignorou.

— Espere. Por que você não traz nada de volta?

Ela não entendeu.

— Você está me dizendo que não sabe como manter os sonhos na cabeça?

Hennessy pegou o telefone com irritação.

— Por que você acha que defino um despertador o tempo todo durante a última década? Você acha que eu simplesmente gosto?

— Antes do Laço, no entanto — disse Ronan. — Você não trazia algo de volta toda vez que sonhava, certamente — Ele viu a resposta em seu rosto — Merda, cara. Você quer dizer que nunca foi capaz de evitar isso?

— Você está me zoando?

— Estou falando sério. Você não pode manter seus sonhos em sua cabeça?

— Eu não sabia que alguém poderia — disse Hennessy. — Eu tentei. As meninas são minha melhor solução. Existe apenas eu e ele no sonho, e não posso trazê-lo, então eu me trago - a cópia - e me machuca quando acordo. E me dá essa pequena marca clássica.

Ela apontou para a tatuagem na garganta, tomando cuidado para não tocá-la; ainda estava sensível.

— E você nunca contou isso a ninguém antes — disse Ronan. — Todas as meninas acham que são apenas as cópias que estão matando você. Elas não sabem que você está se impedindo de manifestar um demônio.

— Quando você coloca dessa maneira.

Ronan deixou escapar um longo suspiro.

— Porra, Bryde. O que você quer que eu faça aqui?

Ele pegou sua carteira e pegou algumas notas. Ele jogou-as no final da mesa e esfregou a mão no rosto várias vezes.

— Agora você sabe por que eu disse que você não poderia me ajudar — Hennessy disse a ele. Mas ele meio que já tinha ajudado. Era um pouco menos terrível finalmente ter dito isso em voz alta.

— E eu não posso — disse Ronan. — Não sozinho. Como você se sente em relação a árvores?

CAPÍTULO 60

Farooq-Lane finalmente encontrou Parsifal por causa dos cães.

A noite tinha passado e a manhã tinha passado e o dia já estava bem encaminhado, quando ela os viu. Eram apenas três vira-latas descuidados de três tamanhos desalinhados dando toda a sua atenção para uma lixeira atrás de um centro comercial e não tinha nenhuma razão para parar exceto que ela pensou consigo mesma, *não seria terrível se eles estivessem comendo Parsifal?*

Ela não tinha motivos para pensar que estavam, mas era uma ideia tão horrível que ela parou ao lado da lixeira. Ela fez uma quantidade enorme de barulho quando saiu, batendo palmas e batendo os pés, seu coração vibrando desagradavelmente. Porque estava tensa, ela achou que eles iriam brigar, mas eles eram apenas vira-latas comuns, não monstros, e fugiram imediatamente com o olhar culpado de cães domesticados pegos no lixo.

E então ela viu Parsifal.

Ou melhor, ela viu suas pernas saindo de trás de uma caçamba de lixo.

Ah, Deus.

Com esforço, ela se fez dar um passo, e então outro, e então outro, pisando na sombra do centro comercial.

Ele não foi comido.

Era pior.

Farooq-Lane frequentemente se pergunta se seu irmão pretendia matá-la também.

Ele claramente cronometrou seu ataque em torno de sua visita a Chicago. De acordo com os relatos de várias testemunhas, a arma disparou assim que seu táxi foi visto entrando na vizinhança. Difícil de dizer se ele tinha cronometrado corretamente para ela ser a primeira a encontrar as vítimas, ou se ele tinha cronometrado errado e queria que ela já tivesse dentro da casa quando o disparo aconteceu.

Ela pagou o taxista e rolou sua mala pequena e atraente e olhou para casa dos pais. Era perfeita como a de uma revista: uma pedra marrom com grandes escadas, velhos arbustos e árvores plantadas na frente. O que pessoas que moravam na cidade gostariam de ver quando eles suspiravam e se estagnavam em com colegas de quarto em apartamentos. Seus pais estavam se mudando para os subúrbios no fim do ano, e isso ia ser dela. Ela era a jovem profissional que queria a vida da cidade, eles disseram, e poderia agora

assumir o pagamento da hipoteca.

Seria uma vida tão linda, ela pensou.

Ela rolou até a calçada, bateu sua mala nos sete degraus e encontrou a porta aberta.

Conforme entrava, ela teve três pensamentos claros.

Um: O gato ia sair.

Dois: Tinha uma tesoura aberta apoiada diretamente no tapete interno do piso. Era o símbolo de Nathan, sua obsessão. Ele pendurava tesouras sobre sua cama quando criança, e também sobre a de Farooq-Lane até que ela o fazia tirar. Ele as desenhava em seus cadernos e na parede atrás de sua cama. Ele colecionava tesouras velhas em caixas.

Três: Tinham cérebros sobre a mesa.

Ela não se lembrava do dia depois disso. Tudo o que ela pensava que se lembrava sempre acabava sendo algo que alguém lhe explicou depois.

— Parsifal — Farooq-Lane disse e caiu de joelhos ao lado dele.

Suas mãos pairaram sobre ele, tentando decidir o que fazer. Parecia tolice que ela tivesse empacotado comida para ele agora. Como se isso fosse consertar alguma coisa. Como se isso pudesse consertar alguma coisa. Como se alguma coisa fosse estar consertada de novo.

— Eu procurei por você a noite toda — ela disse. Ela estava tremendo, quer fosse porque estava fora do alcance do sol aqui, ou de olhar para ele. Ela não suportava olhar para ele, mas não suportava não olhar.

A voz dele era muito leve.

— Eu teria te matado.

— O que... o que eu posso fazer?

Ele disse:

— Você pode arrumar meus braços?

Os dois braços repousavam em ângulos estranhos, como se ele tivesse sido jogado e depois fosse incapaz de se endireitar. Cuidadosamente, Farooq-Lane colocou a jovem mão esquerda rechonchuda no peito dele e, em seguida, colocou a mão direita angular e normal por cima.

Ele tinha duas idades em uma, dividido mais ou menos ao meio. Seu lado direito era o Parsifal que ela conhecia, um adolescente, o mais velho que ele iria ficar. E seu lado esquerdo era um Parsifal muito mais jovem, todo o lado direito torcido e deformado para combinar com o quão menor ele estava. Era impossível e ainda assim estava lá.

Essa foi a primeira indicação que ela viu do que deveria ter sido sua

verdade antes dos Moderadores o encontrarem e recrutarem. Como todos os Visionários, ele seria pego mudando dentro de sua própria linha do tempo. De bebê a criança, a adolescente, ao mais velho que ele pudesse. Repetidamente, ele trocaria de uma idade para outra, trazendo o som de todos aqueles anos vividos entre elas com ele, matando todos perto o suficiente para ouvir. Até os Moderadores mostrarem a ele como virar a mudança para dentro, criando visões melhores... e eventualmente destruindo-o.

Ela nunca tinha visto.

Ela não achava que era assim que deveria ser. Isso não parecia nem com uma mudança nem com uma visão final mortal.

— Você pode mudar de novo? — Farooq-Lane perguntou. — Pode voltar para jovem se eu for embora?

O peito irregular e torcido de Parsifal subia e descia, subia e descia. Com esforço, ele disse: — Eu parei. A visão. No meio do caminho. Essa vai me matar e eu...

Ele fez isso consigo mesmo?

Ele murmurou algo em alemão. Então ele engoliu e completou: —... Eu preciso que você veja a última visão quando eu a tiver, para que não seja por nada.

— Ah, *Parsifal*.

Parsifal fechou os olhos. Era um pouco mais fácil olhar para ele daquela maneira. Ele havia perdido os óculos em algum lugar e seus olhos já pareciam estranhos e nus sem eles, mesmo sendo de dois tamanhos diferentes.

— A visão vai ser importante para você.

— Para todos — Farooq-Lane disse.

— Par você — Ele disse de novo. — Alguém importante para você. Ah...você...está...você...está...você... — As pernas dele estremeceram.

Farooq-Lane pegou sua mão direita.

— Estou aqui.

Ele sussurrou:

— Eu não estou cansado de você.

Então ele começou a ter a visão.

CAPÍTULO 61

Farooq-Lane já tinha visto o fim do mundo antes. Foi depois que os Moderadores localizaram Nathan na Irlanda, mas antes de organizarem o ataque em sua localização.

Quando o atual Visionário a encontrou, Farooq-Lane estava sentada no velho bar do hotel, segurando uma caneca intocada de cerveja que um homem havia comprado para ela. Ela não sabia como era seu benfeitor. Ele perguntou se ela queria uma bebida, e ela olhou através dele sem responder, e ele disse ao barman: *Pegue uma bebida e um padre para essa mulher* e deixou-a por conta própria. Antes de entrarem no carro, o Visionário veio até ela. Cormac era o nome dele.

Ela ia matar Nathan. Pelo que ele havia feito: matou muitas pessoas. E pelo que ele podia fazer: matar muito mais.

O hotel estava lotado naquela noite, ela pensou. Havia uma televisão reproduzindo esportes, e homens e mulheres assistiam e estavam barulhentos. Eles se moviam ao redor dela como planetas orbitando um sol queimado.

Eles iriam matar Nathan.

Cormac a encontrou no bar e perguntou se ela queria saber por que eles estavam fazendo tudo isso.

Eu posso te mostrar, ele disse. *Você não será capaz de esquecer, no entanto.*

Cormac estava sendo o Visionário dos Moderadores há meses até então, e ele era experiente. Se ele já tinha sido um Visionário fora de controle, era difícil imaginar. Ele era um homem de meia idade, de aparência sólida, com pés de galinha confiáveis em volta dos olhos escuros. Ela não sabia até então que era o mais velho que ele sequer alcançaria.

É a verdade? ela perguntou.

A menos que paremos.

Então ela deixou que ele a mostrasse. A vida já era algo que ela não podia esquecer. Ela poderia muito bem *saber*.

Ele a atraiu para um corredor lateral. O tapete era de lã verde velha, usado como calço, e o papel de parede era marrom e branco, como lembrança.

— Não tenha medo — disse ele. — Ainda não é real.

Ele a abraçou. Ela sentiu o cheiro de um xampu desconhecido, suor antigo e um pouco de cebola. Foi um abraço com um estranho, que sempre era peculiar porque braços, costelas e quadris desconhecidos não se encaixam

corretamente.

E então ela sentiu outra coisa. Algo... efêmero. Algo completamente fora de seus corpos.

Estava chegando.

Seu corpo zumbia com estranheza.

Ela poderia dizer que estava chegando.

Talvez eu deva mudar de ideia, ela pensou.

Mas ela não conseguia mudar de ideia.

Estava chegando.

Isso é...

Ela só teve tempo de se perguntar se já estava acontecendo e ela estava perdendo, e então a visão a atingiu.

***

A visão de Parsifal a atingiu da mesma forma naquele estacionamento atrás do shopping.

A visão era como se ela estivesse sendo dissolvida dos pés para cima. Os dedos dos pés estavam dormentes, depois as pernas e o corpo. Não havia dor. Não havia sentimento.

Não havia nada.

A escuridão fria do estacionamento derreteu no brilho de uma tarde diferente. Farooq-Lane e Parsifal caminhavam ao lado de um matadouro interestadual cheio de carros. Tudo brilhava com exaustão e fumaça. Ela percebeu pelos sinais de que estava nos Estados Unidos. Pelas árvores, provavelmente estava a leste do Mississippi. Havia uma cidade à frente deles, e os carros dos dois lados da rodovia seguiam na mesma direção: para longe.

Estava em chamas.

Tudo o que não era da interestadual estava pegando fogo. Uma cidade em chamas; o mundo em chamas.

O rosto dela queimou com isso.

Isso nunca se apagaria, o fogo sussurrou. Comeria tudo.

Devorar, devorar.

O fogo estava fazendo o que prometia. Estava engolindo tudo. Esse era o futuro distante.

Essa parte da visão sempre foi a mesma. Todo Visionário experimentou da mesma maneira.

A visão mudou. Essa parte da visão era o futuro próximo e sempre foi diferente. Essa foi a parte que os Moderadores perseguiam. Siga esta parte da

visão para interromper o resto.

Essa parte da visão de Parsifal estava fragmentada. Quebrando em pedaços. Empurrando e gaguejando, violentamente se debatendo de imagem em imagem.

Uma casa velha e maltratada. Uma silhueta de uma pessoa em um cavalo de criação. Uma pilha de tijolos ou pedras estranhas, pontudas e em forma de chapéu. Uma escada. Corpos. Um pequeno buraco de fechadura deformado. Um caixão e nele uma boca se abriu para o ar o qual não havia.

Tudo estava morrendo, incluindo a visão.

Farooq-Lane se viu segurando a mão flácida de Parsifal atrás de um shopping inexpressivo na área de DC. Não havia nada de horrível fora de seu corpo, exceto que ele vomitara novamente, mas mesmo assim se podia dizer que tudo dentro de seu corpo tinha dado errado, como se ele tivesse sofrido um acidente de carro dentro de si. Havia desfiladeiros em sua forma onde não deveria haver desfiladeiros. Parecia bastante provável que isso fosse um pouco do que ele vomitou. Ele estava morto.

Não, ele não estava. Não ainda.

— Depressa — resmungou Parsifal.

Então, ele morreu.

CAPÍTULO 62

Declan não conseguia acreditar que Ronan o deixara em perigo novamente. Seu BMW estava estacionado em frente à casa da cidade quando Jordan deixou Declan (não fazia sentido fingir que ela não sabia onde ele morava agora), mas na hora que Declan se levantou algumas horas depois, tinha sumido. Declan mandou uma mensagem para ele: *Você está me deixando para lidar com Matthew hoje?*, e Ronan respondeu apenas com: *Papai está trabalhando, querido.*

Declan poderia ter colocado o punho na parede.

Ele não sabia o que havia acontecido com ele.

Ter saído com Jordan na noite anterior deveria tê-lo relaxado e facilitado a entrada em mais uma década de hibernação tediosa, mas teve o efeito oposto.

Ele fez a Matthew um café da manhã de fim de semana, salsichas do freezer, ovos, torradas gordas do pão orgânico local que o pessoal do mercado dos agricultores enviara ao escritório do senador. Matthew sentou-se silenciosamente no balcão da cozinha, sem se mexer, sem chutar as pernas. Desde que se mudou com Declan, Declan muitas vezes desejava que Matthew ficasse mais quieto – mastigar menos com a boca aberta, falar menos, que contasse menos piadas, que tropeçasse e trombasse menos nas coisas e soltasse um *ooops ha ha* como desculpas, menos barulho ao subir e descer as escadas como se ele tivesse sete anos em vez de dezessete.

Mas agora que ele estava quieto, Declan odiava.

Declan se sentou ao lado de Matthew.

— Você está com raiva?

Matthew mexeu a comida no prato.

— Está triste?

Matthew alinhou suas salsichas, depois as separou com pedaços de ovo.

— Eu não posso ajudá-lo se você não falar.

Matthew estudou seu café da manhã como se ele pudesse se afastar: — Esta é a pior coisa que você já fez comigo.

Foi uma maneira interessante de enquadrá-lo, mas não foi errado. Uma coisa agiu sobre a criatura que era Matthew Lynch. Ronan havia imposto a existência a ele. Declan decidiu por ele como seria mais fácil suportar isso, sabendo muito bem que seria desastroso se a verdade aparecesse. Sim, eles fizeram isso com ele. Sim, Declan aceitou a culpa por isso.

Declan afastou os cachos de seu irmão mais novo da testa. Esse movimento era o que ele fizera tantas vezes – desde que Matthew era apenas uma criança – que às vezes ele sonhava com isso. Seus dedos memorizaram a textura de seus cachos densos, sua testa, o calor suave dela.

— Eu tenho uma alma? — Matthew perguntou.

— Não sei.

— Eu tenho poderes mágicos?

— Eu acho que não.

— Eu sou invencível?

— Eu não pressionaria.

— *Você* é um sonho?

Declan balançou a cabeça. Não, ele era humano em uma família que não era.

— Isso significa que se Ronan morrer, eu vou dormir como as vacas de papai e mamãe?

Era uma pergunta retórica. Houve silêncio por alguns minutos. Declan ouviu os vizinhos conversando ao telefone na próxima casa da cidade. Eles eram traidores benevolentes. Eles queriam cancelar seus canais premium, disseram ao telefone, eles simplesmente não estavam em casa o suficiente para justificá-lo. Isso era mentira. Eles estavam em casa o tempo todo.

Declan fez o possível para distribuir conforto.

— Matthew, todo mundo morre. Todos nós temos que lidar com isso. Todos sabemos que é fatal para nós cair de um penhasco ou comer veneno ou pisar na frente de um ônibus. Você só precisa acrescentar que é perigoso para você se algo acontecer com Ronan. Nada realmente precisa mudar. Você agora sabe que papai comprou seu número de previdência social no mercado negro.

— Ele fez o quê?

Declan continuou:

— E agora podemos conversar com você sobre o motivo de você nunca ter tido uma escola física de verdade ou algo assim.

— Espere, por quê?

Declan se arrependeu de ter dito qualquer coisa: — Caso você não tenha órgãos internos.

Matthew fez um ruído estrangulado. Ele deixou cair a cabeça nas mãos. Declan não sabia o que era pior: ser pego na mentira ou não saber se valia a pena a mentira o tempo todo.

Seria mais fácil para Matthew crescer sabendo que ele não era real? Que ele era um pedaço da imaginação de Ronan, algo tão totalmente dependente que se Ronan morresse, ele não poderia continuar? Que sua existência era tão subserviente que, quando uma fonte de energia externa invisível flutuava, ele começava a se desligar como uma máquina sem combustível? Declan pensou que estava dando a ele o presente da realidade. De acreditar que ele era verdadeiro, íntegro, tão digno de amor quanto alguém que havia entrado neste mundo por meios mais comuns. Não. Uma criatura. Um humano.

Em uma voz muito pequena, Matthew disse: — Eu sou o irmão falso.

— O quê? — Declan, o verdadeiro irmão falso, perguntou.

— Vocês dois são Lynchs de verdade. Você e Ronan. Irmãos de verdade. Eu apenas finjo. Eu sou apenas...

Isso foi horrível.

— Matthew — interrompeu Declan. — Isso não é verdade.

A boca de Matthew estava amassada.

Declan podia sentir o horror subindo nele, combinado com esse desejo de enfiar o punho contra a parede, combinado com o simples desejo de Jordan Hennessy e tudo o que ela representava, e ele pensou em mergulhar profundamente no oceano azul-turquesa de *A Dama Sombria* e desaparecer e em tudo que isso significava.

Ele quebrou. Ele quebrou pela segunda vez naquele ano, depois de ser bom, sem graça e invisível por tanto tempo. Ele quebrou pela primeira vez discando esse número de telefone e pedindo a chave da coleção de Colin Greenmantle. Ele quebrou naquele sábado de manhã, perguntando: — Então você acha que Ronan e eu somos verdadeiros irmãos Lynch?

— Não seja estúpido — disse Matthew. — É claro que vocês são.

O pulso de Declan aumentou lentamente.

— Você tem certeza disso?

— Vocês são.

Pegue *A Dama Sombria* — disse Declan. — Do armário. O mais próximo da frente.

Matthew lançou a Declan um olhar confuso, mas Declan percebeu que o quebra-cabeça o havia abalado de estupor. Ele escorregou do banquinho e abriu o armário da cozinha. Dentro estavam as duas *A Dama Sombria*: a original que Declan acabara de guardar ontem à noite, depois de voltar com Jordan, e por trás dela, a cópia que ela de alguma forma conseguiu colocar lá.

— O que é isso?! — Matthew disse, com um pouco de seu velho tom de

brincadeira.

— De frente — Declan disse — Coloque na mesa da sala de jantar.

Ele se juntou ao irmão à mesa, afastando uma pilha de notas e jornais para que houvesse espaço.

— De cabeça para baixo — disse Declan.

Os dois olharam para o papel marrom, as minúsculas palavras impressas: *Mór Ó Corra*.

Matthew esperou que Declan explicasse. Declan colocou um abridor de caixa na mão.

— Corte o papel — disse Declan.

Ele cruzou os braços firmemente sobre o peito enquanto o irmão mais novo se inclinava sobre a pintura e começava a cortar com a precisão de um cirurgião, o rosto profundamente concentrado. O papel silvou e estalou quando caiu.

Declan percebeu que tinha fechado os olhos.

Ele os abriu.

— O que é isso? — Matthew perguntou novamente.

Havia um cartão quadrado escuro entre a lona e a moldura. Bordas arredondadas e duráveis, impressas com a imagem de uma mulher com uma cruz pintada no rosto. Matthew pegou e virou. No verso, havia um número de telefone irlandês e, na letra de Niall, *The New Fenian* — Esta pintura não é de Aurora — disse Declan. — É de *Mór Ó Corra*, e ela é minha mãe.

CAPÍTULO 63

D*epressa*, Parsifal havia dito. Depressa. Não havia pressa quando se tratava de juntar pistas fraturadas de uma visão agonizante. Não havia pressa quando se tratava de atravessar Washington, DC. Não havia pressa quando tudo o que você conseguia pensar era um corpo arruinado atrás de uma lixeira. Não havia pressa quando você não sabia para *onde* você estava correndo.

Farooq-Lane sentia como se estivesse olhando o mesmo bairro por horas. Todos tinham a mesma atmosfera. Gramados irregulares, prédios desgastados se juntavam ao asfalto, carros em quarteirões, calçadas movimentadas, asfalto cheio de bolhas.

Nenhum deles era a casa que Parsifal lhe mostrara em sua última visão. O problema com a visão era que era como um sonho – cheio de verdades emocionais em vez de verdades reais. Isso transmitia a sensação de um edifício e não a aparência dele.

Era difícil se concentrar em qualquer coisa com o corpo de Parsifal empacotado ternamente no tapete da Zed em seu porta-mala.

Havia o Fim do Mundo, F maiúsculo, M maiúsculo, ela sabia. Ela sabia que tinha que se concentrar. Acabara de ver por quê tinha que se concentrar. Mas era difícil manter as coisas em perspectiva.

Alguém estava batendo na janela de trás e ela percebeu que tinha deixado o carro parar no meio da estrada, olhando para as casas. Era um homem velho, sem dentes e de bengala.

Ele parecia querer conversar. Ele estava entoando *moça bonita, moça bonita*.

— Você se perdeu, moça bonita? — perguntou o velho. Ele bateu a bengala na lateral do carro alugado. *Tap tap tap. Sim,* pensou Farooq-Lane. *Totalmente. Tap tap tap.* De repente, percebeu que o topo da bengala que ele estava usando para bater na janela era de uma forma muito familiar: uma pessoa montada em um cavalo. Outro pedaço da visão de Parsifal.

Baixando a janela, ela levantou o desenho que tinha feito da forma de chapéu pontudo que vira na visão.

— Você sabe o que é isso?

Ele se inclinou para perto. Ele cheirava incrivelmente mal.

— Aqui é Fairmount Heights. Esse é o antigo memorial da Segunda Guerra Mundial. — Ele disse *antig memor unda erra undial,* mas ela

entendeu.

— É perto? — Ela perguntou.

— Ao sul, moça bonita — disse ele (asul, moc bonita).

Ela não tinha dinheiro, então deu a ele seu café fechado e ele pareceu contente. Ao conectar o memorial em seu GPS, ela descobriu que estava a apenas alguns minutos. Ela não sentiu que estava indo depressa o bastante, mas era o melhor que ela podia.

O memorial era exatamente como tinha aparecido na visão: um monumento de pedra em forma de chapéu de bruxa. Enquanto ela dirigia em círculos cada vez mais amplos, sua adrenalina começou a queimar. Ela estava pensando sobre o que realmente estava ocorrendo. As visões a levavam a outros sonhadores. Às vezes, outros Visionários. De qualquer maneira, poderia ser uma situação perigosa, e ela nunca teve uma imagem muito completa de onde estava se metendo. Pelo menos antes ela podia perguntar a Parsifal se eles estavam indo em direção ao perigo. Agora ela não estava perguntando nada a ele.

Por um momento fugaz, Farooq-Lane pensou ter ouvido ópera. Era fraco, como se estivesse do lado de fora do carro ou como se o rádio estivesse desligado quase todo o tempo. Mas antes que ela pudesse abaixar a janela ou aumentar a música, tudo de uma vez, ela viu a velha casa da visão. Como as outras casas deste bairro, era um prédio em ruínas que provavelmente havia sido bastante charmoso muitas décadas antes. A calçada era mais rachada do que inteira. Era um lugar bom o suficiente para se esconder.

Na porta, ela bateu. *Depressa*. Ela tentou a maçaneta. Cedeu.

Ela entrou. Cheirava melhor do que ela esperava. O sol estava cheio lá fora, mas pouca luz entrava na casa. Havia um cheiro de umidade velha lá embaixo, mas predominantemente, o que ela cheirava eram flores frescas e verão. As luzes foram apagadas. Elas estavam fora de ordem. O vidro fino da lâmpada triturou sob as botas de Farooq-Lane.

Diante dela havia escadas que conduziam à penumbra sombria. As escadas da visão.

Ela subiu.

No topo delas, ela descobriu os corpos de duas mulheres idosas e uma nota. A nota dizia *“Eu fiquei até me assustar. Ela está lá embaixo.”* As mulheres idosas tinham sangue nos ouvidos e na boca. Os olhos implodiram.

Portanto, não era um Zed que morava aqui.

Era um Visionário. A última visão de Parsifal a levara a substituí-lo.

Ela não sabia como se sentia sobre isso.

Depressa.

Farooq-Lane verificou todos os cômodos do andar de baixo à procura de um Visionário.

Cautelosamente a princípio, porque ela não estava ansiosa para compartilhar o destino das velhas na escada e, mais ousada depois, porque todos os cômodos em que ela entrava estavam vazios.

Talvez fosse o momento em que eles seguiram a visão de Parsifal até o beco sem saída, procurando o BMW cinza. Talvez fosse tarde demais. Talvez não tivesse se apressado o suficiente.

No momento em que ela estava se preparando para desistir e voltar para o carro, sua atenção foi atraída para uma pequena porta na escada que ela havia perdido quando ela entrou. Tinha um buraco de fechadura. A visão de Parsifal.

Abrindo, ela viu que isso levava a um espaço rastejante.

Ela acendeu a lanterna do telefone e desceu as poucas escadas. Depois, curvou-se duas vezes e espiou. E ela estava certa. Ela não encontrou um caixão. Mas ela encontrou um freezer. Com sacos de cascalho empilhados sobre ele para garantir que a tampa permanecesse fechada. Para garantir que ninguém saísse de dentro dele.

Não é um caixão, mas quase isso.

Trabalhando rápido, ela empurrou e chutou as sacolas de cascalho no chão. A poeira do chão e das próprias sacolas nublou o ar quando aterrissaram; a lanterna do celular, no chão, lançava um holofote através das ondas. Ela não conseguia ver nada claramente.

Finalmente, Farooq-Lane abriu a tampa.

Ela ouviu um suspiro convulsivo de ar vindo do interior escuro.

— Isso vai acontecer em breve? — Farooq-Lane perguntou ao ocupante invisível. Vários outros grandes suspiros por ar, então: — Não, não em breve.

— Eu não estou em perigo?

— Agora não. Não tenha medo — Este Visionário acabava de se sufocar em um freezer e estava tranquilizando Farooq-Lane. Uma mão flácida esticou-se, descansando na borda do freezer. A pele estava muito pálida e enrugada – tão completamente oposta ao que Farooq-Lane esperava que ela se encolheu um pouco. Farooq-Lane pegou seu telefone celular e direcionou a luz para o freezer. Dentro, uma mulher velha com cabelos brancos cobriu seus olhos com a outra mão.

Farooq-Lane nunca tinha visto um Visionário tão velho antes.
— Como se chama? — perguntou Farooq-Lane.
— Liliana.

CAPÍTULO 64

Eu tinha intenções diferentes para o nosso próximo en… reunião — disse Declan, e Jordan ouviu cautelosamente ele colocar o pé na palavra *encontro* antes de decidir que não iria prosseguir.

— Você tinha? — Jordan perguntou. — Parece natural, se você me perguntar, velho amigo.

Eles estavam no carro dela novamente, sem nenhuma discussão em particular. Ela preferia dirigir a andar, e ele parecia mais feliz por poder olhar pela janela e pelo espelho retrovisor de uma maneira paranóica do que estudar instruções e textos em seu telefone. Ele parecia mais bonito do que ela lembrava, com seus dentes retos perfeitos, seus cachos escuros e um belo suéter que Hennessy odiaria. Fácil imaginar pintá-lo novamente, emoldurá-lo como ele estava na janela, as cores do outono ricas e profundas neste dia nublado. Imaginar tocá-lo novamente.

— Você me lembra — disse Jordan — Um cachorro.

Ele digitou no telefone. Ele tinha uma maneira peculiar de enviar mensagens de texto – ele usava o polegar de uma mão, o dedo indicador da outra. Estranho. Encantador. Sem olhar para cima, ele sussurrou.

— Muito obrigado. Na próxima luz.

— Eles parecem diferentes quando você os conhece — disse Jordan. — Você sabe, quando vê um cachorro na rua, e é apenas um vira-lata, e quando você vê um cachorro na rua, e é um que você já conheceu antes?

— Não conheço muitos cães de rua.

— Estou dizendo que você é legal — disse ela, e ele riu de novo, com a risada incrédula, a cabeça virada para escondê-la.

Eles iam ver Boudicca.

— Estou procurando minha mãe biológica — disse Declan, quando a chamou. — Mas as pessoas com quem preciso falar não vão falar comigo, a menos que eu traga uma mulher.

E Jordan soube instantaneamente que estava falando sobre Boudicca.

Boudicca. Jordan não sabia se a palavra em si parecia uma ameaça, ou se ela apenas pensava que sim, porque sabia o que significava. *Boo-dih-kah*. A primeira vez em que se aproximaram de Jordan, foi no Mercado das Fadas, em Londres. A mulher tinha a aparência mais mundana possível: cabelos castanhos claros alisados, delineador, blusa, blazer.

Procurando parceria com mulheres talentosas como você, ela disse,

como se estivesse arrecadando uma feira de emprego. Vantagens para ambas as partes. Investimento ao longo da vida. Cuidando de negócios para permitir que suas energias criativas sejam direcionadas.

Jordan aceitou seu cartão, um pequeno cartão duro com o logotipo de uma mulher com uma cruz no rosto, mas ela realmente não tinha entendido o que estava sendo oferecido.

No próximo Mercado das Fadas, Jordan viu um acordo fracassar. Ela não viu os detalhes, mas ouviu o homem que estava enganando a mulher pelo preço de seus corantes. Ela ouviu uma parte da conversa sussurrada. Mais tarde, ela viu o homem ser espancado por três mulheres no estacionamento, enquanto outros vendedores passavam sem virar a cabeça.

Elas cortaram uma cruz em sua roupa que combinava com o logotipo no cartão. Jordan entendeu um pouco melhor.

No Mercado, depois disso, Jordan viu outra mulher discutindo com a mesma mulher que usava blazer que conheceu na outra vez. A de blazer estava dizendo que era hora de pagar o que era devido; ela sabia que era uma troca justa. A mulher disse que não tinha. Mais tarde, quando Jordan e as meninas fizeram as malas, Hennessy disse que viu a mulher que discutiu, enfiada no elevador, meio morta, com uma cruz marcada em seu rosto.

Jordan entendeu ainda mais. Boudicca oferecia proteção, ao que parecia, oportunidade, talvez. Mas Jordan já estava vinculada a um grupo de mulheres. Ela não estava tentada a estar ligada a outro. Ela nunca teria ligado para o número no verso do cartão.

Mas ela estava disposta a ir com Declan Lynch para ver o que havia para ver.

— Você sabe no que está se metendo? — perguntou Jordan, depois de estacionar nas ruas congestionadas. Eles estavam a uma curta distância de onde haviam passado a noite anterior; Eles poderiam ter caminhado até lá sem muitos problemas. Boudicca havia organizado a reunião nos jardins de Dumbarton Oaks, nos limites de Georgetown. Jordan esteve em Dumbarton Oaks, muitas vezes, mais frequentemente no museu do que nos jardins, e ela pensou que entendia escolha feita. O jardim era um lugar privado, mas também um lugar onde se notava violência extrema. Era perfeito para ambas as partes.

Declan disse:

— Não. Tudo que eles disseram quando liguei para o número foi "quem?"

— O que você disse?

— Eu não sabia o que dizer. Eu só disse "*The New Fenian*". Foi o que estava escrito no cartão. Então eles perguntaram *onde* e eu falei DC. Eles me disseram para ligar novamente em dez minutos e eu liguei, e disseram-me Dumbarton Oaks. Não esperava que acontecesse tão rápido. Não no mesmo dia — Ele não parecia satisfeito com isso e Jordan entendeu; isso também a deixaria um pouco nervosa. Ninguém gostava de ser tão procurado. Quando eles se viraram para atravessar os portões do jardim, ele disse: — Então, estamos na mesma página. Isso é o que entendi: Boudicca é a máfia, certo? Eles aceitam uma parte em troca de proteção?

— Acho que sim — disse Jordan. — Também pode haver um pouco de marketing. Acesso à base de clientes e tudo mais.

— Você não está tentada?

— Não é uma chance de ouro — disse Jordan enquanto o porteiro acenava para eles; ele a reconheceu.

— Eu ia ligar para você de qualquer maneira — disse Declan. — Não para isso.

Ela sorriu.

— Sindicato do crime hoje, talvez um jantar com bife amanhã.

Declan franziu o cenho, completamente sério.

— Talvez não com bife.

Agora era sua vez de rir escandalosamente.

Eles iriam encontrar o contato de Boudicca no terraço da fonte, e assim seguiram para lá.

Os arredores eram impressionantes nesta época do ano: os gramados ainda estavam brilhantes, verde luxuriante, mas as árvores estavam dispostas de maneira sombria em castanhos e vermelhos de outono, ventos e chuvas não tinham sido fortes o suficiente para tirar suas folhas. Tudo cheirava bem – a umidade liberava o perfume das folhas de carvalho, um cheiro que não podia deixar de ser nostálgico. Os jardins eram impecáveis e também, pensou ela, Declan Lynch estava entre eles, com seu bom suéter e camisa de colarinho, com seus bons sapatos e seu bom relógio. Ele era bom em ser uma companhia silenciosa, e por durante dez ou vinte passos, Jordan se deixou imaginar um encontro, um passeio comum, duas pessoas caminhando em companhia, em vez das demandas estranhas de um poderoso grupo secreto.

— Vá em frente, diga — ela disse eventualmente, enquanto se moviam pelo jardim de rosas adormecido.

— O quê?

— Eu sei que você deve ter uma história sobre esse lugar que está morrendo de vontade de contar.

Ele sorriu um pouco:

— Eu não sei o que você quer dizer.

— Mentiroso.

— É o que eles me dizem — Mas depois de um momento, ele disse: — Tudo isso foi criado pelos Blisses. Que nome. Os Blisses. Mildred e Robert. Um casal notável por muitas coisas, incluindo conseguir tornar o ambicioso passar de meio-irmãos adotivos para cônjuges.

— Que escândalo! Quantos anos eles tinham quando se conheceram? Você sabe? Claro que sim.

— Adolescentes, eu acho, eu… — Declan se interrompeu.

Uma figura já estava parada junto à fonte enquanto desciam as escadas para o terraço da fonte, vestida com uma jaqueta escura e calça escura, uma bolsa quadrada cinza em seus sapatos. Jordan girou o pulso de Declan o suficiente para olhar para o relógio. O horário estava certo, mas ela não achava que poderia ser o contato – era um homem.

A figura se virou e Declan e Jordan pararam.

Era Ronan Lynch.

Mas então ele se aproximou deles e Jordan viu que não era Ronan. A maneira como ele se portava estava toda errada, a maneira como usava o rosto estava toda errada. Seus cabelos estavam encaracolados como os de Declan, mas mais compridos no queixo. Este homem parecia um irmão, talvez, mais um irmão de Ronan do que Declan.

— Olhe para você, Declan — disse o homem a Declan, e seu rosto estava encantado. — Olhe para si mesmo. Que demônio bonito. Você pode me derrubar com uma enguia. Declan, todo crescido.

Declan ficou para trás.

Toda a beleza que Jordan vira nele desapareceu, assim, e de repente, ele se tornou o Declan agradável e invisível que ela conhecera pela primeira vez. *Jovem em um terraço*, nome desconhecido.

— Sempre o mais inteligente — disse o homem. Ele tinha um sotaque irlandês, principalmente nas R's — Devagar para confiar. Está tudo bem. Eu não vou pedir sua confiança. Eu posso parecer com seu pai, mas não ofereço coisas que não posso dar.

Jordan olhou de Declan para o homem.

— Quem é você? — Ela perguntou.

O homem estendeu a mão, parecendo aliviado por ela ter falado com ele. Ele estava agitado, nervoso, insensível, de uma maneira que Ronan não estaria.

— *The New Fenian* é do que eles me chamam, e é bom o suficiente para isso.

— Hennessy.

Ele apertou a mão de Jordan, mas ainda estava olhando para Declan, sua expressão complicada. Desejosa. Orgulhosa.

— É esperto da sua parte ser cauteloso. Isso não é o que você quer.

— O que é *isso*? — perguntou Jordan. — Do que estamos falando?

— É uma caixa em que você entra e não sai. É uma caixa maior do que você pensa. É uma caixa mais forte. Você veio aqui pensando que é um esquema, certo? Talvez seja um culto. Você está pensando que talvez seja um bando de bandidas e você possa querer participar disso porque as coisas estão ficando difíceis para você. Eu prometo que é mais difícil aqui para você — Para Declan, ele disse: — E você não quer eles descobrindo sobre Ronan, *gato*.

Declan se encolheu fisicamente. O homem viu, pareceu arrependido.

— Sinto muito, garoto – eu sei que não sou um pai para você, mas você tem que saber que para mim vocês são meus filhos. Eu lembro de você quando você era desse tamanho.

Declan finalmente disse:

— Você é uma cópia.

Era uma coisa perturbadora de se ouvir. Jordan se acostumou com a ideia de ser um *eu* para Declan em vez de um *nós*. Ele não sabia que ela era nada mais que Jordan Hennessy, singular, e ela gostava muito mais disso do que deveria.

Era um lembrete de que ele era irmão de um sonhador, filho de um sonhador, e sabia de que mistérios eles eram capazes.

Jordan esperava que o homem não gostasse de ser chamado assim, mas apenas riu um pouco: — Talvez meu rosto. Mas já faz quase duas décadas; Eu tenho histórias diferentes de Niall Lynch. Mas essa cabeça ainda te ama como se você fosse meu. Ela está assistindo quando pode. E você não pode ficar preso nisso; será o seu fim. Eles o usarão até que você não o reconheça.

Declan engoliu em seco. Ele estava tão atordoado quanto ela durante seus episódios.

Mas Jordan não havia esquecido sua tarefa.

— Mas não estamos aqui sobre isso, amigo.

Declan lançou-lhe um olhar agradecido e disse:

— Não esperava que o número me levasse até você. Estou aqui por *Mór Ó Corra?*

— Esse é um nome que você definitivamente não quer sussurrar — disse o homem.

— Ela está em Boudicca?

Ele inclinou a cabeça:

— Apenas esqueça, esqueça Boudicca. Finja que nunca me conheceu. Vou dizer a elas que não apareceram. Elas vão deixar por isso mesmo. *Mór* vai se certificar disso.

— Isso é muito enigmático — disse Jordan.

— E tem que ser. Por favor, vá. Isso partiria meu coração e não são muitas coisas que o quebra.

Declan disse, em seu tom mais tedioso:

— Mas não devo nada a você. Não devo nada a ele e menos ainda a você. Se eu quisesse falar com ela, o que faria em seguida?

— Pergunte a outra pessoa, garoto, porque eu não vou te matar.

— Ela não quer me ver?

Isso fez Jordan desviar o olhar, para sua própria surpresa. Isso parecia um pouco pessoal demais, como se ela quisesse lhe dar privacidade por isso.

— Eu não responderia por ela — disse o homem. — Ela merece isso. É tudo o que posso dizer.

Os olhos de Declan estreitaram apenas um fio de cabelo, julgando isso, e então ele assentiu um pouco e não pressionou mais.

— Sabe, ele sabe — disse o homem, claramente aliviado. — Há quem sabe como permanecer vivo. Não pode confiar em Ronan para se salvar. Ele joga seu coração e depois corre atrás dele.

Jordan conhecia alguém assim.

— Então é isso — disse Declan.

O homem hesitou e depois estendeu a mão para Declan:

— Posso... não sei se vou vê-lo novamente assim.

Declan não se afastou e, assim, o homem deu um passo à frente e colocou os braços em volta do pescoço de Declan. Ele o abraçou, um simples e completo abraço de um pai em seu filho, mão na parte de trás da cabeça, a bochecha descansando na cabeça dele.

Declan ficou rígido como um estudante do ensino médio abraçado por um

pai na frente da escola, mas Jordan viu suas narinas se dilatarem e seus olhos ficarem terrivelmente brilhantes. Ele piscou, piscou, piscou, e então ele tinha sua expressão branda habitual quando o homem recuou.

— Estou orgulhoso de você — disse ele a Declan. Seu destemido Declan.

— Obrigada por nos encontrar — disse Jordan, porque parecia que alguém deveria dizer isso.

O homem se inclinou e pegou sua bolsa.

— Fique vivo.

CAPÍTULO 65

Hennessy não tinha um sonho que não fosse o Laço por tanto tempo que havia esquecido como eles poderiam ser.

Lindenmere era um sonho.

Estava a mundos de distância do café que ela encontrara Ronan naquela manhã, tanto física quanto espiritualmente. Uma viagem de duas horas os levou até a base das Montanhas Blue Ridge, e então Ronan navegou por estradas cada vez menores para uma estrada de terra, e então ele disse a ela que eles teriam que andar.

Eles andaram.

Nenhum deles parecia particularmente com o tipo que fazia caminhada – Hennessy em seu couro e renda, e Ronan em suas botas pretas e seu corvo desgrenhado em seu ombro.

Havia consolo no absurdo disso, pensou Hennessy.

Porque ela estava ficando com medo de novo.

Lindenmere é um espaço de sonho, Ronan havia dito a ela no carro. *Então, controle seus pensamentos nele.*

O controle nunca foi o ponto forte de Hennessy.

Ela checou o despertador em seu telefone. Ela tinha acabado de redefinir. As chances de ela escorregar e se nocautear enquanto caminhava eram baixas, mas ela não aguentava viver sem o conforto de contar com algo para acordá-la antes do sonho.

Ronan mandou uma mensagem para alguém enquanto caminhavam. Hennessy viu apenas que o contato estava rotulado como CHEFIA.

— Quem é?

— Adam — disse Ronan — Estou dizendo a ele aonde vou para que ele saiba onde me encontrar se dias se passarem.

Dias?

— Estamos aqui — disse Ronan.

Ela não achava que seria capaz de dizer, mas pôde. Até o fundo das montanhas, as árvores comuns eram mais finas, mais inclinadas, esforçando-se por se apoiar entre o granito e se esforçando para tomar sol. Mas as árvores sobrenaturais de Lindenmere obedeciam regras diferentes. Elas eram largas e altas, vigilantes e amáveis, não afetadas pela escassez de recursos no topo da montanha. Musgos e líquenes verdes cobriam seus lados do norte, com pequenas flores de musgo tremendo no final de caules delicados.

E o céu estava diferente. Tinha ficado cinza. Não o cinza opaco da nebulosidade alta, mas sim um cinza turbulento e derretido que era realmente azul e roxo e pedregoso, tudo mudando, se movendo e girando como as ondulações de uma cobra. Não tinha olhos, nem batimentos cardíacos, nem corpo, mas, mesmo assim, ela teve a sensação de que o próprio céu era consciente, mesmo que não os notasse abaixo dele.

— Espere — disse Hennessy — Mudei de ideia.

Ronan virou-se para olhá-la.

— Lindenmere não vai machucá-la, a menos que você queira. Não quando estiver comigo. Ela apenas se protege ou manifesta o que você pede.

— Mas — disse Hennessy. *Eu não confio em mim mesma.*

Ela estava tentando não tremer de novo. Durante uma década ela se manteve unida e agora estava em ruínas.

Ela não suportava a ideia de que talvez tivesse que ver o Laço novamente tão cedo.

Ronan a observou.

Então ele colocou as mãos sobre a boca e disse:

— *Opal*! — Ele fez uma pausa, ouvindo: — Onde está você, verme?

Hennessy perguntou:

— O que é Opal?

Um pássaro invisível soltou um grasnado alarmado de algum lugar no alto. Hennessy se virou a tempo de ver algo escuro se mover entre as árvores, ou melhor, de experimentar a sensação de que ela acabara de ver algo escuro.

— Eu te disse, mantenha seus pensamentos firmes — disse Ronan a Hennessy. — Lindenmere lhe dará o que acha que você quer.

— Eles são como a porra de uma pedra — Eles não eram como a porra de uma pedra.

— Motosserra, encontre Opal — Ronan disse ao corvo. — Ela precisa de Opal.

Hennessy não estava cem por cento na linguagem corporal dos pássaros, mas ela achava que o corvo conseguiu parecer mal-humorado. Ela abaixou a cabeça e andou de um pé para o outro no ombro dele, com as penas do pescoço toda arrepiadas.

Ronan remexeu no bolso da jaqueta e tirou um pacote de bolachas de manteiga de amendoim. Ele desembrulhou uma enquanto o corvo se tornava subitamente atento.

— Bolacha — ele disse a ela.

— *Krek* — ela respondeu.

— Bolacha — ele repetiu.

— *Krek*.

— Bolacha.

— *Kreker*.

Ele deu uma a ela:

— A outra é se você for buscar Opal.

O corvo voou, suas asas audíveis ao baterem no ar. Hennessy assistiu a tudo com algum espanto. Ela e Ronan estavam fora do lugar durante a caminhada, sim, mas ele não estava fora do lugar aqui. Ele pertencia a essa estranha floresta luxuriante com seu estranho pássaro escuro.

— Você sonhou esse lugar — disse Hennessy.

— Tipo isso.

— Tipo isso?

— Eu tive um sonho e, depois disso, Lindenmere estava aqui — disse Ronan. — Mas acho que poderia ter sonhado com isso onde existia em outro lugar, e então meu sonho era apenas a porta para isso. É uma floresta porque era isso que minha imaginação podia aguentar. Era limitado por quaisquer que fossem meus pensamentos. Então, árvores.

Hennessy estremeceu, tanto porque era frio nessa floresta alta quanto também porque isso a lembrava do Laço e o que queria que ela fizesse.

— Isso não incomoda você?

Ela podia ver pelo rosto dele que não. Ele amava esse lugar.

Outro grito de animal alarmado veio do mato e algo como um rosnado, um animal ou um motor.

— Firme — disse Ronan, mas ela não tinha certeza se ele estava falando consigo mesmo ou com ela.

— Se você criou este lugar — disse Hennessy. — Por que não o tornou mais seguro para você?

Ele estendeu a mão para passar os dedos por um galho baixo: — Eu tinha outra floresta antes de Lindenmere — Parecia que ele ia confessar alguma coisa, mas no final, ele apenas disse: — Aconteceram coisas ruins. Tornei-a segura demais, porque eu era um merda de um galinha. Tornei-a mais comum. Então ela tinha que depender de mim para mantê-la segura e... — Ele não terminou isso, mas não precisava. As meninas dependiam de Hennessy para mantê-las vivas também, e ela sabia como era decepcioná-las.

— Eu deixei Lindenmere ser mais por si mesma, o que quer que era

naquele outro lugar.

— E o que é por lá é perigoso.

— Coisas perigosas podem se proteger — disse Ronan.

Ela podia ver que ele não julgava Lindenmere por isso. Ronan Lynch também podia ser perigoso.

— Não é apenas perigoso — disse Ronan. — Olhe.

Ele estendeu as mãos e disse algumas palavras em uma linguagem apropriadamente arcaica. Acima dele, pequenas luzes brilhantes piscaram entre as folhas do outono.

Começaram a chover ao redor deles. Ronan andou para trás, admirando as luzes, mantendo as mãos estendidas para deixar as luzes afundarem nelas.

Hennessy se encolheu quando uma afundou em sua pele com a menor sensação de calor. Nem todas se dissolveram. Algumas ficaram presas em suas roupas ou em seus cabelos. Uma ficou presa em seus cílios, e conforme ela piscava, piscava e piscava, ela encontrou-se olhando diretamente para a luz. Não queimou olhar diretamente para ela, como faria uma luz comum, e enquanto olhava para ela, em vez de uma sensação de brilho visual, ela sentiu brilho dentro dela. Como a felicidade, ou otimismo. Como se estivesse olhando para um sol de felicidade real.

Ronan disse, com uma voz reverente, muito diferente de sua habitual: — *Gratias tibi ago.*

— O que você está dizendo? — Hennessy disse, encontrando suas palavras somente depois que a pouca luz finalmente se dissolveu de seus cílios.

— Isso significa “obrigado” em latim — disse Ronan. — E é educado dizer isso quando você gosta de algo. *Opal*! Vamos, agora! Aqui, vamos, olhe aqui.

Era como uma pechincha do diabo, uma dança de fadas. Ronan Lynch estava lá, vestido todo em cores escuras, apenas os olhos brilhando com cores, a mão estendida para ela, luzes cintilantes flutuando ao redor dele. *Venha*. Ele não disse, mas Lindenmere se lembrou das palavras para ela, de alguma forma, como se ele tivesse dito.

— Não pense, Hennessy — ele disse — Apenas seja.

Ela se deixou levar.

Eles caminharam por um campo implacável que crescia apenas espadas, lâminas, o punho a duas ou dez ou trinta polegadas acima do solo. Eles caminharam por uma entrada de caverna guardada por um enorme veado

branco com chifres manchados de sangue. Eles caminharam por um prado que, na verdade, era um lago e um lago que era na verdade pétalas de flores.

Lindenmere era bonita e complicada de uma maneira que o mundo real não era. O *ar* e a *música* eram duas coisas diferentes no mundo real; Em Lindenmere, eles nem sempre eram.

A água e as flores eram igualmente confusas nessa floresta. Hennessy sentiu a verdade disso enquanto andavam. Havia criaturas que você não queria conhecer pessoalmente se não estivesse com Ronan Lynch. Havia lugares onde você poderia ficar preso para sempre se não estivesse com Ronan Lynch. Era selvagem e confuso, mas no final seguia uma regra: Ronan Lynch. Sua segurança, seus desejos, seus pensamentos. Esse era o único norte verdadeiro de Lindenmere.

Ela podia sentir: Lindenmere o amava.

— Kerah!

— Opal, finalmente, sua pequena peste — disse Ronan.

Uma criatura capotou do meio da floresta, uma criança magricela e de olhos vazios. Ela usava um suéter de malha grande demais e uma boina puxada para baixo sobre seus cabelos loiros curtos. Alguém poderia tê-la confundido com uma garota humana se não fossem pelas pernas, que eram densamente peludas e terminavam em cascos.

— Eu te disse, essa é a palavra da Motosserra. Você tem lábios. Me chame de Ronan — ele disse a ela. A pequena criatura jogou os braços em volta das pernas dele e depois pulou em volta dele em um círculo agitado, seus cascos deixando marcas. Ele levantou um pé. — Isso foi o meu pé, vamos lá.

Hennessy se sentou, com força. Ela estava apenas encarando as pernas peludas de Opal, as luzes cintilantes caindo ao seu redor. Toda sua coragem foi meio que tirada dela.

Isso imediatamente chamou a atenção de Opal, e ela voltou para trás de Ronan.

— Calma, idiota — disse Ronan. Ele limpou um pouco de sujeira da bochecha dela com o polegar. — Essa é Hennessy.

— Kruk? — Opal perguntou.

— Eu te disse, pare de usar as palavras da Motosserra, você sabe inglês. Ela é uma sonhadora, como eu.

Não, pensou Hennessy, sentindo-se bastante bêbada. Ela não era uma sonhadora assim. De jeito nenhum.

Opal caminhou até Hennessy, que ficou quieta. Ela se ajoelhou ao lado dela, sua postura decididamente diferente da de Hennessy, já que as pernas de bode inclinavam na direção oposta. Ela cheirava bastante selvagem e animal.

Ronan disse:

— Você poderia dizer olá para ela.

Opal perguntou a Hennessy:

— Você come carne?

Ronan parecia impaciente:

— Ela não vai te comer. Não seja covarde.

— Não estou com medo — disse Opal, mas de uma maneira grosseira que significava que ela estava.

Hennessy, que também tinha medo, estalou os dentes para Opal.

Opal saltou para trás, apoiando-se nas mãos e depois se endireitou quando Hennessy sorriu para ela.

— É bom — Opal decidiu inexplicavelmente. Com um olhar astuto, ela se aproximou novamente e tentou arrancar uma das tatuagens de Hennessy. Ela estava esperando encontrar problemas.

— Dê um tapa nela — Ronan aconselhou. Hennessy não o fez, mas Opal se afastou como se sentisse que ela poderia. — Ela é um psicopompo, como Motosserra. Ela vai focar as coisas, evitar que tudo vá à merda.

— Ir à merda?

— Sonhos de merda, no geral — disse Ronan, como se isso explicasse alguma coisa. — Opal, temos uma tarefa importante hoje – você vai nos ajudar ou tenho que pedir para Motosserra?

Opal lançou um olhar desconfiado para o céu e rapidamente começou a sacudir a cabeça.

— Não, não, não!

— Ok — disse Ronan — Hennessy, você está pronta?

Hennessy piscou. Ela estava impressionada de um jeito que não tinha linguagem.

— Para que?

Ele disse:

— Sonhar.

CAPÍTULO 66

Ramsay estava na cidade.

Farooq-Lane tinha ficado acordada a noite toda, acabara de arrastar um cadáver para dentro de um carro alugado e adicionar outro vivo, e agora Ramsay estava na cidade.

Ramsay, entre todas as pessoas.

Os sentimentos de Farooq-Lane sobre J. J. Ramsay eram descomplicados: ela o odiava.

Ela pensou que ele parecia um garoto de fraternidade crescido. Todas as pessoas que trabalhavam com Lock tinham razões complicadas, mas era difícil imaginar Ramsay tendo algo complicado. Farooq-Lane ficou desconcertada ao saber que ele tinha um emprego realmente poderoso. Quando ele não estava carregando um drone ao lado de um cadáver, ele aparentemente consultava empresas que haviam se metido em problemas com os governos de outros países. De acordo com LinkedIn, ele podia soar como um garoto de fraternidade nos cinco idiomas diferentes mais usados no mercado global de negócios.

Farooq-Lane também falava nos cinco idiomas diferentes mais usados no mercado global de negócios, mas ela suspeitava que os dois parecessem muito diferente quando o faziam.

— Heyyy, eu não faço as regras — disse Ramsay, soando bem como ele mesmo nos alto-falantes do carro alugado. Mesmo Liliana, a nova Visionária, franziu a testa um pouco no banco do passageiro. Idiota era uma linguagem universal. Farooq-Lane esperava que ela não fosse se arrepender de atender o telefone pelo Bluetooth. — Lock faz.

Ele acabara de dizer a Farooq-Lane que ele havia pousado e que ela precisava encontrá-lo, ordens de Lock. *Agora*? Farooq-Lane perguntou, com os dedos apertados o suficiente no volante para que parecessem enrolados algumas vezes. *Tenho um novo Visionário*. Ela não acrescentou: *E não dormi a noite toda e vi alguém morrer, e já estive na área da Grande DC em uma caça ao tesouro por alguém que pudesse explodir em outra idade e me matar a qualquer momento.* Mas ela estava pensando nisso.

— Não há tempo como o presente — disse Ramsay. — Trave e carregue. E eu ouvi dizer que você tem um corpo para colocar nas costas, então você precisa de mim de qualquer maneira.

Ele desligou.

Depois disso, enquanto seguiam para o sul, em direção a Springfield, Farooq-Lane levou apenas alguns segundos para tentar reconstruir a Carmen Farooq-Lane, que originalmente se juntara aos Moderadores. Essa jovem era um mar de calma. Pitoresca estátua no aeroporto enquanto o caos a envolvia. Ela era o membro da reunião que se sentava elegantemente do outro lado da mesa, ouvindo vozes altas e assistindo as mãos retorcidas, e então silenciosamente interrompia com uma solução de cabeça fria. Quando era criança, uma vez viu uma pena cair e tocar levemente na superfície de uma lagoa. A pena não havia afundado, nem mesmo quebrado a tensão da superfície. Em vez disso, aterrissou leve como uma borboleta, tremendo apenas o suficiente para parecer viva, e lentamente virou de ponta a ponta na brisa. Ela se lembrara daquela imagem repetidas vezes na adolescência. Farooq-Lane era aquela pena.

Ela era aquela pena.

Ela era. Aquela. Pena.

Então ela tentou explicar à etérea velha Visionária no banco do passageiro: — Somos uma força-tarefa. Ele faz parte da força-tarefa. Nós...

— Eu me lembro um pouco — disse Liliana.

Ela era o oposto de Parsifal em muitos aspectos, e não apenas porque era muito idosa, embora fosse. Uma vez que foi libertada do freezer, Farooq-Lane viu que a Visionária era ainda mais velha do que ela pensou originalmente. Ela tinha uma idade sem idade. O cabelo comprido, agora reunido em duas longas tranças, induzia um a pensar que ela era mais jovem, mas a profundidade das rugas ao redor dos olhos e da boca falava de muitos anos.

Ela olhou para ela, como se estivesse vendo além do tráfego e dos edifícios algo mais importante. Farooq-Lane imediatamente pegou um pouco de frango, arroz e chá, e, em voz baixa, Liliana agradeceu a carne por alimentá-la antes de comer silenciosa e ordenadamente a coisa toda, sem comentar. Tão diferente de Parsifal.

Eu sou aquela pena, disse Farooq-Lane a si mesma.

— Você se lembra do quê? — Perguntou Farooq-Lane. — Uma... visão?

— Não, apenas uma lembrança — disse Liliana. — Faz muito tempo, no entanto, então não me lembro bem. Você está caçando sonhadores?

— Zeds. Sim.

— Certo — disse Liliana. — Sim, e vocês são os Manifestantes. Não. Moderadores. Não é? Veja, isso volta para mim. Você está tentando impedir

aquele incêndio.

Ainda dava a Farooq-Lane uma sacudida de adrenalina ao ouvi-la confirmar. Sim, o fogo.

O fogo que iria comer o mundo. Ela arriscou um olhar para ela enquanto dirigia.

— Como isso funciona? Que idade você realmente tem agora mesmo?

Liliana descansou a cabeça para trás, acariciando as pontas de uma trança distraidamente.

— Nesta idade, eu sei que não é uma pergunta útil para alguém como eu. Eu gosto de ter essa idade, é muito pacífica — Ela sentiu que Farooq-Lane não ficou satisfeita, então ela acrescentou: — Acho que devo passar mais deste ano como uma das idades mais jovens, porque minhas memórias estão muito distantes agora. Lembro-me do momento em que nos conhecemos bem. Eu sabia que você estava vindo.

Ela colocou a mão em cima da Farooq-Lane com tanto carinho, os dedos deslizando familiarmente através dos de Farooq-Lane, que Farooq-Lane se encolheu.

— Eu esqueci — disse Liliana, voltando a mexer nas tranças. — Você ainda é muito jovem. Sou grata por ter me resgatado.

Estava muito fora do entendimento de Farooq-Lane sobre o tempo para fazer sentido.

— Suponho que seja uma maneira de encarar isso. Lembro-me do meu passado, que inclui parte do seu futuro. Mas acho que estou muito velha agora, então essas são memórias de décadas.

— Se elas têm décadas — disse Farooq-Lane. — isso deve significar que conseguimos. Que paramos o fim do mundo. Não é assim que funciona? Se você está olhando para alguém de novo quem se torna décadas mais velho que essa memória? Significa que você ainda está vivo depois de tudo isso.

Liliana franziu a testa e, pela primeira vez, algo como angústia apareceu em seu rosto.

— Eu acho que sou mais difícil de matar do que os humanos.

Aquilo silenciou completamente o carro. Antes de Parsifal, Farooq-Lane não teria ficado chocada ao ouvir isso ser dito em voz alta. Ela teria consignado completamente o conceito dos Visionários como algo em forma humana mas não humano. A habilidade deles desafiava todo entendimento da vida como todos a conheciam; *humano* parecia uma classificação inútil para eles, assim como era duplamente útil para os Zeds. Mas então ela passara um

tempo com Parsifal, Parsifal agravante e morto, e ele parecia uma criança nascida sob uma estrela azarada. Ela meio que começou a decidir que os Moderadores duvidavam da humanidade dos Visionários para se sentirem menos mal com suas mortes.

Mas as palavras de Liliana reverteram tudo isso.

Liliana disse com uma voz suave:

— Ainda me incomoda como você é frágil.

***

— Badda boom, badda bing — comentou J. J. Ramsay, fechando o topo da caixa do drone, falando alto para ser ouvido sobre a música estrondosa, trovejando batidas tribais. — Este filhote faz tudo.

Farooq-Lane deveria ter reconhecido o endereço, mas ela supôs que tinha chegado a ele de uma maneira muito diferente na última vez em que esteve aqui. Ramsay e Farooq-Lane estavam do lado de dentro de uma casa familiar de dois andares em Springfield, cercada por bules coloridos e tapetes.

A casa da velha Zed.

— Você não esperou pelos outros — disse Farooq-Lane a Ramsay.

Entre eles estava o corpo da velha Zed, que havia dado a Parsifal três pedaços de biscoito de que ele realmente gostara. Ramsay havia atirado nela antes da chegada de Farooq-Lane. O corpo estava espalhado de um jeito não dramático, de bruços, braços ao seu lado, cabeça virada, como se a mulher tivesse decidido dormir no meio do chão. O único sinal de que ela talvez não tivesse optado voluntariamente por isso era que uma de suas sapatilhas havia saído e estava paralela ao lado do pé. Isso, e ela estava sem a parte de trás da cabeça.

— Esperar pelos outros? — Ele disse. — Vocês são os outros.

Farooq-Lane atravessou o tapete para abaixar os alto-falantes da caixa de som barata. Também havia sido pintada, como se essa Zed não pudesse deixar de espalhar cores em tudo que via.

— E já estava feito quando cheguei. Por que você me ligou?

Ramsay não ouviu a irritação em sua voz. Ele não estava particularmente atento às sutilezas da vida.

— Confirmação para que Lock não fique nas minhas costas.

— Você nem confirmou que ela era uma Zed antes de fazer isso? — Exigiu Farooq-Lane.

Isso ele ouviu. Pegando os polegares nas presilhas do cinto de sua calça cáqui, ele girou para ela, primeiro a pélvis.

— Me dê algum crédito, Carmen.

— Srta. Farooq-Lane.

Ele sorriu para ela.

— Algum crédito, *Carmen*. Meu amigo drone e eu a pegamos sonhando antes de entrar.

Mas eu preciso que você faça seu pequeno trabalho de catalogação com todo o resto aqui. Lock disse que encontrou outro Visionário? Onde ele está?

— Ela está esperando no carro.

— Não tem um risco de fuga?

— Ela investiu em nossa missão — disse Farooq-Lane, embora nem sequer tentasse recrutar Liliana. — Salvando o mundo. — Ela disse isso para lembrá-lo de que sua missão não era *se divertir atirando nas pessoas*.

— Salvando o m-m-m-maravilhoso mundo! — Emocionou Ramsay, com uma melodia que ela provavelmente deveria conhecer. — Carmen, você é muito engraçada.

A coisa mais irritante sobre Ramsay era que ele sabia que ela odiava o modo como ele falava com ela e não se incomodava em mudá-lo. Era como se devesse haver consequências por ser um garoto chato e crescido que gostava de deixar as pessoas desconfortáveis, e ainda não parecia haver. Por um momento, eles se entreolharam sobre o corpo mole, e então ela disse a si mesma: *Apenas faça seu trabalho para descobrir um lugar seguro para abrigar Liliana.*

Silenciosamente, ela catalogou todos os objetos dos sonhos na casa da Zed. Eles eram parecidos com o artesanato na sala de estar e a coisa colorida que vira pela porta da cozinha. Brilhantemente colorido, confuso, fluido. Não havia muitos. Eles estavam na parte de trás do vaso sanitário, no peitoril da janela, perto do cacto, na mesa de cabeceira, da maneira que você colocava a cerâmica feita na faculdade de qual se orgulhava.

Parsifal tinha razão. Essa Zed nunca seria o tipo de sonhador que sonharia o fim do mundo.

Sou aquela pena, pensou Farooq-Lane.

Quando ela voltou para a sala de estar, Ramsay estava sentado em uma cadeira ao lado do corpo, conversando com Liliana, que estava na porta, com os olhos gentis e arrependidos.

Ele ergueu um dedo como se Farooq-Lane estivesse prestes a interrompê-lo e terminou seu pensamento: — Todos esses filhos da puta se conhecem, é isso que estamos aprendendo, por isso é melhor acertá-los rapidamente e

juntos, ou eles avisam aos outros.

— Eu pensei que você estava esperando no carro — disse Farooq-Lane.

— Eu queria ver se você estava bem — disse Liliana.

— Ah, querida — disse Ramsay. — Você quer nos ajudar, pode ter a próxima visão quando tiver uma chance. Mundo para salvar e tudo isso.

Sou aquela pena, pensou Farooq-Lane.

Ela não era aquela pena.

Ela deu um soco em J. J. Ramsay com força suficiente para que ele caísse de bunda, a cadeira gemendo para trás, colocando-o de costas com as pernas emaranhadas em volta das pernas da cadeira.

Houve um silêncio completo. Ramsay teve sua respiração e palavras idiotas arrancadas dele. Sua boca se moveu como se ele estivesse tentando algumas das palavras idiotas que ele ia dizer quando recuperasse o fôlego suficiente para dizê-las.

O punho de Farooq-Lane doía como se tivesse acabado de ser esmagado no rosto de um idiota, porque acabara de ser esmagado no rosto de um idiota. Mordendo o lábio, ela arriscou um olhar para a nova Visionária, a Visionária que ela estava, segundo o Guia dos Moderadores, tentando recrutar para sua causa nobre.

Liliana olhou de Ramsay para Farooq-Lane e disse:

— Eu seguirei você a qualquer lugar.

CAPÍTULO 67

Já que Hennessy estava tão claramente assustada *demais*, Ronan não havia divulgado as ressalvas sobre o seu plano. Afinal, Lindenmere era sensível a todos os pensamentos, e a última coisa que ele queria fazer era dar voz a algo que se manifestaria por eles.

Mas era perigoso.

Opal e Hennessy estavam sentadas de pernas cruzadas no meio de uma clareira em Lindenmere, em cima de um bonito e pequeno monte de terra onde brotava o tipo de grama fina e peluda que crescia à sombra. Um anel de fada de cogumelos brancos sem graça os cercava. Um pequeno riacho, escuro com taninos de folhas, murmurava na beira da clareira.

Opal estava sentada atrás de Hennessy, ambas de costas uma para a outra, parecendo *cheias de si*. Ronan estava confiando fortemente na capacidade de Opal de agir como intermediária entre ele e Lindenmere.

Como Ronan conseguia realizar o que precisava em sonhos no Barns, e por preferir que todas as consequências dos sonhos acontecessem longe de seu corpo físico, ele geralmente não usava Lindenmere assim. Ele vinha a Lindenmere para se sentir compreendido, sentir o poder da linha ley sobrepor a si mesmo, sentir-se conectado a algo maior, para garantir que não precisasse dele, ou vice-versa.

Ele não costumava vir aqui para sonhar.

Sonhar em Lindenmere significava tornar os pensamentos realidade imediatamente. Os monstros estavam lá no momento em que você os oferece algo. O oceano subia ao redor do seu corpo real e vigilante. Suas cópias eram verdadeiras até você ou Lindenmere destruí-las.

Mas ele não sabia como mostrar a Hennessy como sonhar de outra maneira.

A única outra maneira poderia ser encontrá-la no espaço dos sonhos como Bryde o conhecera, mas ele não teria o mesmo tipo de controle. As consequências de Hennessy acordar com outra tatuagem mortal eram terríveis demais para arriscar sem as grandes armas.

— Lindenmere — disse Ronan em voz alta. — Vou precisar de cada pedaço seu para isso.

E Hennessy começou a sonhar. Não realmente um sonho, porque ela estava acordada.

Mas Lindenmere começou a sonhar por ela.

Estava escuro.

A luz ficou fraca na clareira.

Havia música tocando. Era uma gravação de jazz antiga, a voz de uma mulher tocando e cantando enquanto o som expandia e estalava. Hennessy não havia mencionado isso a Ronan quando ela descreveu o sonho.

Uma mulher estava no vale, mas não era mais um vale. Era um armário. As luzes estavam apagadas. A única luz vinha de uma pequena janela alta e a luz era cinza. A mulher estava vestida com sutiã, calcinha e roupão. Ela não se assemelhava com Hennessy, mas não *se parecia* com ela. Rímel estava escorrido pelo rosto. Ela estava segurando uma arma.

A mulher de roupão colocou a arma na própria cabeça.

A porta se abriu (agora havia uma porta). Hennessy estava nela. Não a Hennessy que estava sonhando, mas outra Hennessy. Ela estava de pé, um pouco diferente do que Hennessy agora. Um pouco mais suave, seus ombros um pouco mais inclinados. Ela usava uma camiseta branca, jeans bonitos, flores bordadas nos bolsos da bunda.

— Mãe? — Hennessy disse.

— Você não sentirá minha falta — disse a mãe de Hennessy.

— Espere — disse Hennessy.

O cano da arma brilhou.

O sonho se dissipou com a reverberação do tiro, e Hennessy acordou com uma segunda Hennessy olhando para ela da borda do anel de fadas, os cogumelos pisoteados.

Ronan olhou para a nova Hennessy por uma fração de segundo e depois disse: — Lindenmere, leve-a.

A floresta dissolveu a segunda Hennessy, incorporando-a imediatamente na grama fina, como se ela nunca tivesse estado lá. A Hennessy original girou, a mão pressionada contra a garganta.

— Esse não é o sonho que você me descreveu — disse Ronan.

Hennessy estava respirando lentamente e com dificuldade, sem foco.

Ronan caminhou até ela e empurrou o ombro dela com a bota.

— Esse não foi o sonho que você me contou. Isso foi uma lembrança? Isso aconteceu?

— Me dê… um segundo — disse Hennessy.

— Não — Ronan disse simplesmente. — Você não precisa de um segundo. Lindenmere está sonhando por você. Você não está fazendo nenhum trabalho pesado aqui. Isso aconteceu?

Quando Hennessy não respondeu, Opal subiu com ternura no colo de Hennessy. Ela afastou a mão de Hennessy da garganta, beijou-a e abraçou-a.

— Aconteceu? — perguntou Ronan.

Hennessy estava tão mal-humorada quanto Opal quando não conseguia o que queria.

— Eu não quero falar sobre isso.

— Controle seus pensamentos ou estamos saindo dessa merda agora — disse Ronan.

Ele desceu novamente à beira da clareira. — Nós vamos de novo.

Mergulhe.

Repita.

O vale esmaeceu. A música tocou. A mulher levantou a arma.

— Não deixe isso se abrir — disse Ronan. — Não deixe isso acontecer.

A porta se abriu.

— Mãe? — Disse Hennessy.

— Você não vai sentir minha falta.

— Espere...

Outra Hennessy apareceu novamente, separando-se imediatamente da primeira, como se estivesse descascando a memória, como uma pele.

— Lindenmere, leve embora — disse Ronan, impaciente.

O sonho escapou; a Hennessy extra se infiltrou no solo.

Hennessy apertou as palmas das mãos contra os olhos.

— Isso aconteceu? — Ronan perguntou. — Ou estamos jogando, vamos fingir?

— Eu não quero *falar* sobre isso — disse Hennessy.

— Por que estamos aqui hoje? Você vai tentar? — Ronan caminhou até o centro do vale e colocou as mãos em concha sobre um dos cogumelos derrubados até sentir que ele crescia alto e resistente sob as palmas das mãos. — Novamente. O sonho real desta vez.

Mergulhe.

Repita.

A clareira ficou escura. Jazz entrou. A arma foi levantada. A maçaneta da porta, girando.

— Você não — disse Ronan. — Outra pessoa. Papai Noel. Um cachorro. Ou ninguém; uma sala vazia. Você nem está tentando controlá-lo.

A porta se abriu.

— Mãe? — Disse Hennessy.

— Você nem *ao menos* está tentando! — Ronan disse, e atirou na Hennessy extra.

A verdadeira Hennessy acordou assustada, com os dedos arranhando a grama. Ela olhou para a arma na mão dele.

— Como você conseguiu isso?

— Lindenmere é um sonho — Ele rosnou. — Eu te disse. Tudo o que você precisa fazer é tentar. Ela está apenas fazendo o que você pede, e você está pedindo por isso. Eu pedi uma arma. Agora eu vou pedir para levar isso. Lindenmere, leve essa merda.

A arma e a cópia morta derreteram.

— Por que estamos fazendo isso? Onde está o sonho?

— Estou tentando.

— Eu não acho que você esteja.

Opal se inclinou contra Hennessy, mastigando um relógio que Adam havia lhe dado há muito tempo. Ela falou a respeito: — Ela *está* tentando — Mas ela não era confiável. Ela tinha um fraquinho pelos oprimidos, sendo um deles.

— Mais uma vez — disse Ronan. — Pelo menos tenha coragem de se livrar da outra cópia. Isso é tudo, você entendeu? Temos tudo isso, podemos fazer muito. Isso significa que precisamos estar prontos para fazer o que precisamos para garantir que não estraguemos tudo. Ninguém mais entende. É com isso que vivemos. *Novamente*.

Mergulhe. Repita.

Escuridão, jazz, uma arma, um gatilho.

— Não deixe uma cópia sobreviver a isso — ordenou Ronan. — Se você não vai mudar mais nada...

— Mãe? — Hennessy disse.

— Você não vai sentir minha falta.

— Espere...

Hennessy ofegou e enrolou-se. Ronan se ajoelhou ao lado dela, colocou a arma na mão dela e apontou para a cópia recém-formada.

— Isso é o que você faz no sonho. Ninguém vai ajudá-la com isto.

Hennessy fez um som impotente quando ele apertou o dedo no gatilho. Ela começou a chorar sem lágrimas, apenas os soluços irregulares e sem esperança.

— Lindenmere — disse Ronan com raiva. — Leve isso embora.

A cópia duplicada vazou para o chão.

— Não posso — disse Hennessy.

— Isso realmente aconteceu? — Ronan perguntou.

— Eu não *posso*.

Ronan sentou-se na grama.

— Merda.

Opal sussurrou:

— Bryde.

O nome parecia enorme falado aqui neste lugar. Era a mesma palavra que sempre foi, mas aqui, em Lindenmere, significava algo diferente. Aqui em Lindenmere, ele poderia dizer *Bryde* e possivelmente chamar Bryde de verdade, ou poderia dizer *Bryde* e invocar uma cópia, tudo o que Ronan achava que Bryde deveria ser, como Hennessy e suas cópias.

Ele supôs que Bryde diria que as duas versões eram reais.

Opal ainda estava olhando fixamente para Ronan.

— Tudo bem — disse ele. — Sim.

CAPÍTULO 68

Eu tive um sonho ontem à noite — disse Bryde. — É o que todo mundo diz. Eu tive um sonho ontem à noite, e era disso que se tratava, era insano. Era sobre um hospital para zumbis. Sobre a minha quinta festa de aniversário. Sobre uma estação espacial, mas todos os astronautas eram você, não é louco?

Sua voz veio de algum lugar muito próximo nas árvores. Ele não disse *não me procure*, mas a sensação disso pairava na névoa escura e densa que se movia entre os troncos das árvores de Lindenmere. Hennessy não sabia dizer que tipo de pessoa ele era apenas por sua voz. Poderia ser de qualquer idade. Mas tinha certeza de si mesmo, calmo. Irônico. Tinha visto coisas, a voz implicava.

— Todo mundo pensa que seu sonho é sobre outra coisa — disse Bryde. — É apenas você. Você não está sonhando com sua mãe. Você está sonhando com o que sente por sua mãe. Sua mãe não está lá. Você não é tão poderosa. Você não a está tirando da vida após a morte para reencenar o momento de morte dela para você. É apenas sua própria bunda.

Hennessy não se sentia bem. Ela realmente estava tentando pensar no Laço. Ela não sabia por que tinha que continuar olhando para aquela lembrança de merda.

— Não estou tentando fazer isso. Estou tentando ter meu outro sonho.

— Você está? — Bryde perguntou. — Você acha que essa floresta mente? Ou apenas dá o que você pede?

— Eu não estava pedindo isso — disse ela.

— Sua mente não estava — disse Bryde. — No entanto, seu coração…

Ela não podia discutir. Ela esteve ignorando o que seu coração sentia sobre as coisas por muito tempo para fingir ser uma especialista nisso.

— Nós nos enganamos melhor do que ninguém quando estamos com medo — disse Bryde.

— Você pode ajudá-la? — Ronan perguntou.

Bryde parecia um pouco divertido.

— Eu não estive fazendo isto? Ah... — Isso foi porque Ronan inclinou a cabeça, como se quisesse olhar em volta das árvores na direção de sua voz. — Essa é uma boa maneira de me fazer ir embora.

— Eu não entendo por que você ainda está se escondendo — disse Ronan. — Você está aqui no meu maior segredo. Você sabe tudo sobre mim.

Não estou pedindo uma certidão de nascimento. Apenas uma conversa com seu rosto.

Bryde disse:

— Isso é porque você não sabe o que pede — Ele fez uma pausa e, quando falou novamente, sua voz mudou um pouco. Foi um pouco triste. — Se você me vê, significa que tudo mudou para você. Você realmente não pode voltar atrás ao me conhecer. Eu não te tiraria de sua vida. Então, esta proximidade que não é tão próxima, é o mais perto que você pode chegar sem que as coisas mudem.

— O que acontece se eu pular para o centro? — Mas Ronan não tentou olhar em volta das árvores novamente.

— Eu não sei — disse Bryde. — Não sei mais. Não sei se quero que sua vida mude.

Estava claro no rosto de Ronan que ele *queria*. Ele era dono desse lugar tremendo, sonhador de sonhos, e ainda assim queria mais.

Hennessy podia entender isso. Ela desejou que Jordan pudesse estar aqui para ver este lugar. Todas elas. Talvez ela devesse ter trazido todas aqui com ela, em vez de sempre sentir que tinha que carregar isso sozinha. Que bem isso fez a longo prazo? Isso a estava matando como um segredo, de qualquer maneira.

Ela falou.

— Eu *preciso* que a minha mude.

Houve uma pausa muito longa. Opala alcançou o punho no ar acima dela e o abriu. Um pouco de alegria escapou de suas garras e, em vez de chover, subiu lentamente. Todos eles assistiram até que se dissolveu no cinza.

— Provem — disse Bryde. — Provem que vocês dois podem trabalhar juntos. E se vocês ainda quiserem, juntem-se e venham me dizer. Mas lembrem-se do que eu disse. Ah – não. Não. O mundo está indo à merda.

A floresta ficou silenciosa.

Ele não se despediu e ele não estava visível para o verem partir, mas Hennessy percebeu que ele se fora. Foi uma despedida inquietante. Ela podia dizer pelo rosto de Ronan que não era assim que Bryde normalmente desaparecia.

— Eu vou fazer isso — disse Hennessy. — Não me deixe cair, Lynch.

***

A clareira ficou escura.

Foi assim que o sonho começou: na escuridão.

Não havia som.

Houve um vasto movimento de tempo e espaço, que tinha substância própria no sonho, contudo não era exatamente som. Não havia nada no sonho que você pudesse realmente olhar. Não havia nada no sonho para o qual você pudesse realmente colocar palavras.

Havia Hennessy e, no sonho, Hennessy sabia que poderia manifestar qualquer coisa, se realmente quisesse. Era limitado apenas por sua imaginação – que era impossível, aterradora e brilhante. Ela recebeu esse talento quando nasceu e não contaram como usá-lo.

Recebeu esse talento e assistiu isso matar a sua mãe, ou pelo menos não salvá-la.

Ela poderia fazer melhor com isso.

Se ao menos ela sonhasse com algo além...

Estava lá.

Ela sentiu e depois viu. Escuro e iminente, o oposto de cor e compreensão.

Somente suas arestas faziam algum sentido. Inclinado e enganchado, xadrez e geométrico. Como um laço, se servia para algo.

Principalmente era grande. Era maior do que qualquer coisa que ela pudesse entender.

Era tão enorme e velho que a idade não se aplicava a ele. Ele estava lá por tanto tempo que os humanos eram bactérias para ele. Infinitesimal. Irrelevante. Era muito mais poderoso do que eles que a única graça salvadora era que nunca havia notado...

Sua consciência se tornou uma coisa no sonho.

Isso viu Hennessy.

Ela podia sentir o quão terrível era esse peso. Como isso mudou tudo. Agora que ela havia sido notada, ela nunca poderia ser não vista. Existiam duas Hennessys, aquela que havia vivido sem saber que isso existia, e mais importante, sem isso saber que *ela* existia, e a que tinha sido vista.

Agora que aquilo tinha a visto, a odiava.

Aquilo ia matá-la. Isso iria matá-la desta forma: iria entrar nela, prometeu, e ia matá-la apenas com sua existência, porque ela era muito pequena e porosa, e aquilo era tudo. Ela não conseguiu segurá-lo dentro dela.

Ou ela poderia deixar aquilo escapar e viver.

Ela nunca deixaria sair. Ela não era forte o suficiente para impedir que se movesse nela, mas era forte o suficiente para nunca deixar escapar. Ela não

era tão fraca que deixaria mais alguém viver com aquilo olhando, vendo, tocando, invadindo...

CAPÍTULO 69

Declan não costumava levar as pessoas para casa.

Não era que ele não tivesse saído ou namorado, aquele eufemismo desagradável pelo que às vezes era perfeitamente agradável. Foi que ele não chegou muito perto. A intimidade era permitida desde que não revelasse nada verdadeiro.

O que não era muito íntimo.

Ele teve alguns relacionamentos de longa data, três Ashley's seguidas, para alegria dos irmãos, mas eram como hobbies que nunca valeram a pena. Ele não sabia por que ainda estava no clube de crítica de cinema e não sabia por que ainda estava namorando Ashley's.

Era exigir muito da agenda dele para alguém que acabaria chorando amargamente, que ela diria que não significava nada para ele, ou ele se lembraria de *preencher* o espaço em *branco*. Ele ficou exausto por carregar todos os seus segredos e não revelar nada dele.

Então ele simplesmente não trazia as pessoas para casa. Ele realmente não gostava de pessoas que sabiam onde ele morava de qualquer maneira. Onde sua escova de dentes estava guardada.

Mas ele trouxe Jordan de volta para casa.

Não era exatamente como ir para casa com outra pessoa depois de um encontro de qualquer maneira. Só que parecia estranho se separar depois que lhes disseram para esquecer tudo o que ouviram sobre um misterioso sindicato por um homem que era uma cópia do jovem pai de Declan.

Então eles voltaram para a casa de Declan.

Ele abriu a porta.

— Depois de você.

Jordan fez o que ele pediu, observando a casa da cidade quando ela entrou. Ele viu através dos olhos dela: sem graça, previsível. Feito com bom gosto, sim, caro, sim, mas esquecível. Sofá cinza, tapetes brancos, pinturas contemporâneas elegantes em molduras escuras. Não era uma casa, era um catálogo. Declan, bonito e neutro, era simplesmente outro acessório em sua própria casa.

Ele olhou o relógio quando fechou a porta atrás deles. Para seu grande alívio, Matthew se sentiu melhor o suficiente para ir ao treino de futebol no fim de semana.

— Meu irmão Matthew estará aqui em cerca de uma hora.

— Quantos irmãos você tem? — Mas ela já havia encontrado uma foto deles na mesa de entrada. Ela comparou a ele, o gesto semelhante a quando o estudara para pintá-lo.

— Ambos mais jovens — disse ele. — Matthew mora comigo.

— Garoto bonito — disse ela. — Homem. Garoto. Seja o que for.

Sim. Esse era o ponto crucial de Matthew, ele pensou.

— Este parece o "*The New Fenian*" — disse Jordan. — Por Deus, muito parecido com ele.

— Ronan — disse Declan. — Sim. Ele parece com meu pai — Ele não queria pensar em seu pai. Ele não queria pensar no "*The New Fenian*" o abraçando e dizendo que estava orgulhoso dele. Não era real. Era típico do seu pai que ele daria a Declan um quebra-cabeça que apenas levaria a outro sonho. — Café? Espresso? Café com leite?

Jordan o deixou escapar com a mudança de assunto.

— Eu adoraria um café com leite agora. Não de uma maneira verdadeiramente dedicada, mas pelo menos no fim de semana, de maneira casual, *às vezes colocar dinheiro na caixinha de doação*.

Na cozinha, ele preparou um café com leite enquanto ela se levantava para sentar no balcão. Ele não tinha acendido as luzes, então a única iluminação era da sala de estar e do último raio de luz do fim da tarde lá fora. Isso tornava tudo na pequena cozinha preto e branco e cinza, uma privação sensorial chique.

Quando ele trouxe o café, ela abriu os joelhos para que ele pudesse ficar perto dela onde ela estava sentada no balcão, sem esforço sensual, sorrindo preguiçosamente para ele. Ela gesticulou com a caneca em volta da sala de jantar, em direção à sala de estar visível.

— Por que você fez isso? Que tragédia ambulante.

Declan disse:

— É elegante e contemporâneo.

— É invisível — disse ela. Ela colocou a mão por baixo do suéter dele. — Você não pode amar essas coisas.

— É ideal para entretenimento.

— Robôs divertidos. — Ela brincou com a camisa dele para tocar a pele. — Onde está o verdadeiro você?

Escondido com segurança.

— Como você sabe que não é o meu verdadeiro eu?

— Seus sapatos.

Ele a estudou por um longo momento, com força suficiente para que ela parasse de brincar com a pele dele e fingiu posar, o queixo ajustado artisticamente, a xícara de café perto do rosto, como se fosse uma foto publicitária ou um retrato. *Garota no Balcão da Cozinha. Ainda Viva com um Passado.*

Ele cedeu.

— Andar de cima.

Ela deslizou para fora do balcão de uma só vez.

Ele a levou para cima. Ele viu novamente como ela devia ver: mais tapete. Mais impressões e fotografias emolduradas esquecíveis. No final do corredor acarpetado havia um *mestre* modesto. Isso era um pouco menos anônimo; as impressões na parede eram todas fotografias em preto e branco da Irlanda, feitas de maneiras vagamente artísticas e nostálgicas. A cama estava arrumada tão bem quanto uma cama de hotel. Declan afastou uma cadeira do canto da sala e ficou de pé nela. Havia uma porta no teto para um sótão.

— *Lá* em cima? — Ela disse.

— Você perguntou.

Enquanto ele puxava a escada, ela olhou para as fotografias. Ela colocou a mão na têmpora como se isso a incomodasse.

— Ainda está pronta para isso? — Declan perguntou.

Ela deixou cair a mão.

— Me surpreenda.

— Entregue seu café.

Quando os dois estavam de pé, ele puxou uma corda para iluminar o espaço com uma única lâmpada.

Era um espaço de rastreamento no sótão, apenas alto o suficiente para ficar em seu ponto mais alto. Ele colocou um tapete antigo gasto no chão e cobriu o compensado inacabado no teto inclinado com estampas.

Declan recostou-se para ligar uma enorme lâmpada de aço inoxidável escultural na forma de um violento anjo art déco. Ela era tão alta quanto Jordan.

— Isso é um... — Ele podia vê-la pensando seriamente. — Stubenrauch? Certo?

— Reinhard Stubenrauch — Ele estava absurdamente satisfeito por ela saber. Ele estava absurdamente satisfeito por estar aqui com ela. Ele estava absurdamente satisfeito. Todo esse dia, essa semana inteira, que desastre...

Mas ele estava absurdamente satisfeito.

Jordan, com a cabeça abaixada, examinou uma das peças cuidadosamente presa à parede com dobradiças de fita para evitar danificar a frente. O preto florescia em cada extremidade e as listras pretas mais escuras o dividiam violentamente e delicadamente, como folhas de bambu, caligrafia ou feridas. — Jesus, este é um original, Declan. Eu pensei que era uma impressão. Quem é?

— Chu Teh-Chun — disse Declan. — Eu sei que merecia coisa melhor; você não precisa dizer isso.

— Eu não teria dito isso — disse Jordan. — E quem é este?

Mais tinta preta, enrolada e respingada em formas arquitetônicas agradáveis, como uma criatura voando ou uma frase que ela não conseguia ler. Ela estava tocando sua cabeça novamente.

— Robert Motherwell.

Ela olhou para outra gravura abstrata. Este foi marcado com exclamações vermelhas e pretas irregulares como fogo lambendo a tela. Ela adivinhou: — Still? Clyfford Still?

Porra, ele disse a si mesmo. *Não se apaixone por essa garota.*

— Por que não está tudo isso lá embaixo? — Ela perguntou. — Por que você tem um hotel lá embaixo e Declan trancado no sótão como um louco?

Ele disse:

— Por que você pinta outras pessoas e mantém Jordan presa na sua cabeça como uma louca?

Ela estava tocando sua têmpora novamente. A garganta dela. Ela olhou para o Still por um longo tempo, mas não estava realmente olhando para ele. Ela largou o café com leite, tentando parecer despreocupada, mas ele podia ver pela confusão que era para que ela não derramasse.

Uma sensação de afundamento estava aparecendo dentro de Declan, invadindo em flores escuras e golpes irregulares, assim como as pinturas ao seu redor.

— Por que você roubou *A Dama Sombria*? — ele perguntou.

Jordan fechou os olhos. Sua voz era sonhadora, atordoada.

— Dissemos... dissemos que não íamos falar sobre isso ou sobre... seu pai sonhador.

Não, ele pensou. *Por favor não.*

— Eu não acho — disse Declan. — Que eu já disse a palavra *sonhador*.

Os olhos de Jordan ainda estavam fechados. Ela estava lutando

bravamente. Mais difícil que Matthew. Mas ele pensou que sabia o que era de qualquer maneira. Ela murmurou: — Não, provavelmente... Merda... Por favor.

Mas essa última parte foi para si mesma, não para Declan.

Ele se levantou e colocou a mão na testa dela. Não estava quente. Ele sabia que não estaria, na verdade. Ele já estava tocando nela, então ele usou isso como uma desculpa para enfiar lentamente um pedaço de cabelo atrás da orelha dela. Ela abriu os olhos.

— Você parece tão triste — ela sussurrou.

— Você é um sonho.

— Se eu tivesse um filhote toda vez que um homem dissesse isso para mim. — disse Jordan.

Ele não sorriu.

— A quanto tempo?

— Décadas. Pegar ou largar.

— Onde está o seu sonhador? — Ele odiava dizer isso. Ele odiava tudo. Ele não aguentava mais. Ele não tinha espaço para amar outro sonho. Doía muito. Amar qualquer coisa doía.

Não foi culpa de Niall Lynch, mas Declan o amaldiçoou sem palavras, de qualquer maneira, por hábito.

— Hm. Eu não sei. Ficando bêbada em algum lugar por aí. Como você adivinhou?

— Você não é o primeiro sonho que vi fazer isso — disse Declan. Então ele disse muita verdade, porque estava arrasado demais para não dizer isso em voz alta. — Não é só isso. Eu cresci cercado por eles. Você começa a... senti-los. Sonhos.

Ele fechou os olhos e balançou a cabeça.

— Meus pés continuam me trazendo de volta — disse ele.

Jordan balançou. Ela estava tão ruim quanto Matthew no seu pior. Havia ar na sala, mas não o tipo certo para ela.

— Eu vou te levar para casa — disse Declan. — Você pode pegar o seu carro mais tarde. Ok? Tudo bem?

Era difícil dizer o que ela estava pensando. Os olhos dela estavam vidrados. Ela tinha ido longe, para algum lugar que era para sonhadores ou sonhos, não para alguém como Declan.

Ela assentiu.

CAPÍTULO 70

Mais longe — disse Liliana. — Há casas lá.

Farooq-Lane e Liliana já estavam voando pela estrada há vários quilômetros. Liliana olhou pela janela, com os olhos nas luzes das casas em subdivisões e salpicadas por campos cada vez mais amplos. Elas não estavam nem perto do hotel. Depois de deixar Ramsay, Farooq-Lane havia dito a Liliana que lhe daria uma suíte final no hotel até que eles pudessem encontrar um aluguel de temporada mais particular. Apenas dê a ela até a manhã, Farooq-Lane prometeu, e ela resolveria tudo. Ela poderia ter tanto tempo?

Não.

Não, ela não poderia.

Liliana ainda não havia aprendido a mudar suas visões para torná-las inofensivas, mas prometeu a Farooq-Lane que o episódio seria produtivo independentemente, desde que estivesse longe o suficiente das outras pessoas.

Então agora elas dirigiam, e o telefone de Farooq-Lane tocou e ficou sem resposta. Ele tocou quando as mensagens de voz chegaram. Ela não precisava ouvi-las para saber o que elas diziam; ela havia estado do outro lado dessa parte. Farooq-Lane havia encontrado um novo Visionário e, agora, em todo o mundo, aviões estavam sendo embarcados enquanto os Moderadores se preparavam para se mobilizar de acordo com as novas visões.

Ela não precisou atender o telefone para dizer a eles onde ir ou dar-lhes o um sinal de "pode ir".

Eles sabiam onde ela estava. Eles estavam vindo, não importava o quê.

Liliana estava sendo muito calma sobre todo o processo, apesar de ter sido tão privada de sono e estressada quanto Farooq-Lane, apesar de ter acabado de ter uma conversa com Ramsay, apesar dos cadáveres em seu passado e provavelmente no futuro. Apesar de estar prestes a entrar em uma era completamente diferente, possivelmente levando Farooq-Lane com ela.

Farooq-Lane não tinha certeza se teria preferido que ela estivesse frenética ou não.

Parecia que *alguém* tinha que ficar frenético, então, se não era Liliana, cabia a Farooq-Lane.

— Não espere muito — disse Farooq-Lane.

— Em breve — disse Liliana.

— Em breve estaremos em um lugar para parar, ou em breve você *precisará* parar?

Liliana sorriu como se achasse sua ansiedade familiar e divertida.

— Ambos.

Isso foi intensamente desconfortável.

— O que você está procurando?

— O que eu lembro — disse Liliana. Ela bateu as unhas de uma mão nas unhas da outra, pensativa.

As milhas passaram. As casas diminuíram. A noite escureceu. Farooq-Lane se perguntava quanta confiança ela estava disposta a colocar nas mãos dessa estranha.

Liliana disse:

— Ah, aí. Aí.

Havia uma entrada de terra que levava alguns metros a um portão de metal da fazenda antes de desaparecer na grama do campo. Uma cerca de quatro tábuas de cada lado do portão continha várias vacas sonolentas.

Liliana riu quando as viu.

— Pena — disse Liliana, abrindo a porta. Ela abaixou as pernas rigidamente e se levantou do carro.

Farooq-Lane olhou dela para o gado. Lentamente, ocorreu-lhe.

— Elas vão...

Liliana aconselhou:

— Não me siga.

Na luz dos faróis, ela atravessou a grama do campo. Farooq-Lane olhou-a remexer no portão antes de entrar no campo. Ela não se incomodou em fechá-lo atrás dela; Farooq-Lane achou que esse era possivelmente o desenvolvimento mais preocupante nas últimas 24 horas, uma subversão completa do que era certo e verdadeiro.

Liliana desapareceu na escuridão.

Farooq-Lane ficou ali por um longo momento, tentando decidir se deveria recuar e colocar um pouco mais de distância entre si e o campo. Depois, tentou decidir como saberia quando o episódio de Liliana terminasse. Então ela tentou decidir como se sentia sobre qualquer coisa no momento. Ela deu um soco em Ramsay, e sua mão ainda doía, e Parsifal estava morto, e seu coração ainda doía, mas a vida continuava.

Ela ouviu algo bater no pára-brisa. Era um som pequeno e estranho, um sentimento tanto quanto um barulho. Era um pouco como uma forte rajada de

vento, ou como o som que se ouvia se você colocasse uma concha sobre a orelha. Durou menos de um segundo. O carro inteiro deu um pulo, mas só um pouquinho. Farooq-Lane percebeu que as vacas perto da cerca não estavam mais em pé. Elas eram pedaços escuros atrás da cerca de quatro tábuas.

Uma delas foi arremessada contra o poste perto do portão, com a língua pendendo. Algo escuro escorreu pelo poste.

Ela bateu as mãos nos ouvidos.

Ela sabia que era uma resposta tardia, que não faria nada, mas era isso ou colocá-las sobre a boca ou os olhos, e nenhum desses gestos fazia mais sentido.

Essas vacas estavam mortas. Liliana acabara de matá-las. Farooq-Lane tinha estado apenas quinze pés fora do alcance da Visionária. Liliana sabia disso? Será que ela se lembrava muito bem disso ou apenas queria arriscar-se com a vida de Farooq-Lane?

Farooq-Lane tinha visto tantos corpos hoje.

Um movimento chamou sua atenção. Alguém estava passando pelo portão aberto e cuidadosamente o fechando atrás de si. Os faróis iluminaram o vestido familiar de Liliana por um momento e então ela saiu da luz para se aproximar do carro. Ela abriu a porta do lado do passageiro e entrou no carro.

Os lábios de Farooq-Lane se abriram bruscamente.

Liliana era linda. Ela ainda era claramente a velha que acabara de estar lá antes, mas também não era. Suas longas tranças pálidas tinham se tornado longos cabelos ruivos, e os olhos que antes estavam cheios de calma agora estavam cheios de lágrimas. Ela disse, com uma voz muito baixa: — Eu odeio matar coisas.

Essa versão dela ainda não havia descoberto como gostar de viver em sua própria vida.

— Eu também — disse Farooq-Lane.

Liliana suspirou.

— Mas há mais por vir.

CAPÍTULO 71

Havia algo de estranho na casa quando Jordan voltou.

Ela não conseguia saber o quê. Talvez, ela pensou, fosse apenas *ela* era estranha. A casa pairava sobre a iluminação atmosférica do quintal e o paisagismo indulgente, como sempre acontecia quando o sol se punha. As janelas visíveis para a rua eram mantidas escuras; as janelas não visíveis eram quadrados de luz. O brilho vazava para o quintal pelas grandes portas de vidro que Hennessy havia aberto uma vez para dirigir o Lexus.

Declan abriu a porta do carro para ela.

Os dois ficaram ao lado do Volvo maçante e apertaram os olhos para a casa. Se Declan achou que era uma casa enorme para ela morar, ele não disse isso. Ele não disse nada.

Parecia como sempre, mas...

Algo não está certo, disse sua cabeça.

— Você parece um pouco melhor — disse ele.

— Eles não duram muito — Ela não olhou para ele. Ele não olhou para ela.

Ele olhou ao redor da entrada como se isso o incomodasse. Sua mão inconscientemente esfregou seu peito. Finalmente, ele perguntou: — Você está bem para entrar sozinha?

— Sim, cara — disse ela com um sorriso. — Deixei meu café no seu sótão. Eu esqueci.

— Eu vou pegar — disse ele.

Se fosse outra pessoa, ela pensou que poderia ter avançado para um beijo. Mas algo sobre a maneira como o rosto dele mudou quando ele percebeu que ela era um sonho meio que quebrou as pernas dela. Ele sabia o que ela era, e isso não o surpreendeu. Isso o decepcionou. Ela fora *Jordan Hennessy* para ele e agora era outra coisa. Menos. Ela sentiria algo sobre isso mais tarde. No momento, tudo parecia estranho. Então ela apenas esticou os nós dos dedos para dar um soco no punho.

— Obrigada pela carona.

— Ah — Ele disse, e ela também não sabia o que aquilo significava. Mas ele bateu nos nós dos dedos. Ele entrou no carro e ficou sentado lá. Ele ainda estava sentado lá quando ela chegou à porta.

Ela entrou.

Lá dentro, o sentimento era mais estranho. As luzes do andar de baixo não estavam acesas, o que não era incomum a essa hora da noite se Hennessy não estivesse aqui – as outras garotas estariam em outras alas da casa. Mas ela não conseguiu encontrar os interruptores de luz imediatamente.

Ela não sabia por que estava tão desorientada. O sonho dela? Foi isso? Ela correu os dedos ao longo da parede procurando os interruptores.

Havia música tocando mais longe na casa. A cozinha ou a área de estar. Retumbava.

Quem quer que fosse, deu a partida.

Ela continuou procurando os interruptores.

Um choque elétrico a fez afastar os dedos.

Não.

Não foi um choque.

Ela pensou sobre o que havia sentido um pouco mais. Não dor. Não eletricidade. Apenas o *ping* estranho que ocorre quando você sente a umidade inesperadamente.

Umidade?

Jordan puxou os dedos para perto dela no escuro. O sonho surgiu: árvores, asas, fogo, escuridão. Havia algo escuro em seus dedos?

Não, ela estava confusa.

A música estava tão alta. Por que a música estava tão alta?

Ela correu os dedos pela parede enquanto se dirigia pelo corredor e depois tropeçou.

Alguém deixou sua bolsa no chão. Estava pesada, quente.

Estendeu a mão e segurou a perna dela.

Jordan respirou fundo e a bolsa se transformou em não uma bolsa, mas em Trinity.

Ela estava torcida no corredor, um respingo escuro do formato de uma das pinturas abstratas de Declan na frente. Ela soltou a perna de Jordan e colocou um dedo nos lábios.

Shhhh. A mão dela escorregou no chão ao lado dela.

O coração de Jordan acelerou.

Agora ela olhou para trás e viu que a umidade na parede era outra forma abstrata negra que manchava até onde Trinity estava.

Jordan se agachou ao lado de Trinity, mas ela se foi.

Simples assim, ela se foi.

Mantenha o controle, Jordan.

Ela rastejou pelo corredor e entrou na grande sala. Embora as luzes não estivessem acesas aqui, era um pouco mais fácil de ver, porque as grandes janelas deixavam entrar a luz ambiente do lado de fora. O enorme cavalete que segurava *Madame X* foi derrubado, pernas anatômicas como uma girafa caída. A música estava mais alta aqui, o baixo batendo forte.

Ah Deus, ah Deus.

Aqui estava Brooklyn. Caída sobre o sofá, um buraco de bala escuro entre os olhos e outro na garganta.

Náusea e sonho caíram sobre Jordan. Ela balançou, suas mãos buscando equilíbrio e não encontrando nada.

Mantenha controle

Ela se encostou no sofá até se sentir mais firme, e então atravessou a grande sala até o corredor, passou por um escritório e pelo grande e vazio vestíbulo.

Ela quase passou pela porta da escada dos fundos até os quartos, mas então viu que a maçaneta da porta havia sido completamente arrancada. Empurrando a porta suavemente, ela pressionou as costas da mão na boca. Madox. Tinha que ser Madox porque ela tinha cabelos naturais, mas seu rosto estava faltando.

Jordan teve que se agachar então, enfiando os nós dos dedos contra os dentes para ofegar silenciosamente contra eles, mordendo até que a dor a focasse. Ela sabia que estava ficando tonta, hiperventilando.

Ela se fez pensar em como Trinity ainda estava viva, e talvez June ainda estivesse também. Ela se levantou. Ela se dirigiu pelo corredor ao som da música, movendo-se cada vez mais cautelosamente.

Vinha da cozinha, onde as luzes brilhavam. Toda a casa estava equipada com um sistema de som e podia ser ajustado por divisão. A cozinha foi ajustada ao máximo.

Então Jordan mal ouviu June gritar:

— *Abaixe*!

Ela rolou sem questionar quando um tiro soou. Ela só teve tempo de vislumbrar um homem desconhecido enquanto se arrastava atrás da ilha da cozinha.

A música soou. Toda luz possível estava acesa; as sombras eram confusas e não revelavam se alguém estava vindo pela ilha.

Jordan se arrastou até o fim da ilha - não fazia sentido ficar quieta, nada era audível sobre a música - e arriscou uma espiada.

Uma explosão de arma.

Em nenhum lugar perto, foi longe.

Jordan arriscou outro olhar por cima. Um homem estava recarregando bem ao lado dela.

Ela se jogou sobre o balcão, deslizando em cima dele. Ela podia ver June lutando com outro atacante.

Ela estava no limite. O homem não precisava da arma para ser um bom lutador. Ele a jogou de costas e nem sequer vacilou quando ela o chutou nas bolas.

June gritou alto, claro e arejado.

— Fique quieta — disse o homem a Jordan, dando um soco nela. — Por que você não fica quieta, caralho?

Jordan deu uma cotovelada no nariz e ele balançou. Não o suficiente para detê-lo, mas o suficiente para ela sair do peso dele. Ela sentiu os braços agarrados por trás. Seus pés chutaram, chutaram, chutaram o azulejo. Eles a pegaram pelo bíceps e ela não conseguiu se libertar. O cara estava se levantando. Ela estava acabada, podia sentir.

De repente, ela sentiu as mãos segurando seu empurrão. Eles se sacudiram novamente e, assim que o primeiro homem pegou sua arma, eles caíram.

Jordan recuou, perdendo o equilíbrio, mas uma mão completamente diferente estendeu a mão para estabilizá-la. Quando essa nova pessoa a levantou, em vez de arrastá-la para baixo, seu olhar encontrou algo familiar: Lindos sapatos com ferramentas excepcionais.

Declan a soltou a tempo de dar um soco no homem enquanto ele se levantava com a arma.

Jordan firmou seus pés. Havia um número confuso de pessoas na sala. A mulher atordoada no chão deve ter sido quem estava segurando Jordan antes. Declan deu outro soco no homem. June estava aqui, em algum lugar.

O homem que Declan deu um soco cambaleou, mas não caiu. Ele se jogou nos dois.

Havia uma precisão profissional no ataque e na defesa, uma maneira cirúrgica e fácil de lutar contra Declan e Jordan, usando os dois um contra o outro, em vez de considerá-los uma dupla ameaça. Quando a outra mulher se levantou, os dois rapidamente forçaram Declan e Jordan contra a porta da despensa. Ela se abriu atrás deles.

Jordan não queria pensar na rapidez com que terminaria naquele pequeno

espaço.

Então o homem violentamente recuou e a mulher tropeçou, desequilibrada.

June, ofegante de sangue, atirara no homem.

Ela apertou o gatilho novamente, mas a arma clicou, sem sentido, vazia.

— Jordan — ela murmurou. Tudo nela estava arruinado. Jordan não suportava, mas não havia nada a fazer além de suportar. — Corre. Vai.

— June — disse Jordan. — June, não posso.

A mulher procurou uma das armas descartadas.

— Há tantos... mais... mais — disse June. — *Vá*. — Ela disse a Declan: — Eles estão procurando... por Ronan também. Eles sabem sobre o irmão dele. Onde ele mora...

Então ela se jogou na mulher quando ela se levantou com a arma, envolvendo-se em torno do corpo da mulher, mesmo quando a mulher atirou nela.

— Matthew — disse Declan.

Eles correram.

CAPÍTULO 72

O Laço estava matando Hennessy.

Estava fazendo o que disse, realmente, o que sempre fazia. Cobriu-a, envolveu-a, substituiu-a. Desista, insistiu, e isso vai parar de doer.

Ele a estava matando há muito mais tempo do que normalmente fazia. Normalmente ela já havia acordado a essa altura, chegando com uma cópia de si mesma, recém tatuada, um pouco mais perto da morte.

Mas não era um sonho que ela pudesse parar, era Lindenmere, e a pessoa que poderia impedi-lo era...

— Lindenmere — berrou Ronan, com uma voz completamente desconhecida, luz piscando ao seu redor. — *Leve-o embora.*

E então o Laço a soltou, e simplesmente desapareceu, e Hennessy estava deitada no meio da clareira de costas. Opal estava chorando de maneira assustada e acariciando a manga de Hennessy com cuidado. Hennessy não conseguia se mexer porque tudo *doía*. Não fazia muito tempo desde a última vez para se recuperar completamente e agora ela apenas se sentia... extrudada. Sua garganta doía e ela sabia, sem verificar, que o Laço a havia marcado com outra tatuagem. Espaço para apenas mais uma.

Estava quase acabando.

Foi quase um alívio se permitir pensar nisso.

Ronan xingou baixinho enquanto se ajoelhava ao lado dela.

— Desculpe, não fui rápido o suficiente. Eu não sabia que isso iria acontecer para você assim, de repente... — Ele xingou um pouco mais.

— A cópia… — Hennessy disse.

— Não há cópia — disse Ronan. — Você não trouxe nada de volta porque não era o seu sonho, você não acordou, nunca esteve dormindo. Lindenmere apenas parou isso. Só há você. Merda. Merda, droga. Lindenmere, Opal, você pode ajudá-la...

Então era mesmo verdade. O Laço realmente a mataria mesmo sem as cópias. Parecia verdade. Parecia que ela estava quase morta agora. Parecia que, se Opal tocasse sua pele, simplesmente desapareceria.

Opal colocou algo frio na testa de Hennessy, depois repetiu suas ministrações nas costas das mãos de Hennessy e depois nos tornozelos expostos. Ela balbuciava suavemente em uma linguagem que não parecia realista. Ela ainda estava chorando ranhosamente. Ronan se levantou e

abraçou a cabeça de Opal em sua perna.

— Eu não sei — disse Ronan. — Você precisa de algo para afastá-lo de você, como minha luz fez.

Hennessy estava prestes a dizer que não tinha visto aquilo, mas era preciso muito esforço para conversar e, de qualquer forma, ela achou que realmente tinha visto, agora que pensava nisso. Aquele flash de luz. Aquele recuo momentâneo do Laço antes de Lindenmere o levar embora.

— Algo já está no lugar — Ronan continuou. — Isso está ajudando? O que Opal está fazendo? Armaduras. Armadura e mais alguma coisa, como um escudo, algo que você poderia trazer de volta com você que não é você mesma, até aprender como não trazer as coisas de volta toda vez que sonhar.

— Eu não posso fazer isso — Hennessy resmungou.

Opal fez um barulho triste e colocou outra coisa fria em sua garganta. Era bom da maneira que as coisas só podiam ser quando estavam muito, muito ruins antes. Ela podia sentir que tudo o que Opal estava fazendo estava funcionando um pouco. Ela não ia desmaiar.

— Eu poderia fazer isso — disse Ronan. — Eu poderia dormir ao mesmo tempo que você, encontrá-la no sonho e manifestar algo certo quando eu chegasse lá.

Nenhuma ideia soava boa quando você tinha apenas uma chance sobrando.

— É só pedir. É fácil — disse Opal, no que provavelmente deveria ser um tom reconfortante, mas, por causa de sua voz pequena e ofegante de criança, dos grandes olhos negros e das pernas estranhas de cabra, parecia um pouco assustador. — Escudo.

E Hennessy tinha um escudo no peito, empurrando-a para baixo. Ela soltou um grito de angústia.

— Opal — retrucou Ronan. — Longe.

O escudo desapareceu. Hennessy ofegou um pouco, e Opal se ocupou colocando mais coisas frias na pele exposta de Hennessy.

— Você estava apenas tentando ajudar — disse Ronan a Opal de maneira conciliatória.

— Mas é verdade, é fácil aqui. Você só precisa pedir algo. Tente.

Tudo o que Hennessy já pediu transformou-se em um desastre. Um truque cruel. Um afogamento em vez de um oceano.

— Só uma coisinha — disse Opal com uma voz insolente, como uma mãe conversando com uma criança.

— Tudo o que eu sonho vira merda — disse Hennessy.

Ronan olhou para ela, as sobrancelhas franzidas. Sua boca estava se movendo como se ele discordasse muito, mas ele não sabia como montar um contra-argumento. Ela não achava que ele poderia fazer isso. Ele disse: — Como Jordan?

Ele poderia.

Porque é claro que Jordan era boa. Melhor que Hennessy. A melhor de todas as garotas.

A melhor amiga de Hennessy.

Sonhada.

Opal se ajoelhou para deitar a bochecha ao lado da orelha de Hennessy. Ela sussurrou docemente: — Só uma coisinha.

Hennessy fechou os olhos e passou as mãos sobre o peito. Ela as colocou ali, pensando nas luzes que haviam chovido mais cedo. Tão gentis e perfeitas e inocentes e boas.

Hennessy não tinha sido nenhuma dessas coisas por tanto tempo.

— Hennessy — disse Ronan. — Por favor, não me deixe ser o único.

Essa foi a primeira lacuna que ela já vira na armadura de Ronan.

— Só uma coisinha — disse Hennessy. Ela abriu as mãos.

Uma pequena luz dourada se levantou lentamente de suas mãos. Pelo canto do olho, era apenas uma luz. Mas se você olhasse para ela perto o suficiente, queimava com uma pequena emoção quase inexistente: esperança. Ela havia feito isso. Peça, e você receberá.

Então o telefone de Ronan tocou.

CAPÍTULO 73

Os celulares nem sempre funcionavam em Lindenmere. Lindenmere era uma coisa que ambos usavam energia – energia da linha ley – e energia escorrida – dos sonhos – e isso às vezes parecia contribuir para o sinal de celular e, às vezes, atrapalhá-lo. Mais frequentemente atrapalhá-lo. Não ajuda que Lindenmere parecia usar o tempo de maneira diferente do que o resto do mundo; um minuto em Lindenmere, pode ser duas horas fora dela ou duas horas podem demorar um minuto. Sob aquelas condições, era incrível conseguir que uma ligação completasse.

Mas esta conseguiu.

— Não estou com disposição para brigar — disse Ronan ao telefone.

— Ronan — disse Declan. — Diga-me que você está na cidade.

— Estou em Lindenmere.

A respiração que Declan soltou foi o som mais terrível do que Ronan jamais ouvira seu irmão fazer.

— Por quê?

— As pessoas estão vindo atrás de você — disse Declan. — Para a casa da cidade. Para te matar. Matthew não está atendendo o celular dele.

Por um segundo, o cérebro de Ronan não forneceu pensamentos, nem palavras, e então disse: — Onde você está?

— Preso no trânsito — disse Declan miseravelmente. — Estou tentando. Sem acostamento. Não há espaço. Eu chamei os policiais.

Hennessy estava lutando para se sentar, estabelecendo-se fracamente. Ele podia dizer que ela ouviu o lado de Declan da conversa. Lindenmere também, porque as gotas de chuva estavam começando a se espalhar pelo chão, angústia chorando do céu turbulento.

Ronan perguntou:

— A que distância você está?

— Não posso sair e correr, se é isso que está perguntando — Declan retrucou. — Ele não está atendendo, Ronan. Eles já podem estar lá. Eu... olha, eles já pegaram... Jordan é...

Quando ele parou, Ronan fechou os olhos. Pense. *Pense*. Ele tinha muito poder, especialmente parado em Lindenmere, mas tudo isso foi inútil. Não podia se teletransportar.

Não conseguia fazer o irmão pegar o celular. Ele podia manipular qualquer coisa que quisesse dentro Lindenmere, mas nada fora disso. Mesmo

se estivesse dormindo, o que poderia fazer contra um atacante desconhecido duas horas a leste?

Ele poderia fazer enfeites e dispositivos. Sem utilidade. Sem utilidade.

Hennessy estava olhando para ele. Ela ouviu Declan dizer *Jordan*, mas ele não tinha tempo para lidar com isso.

— Eu vou tentar — disse Ronan.

— Tentar o quê? — Declan perguntou.

— Eu não sei. Não sei — Ele desligou. Tinha que pensar – ele tinha que...

Lindenmere estava sussurrando ao seu redor. As árvores estavam murmurando entre si.

Greywaren, disseram as árvores. *Nós lhe daremos o que você precisa.*

— Não sei do que preciso, Lindenmere — disse. Ele se esforçou para imaginar uma solução. — Eu não posso chegar lá a tempo. Preciso de algo que chegue lá. Algo secreto. Estou confiando em você. *Me dê o que preciso*.

Algo perigoso, como você, ele pensou.

E como você, a floresta sussurrou de volta.

A pequena bugiganga brilhante de esperança de Hennessy ainda permanecia na clareira, suspensa entre pingos de chuva.

Lindenmere começou a trabalhar.

A chuva afundou no chão.

Motosserra reapareceu com um grito cauteloso, acompanhada pelo sopro suave de suas asas através o ar. Ela aterrissou no braço dele, com o pescoço preso. Ela bateu o bico. Suas garras se agarraram mais firmemente ao braço dele, e onde o pulso não estava protegido pelas pulseiras de couro, elas tiraram sangue.

Hennessy cobriu a cabeça quando as folhas explodiram do chão. Pássaros giravam em torno deles, um e o mesmo com as folhas. O chão retumbou, a terra se soltando em torno das raízes abaixo. Aquele estrondo baixo rosnou pela terra, ficando mais alto e mais alto até que era uma nota pura e clara tocando no ar, uma proposital e limpa versão do grito de Adam – um som que significava que estava *vivo, muito vivo*, não o contrário. As folhas estavam congeladas no meio do outuno. Os pássaros estavam presos no meio do vôo. Tudo foi realizado naquela nota.

Nesse momento gelado, as luzes giravam e espiralavam entre as árvores. As luzes enroladas na escuridão ao seu redor como se estivessem torcendo fios em uma bobina. A escuridão tinha peso, massa e forma. Lindenmere estava fazendo isso por Ronan, com Ronan.

As novas formas escuras não emitem som, exceto as folhas secas farfalhando com a força de seu movimento enquanto a escuridão continuava enrolando novas camadas em cima da luz, escondendo a luz longe por dentro.

Então as folhas presas caíram; os pássaros voaram para longe.

A matilha foi formada.

Eles seguiram em direção a Ronan e Hennessy, um bando de criaturas sem definição.

Com um chiado, Opala implorou para ser levantada, e ele o fez exatamente quando as criaturas chegaram eles.

Ronan viu que eles eram cachorros, cães de caça, ou lobos. Eles eram fuligem, preto morto, todos misturando-se, menos como animais distintos e mais como fumaça subindo. Os olhos deles brilhavam branco-laranja, e quando ofegavam, suas bocas brilhavam e revelavam o brilhante forno dentro de cada um deles.

Os Cães Sol são tão rápidos quanto os raios de sol, as árvores sussurravam. *Eles estão com fome. Alimente-os com água.*

— Eles são assustadores — lamentou Opala.

— Acho que é essa a ideia — disse Ronan.

Diga a eles o que fazer, disseram as árvores. Os Cães Sol se amontoavam diante dele, línguas negras rolando sobre dentes pretos, fumaça escorrendo deles.

Ronan disse ao bando:

— Salve meu irmão.

CAPÍTULO 74

Os irmãos Lynch, os irmãos Lynch. De certa forma, os irmãos Lynch sempre foram a definição mais importante e verdadeira da família Lynch. Niall muitas vezes se fora, e Aurora estava presente, mas amorfa. Infância fora os três que rasgavam a floresta e os campos ao redor dos celeiros, incendiando as coisas, cavando buracos e lutando. Os segredos os uniram muito mais firmemente do que qualquer amizade jamais pôde e, mesmo quando foram à escola, continuaram sendo os irmãos Lynch, os irmãos Lynch. Mesmo depois que Niall morreu e Ronan e Declan lutaram por um ano, permaneceram emaranhados juntos, porque o ódio se liga tão fortemente quanto o amor. Os irmãos Lynch, os irmãos Lynch.

Ronan não sabia quem ele seria sem eles.

Ele dirigiu como um demônio.

Não era só em Lindenmere que o tempo fez coisas engraçadas. Ronan e Hennessy demoraram uma hora e trinta e oito minutos para chegar a Alexandria, um feito apenas possível através de uma combinação de velocidades ilegais e muito poucos danos às consequências dessas velocidades. Mas uma hora e trinta e oito minutos nunca haviam ocupado tanto espaço antes. Cada segundo era um minuto, um dia, uma semana, um mês, um ano. Cada quilômetro demorou vidas. Ele não saberia se os Cães Sol haviam chegado a tempo até ele chegar lá.

Ligou para seus irmãos. Eles não atenderam.

— Atenda — Hennessy murmurou, no banco do passageiro.

Ronan sempre foi quem encontrou seus familiares mortos; não parecia justo. Não que quisesse que seus irmãos fossem os únicos a suportar a ferida emocional de descobrir os corpos. Ele só não queria que fosse. Foi ele quem encontrou o corpo de seu pai na entrada da casa da fazenda, crânio conheça pé de cabra. Foi ele quem encontrou o corpo de sua mãe nas ruínas moribundas de Cabeswater, um sonho extrudado. Aquelas imagens eram dele para sempre agora, para o vencedor o prêmio, para o descobridor a memória.

Ele ligou para Adam. Adam não atendeu.

— Atenda — disse Hennessy.

O tempo se estendeu por muito tempo, esquisito e infinito, uma noite sem fim, uma cidade não mais perto.

Tentou ligar para seus irmãos novamente.

Eles ainda não atenderam.

— Alguém atende — Hennessy pressionou as mãos sobre o rosto.

Finalmente, eles entraram no tranquilo e estéril bairro residencial onde Declan e Matthew moravam. Parecia silencioso e comum, os carros estacionados nas calçadas, as luzes da rua cantarolando para se acalmar, as mudas decorativas sem folhas tremendo em seus sonhos.

A porta da casa de Declan estava aberta.

Ronan descobriu em si mesmo não preocupação, nem tristeza, nem adrenalina, mas sim uma ausência de sentimento morta e sem graça. *Claro*, ele pensou. Olhou para a rua escura da cidade atrás dele, mas estava vazia. Então abriu a porta, Hennessy mancando atrás.

Lá dentro, a casa da cidade foi destruída. Não apenas destruída, mas arruinada, intencionalmente destruída. Ele teve que passar por cima do microondas, que havia sido jogado no meio da entrada. A arte das paredes foi lançada na escada, como se tivesse levado um tiro na fuga. As gavetas da mesa do corredor foram puxadas e jogadas contra a parede. Todas as luzes estavam acesas.

Ronan procurou em si mesmo algum sentimento novamente. Ainda não havia retornado.

Ele virou a cabeça e disse à Motosserra:

— Encontre-os.

Silenciosamente, o corvo voou, girando em torno de uma luminária e subindo as escadas.

A última coisa que Matthew disse a ele foi que ele era um mentiroso.

Fechou a porta da frente e caminhou pelo primeiro andar, Hennessy seguindo-o atordoada. Os quartos eram irreconhecíveis. Levou um momento para perceber que faltavam algumas coisas: luminárias, estátuas, alguns móveis. E algumas coisas estavam como o microondas: jogadas em um lugar errado.

Havia buracos de bala no sofá.

ele
não
sentia
nada

— Matthew? — Disse em voz baixa. — Declan?

O primeiro andar estava vazio. Ele descobriu que não queria subir as escadas. Ainda tinha aquele barulho confuso dentro dele, aquela falta de

sentimento, mas também pensava que se eles estavam mortos no andar de cima, este era o último minuto que tinha antes de adicionar as memórias de seus corpos aos outros.

— *Kerah* — Motosserra chamou do segundo ou terceiro andar.

Ok. Apenas vá.

Ronan subiu as escadas. No topo delas, encontrou palavras pintadas na parede que costumavam conter fotos de família.

PARE DE SONHAR

Um par de meias novas de Matthew foram jogadas inexplicavelmente no centro do tapete.

Os beagles olhavam para Ronan, que olhava de volta.

Ouviu um farfalhar no quarto principal. Era impossível encaixar. Parecia ocupado.

— Ronan? — Sussurrou Hennessy. Não parecia como ela mesma.

— Fique lá embaixo — sussurrou de volta. Sabia que não parecia com ele mesmo.

— *Kerah* — insistiu Motosserra, da suíte.

Ronan arriscou.

— Declan? Matthew?

— Ronan! Estamos aqui em cima! — a voz de Matthew, e todos os sentimentos que Ronan não sentia nos últimos cinco minutos retornaram de uma só vez. Ele teve que se agachar por um segundo pelas meias beagle, dedos pressionados no tapete de Declan, normalmente perfeitos, mas agora pegajosos com respingos de tinta. *Deus, Deus, Deus.* Era ao mesmo tempo uma oração de gratidão e um apelo. — Você enviou esses malditos monstros? — Declan chamou.

Sim, sim foi ele.

A névoa havia desaparecido; Ronan foi capaz de se endireitar e continuar o caminho.

Os Cães Sol encheram tudo. Sua onipresença não fazia sentido se alguém pensasse neles como uma matilha de cães, mas se alguém pensasse neles como uma nuvem de fumaça, fazia todo o sentido. Como um gás, eles se expandiram para preencher o tamanho do recipiente. Se separaram em torno de Ronan, bocas abertas e ardentes, enquanto olhava em cada quarto.

— Onde estão vocês pessoal?

— Aqui em cima — disse Declan com uma voz azeda.

Ronan olhou para cima. A voz estava vindo atrás do minúsculo painel no teto que levava ao espaço do sótão.

— Por que diabos vocês ainda estão aí em cima?

— Seus monstros também estão tentando nos matar — disse a voz de Matthew, mas parecia animada.

A porta do sótão rachou. Instantaneamente, todos os cães estavam aos pés de Ronan, empilhando um sobre o outro, tentando chegar alto o suficiente para entrar. Eles fizeram um excelente trabalho em pouco tempo.

— Whoa, whoa, calem a boca — disse Ronan. — Abaixem-se!

Mas os Cães Sol não obedeceram.

— Ronan — disse Declan, com um tom de aviso.

— Espere, espere — disse Ronan, tentando resolver o problema.

As palavras de Lindenmere voltaram. Ele percorreu o segundo andar até encontrar a garrafa de água esportiva de Matthew embaixo da cama. Dome-os com água, Lindenmere havia dito. Não havia água suficiente aqui para derramar sobre todos, mas era pelo menos o suficiente para testar uma teoria.

Mas, para sua surpresa, não foi assim que aconteceu.

Ele abriu a tampa.

Imediatamente, os Cães Sol derramaram para dentro da garrafa.

Em um momento a sala estava cheia deles, o chão coberto por seus corpos nebulosos. A seguir, a água na garrafa momentaneamente escureceu e girou e depois ficou clara novamente. A única evidência de que os cães ainda estavam lá, de alguma forma, era um pequeno fio de escuridão que não se dissolveu completamente, como um fio de óleo escuro.

Ronan tampou a garrafa.

— Tudo limpo. Hennessy, está tudo limpo!

A porta do sótão vomitou seus irmãos, primeiro Matthew, depois Declan, depois Jordan.

Jordan correu pela sala e segurou Hennessy tão rápido que tropeçou e teve que se segurar no batente da porta.

— Eu pensei que estivesse morta — Hennessy disse em uma voz vazia.

— Elas estão mortas — Jordan sussurrou. — Elas estão todas mortas.

Matthew foi até Ronan para agarrar sua cabeça, como quando era mais jovem, e Ronan o abraçou com força.

— Sinto muito por ter mentido — disse a Matthew. Declan e Ronan

olharam por cima dos cachos dourados de Matthew. Naquele olhar compartilhado, viu o que a casa destruída da cidade já implicava: foi ruim.

Declan disse:

— Sem seus monstros estaríamos mortos. Eles estão...

Ronan sacudiu a garrafa de água.

— Eles estão aqui — Entregou a garrafa a Matthew, que saiu do seu abraço para sentar na cama e estudá-la. — Aí está, garoto, não diga que nunca te dei nada.

Declan jogou a garrafa para longe de Matthew.

— É como dar uma arma para uma criança. Você sabe o que essas coisas fazem? Você viu antes de enviá-los?

Ronan balançou a cabeça.

Declan colocou a garrafa de água firmemente de volta na mão.

— Colocaria isso em uma prateleira alta. Olhe do outro lado da cama.

Um breve recesso para o outro lado da sala revelou que havia um braço entre a cama e a janela e muito sangue que Ronan supôs que era do braço. Se virou para verificar se não pertencia a Matthew ou Declan. Não pertencia. Ele procurou dentro de si por arrependimento e não conseguiu encontrá-lo. Também procurou por medo, mas tudo o que pôde encontrar foi uma raiva incandescente.

— Precisamos conversar — disse Declan. Ele desviou o olhar de Jordan e Hennessy. — Porque eles vão voltar.

CAPÍTULO 75

Os Visionários nunca queriam fazer isso depois de ver um ataque. Lock se acostumou.

Eles estão prontos para lutar pela causa quando conhecem os Moderadores, e depois viram como tudo realmente acontecia e todos ficavam com os pés frios. Por um tempo, Lock pensou que a resposta era mantê-los afastados dos ataques, se possível, mas depois percebeu que isso também era inútil. Eventualmente, eles veriam os ataques em suas visões, então, de uma maneira ou de outra, o momento do acerto de contas estava sempre chegando.

Liliana não foi diferente. Havia se hospedado no mesmo hotel que Farooq-Lane e Ramsay e, quando a viu com Carmen no saguão do hotel, percebeu que não seria do tipo com estômago de ferro. Era mais do tipo de paz verde, preguiçosa e chorosa. As pessoas que se pareciam com ela, queriam fazer isso para tornar o mundo um lugar melhor e essas pessoas raramente viam como atirar em adolescentes na cabeça e no estômago estava fazendo do mundo um lugar melhor.

Então ele já sabia, antes de sair, que exigiria alguma negociação depois que voltasse.

E quando tudo terminou, ele sabia que ia fazer o que fosse necessário, porque a informação dela era de ouro.

Claro, tinha sido um show de merda. Bellos agora tinha um braço. Ramsay levou um tiro no mesmo braço em que foi esfaqueado com um crucifixo, que era apenas o braço ruim, mas pelo menos ainda o tinha. Nikolenko teve uma mordida do caralho – uma *mordida*! – no pescoço. Algum número ímpar de sonhos havia escapado. Era impossível dizer se alguma dessas garotas era a Jordan Hennessy original. Ronan Lynch não estava em lugar algum.

Mas isso não foi culpa de Liliana. Suas informações foram espetaculares. Informações específicas, brilhantes e especiais sobre dois Zeds completamente separados em dois locais completamente diferentes. Era a Visionária pela qual estavam absolutamente esperando. Ele nunca tinha visto algo assim.

Parecia que essa coisa poderia realmente ser corrigida, onde *essa coisa* era o apocalipse.

Bom. Ele não via seu cachorro há séculos.

Muitas pessoas não consideram o trabalho de Lock um bom trabalho;

liderar uma força-tarefa amplamente clandestina, não permitia muitos elogios públicos e não pagava tanto quanto o setor privado. Mas Lock não trabalhava para essas coisas, trabalhava para o senso de propósito, para a aquisição de confiança, para a eventual construção de uma pirâmide de humanos que supunha que faria o trabalho corretamente da primeira vez. Ele assumiu que, ao final de tudo isso, supondo que o mundo fosse salvo, poderia trocar esse cachê por diversão e prêmios de natureza indeterminada.

Lock andou a passos largos até Farooq-Lane no bar do hotel.

— Como ela está?

— Ela quer desistir — Farooq-Lane assobiou. Nunca a viu tão brava. Era tão indecoroso quanto sua dor quando seu irmão foi baleado. Qualquer um queria dar-lhe algo para colocar em seu rosto até que pudesse recuperar sua dignidade.

— E por que você acha que isso pode ser? Talvez coloque Ramsay na *coleira* ou apenas o coloque no chão.

— Se trocássemos Ramsay, acha que isso seria suficiente para ela mudar de ideia?

— Pode não ser suficiente para que *eu* mude de ideia — disse Farooq-Lane.

Lock olhou para ela. Ele não disse nada, mas o olhar disse para ela. O olhar dizia, lembre-se de que conversamos sobre isso. O olhar dizia: lembre-se de que não temos certeza absoluta de que você não sabia de toda a merda que seu irmão fazia antes de pegá-lo. O olhar dizia: lembre-se de que sempre poderíamos começar uma investigação pública longa e confusa para descobrir se você era cúmplice. O olhar dizia: *Você não está mudando de ideia*.

O olhar dizia: Também pela maneira como estamos salvando o mundo e quem não opta por *isso*?

Farooq-Lane desviou os olhos diante desse olhar. Disse:

— Acho que vai custar mais do que isso.

Lock disse:

— Qual é o número do quarto dela?

Farooq-Lane disse:

— Dois e quinze. Por enquanto.

— Durma um pouco, Carmen — disse Lock. — Precisamos do seu maravilhoso cérebro afiado. Você se saiu muito bem esta semana.

Ele subiu no elevador até o segundo andar e caminhou pelo corredor. Liliana estava em uma suíte final que Lock sabia que ainda iria matar os

ocupantes de pelo menos dez outros quartos de hotel se ela ainda não tivesse aprendido a mudar as visões para dentro. Deus, ele não podia nem imaginar como suas informações seriam boas se ela aprendesse a focalizá-las. Essa coisa acabaria antes de começar. Os Zeds não teriam chance.

Lock bateu na porta de Liliana. Três batidas oficiais. A primeira disse: Abra. Segunda: A. Terceira: Porta.

Ela fez.

— Posso entrar? — Perguntou.

O nariz e os olhos estavam vermelhos de lágrimas. Ela o deixou entrar.

Ele se sentou na beira do sofá e deu um tapinha para indicar que deveria equilibrar-se do outro lado. Ela fez.

— Eu entendo que achou hoje muito desagradável — disse — porque foi muito desagradável. — Ele descobrira que não havia motivos para se esquivar. Não adianta transformar uma verdade tão grosseira em algo menos grosseiro; já estava estampado em suas mentes. — Não preciso lhe dizer por que estamos fazendo isso, porque você pode ver em primeira mão por si mesma. É uma tarefa desagradável que simplesmente não podemos realizar sem você — O próximo passo era sempre lembrá-los do motivo pelo qual estavam dispostos a fazê-lo. — Entendo perfeitamente se precisar nos deixar, mas peço que nos ajude a encontrar outro Visionário para ocupar seu lugar antes — Então, Lock descobriu que era importante que percebessem que não estavam presos. As criaturas presas faziam coisas desesperadas e, por isso, queria lembrá-las de que a janela estava aberta, mesmo que elas não pudessem voar através dela imediatamente sem ser um saco de paus. — Mas se ficar conosco, prometo que faremos o possível para que valha a pena. Por fim, Lock descobrira que era importante nos primeiros minutos de reunião com um novo Visionário descobrir o que eles mais queriam no mundo e ver se havia algo ao seu alcance para oferecê-lo. As pessoas eram diretas. Meninas, armas, ouro, como a música dizia.

Lock olhou para aquela ruiva chorona e leu a linguagem corporal dela, e adivinhou o que queria.

— Se você continuar conosco, estava pensando que o que poderíamos fazer é tirá-la deste hotel e levá-la para uma cabana de aluguel para a qual pode retornar entre cada viagem e mantê-la em aluguéis de curto prazo a cada lugar que formos, para que você pudesse se sentir mais em casa. Você teria um Moderador com você em cada lugar, para ajudá-la a obter o que precisar para comer ou vestir.

Essa Visionário queria estabilidade, ele adivinhou. Ela queria um lugar onde não precisasse se preocupar em explodir inocentes em pedaços. Um lugar que não precisava colocar a escova de dentes de volta na bagagem todas as noites. Não parecia ter nenhuma bagagem. Provavelmente queria isso também, mas ele guardaria isso para mais tarde.

Liliana abaixou os cílios; eram tão vermelhos quanto os cabelos da cabeça dela. Era realmente adorável, mas de uma maneira tão extrema que Lock percebeu que devia fazer parte do que a tornava uma Visionária. Todos eles tinham algum atributo estranho que trabalhava no dom de maneiras estranhas, e isso deve fazer parte dela.

Ela estava pensando sobre isso.

Ela mordeu o lábio e tomou uma decisão.

— Farooq-Lane pode ficar comigo?

CAPÍTULO 76

Então o mundo havia quebrado.

O mundo havia quebrado e, no final, Declan não tinha certeza de que havia algo que ele poderia ter feito. Não sabia se as pessoas que haviam invadido sua casa tinham chegado porque não tinha sido cuidadoso o suficiente, ou porque ele havia chamado a atenção para si mesmo, ou porque ele havia ligado para um número de Boston sobre *A Dama Sombria*, ou porque telefonou para Boudicca, ou por causa de nenhuma dessas coisas.

Ele sabia que o mundo havia quebrado e agora nenhum de seus irmãos estava seguro.

PARE DE SONHAR.

Eles se sentaram no café Shenandoah. Era uma certa distância da casa da cidade, que parecia importante, e era um local público, que parecia muito importante, e estava aberto 24 horas nos fins de semana, que parecia muito, muito importante.

Eles não estavam realmente conversando. Deveriam estar, mas depois de algumas atualizações preliminares, todos ficaram em silêncio. Hennessy apoiou a cabeça no ombro de Jordan, parecendo desgastada, exausta e infeliz, e aliviada por o ombro de Jordan estar ali para segurá-la. Jordan olhou para algumas bugigangas na parede. Não sonhadora, mas assombrada. Matthew olhou para Jordan, e por que não? O primeiro sonho que viu desde que soube que era um. Ronan apertou e abriu o punho na mesa, olhando pela porta da frente, os dois carros estacionados no estacionamento. Ele continuou olhando para o celular: Havia uma mensagem sem resposta para Adam. Declan estava esperando o celular dele respondê-lo também. Ele ditou e-mails e mensagens de texto para Matthew enquanto dirigiam para cá, ligaram e deixaram mensagens de voz, divulgando todos os sentimentos que ousava àqueles que poderiam saber quem estava matando sonhadores em Washington.

A garçonete deles, Wendy, inclinou-se com uma bandeja grande.

— Trouxe bolinhos de maçã para vocês — disse ela. — Parecem que tiveram uma noite difícil.

— Eu sabia que gostava dela — Hennessy disse depois que ela se foi, e colocou a cabeça nos braços. Era estranho vê-la ao lado de Jordan. Eram a mesma garota, mas também não eram. Elas tinham o mesmo rosto e o usavam de maneira totalmente diferente.

Era difícil acreditar que Hennessy fosse a sonhadora. Jordan parecia que deveria ter vindo primeiro. Hennessy era... menos.

Não pense nisso, Declan pensou consigo mesmo. *Simplesmente pare*.

O telefone tocou.

Mas não era o de Declan; era o de Ronan. SARGENT disse o identificador de chamadas.

Ronan pegou e colocou no ouvido. Ele abaixou a cabeça e ouviu, dizendo muito pouco. *O que diz Gansey? Não. Mas por que... não. Não, fique longe. Você soube de Ad... você soube de Parrish? Algumas horas. Eu sei. Eu sei.*

Depois que ele desligou, Ronan disse:

— Eles conversaram com o Sr. Gray.

Os dois irmãos Lynch mais velhos levaram um momento para endireitar suas mandíbulas.

O relacionamento deles com o Sr. Gray era complicado: era o homem que havia recebido ordem para matar Niall Lynch. Niall era apenas uma das muitas pessoas que ele matou por seu empregador, Colin Greenmantle, que o estava chantageando. Isso fazia dele o assassino de Niall? Sim. Isso fazia dele seu assassino? Possivelmente. Ou possivelmente o Sr. Grey era a arma na mão de Greenmantle.

Gray passou muito tempo desde que se libertou de Greenmantle, tentando compensar os irmãos Lynch, embora matar os pais de alguém não fosse o tipo de coisa de que um relacionamento conseguisse se recuperar. Independentemente disso, significava que sempre forneceria informações, se pudesse.

Mas os Lynchs nunca conversariam com ele.

— Ele disse que tudo o que está na rua é um grupo que está matando sonhadores, e eles têm o apoio do governo. Há muitos deles.

— Por quê? — Matthew perguntou.

— Eles não sabem o porquê.

— Quantos *são* muitos? — Perguntou Declan.

— Aparentemente houve outro ataque na África do Sul enquanto estavam atacando a casa hoje à noite — disse Ronan.

O mundo estava quebrado, pensou Declan. Estava quebrado e não podia ser consertado.

Ele pensou: *E eu também nunca vivi.*

— Como eles sabem, então, sobre os sonhadores? — Perguntou Jordan. — Nós nem sabíamos que você existia até aparecer na nossa porta, não é?

Porque os sonhadores deveriam ser secretos, pensou Declan. Porque todos sabiam que o segredo era a única maneira de sobreviver. Porra, pensou impotente. *E agora?*

— E eu não sabia sobre você até Bryde — disse Ronan. — Ah. Você se lembra do que ele disse, Hennessy? Quando saiu.

Hennessy virou a cabeça para que sua voz fosse audível.

— *O mundo está indo à merda*. Ele sabia. Isso o surpreendeu, mas sabia.

— Declan — disse Ronan — não me diga para não fazê-lo.

— O que estou dizendo para você não fazer?

— Não me diga para não perseguir Bryde — disse Ronan. — Não me diga para manter minha cabeça baixa.

Tudo em Declan queria, no entanto. O mundo sempre pode ser mais quebrado. Enquanto seus irmãos estivessem vivos, sempre havia coisas piores que poderiam acontecer.

— Me diga outra maneira — Ronan continuou. — Me diga algo que não é pedir ajuda a Bryde e farei isso.

Declan odiava isso. O velho toque familiar de seu estômago. A azedume do perigo. Não era medo por si mesmo, percebeu. Porque tinha sido perigoso ir ver *The New Fenian*, mas isso não parecia assim. Isso tinha sido ilícito e emocionante, e não apenas porque ele tinha Jordan. Porque o sangue criminoso de seu pai bombeava através dele. Não, Declan odiava a ideia de seus irmãos estarem em perigo.

— Que bem ele faria? Você não sabe nada sobre ele.

— Sabemos que é poderoso — disse Hennessy. — Sabemos que estavam falando sobre ele no Mercado das Fadas.

— Ele conhece mais sonhadores do que apenas nós — acrescentou Ronan — E sabe mais sobre como isso funciona do que eu. Sabemos que o monstro na cabeça de Hennessy tem medo dele.

— Mas vai precisar de vocês dois para convencê-lo — disse Jordan. — Não foi isso que você disse quando chegamos aqui? Você e Hennessy, ambos. E ela só tem mais um sonho.

Hennessy sentou-se.

— Eu posso fazer isso.

Jordan disse:

— Não há volta.

— Eu consigo — disse Hennessy. — Ou morro tentando. É dessa ou da próxima vez que a lama negra - a lavagem da noite - chegar de qualquer jeito.

Ronan disse:

— Nós podemos fazer isso. Eu sei disso.

Não era do feitio de Ronan mentir.

Ele desviou os olhos de Declan.— E vocês?

Matthew interrompeu:

— Não quero fingir.

Declan olhou para o irmão mais novo. Ele parecia diferente do que tinha sido apenas alguns dias antes, porque pela primeira vez em vários meses, ele perdeu o sono. Tinha olheiras sob os olhos agradáveis e linhas ao redor da boca normalmente sorridente.

Ele continuou:

— Eu fui ao futebol e tudo que conseguia pensar era em como você disse, que eu poderia não ter órgãos internos.

— M... — começou Declan.

— Simplesmente não é real — disse Matthew. — Não é real fingir que qualquer um dos outros caras vai sair do campus e não se lembrar por que fizeram. Não é real fingir que todos estão caminhando para Great Falls. Não é real, apenas não é real. Eu quero ser real. Quero saber por que isso está acontecendo. Quero saber se consigo parar. Não tem sentido, D, não tem sentido.

— Ok — disse Declan suavemente.

Todo mundo na mesa olhou para ele.

Declan era impotente para negar a Matthew o que ele queria de qualquer maneira, mas era mais do que isso. Era que ele desistiu de tudo e não recebeu nada em troca. Era que não era um sonhador, não era um sonho e não podia ser humano; não havia mais nada. Apenas um oceano azul-turquesa sem nenhum sinal de que ele já esteve lá. Algo tinha que mudar.

— Vamos ao Barns — disse ele. — Está escondido, certo? Procuraremos respostas a partir daí. Não vamos mais fingir.

— E Ronan e eu entraremos em contato com Bryde — disse Hennessy. — Jordan, quero que você vá com Declan e Matthew.

Jordan sentou-se sozinha no canto da mesa, uma perna na cadeira ao lado dela, agora que Hennessy havia se sentado. De alguma forma, parecia mais real do que qualquer um deles. Um sonho, mas mais real que Declan. Tudo estava tão confuso.

— Se ela vier — disse Declan — vou garantir que estará cuidada se algo acontecer com Hennessy.

Jordan olhou para a sonhadora, e então olhou para Declan e depois para Ronan. Ela balançou a cabeça.

— Não. Eu vou assistir você dormir.

— Jordan — disse Hennessy. — Por favor, vá com ele. Caso algo aconteça.

Jordan balançou a cabeça.

— Eu não vou deixar você fazer isso sozinha.

— Jordan — Hennessy implorou. — As outras estão todas mortas. Elas morreram pensando que eu as deixei, que nem estava tentando. Eu *vi* os rostos delas. Por favor, deixe-me fazer isso por você. Por favor. Por favor, apenas esteja segura.

Tudo isso era o oposto de seguro, mas Declan sabia o que ela queria dizer. Ela realmente não quis dizer *segura*, assim como a vida dele antes disso não era segura. Ela quis dizer *algo que eu posso controlar*.

— Jordan — disse Declan — Deixo você dirigir.

CAPÍTULO 77

Great Falls parecia selvagem à noite. Não havia turistas, nem barulho de carro, nem pássaros cantando. Havia apenas uma onda maciça de milhões de litros de água correndo da Virgínia Ocidental em direção ao Atlântico, e as árvores murmurando em simpatia.

Estava frio, finalmente frio, propriamente novembro. Eles estacionaram o carro em um estacionamento a mais de um quilômetro de distância das cachoeiras; eles planejavam andar pelo resto do caminho já que o parque estava fechado do anoitecer até o amanhecer. Era assim que eles queriam. Vazio. Imperturbável.

Teria sido melhor sonhar mais perto da linha ley, mas nenhum deles parecia ter esse tipo de tempo. E eles já sabiam que Great Falls era a melhor fonte de energia alternativa por perto.

Em algum lugar, os outros dois irmãos Lynch estavam acelerando pelo estado em direção ao Barns. Hennessy assistiu Ronan e Matthew se abraçarem, e depois assistiu Ronan e Declan se encarando. Ronan chutou o chão como se estivesse bravo com isso. Declan dissera: *Vejo você no Barns.*

E então Jordan e Hennessy se despediram. Talvez a última vez que elas se veriam novamente, seus rostos que pareciam tanto um com o outro e ainda assim não fossem nada parecidos. Jordan, que sempre acreditou no mundo, e Hennessy, que sempre soube que ele estava esperando sua morte. A Hennessy que nunca tinha visto o Laço, e a Hennessy que tinha.

— Não faça nada que eu não faria — dissera Hennessy. Foi uma piada.

— Traga de volta uma camiseta para mim — disse Jordan. Outra piada.

Então elas se abraçaram com força.

Hennessy não queria que Jordan dormisse para sempre.

E agora eles estavam em Great Falls. Hennessy e Ronan estavam deitados no meio do Overlook 1, olhando para as folhas negras contra o céu negro, desconfortavelmente semelhantes à aparência do Laço. A água parecia impossivelmente perto quando a cabeça dela estava apoiada nas tábuas, como se estivesse a centímetros do convés.

Ela estava cansada, porque ela estava sempre cansada, mas ela não sabia como ela iria dormir assim. Sabendo que poderia ser a última vez que ela o fazia.

Depois de alguns minutos, ela perguntou:

— Como você acha que ele vai ser?

— Bryde? Eu não sei.

— Como você quer que ele seja? — Perguntou Hennessy.

— Melhor nisso do que eu — disse Ronan.

— O que seria isso?

— Sonhar. Permanecer vivo. Saber o que fazer com a lavagem da noite. Saber o que fazer com Matthew. Saber o que fazer com esses assassinos de sonhos. Como você quer que ele seja?

Ela queria que ele lhe dissesse como permanecer viva. Ela queria que ele lhe dissesse como salvar Jordan de uma vez por todas, para que ela não precisasse mais depender de Hennessy, que era sempre não confiável. Ela queria que Jordan tivesse a vida que merecia.

— Sexy pra caralho — disse Hennessy.

Os dois riram.

Todo som parecia amplificado; a risada deles cresceu.

Um quadrado brilhante iluminou a noite enquanto Ronan checava o telefone. Ele estava procurando uma resposta para sua última mensagem para CHEFIA. Hennessy pôde ver uma parede de texto que Ronan havia enviado sobre Bryde e, então, em sua própria linha, onde Ronan havia mandado *Tamquam*. Estava marcado como não lido.

Ele guardou o telefone.

Ela sabia que ele esperava uma resposta antes de fazerem isso.

— Ok. Tudo bem — disse Ronan. — Você dorme primeiro, porque eu sei como encontrá-la no espaço dos sonhos. Mas isso significa que quando você adormecer, você *tem* que fazer algo para manter o Laço longe de você. Imediatamente. Você não pode se desviar desse sonho antes que eu chegue lá para chamar Bryde, ou você morre, e o jogo acabou.

Ela não respondeu.

— Você fez isso em Lindenmere. Você viu como eu fiz isso.

Ela fez. Não apenas com aqueles pequenos enfeites de alegria, mas com aqueles cães sol. A parte mais incrível de assistir Ronan manifestá-los não foi nem os próprios cães. Foi quando Ronan disse ao vasto espaço dos sonhos que conhecia cada parte dele: *Estou confiando em você*. Um cara selvagem como Ronan podia confiar profundamente em seu subconsciente. Ela poderia?

— Eu vou fazer alguma coisa também — disse Ronan. — Assim que eu te ver.

Ela estava com tanto medo.

— Hennessy? — Ronan disse, com uma voz ligeiramente diferente.

— Lynch.

— Estive sozinho por muito tempo — disse ele.

Parte dela pensou que ele não esteve, no entanto. Seus irmãos, seu namorado, seus amigos que ligaram para ele com informações no meio da noite.

Mas a maior parte dela entendeu, porque ela esteve sozinha também. Porque no final do dia, ninguém mais poderia imaginar como era viver com essas infinitas possibilidades dentro de sua cabeça.

Hennessy tinha chegado hoje à noite pensando que não queria que Jordan dormisse para sempre se isso falhasse.

Mas agora ela também sabia disso: também não queria morrer.

Ela foi alcançando e se atrapalhou entre eles até sentir as pulseiras de couro dele, depois encontrou sua mão. Ela segurou. Ele segurou de volta com força.

CAPÍTULO 78

Ronan estava no inferno.

Ele estava sonhando.

O Laço estava em toda parte; era o sonho inteiro. Era errado dizer que o cercava, porque isso implicaria que ele ainda existia, e ele não tinha certeza disso. O sonho era o Laço. Ele era o Laço.

Era o inferno.

Era o sistema de segurança sonhado.

Era o grito de Adam.

Era sua última floresta morrendo.

Era o corpo agredido de seu pai.

Era o túmulo de sua mãe.

Era seus amigos indo embora no velho Camaro de Gansey para uma viagem de um ano sem ele.

Era Adam sentado com ele no labirinto de Harvard, dizendo que isso nunca iria funcionar.

Era *tamquam*, marcado como não lido.

O Laço.

Também o mataria, disse. Você não tem nada além de si mesmo e o que é isso?

Mas então houve um furioso flash de luz e, nele, ele sentiu uma explosão de esperança.

Ele fazia parte de algo maior.

Lembrou-se do que havia prometido a Hennessy. Alguma coisa. Uma arma. Alguma coisa. Ele sentiu na mão. Ele olhou. Não era mais apenas ele e o Laço. Agora era seu corpo, sua mão e na mão, o punho com o qual acordara no BMW depois de perseguir Mór Ó Corra.

— Hennessy? — Ele gritou.

Não houve resposta.

Merda.

Ele adormeceu e veio aqui.

E ela adormeceu e foi para onde ela sempre ia. Para o Laço. Talvez já estivesse morta.

— *Hennessy*! — Ele gritou. — Lindenmere, você está aqui? Ela está aqui?

O Laço pressionou, faminto, terrível.

Se ao menos Opala estivesse aqui, ou Motosserra. Ele precisava de um de seus psicopompos. Ele precisava ter Adam fortalecendo a energia ley enquanto ele sonhava. Ele precisava...

Ele precisava de outro sonhador.

Ele gritou:

— Somos mais do que isso, Hennessy!

Aquela faixa de luz veio novamente, tão branca que ele não podia olhar para ela. Ele percebeu que agora estava atrás do Laço o tempo todo e o vislumbrara antes através de um dos buracos irregulares. Estava girando em um círculo enorme e aproximando-se.

Hennessy estava por trás disso. Ela estava girando uma faixa de luz à sua frente, e estava pressionando a Laço para longe dela. Não vencendo-o, mas não permitindo que ele se aproximasse.

Era uma espada. Toda vez que cortava o ar, liberava pura luz branca como a lua e as estrelas.

— Bryde me deu isso — disse Hennessy. O rosto dela estava maravilhado.

Ronan olhou para o cabo em sua mão. Agora ele tinha uma bela lâmina preta para combinar com o cabo. Ronan levantou e, quando ele fez, esculpiu uma linha de sol atrás dela.

O Laço caiu para trás.

Juntos, eles podem não ser capazes de vencer o velho sonho de Hennessy, mas poderiam mantê-lo à distância.

Agora eles podiam recuperar o fôlego. Agora eles podiam respirar o suficiente para dizer isso juntos: — Bryde.

CAPÍTULO 79

O primeiro sonho de que Ronan realmente se orgulhara, realmente ficara eufórico, fora uma cópia.

Foi no ensino médio. Ronan não era bom em sobreviver ao ensino médio e não era bom em sobreviver à amizade, e assim, enquanto as costas de seu amigo Gansey estavam viradas, ele roubara o carro de Gansey. Era um carro bonito. Um Camaro laranja brilhante de 1973, com listras no capô e na traseira. Ronan queria dirigir por meses, apesar de Gansey proibi-lo.

Talvez por ele ter proibido.

Horas depois de roubá-lo, Ronan o arruinou.

Gansey não queria que ele dirigisse, porque pensava que ele moeria a embreagem, refrearia ou queimaria os pneus, ou talvez, *talvez* acionaria o motor.

E Ronan havia arruinado-o.

Ronan amava Richard C. Gansey III muito mais do que a si mesmo naquele momento, e não sabia como o enfrentaria quando retornasse à cidade.

E então Joseph Kavinsky o ensinou a sonhar uma cópia.

Antes disso, todos os sonhos de Ronan - que ele sabia, Matthew não contava - haviam sido acidentes e bugigangas, os bizarros e os inúteis. Quando ele copiou com sucesso um carro, um carro inteiro, ele ficou louco de alegria. O carro sonhado tinha sido perfeito até o último detalhe. Exatamente como o original. O pináculo dos sonhos.

Agora uma cópia era a coisa menos impressionante para ele. Ele poderia copiar qualquer coisa que colocasse em sua mente. Isso fez dele uma fotocopiadora muito etérea. Uma impressora 3D individual.

Os sonhos dos quais ele se orgulhava agora eram os originais. Sonhos que não poderiam existir de outra maneira. Sonhos que se aproveitavam ao máximo da impossibilidade do espaço onírico de uma maneira astuta, amável ou eficaz, ou todos os itens acima. Os cães sol. Lindenmere. Sonhos que tinham que ser sonhos.

No passado, todos os seus bons sonhos como esse eram presentes de Lindenmere ou acidentes, e não coisas que ele havia construído conscientemente. Ele estava começando a perceber, depois de ouvir Bryde, que isso era porque ele estava pensando muito pequeno.

Sua consciência estava lentamente se tornando a forma do mundo

concreto e desperto, e estava encolhendo todos os seus sonhos para o provável. Bryde estava certo: ele precisava começar a perceber que *possível* e *impossível* não significava a mesma coisa para ele que para outras pessoas. Ele precisava se desfazer do hábito das regras, da dúvida, da física.

Seu *e se* se tornou tão manso.

Você é feito de sonhos e este mundo não é para você.

Ele não deixaria a lavagem da noite levar ele e Matthew.

Ele não deixaria este mundo matá-lo lentamente.

Ele também merecia um lugar aqui.

Ele acordou.

***

Ronan viu-se de cima. Estranhamente iluminado. Brilhando. Hennessy estava de frente para ele, também imóvel. Havia uma espada em cada um dos peitos, um par correspondente.

As mãos de Ronan estavam apertadas sobre o punho que dizia AMALDIÇOADO EM PESADELOS e as de Hennessy sobre um punho que dizia VINDA DO CAOS. Ambos estavam embainhados em couro escuro.

Ela fez isso.

Eles fizeram isso.

Eles mantiveram o Laço à distância, Hennessy havia manifestado algo além de si mesma no sonho, e ela acordou sem sangrar e sem uma cópia de si mesma. Ainda havia uma lacuna em sua tatuagem, onde outra rosa poderia caber.

Ronan ouviu vozes; gritando.

Isso estava errado.

As luzes que atravessavam estavam erradas. Faróis ou lanternas.

Mexa-se, ele disse a seu corpo.

Mas seu corpo não podia ser apressado.

Se aqueles assassinos de sonhos os tivessem rastreado de alguma maneira até aqui, e se os encontrassem antes que a paralisia passasse, não importaria se essas espadas tivessem o mesmo desempenho que no sonho. Eles seriam baleados onde estavam.

Mexa-se, ele disse a seu corpo.

Não estava nem perto do movimento. Ele ainda estava se olhando de cima.

— Por aqui! — Gritou uma das vozes, aproximando-se do deck de observação. Não. Agora ele ouvia árvores farfalharem, folhas sendo

levantadas, botas em cascalho. Eles estavam descendo para a área de observação. Não haveria tempo para negociação, ameaça, nada além de morrer.

— Não chegue mais perto — disse uma voz muito familiar.

Era calma, nivelada, infinitamente menos surreal quando falada em um espaço para caminhar ao invés de nos sonhos de Ronan.

O orador não era visível do ponto de vista limitado de Ronan, mas Ronan sabia quem era.

Bryde.

— Sugiro que você pare por aí ou serei forçado a detonar minha arma — disse Bryde calmamente. Perto. Apenas fora de vista. Ronan só podia olhar para si e para Hennessy de cima.

— Mostre-se! — Chamou uma voz áspera.

Bryde, se alguma coisa, parecia divertido.

— Prefiro não fazer isso. Vamos ter um pouco mais de espaço. E, por favor, abaixe suas armas. Isso não é civilizado.

Finalmente, Ronan estava tendo um vislumbre do céu negro acima. Ele estava retornando ao seu corpo.

— Quem é você? — Exigiu uma das outras vozes mais adiante.

— Você já me conhece como Bryde.

— O que você quer?

— Que tal uma conversa — disse Bryde. — antes de você entrar aqui e atirar na cabeça de mais pessoas.

Ronan poderia se mover. Finalmente. Ele disse: — Estou sentado.

— Você ouviu isso? — Bryde chamou. — Eles estão sentados. Ninguém faz nada estúpido. Como eu disse, não vamos me levar a um massacre.

Ronan e Hennessy olharam o caminho. Havia dezenas de pessoas. Provavelmente sessenta. Algumas delas estavam vestidas com roupas normais, mas muitas outras estavam de uniforme. Coletes à prova de balas.

Ronan apertou os olhos na direção da voz de Bryde. Ele viu uma figura entre as árvores, os olhos brilhando, lançados na escuridão. Ele podia sentir seu pulso acelerado.

Um dos assassinos de sonhos gritou:

— O que você quer?

— Por que você está tentando nos matar?

— Não *tentando* — disse Hennessy. — Por que você está nos matando? Você matou minha família inteira. Nós não estávamos fazendo nada para

você.

— Temos uma grande justificativa que um de vocês, Zeds, vá acabar com o mundo — murmurou um dos membros do partido. — Não é pessoal. Isso é simplesmente poder demais para uma pessoa.

— Que tipo de justificativa? — zombou Ronan.

— Grande — disse a voz. — Eu pensei que tinha dito isso antes.

— Então você só quer que *morramos*? — Hennessy exigiu.

— Ou parem de sonhar — sugeriu outro do grupo.

Bryde interrompeu gentilmente:

— Isso é um pouco ridículo, você não acha? Todos já sabemos que os sonhadores devem sonhar. Portanto, não é realmente uma pechincha que nenhum de vocês ou nós possamos fazer. É algo que você oferece para poder dormir à noite. Essa é a história que você conta aos seus filhos quando os chama. Isso não é algo que você diz a outro adulto com a cara séria.

— Minhas meninas estavam apenas tentando sobreviver — disse Hennessy. — Você as matou por nada. Por nada.

— Olha — disse uma voz baixa. Pertencia a uma mulher com cabelos escuros e um terno de linho muito limpo. — Talvez possamos trabalhar com vocês se vocês se entregarem. Vocês querem trabalhar conosco?

— Carmen — disse a voz estridente. — Isso não é…

— Não — disse Hennessy. — Você matou minha família. Que tal você nos deixar em paz e nós deixamos vocês em paz? Como você faria com qualquer outra pessoa neste país?

— Você não é qualquer pessoa — disse a voz estridente.

Em voz baixa, Bryde disse a Ronan e Hennessy:

— Isso não é uma negociação, está estagnando. Estamos prestes a sermos atingidos por armas muito grandes. Eu te disse o que significaria se você me chamasse.

— Mais esconderijo — disse Ronan.

— Correr e se esconder são duas coisas diferentes.

— Quanto tempo? — Ronan perguntou.

— Por quanto tempo for necessário.

Seu telefone ainda não havia tocado; ele não teve resposta de Adam. Ele não ia conseguir uma antes de decidir.

Ronan colocou a mão no punho de AMALDIÇOADO EM PESADELO. Se ele puxasse a espada da bainha, não havia como negar o que ele era. Todo mundo aqui saberia do que ele era capaz. Este não era apenas um vendedor

do Mercado das Fadas e alguns observadores do mercado negro. Era uma multidão de sessenta, a maioria dos quais consideraria essa prova de sonho uma sentença de morte definitiva.

Hennessy e Ronan se entreolharam.

Eles desembainharam as espadas.

AMALDIÇOADO EM PESADELO brilhava ofuscante. A lâmina era feita do céu, e o sol soprava a cada centímetro. Quando ele a girou em um enorme arco sobre sua cabeça, ela brilhou, pingou e soprou a luz do sol, obscurecendo-o. Ao lado dele, Hennessy tinha desembainhadobrilhava ofuscante. A lâmina era feita do céu, e o sol soprava a cada centímetro e agora brilhava com o branco frio e puro da lua cheia.

Quando ela a balançou, faíscas e estrelas e a trilha de cometas fumegantes gotejaram e explodiram, escondendo o resto deles da vista.

Isso forçou os assassinos de sonhos a recuarem com mais certeza do que havia forçado o Laço.

Bryde entrou nessa luz furiosa. Ele era mais velho que Ronan e Hennessy, mas difícil dizer em quanto. Seus olhos eram intensos e espertos sobre o nariz de falcão. Ele era moreno e alto, com uma confiança discreta em seu movimento, uma maneira arrumada de carregar sua altura. Ele parecia um homem que não precisava se posicionar, que conhecia sua força. Parecia um homem que não perdia a paciência com muita facilidade. Ele parecia, pensou Ronan, um herói.

Bryde disse:

— Agora sonhamos.

Em suas mãos havia uma forma muito familiar: um clone da prancha que Ronan sonhara em Harvard.

Ele a jogou no chão. Ela balançou para Hennessy e Ronan e pairou logo acima do solo.

Ronan rodou AMALDIÇOADO EM PESADELO mais uma vez, criando uma nova chuva de luzes ofuscantes, e então Bryde, Ronan e Hennessy subiram na prancha, agarrando-se um ao outro.

Bryde, na frente, jogou a prancha sobre o rio furioso e agitado.

Quando a luz se apagou, os sonhadores se foram.

FIM DO LIVRO UM

AGRADECIMENTOS

Este livro demorou muito tempo e, durante quase um ano, não acreditei nele. Eu estava doente demais para histórias, o que não era um tipo de doença que eu pensava ser possível, mas acontece que se deve evitar abrigar parasitas, se possível, porque eles nunca pagam aluguel suficiente para justificar sua ocupação. Como demorou muito tempo para diagnosticar e depois ainda mais para curar, a história da minha doença provavelmente levaria mais palavras para contar do que este livro, mas não é exagero dizer que esse livro não existiria sem a ajuda médica. Equipe da Medicina Funcional de Raízes Resilientes de Charlottesville, Ryan Hall e Robert Abbott, MD. Não posso agradecer o suficiente para me ajudar a voltar à saúde.

Minhas queridas amigas e parceiras de longa data da crítica Brenna Yovanoff e Sarah Batista-Pereira estavam lá a cada passo árduo do caminho, suportando mais reclamações do que quaisquer dois humanos deveriam suportar, mesmo quando eu estava meio adormecida. Vocês sempre foram boas em me encontrar nos meus sonhos de qualquer maneira.

Sou intensamente grata ao meu editor, David Levithan, e à minha agente, Laura Rennert, pela tolerância. Eles viram muitas coisas nas caixas de entrada que não eram livros antes de finalmente verem um livro. Obrigado por me dar tempo para piscar acordada.

Agradeço também a Bridget e Victoria, por suas leituras de muitos rascunhos feios sem fim, e a Harvard Ryan, pelas aventuras noturnas de Thayer, e Will, por aguentar uma sonhadora por tanto tempo.

E obrigada, como sempre, a Ed. Essa foi longa, mas acordamos do pesadelo juntos e fico feliz em saber que ainda estamos de mãos dadas com força agora que estamos acordados.